

# TIFFANY BAKER

AUTORA BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES

"Uma história cativante, instigante e bem escrita  
sobre segredos de família, vingança e perdão."  
— Booklist

As

Irmas

Gilly

Nenhuma força é maior do que  
a conexão entre as mulheres de  
uma família. Nem mesmo  
o destino é capaz de separá-las.



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*Tiffany Baker*

# **As Irmãs Gilly**

Na distante vila de Cape Cod, as irmãs Gilly não poderiam ser mais diferentes uma da outra. Jo, solitária e reservada, se mantém fiel aos mistérios que circundam a fazenda de sal de sua família. Claire, por sua vez, é popular, linda e anseia fugir daquela vida a qualquer custo. Mas a propriedade esconde um legado obscuro que torna impossível fugir dela para sempre.

*E o olho não pode dizer à mão:  
não tenho necessidade de ti.*  
**I CORÍNTIOS 12:21**

# Prefácio

ERA DE NOVO A ÉPOCA da fogueira em Prospect, uma época de frio e gelo, mas também de calor e fumaça. Um momento de sal e profecia, quando o futuro encontrava o passado e o velho dava lugar ao novo, para o bem ou para o mal.

Naquele ano, como de costume, os homens da cidade haviam levado uma semana para construir a pira da fogueira municipal. Claire não tirara os olhos da enorme pilha de madeira que crescia no centro da Tapperfs Green, troncos maiores na base, espalhados por igual para a entrada de ar, e, sobre eles, os galhos mais finos eram apoiados numa gigantesca tenda indígena incendiária. Os homens a olhavam ao passar devagar por eles quando iam à cidade entregar sal; eles faziam uma pausa no árduo trabalho, com os rostos vermelhos e embrutecidos pelo frio, os olhos desconfiadas sob a aba dos chapéus. Nenhum deles acenava, tampouco Claire esperava que o fizessem. Ela sabia que, se não fosse por ela e sua irmã, ninguém na cidade teria motivo algum para incendiar o que quer que fosse.

A família de Claire nunca fora bem recebida na celebração, mesmo que fosse ela a razão daquilo tudo. Seu papel era puramente funcional. Primeiro, o morador mais velho da cidade acendia a fogueira; então, Claire, ou sua irmã Jo, dava um passo à frente com um punhado de sal na mão, pronta para lançá-lo contra as chamas e observar o que diria. Era o tipo mais simples de profecia: dois elementos colidindo. Se as chamas ficassem azuis, significava que a cidade prosperaria no ano vindouro. Se ficassem amarelas, alguma mudança se aproximava; mas, se ficassem negras, era terrível demais para contemplar.

A primeira vez que Claire jogou sal no fogo, ele ficou preto. Ela tinha seis anos de idade e era tão pequena que teve que esticar o braço antes que conseguisse espalhar o sal sobre as chamas. Fez-se um chiado e um estalo, para em seguida aparecer um redemoinho mordaz de inegável fumaça negra. A população da cidade atrás dela

respirou profundamente e agarrou com força os filhos, então se dispersou nas sombras, os olhos esquadrihando como os de corujas à caça. O círculo em volta de Claire, de sua mãe e irmã ficou cada vez maior e mais frio.

Jo colocou as mãos sobre os ombros de Claire e se inclinou para lhe sussurrar no ouvido.

— Afaste-se dos troncos agora. O sal já falou. Não se pode mudar o que foi profetizado. Segure minha mão e venha comigo e com a mamãe.

Claire franziu o cenho.

— Não podemos ficar? — perguntou.

Durante todo o outono ela escutara suas colegas de classe falarem sobre as festividades: que haveria música, dança e garotos roubando beijos sob o brilho das chamas.

Jo respondeu que não com a cabeça.

— Jamais. Eu lhe expliquei isso, Claire. Estamos aqui apenas para anunciar o futuro, não para fazer parte dele. — E, antes que Claire pudesse protestar, Jo a puxou pelo braço e a conduziu de volta à salina, recusando-se a olhar nos olhos de alguém, mesmo nos de Whit Turner, o garoto mais rico e charmoso da cidade, por quem era apaixonada. Claire viu a mãe de Whit, Ida, olhá-las com desprezo ao passarem por ela, como se não valessem as cinzas sob seus pés.

Todos os anos depois desse ritual, voltar para casa pela trilha arenosa escutando a festança que se desenrolara e os gritos quando as pessoas lançavam seus próprios punhados de sal contra o fogo, costumava irritar Claire, pois havia sido sujeitada a tal exclusão e reclamava a Jo e à mãe que elas eram iguais a todos os outros e que, apesar de seus sais, as Gilly também deveriam estar dançando ao redor do fogo.

Mas isso aconteceu num tempo em que ela era inocente, antes que o amor chegasse e tocasse seu coração com um de seus dedos enfarruscados. Nunca se recupera totalmente de um toque como esse, e talvez, acreditava Claire, fosse assim que deveria ser. Afinal, ninguém atravessava a vida sem nenhuma marca, e, se o fizesse, que desafortunada seria, pois certamente havia de existir uma

fogueira mais quente a esperando na vida após a morte, quando isso aconteceria.

Por muito tempo ela não quis ter nada a ver com o sal. Jo o havia lançado todos os anos, na véspera do mês de dezembro, e suportado as conseqüências de sua profecia, até que Claire pôs um fim àquele absurdo pagão. Fim à fogueira. Fim ao sal. Ela deu as costas a toda a tradição. Mas determinados elementos não poderiam ser ignorados. Claire aprendeu aquela lição da maneira mais difícil: não se pode desprezar o chão de onde se veio, pois o corpo vem da terra da mesma forma que para ela retorna.

Isso acontecera havia muito tempo. Agora, ela era quase uma mulher de meia-idade. Toda a cidade estava reunida, como crianças inquietas que foram liberadas depois do toque de recolher, e Claire estava entre o povo. Ou talvez fosse um deles. E Jo também. Claire podia sentir a presença forte da irmã atrás dela, apoiando-a na tarefa. A população tinha os punhos cerrados sob o queixo à espera de que o mirrado Timothy Weatherly inclinasse a tocha na direção da madeira. Ouviu-se um estalo, e Claire sentiu o cheiro da fumaça: uma mistura de amieiro, olmo, pinheiro e pínus. A princípio, o odor era irregular e acre, mas, quando as chamas ficaram mais intensas, elas produziram um odor adocicado e liberaram óleo das madeiras, dispersando-os na noite de inverno severo. O odor ficou mais forte e encorpado, eliminando pecados e arrependimentos do último ano. Claire inspirou outra vez e notou um toque de canela no ar; então, inesperadamente, o ar não tinha mais cheiro nenhum, e ela soube que era chegada a hora de se adiantar com seu punhado de sal.

A noite estava magnificamente límpida, reparou Claire. O céu estava coberto de estrelas e brilhante, como alguns dos vestidos longos que costumava usar em outra vida. A alegre cacofonia da multidão — gritos de criança, o dissonante som agudo de uma flauta, um grupo de adolescentes entoando um hino de futebol — titubeou e se calou quando ela assumiu seu lugar e ergueu o sal para que todos o enxergassem. Fez-se um silêncio repentino e espantoso quando um clarão amarelo explodiu.

Amarelo para cautela, para um possível perigo. Claire encontrou os olhos de Jo, e ela fez que não com a cabeça. Talvez uma morte,

talvez uma desgraça. Algo inesperado. *Sobre quem recairá?*, perguntou--se Claire, ao sentir Jo segurando sua mão. Sobre o Sr. Weatherly com seus telhados rangentes e ferramentas enferrujadas? Sobre a linda Hope Fell, que começará a faculdade em dois meses? Sobre uma das novas mães da cidade, ainda cheinha e cansada da gravidez? Antes que Claire conseguisse pensar em outras possibilidades, o som da flauta foi retomado, reunindo a noite de novo, e logo se ouviu uma gargalhada, mais gritos e outro choro de bebê, enquanto ela e Jo sumiam escuridão adentro, no caminho de casa. Porque a vida continuava, mesmo em Prospect, mesmo diante do que o sal tivesse dito.

Mas nunca da maneira que se imagina.



# 1

QUANDO TUDO FOI DITO e feito, Jo supôs que simplesmente designaria sua história como sendo uma de sal. Partes dela tinham um gosto amargo, partes estavam petrificadas, e, ao longo dos anos, partes haviam até desaparecido. O que restara eram as porções concentradas, os cristais que estalam e cintilam quando são destruídos entre os dentes. Saibro, era como o povo de Prospect as chamava, mas era mais do que isso, e Jo sabia. Remorso tomando forma, história tomando corpo. Era tudo o que ela e a irmã deveriam ter dito uma à outra e nunca fizeram.

Mas o destino trabalhava assim. Era sorrateiro e um pouco desleal (não é mesmo?), jogando-lhe algo novo quando do que mais precisava na vida para se manter em foco era algo velho. No caso de Jo, foi uma carta do Banco Harbor de Boston, o envelope tão sem rodeios quanto qualquer outro, e as palavras dentro dele eram ainda mais diretas. Algo assim: no passado, prevendo épocas melhores, a mãe de Jo havia contraído um segundo financiamento para a salina da família. Até aí, Jo sabia. Ela vinha pagando o empréstimo havia anos, e esses tempos melhores nunca tinham chegado. Ao contrário, para sua surpresa, os juros estavam prestes a aumentar drasticamente. Se Jo não conseguisse pagá-los, escreveu o banco, ela logo se veria sem recursos. Por que ela não ligou para eles?

Bem.

A julgar pela impressionante quantidade de dourado no papel timbrado do banco, listando todas as suas agências ao longo do litoral

leste, o Banco Harbor não era em nada parecido com o humilde e amigável Banco Mayflower de Prospect, lugar onde Jo e todos na cidade realizavam suas transações do dia a dia. Claro, isso também explicava por que sua mãe fora ao Banco Harbor implorar por dinheiro. Ninguém que conhecesse a Fazenda Salt Creek colocaria, de bom grado, o suado dinheiro naquele lugar.

Jo ficou tentada a pegar o telefone para explicar o seu lado da história, mas desistiu. Fosse quem fosse que tivesse enviado a carta de Boston, não entenderia nem se importaria se a fazenda Salt Creek desaparecesse de Cape Cod. Talvez, rapidamente, ocorresse o mesmo com o resto de Prospect, pois o destino das duas — salina e cidade — estava entrelaçado. Ninguém conseguia mais se lembrar por que e como, apenas sabiam que fora sempre assim, desde quando os ancestrais de Jo moldaram a terra com suas enxadas, espadas e suas costas encurvadas.

Jo jogou a carta para dentro da gaveta de bagunça da cozinha, mas então pensou melhor, tirou-a de lá, a amassou e a jogou no lixo. Na verdade, não importava muito o que ela faria com a carta, pensou. O banco enviaria outra até que desistisse de agir com polidez e mandasse, no lugar da carta, um xerife.

As pessoas em Prospect culpavam Jo pelo comportamento estranho do sal, como se ela pudesse controlar uma substância que se solidificava sozinha e se dissolvia quando menos se esperava. Como resposta, essa atitude não a dispunha favoravelmente com a cidade. Afinal, foram eles que escolheram se colocar à mercê do sal todas as vésperas de dezembro durante a juventude de Jo, quando ela costumava se pôr diante da fogueira da cidade e lançar um punhado de sal às chamas para ver o que o futuro lhes reservava. Jo não sabia qual ciência fazia com que o sal colorisse o fogo, apenas que o fazia e que ela não tinha nada a ver com isso.

Ela gostaria de *poder* controlar o futuro. Lançaria um feitiço sobre os funcionários anônimos do Banco Harbor que os faria cancelar as dívidas dela. Mas os bancários obviamente não estavam interessados na alquimia milagrosa do sal Gilly. Importavam-se apenas com aritmética. Desde que houvesse um sinal de soma os favorecendo, nada mais tinha importância. Era uma lógica contra a qual era difícil argumentar.

Mas eles não viram o que fez Jo ao sair na varanda da frente. Os olhos deles não varreram automaticamente as fileiras dos tanques coletores para ver se os cristais estavam se formando. Eles não teriam conseguido extrair tesouros de nenhuma das pilhas de lixo atrás do celeiro, e certamente não teriam confiado na caminhonete,

toda destruída. Sua aparência não era muito boa, isso é verdade, mas ainda funcionava bem. Jo subiu nela e deu a partida. Apesar do que o banco estava dizendo, era dia de entrega e ela tinha um circuito a percorrer, por menor que fosse.

Enquanto descia aos solavancos pela trilha sulcada em direção à cidade e passava pela minúscula Igreja de St. Agnes, ela se afligiu ao imaginar quanto tempo mais teria na única terra que conhecera. Um mês? Quatro? Talvez um ano, se tivesse sorte?

“Nós preferiríamos uma solução amigável para essa situação”, dizia a carta do banco. “Por favor, entre em contato conosco”. Jo engatou a terceira marcha. Conseguia imaginar a reação deles se ela ousasse ir pessoalmente até a sede do banco com sua coleção de cicatrizes no lado direito do rosto, os óculos extremamente grossos, sem falar na aparência de suas roupas, rotas e desbotadas por anos de trabalho na salina debaixo de todo tipo de clima. Por outro lado, talvez essa não fosse uma ideia tão ruim. Talvez, só de vê-la, os banqueiros usassem de clemência, tamanho o choque.

Ela ergueu os olhos, surpresa por já ter chegado à cidade. A miséria adorava companhia, e Jo não era nenhuma exceção. Ficou contente ao notar que, se a fazenda Salt Creek estava passando por uma década difícil, o mesmo acontecia com Prospect. A biblioteca abria apenas três vezes na semana agora, e o correio, apenas na parte da manhã. A loja de ferragens do Sr. Friend, empoeirada e lotada de ferramentas ultrapassadas, ainda ficava na esquina do banco e do olmo, bem ao lado da vendinha, mas a barbearia estava fechada, bem como a lanchonete. Havia três anos, Sr. Hopper, o antigo proprietário do estabelecimento, morrera de ataque cardíaco, deixando as mesas vazias e os homens da cidade famintos.

Naturalmente, Prospect culpava a previsão do sal por seu declínio, mas Jo não acreditava naquilo. Ela sabia exatamente quem estava por trás do fracasso da cidade: sua irmã mais nova, Claire. Era ela quem subira na vida e partira da fazenda Salt Creek havia dez anos, dando uma reviravolta na natureza e deixando Jo sozinha. Durante toda a sua vida, Jo trabalhara na salina com sua mãe e Claire, e, como não era muita coisa, elas sempre deram conta do trabalho. Mas, quando Claire se casou e a mãe delas morreu, Jo

descobriu quão difícil era para uma mulher sozinha fazer o serviço de três. Na verdade, a considerar as escassas safras de sal, o trabalho estava se mostrando impossível.

Nos últimos tempos, tudo o que Jo fazia na fazenda parecia trazer conseqüências negativas. Se escolhesse raspar a delicada superfície para tirar os cristais dos açudes, por exemplo, significava que não estaria consertando a porta da eclusa que estava quebrada perto da barragem. Se resolvesse arrumá-la, estaria deixando de desobstruir os canais que haviam começado a assorear. Nesse ano, seria obrigada a largar um terço dos tanques de evaporação cheios de lama, deixando-os abandonados e improdutivos, e também seria forçada a ignorar o teto do sótão com goteira, a não tomar conhecimento dos portões de madeira empenados nas pequenas eclusas, e teria de se virar quando todas as suas ferramentas se enferrujassem. Claro, sua produtividade estava muito baixa. Ela precisava de mais equipamentos, reparar a caminhonete e arrumar a varanda da casa da fazenda, mas tinha dívidas também. Dívidas que nem sabia que existiam.

Havia outro problema com a salina, nem tão aparente assim, sobre o qual o banco não tinha conhecimento. A verdade era que não importava a quantidade de sal que Jo produzia, pois as vendas estavam insignificantes em Prospect. E isso também era culpa de sua irmã. Claire havia desencorajado quase todo mundo de comprá-lo, exceto o pescador local, que o achava bom para conservar frescas sua caça e pesca. Sem as vendas a homens como Chet Stone, o tio do primeiro amor de Claire, Jo tinha um mau pressentimento de que estaria mais arruinada do que o peixe empilhado na traneira. Quando Claire não gostava de algo, ela queria que ninguém gostasse também. Nesse quesito, agia como uma menina de gênio ruim, que joga os brinquedos no chão antes que alguém possa pegá-los e usá-los, sem se importar com as conseqüências.

Jo se lembrava de como o proprietário da mercearia, Sr. Upton, tentou se recusar a estocar o sal no seu primeiro verão na cidade. Ela era muito nova, mal chegava aos joelhos da mãe, quando entraram no estabelecimento com uma amostra para ele provar.

“Não, obrigado”, dissera ele, erguendo as duas palmas da mão, e a mãe não o contestara. Em vez disso, ela sorria, doce como uma bala. “Tudo bem”, respondera ela. “Não tem problema”. E, dançando, conduziu Jo para fora do estabelecimento. Não demorou muito para o sal lançar o seu feitiço. Na semana seguinte, todas as carnes do Sr. Upton estavam rançosas e havia moscas por toda a manteiga fresca. Uma prateleira de feijão enlatado desmoronou sobre os quadris artríticos de Mabel Arch, o peixeiro de repente se recusou a entregar os peixes e as fatias de pão ficaram cheias de mofo sob o plástico transparente que as envolvia. A mãe de Jo esperou mais dois dias e então voltou lá e descobriu que o Sr. Upton havia mudado drasticamente de opinião. Ele iria estocar o sal.

Ele era um dos poucos moradores de Prospect que ainda faziam isso, mas o guardava num lugar baixo atrás do balcão, numa prateleira tão empoeirada e cheia de sombra que quase se precisava de equipamentos de mineração para encontrá-lo. E, se antes ele costumava ter vários sacos do produto, agora tinha apenas um ou dois, o suficiente para não atrair o feitiço do sal e trazer de volta o ranço da carne e as moscas, mas não a ponto de ser uma mercadoria regular.

Sempre que Jo fazia uma visita para ver se o Sr. Upton precisava de mais, ele evitava encará-la nos olhos e balançava a cabeça, desculpando-se.

— Não posso mesmo, agora — dizia ele, fechando a caixa registradora. — Talvez no mês que vem. — E Jo rangia os dentes e queria enterrar Claire até o pescoço numa pilha do sal que ela tanto odiava, para deixá-la ali até que todos os antigos clientes voltassem a comprar.

Mas nem tudo era culpa de Claire. Se a situação delas fosse o contrário, pensava Jo, se fosse ela a casada com Whit, vivendo na casa grande dos Turner, se fosse Claire a que estivesse enfiada sozinha no lodo da salina, sem dúvida ela encontraria uma maneira de fazer com que todos, de Provincetown a Falmouth, precisassem muito de sal. A caminhonete de Jo estava caindo aos pedaços, mas ainda funcionava. Era esperado que ela percorresse todos os cantos de Cape Cod à procura de novos clientes, ela bem sabia, mas isso

era mais fácil de ser dito do que feito, com a maneira como os estranhos encaravam o buquê de cicatrizes espalhado em seu rosto. Ademais, quem iria se ocupar com a salina se ela ficasse andando à toa por todos os cantos?

Por falar nisso, ela chegara ao fim do caminho. Isto é, estava no cais, onde os últimos barcos de Prospect sacudiam como rolhas estragadas. Com a OPEC e o freqüente colapso da energia, a gasolina cada vez mais cara, mais e mais capitães estavam optando por cruzar os braços e desistir da vida no mar. Era uma pena, pensou Jo, e não apenas porque significava que ela estava perdendo possíveis clientes, mas também porque, sem o movimento no desembarcadouro, o cais parecia mais decadente do que nunca — derivando para direções perigosas, perdendo importantes plataformas, que apodreciam em outros lugares. Lá, mais do que em qualquer outro ponto da cidade, o recente declínio de Prospect era evidente. Jo pisou com cuidado sobre o dique principal e se aproximou do barco de Chet Stone.

— Olá, marinheira! — gritou ele quando a viu se aproximar. Seu cumprimento irônico se devia ao fato de Jo, independentemente de quantas vezes os homens a chamassem para subir a bordo, nunca ter colocado o pé em um de seus barcos. Ele tinha um rádio de pilha ligado, anunciando algo sobre os reféns americanos no Irã. Chet franziu a testa e fez que não com a cabeça. — O que está acontecendo com o mundo? — perguntou ele, estendendo o braço para pegar o saco de sal que Jo trouxera. — As pessoas não ficam mais onde deveriam. É bom saber que você ainda está por perto. — Ele riu e levou o saco aos seus pés. — Meu peixe fica fresco e meu barco, seguro. Mas coitados desses trouxas — ele sacudiu o dedo na direção do rádio —, sei lá, tenho medo de que estejam fritos.

Jo pegou o dinheiro que ele lhe entregou sem dizer uma palavra sequer, mas pensou que, se Chet Stone soubesse da carta em seu bolso, ele talvez dissesse o mesmo sobre ela e decidisse abandonar o mar também, e ela se veria em grande apuro sem o seu cliente mais fiel. Ela limpou a garganta e jogou as notas no bolso do casaco.

— Não se preocupe — disse ela, finalmente. — Não partirei tão já.

— Tomara que não — respondeu Chet, retornando à isca que ele estava picando —, ou nós ficaremos arruinados rapidinho, sem dúvida.

No caminho de volta para a cidade, Jo estava tão imersa em pensamentos sobre a transação no cais que quase subiu numa escada que havia sido colocada na frente da antiga lanchonete. Estacionou a caminhonete e saiu, aproximando-se da janela empoeirada.

— Ei — falou de modo ríspido um homem petulante que Jo nunca vira antes. — Preste atenção.

Assustada, Jo olhou para o topo da escada, onde havia uma garota atarracada no último degrau, tentando pendurar um cartaz torto. *Lanchonete Lighthouse*, lia-se nele. Jo piscou. Não sabia que havia um novo proprietário para o lugar. Seu coração bateu um pouco mais rápido com a novidade. Sangue novo na cidade significava novos clientes. Com a esperança de que ainda não tivessem encontrado sua irmã, Jo levou as mãos à cintura e se preparou para uma venda de improviso.

Analisou o homem, então olhou para a garota. A diferença de idade era grande demais para que fossem qualquer coisa senão pai e filha ou, talvez, tio e sobrinha, pensou ela. Ele tinha cabelo grisalho cortado como o de um soldado e mãos manchadas, e a garota era uma versão arredondada dele. Bochechas gorduchas, nariz gorducho e os olhos próximos demais para que fosse bonita. Em Prospect, Jo sabia, meninas como ela ou acabavam sendo esmurradas num casamento prematuro com homens varonis ou sobreviviam e se tornavam esposas de pescadores com bocas e corações trapaceiros; mas ainda havia tempo para o futuro daquela menina. Naquele momento, Jo tinha vendas a fazer.

Estranhos nunca tiveram muito apreço pelo sal — nem por ela, por sinal —, então ela não ficou surpresa quando o homem e a garota de rosto arredondado franziram o cenho ao verem suas cicatrizes. Quase 13 anos haviam se passado desde que se queimara no fogo, mas Jo ainda não havia se acostumado com sua aparência. Ela achava que seu interior não se igualara ao seu exterior, mas achava também que isso acontecia com todo mundo, só que a maioria das pessoas não demonstrava. O homem diante de Jo não parecia ter esse problema, entretanto. Ele parecia ser o tipo de pessoa que queria que aqueles à sua volta se juntassem a ele e fizessem uma saudação.

— Tombe para a esquerda! — gritava ele para a menina. — Para a esquerda, caramba! — A menina suspirou, mas fez o que ele disse antes de descer da escada toda desajeitada com os pés chatos, como se tivesse tido todas as suas opiniões rebatidas antes. Jo reparou no modo como a menina virava os olhos quando o homem não estava olhando, e viu que se enganara. Ela tinha opinião, sim. Mas sabia guardá-la para si. Jo aguardou a menina fincar os dois pés no chão antes de lhe dizer:

— Você deveria tê-lo tombado para a direita.

O homem franziu ainda mais o cenho, aproximou-se, pisando duro, e lhe estendeu a mão:

— Cutt Pitman — disse ele —, e esta é minha filha, Dee. — Ele sacudiu as pontas dos dedos na direção da menina. — A lanchonete ainda não está aberta.

Jo não se deu ao trabalho de lhe dar a mão.

— Joanna Gilly — respondeu ela. — Não estou aqui para comer. Trouxe um pouco de sal para vocês. — Ela tirou um saquinho do bolso e o colocou na mão calejada do homem. — Chame-me quando estiver para abrir e posso trazer mais. Podemos conversar sobre valores. Estarei na cidade na próxima terça-feira.

Ela se virou para partir, mas o homem a deteve.

— Por que eu compraria sal de você se posso conseguir quilos dele numa caixa? — perguntou ele.

Jo cruzou os braços e lambeu as cicatrizes que empolavam o lado direito de sua boca.



— Se o senhor não comprar de mim — disse ela —, ninguém vai comer aqui.

Cutt deu um sorriso desdenhoso.

— Quem disse isso?

Jo o fitou com seu olho bom.

— Isso é que é engraçado nesta cidade — disse ela. — Ninguém sairá por aí dizendo isso. Eles simplesmente não virão. Voltarei na próxima terça. — E deu um rodopio sobre seu calcanhar bom.

— Que velha irritante! — Ela escutou o homem resmungar enquanto se afastava com dificuldade, então ele acenou com a mão e ordenou que a filha voltasse para cima da escada. — Tombe para a direita. Não, para a direita! — Jo o escutou gritar.

Não queriam seu sal naquele momento, mas esse fato não a surpreendia. Como poderiam saber? Para eles, pensou Jo, era tão comum quanto a poeira de uma casa e, talvez, tão útil quanto. Mas a recusa deles não a preocupava. Precisava apenas dar-lhes tempo, só isso. Paciência era a própria recompensa, disse a si mesma, dando a partida na velha caminhonete e conduzindo-a pela rua. E era bom que isso tivesse acontecido também, pois, naquele momento, o que mais tinha era paciência.

Quando Jo chegou em casa, o sol havia começado a se pôr, mas a tarde ainda estava agradável. No lugar de um verniz cinza, o céu parecia mais uma madeira polida, o ar se revolia todo dourado e adocicado. Jo acreditava muito no céu, porque era seu único companheiro, e porque ele nunca mentia. Quando problemas vinham galopando em sua direção, o vento e as nuvens logo a avisavam, talvez por ela ter nascido durante uma tempestade. O temporal a trouxera ao mundo, e, quando chegasse a hora, Jo esperava que ele a levasse de volta. Esperava apenas receber um claro aviso antes. Ela esquadrinhou a salina, correu os olhos sobre a seqüência das operações: o canal principal que saía da praia, os viveiros de inundação, as valas menores e, finalmente, os tanques

de evaporação organizados em filas no meio de toda a operação, o eterno coração pulsante da salina.

Nessa época do ano, o lodo era tão alcalino que ficava repleto de micro-organismos: roxos brilhantes, cobre esverdeado e um único tanque vermelho-sangue. Aquele era o tanque de Henry, o irmão gêmeo de Jo, que se afogou quando tinha oito anos. Todos os anos, Jo amontoava o sal carmesim sobre seu túmulo. Ela não poderia vendê-lo daquele jeito, tampouco queria usá-lo para si. Seria como comer a carne da própria família.

Depois do tanque de Henry ficava o celeiro, onde era armazenado o sal, e, ao lado dele, havia um gramado aberto, onde os túmulos da família Gilly eram mantidos. Apenas meninos eram enterrados no cemitério da salina, o qual, há muito tempo, fora especialmente consagrado para recebê-los. *Porque a morte cerca a vida*, era a maneira como sua mãe havia explicado, mas certamente Jo gostava de pensar que era a vida que estava cercada de morte. Do contrário, qual era o sentido de gozar de um bom assado de domingo, do som de pássaros nas noites de verão, das canções de Natal ou de algo do tipo? Talvez,

Jo refletiu, ela poderia dizer isso em virtude de ter saído do fogo do jeito que saiu. Para ela, tudo ficou mais intenso depois do acidente: o calor do ar sobre sua pele, as mudanças de estação. As cores dos botões de flores se abrindo na primavera a comoviam, e o outono, bem, o outono sempre a deixou desamparada e com calafrios; ela queria chorar quando o vento varria e carregava as folhas com ele. Quando Jo se sentia assim, ia até os túmulos e se sentava ali por um tempo. Parecia uma volta ao passado, ela sabia disso, mas achava o lugar um reanimador perfeito quando a melancolia a agarrava pelo pescoço. Animava-a pensar que havia algo ainda mais frio e duro no mundo do que o céu de Cape no inverno.

Claire não tinha preocupações como essa. Era uma Turner agora e, para os Turner, as coisas sempre tiveram uma aparência melhor. Bastava olhar para a monstruosidade da casa deles sobre a montanha Plover, com varandas e janelas arqueadas, para constatar isso. Ao longo das gerações, os Turner construíram para si um

castelo. Aquele lugar maldito tinha tantos quartos que Jo não conseguia imaginar o que Whit e sua irmã faziam neles. Mas assim eram os Turner, sempre pegando mais do que conseguiam abraçar. Ultimamente, as coisas não andavam tão bem assim para Whit e Claire, Jo ficara sabendo, mas ela achava que estavam bem melhores do que ela, pois ainda eram proprietários do monte rochoso sobre o qual ficava a casa e também das dunas de areia que beiravam todo o caminho. Possuíam uma parte da praia Drake, o píer da cidade, sem falar de grande parte da própria cidade. A única coisa da qual não eram donos nos arredores era da fazenda Salt Creek, mas não faltaram tentativas.

Você pode não acreditar em maldições — Jo acreditava —, mas não havia como negar que sangue ruim e má sorte corriam entre as duas famílias, e um cordão de desgraça atravessava toda a sua história, desde os primeiros Turner e Gilly. Era uma briga de carne e alma, pois, se os Turner eram o coração mercenário pulsando no centro da cidade, fazendo o dinheiro vibrar nos lugares, os Gilly eram o espírito — intocável, incompreensível e acima da sujeira mundana dos dólares dos Turner. Assim como o coração às vezes guerreia com o corpo, mesmo que dele dependa, os Turner e Gilly também se melindravam com a presença um do outro em Prospect, pois, enquanto os Turner precisavam da magia do sal dos Gilly para a cidade prosperar, os Gilly precisavam dos negócios dos Turner para pagar as contas. A única coisa que as famílias tinham em comum era que ambas indignavam a população da cidade igualmente.

Posto isto, Jo nunca culpou Claire por sua péssima escolha em se casar com Whit. Quando Whit ficou sabendo que não poderia tê-la, ele simplesmente deu as costas e fez o que os Turner fazem. Ele aos poucos tirou de Jo aquilo que ela mais amava, da mesma forma que havia furtado balas de goma da vendinha quando eram crianças e as comido, uma a uma, bem em frente à loja, sem dar a mínima para quem pudesse estar olhando e, certamente, sem se dar ao trabalho de dividi-las com ninguém, nem mesmo com Jo.

Antes de perder a irmã, Jo perdera um irmão. Ela e Henry nasceram durante uma tempestade em março de 1942. Segundo sua mãe, o mundo havia parado por três dias. Nenhum telefone funcionava. Toda Cape Cod estava sem eletricidade, as rodovias estavam fechadas e também as igrejas e lojas. As portas do hospital em Hyannis chegaram até a congelar, mas, como ninguém conseguia sair de lá de dentro, nem que tentasse muito, isso não importava.

Na igreja de St. Agnes, a tempestade, como era de conhecimento de todos, arrancou o rosto da Virgem Maria pintada na parede do lado oeste. “Nossa, foi uma coisa terrível, minha filha”, contou padre Flynn a Jo quando ela lhe perguntou sobre o incidente. Ele se agachou e olhou bem em seus olhos. “Eu estava fora durante a tempestade, ocupado com afazeres da paróquia na cidade, e quando voltei encontrei as janelas destruídas por todos os lados, a porta da frente escancarada e Nossa Senhora tocada pela mão de Deus. Eu a mantenho desse jeito como uma recordação do poder do Senhor.” Ele parou e franziu o cenho. “Bem, é por isso e porque nunca tivemos recursos para consertá-la, mas um dia, em breve talvez. Um dia.” Ele se inclinou, segurou com as duas mãos a cabeça de Jo e abriu um discreto sorriso. “Vamos começar o seu catecismo, sim?” Ele parou, e Jo pensou que fosse dizer mais alguma coisa, mas não o fez; Jo baixou a cabeça, desapontada. Aparentemente, para o padre Flynn, as particularidades de sua origem começaram e terminaram com a Nossa Senhora.

Quando Jo ficou mais velha, sua mãe lhe contou a versão mais completa da história, sem poupar-lhe de nada — ou assim pensava ela. Na época em que descobriu que habilidosa contadora de histórias era sua mãe, soube, entretanto, que ela havia se tornado também uma expert na arte de mentir. Todas as noites, quando Jo se arrumava para dormir, sua mãe se encolhia na cama dela e lhe revelava um pedaço da história da família, pois julgava que Jo já estava pronta para conhecê-la. Foi somente quando a filha se tornou adolescente que ela digeriu aqueles relatos desagradáveis.

Na fazenda Salt Creek, dizia a mãe, a tempestade fizera o que podia com o pouco que a paisagem oferecia. Moitas de salicórnia haviam se transformado em veias de gelo. Os tanques de sal tinham

sido drenados, pois suas nascentes estavam secas, cheias de neve, e as ondas arrebatavam tão forte na praia Drake que, dez anos mais tarde, as pessoas ainda encontravam pedaços de madeira enterrados nas dunas.

A mãe de Jo dera à luz sozinha, mas, levando-se em conta os hábitos de seu pai, explicou ela, havia sido melhor assim. Ele estava preso na cidade, num abrigo com os amigos, entornando cervejas e contando piadas sujas, enquanto a mãe encheu de água a maior vasilha que encontrou, ferveu-a no fogo sobre o piso da lareira e rasgou em tiras um lençol limpo. Pegou barbante e uma tesoura, jogou muita madeira na fogueira, empilhou mais um pouco de madeira perto dela e, então, agachou-se perto das chamas e esperou.

Quando o marido finalmente voltou para casa depois da tempestade, ele não entrou assim que chegou. Hesitou na varanda da frente, avaliando os estragos feitos pela ventania. Jo conseguia visualizar a cena. Um arbusto de pinho ou dois haviam sido arrancados e varridos para o caminho. Telhas estavam caídas como pássaros mortos, e os pássaros mortos estavam mergulhados nas dunas como pedras jogadas do céu.

Não havia sinal do sal secreto. Pela primeira vez, a terra deles era indistinguível de qualquer outra de Prospect. Talvez por essa razão ou porque a fria caminhada o deixara sóbrio — mas Jo sempre acreditou que as nuvens que normalmente enchiam a cabeça de seu pai partiram naquele momento —, ele tenha sido capaz, pela primeira vez depois de muito tempo, de imaginar uma vida além da fazenda Salt Creek. Jo suspeitava que ele teria fugido naquele instante não tivesse a porta da frente rangido ao abrir e liberado uma rajada de calor. Ali estava a mãe em sua camisola, segurando nos braços dois bebês, em vez de um: seu irmão, tão ruivo e cheio de sardas como todos os Gilly, e Jo, tão escura quanto a cinza da montanha acumulada na lareira.

As nuvens da alma de seu pai tomaram vida outra vez.

— Me diga que pelo menos um deles é menino — disse ele. A mãe de Jo fez que sim com a cabeça e mostrou o menino de cabelos vermelhos. — Agradeça aos santos por isso — respondeu o pai, e

empurrou a mãe ao passar por ela em direção à garrafa de gim escondida no piano quebrado da entrada. Dois grandes goles para dois bebês. Desde que tivera conhecimento de seu pai, ele sempre foi um problema.

Por outro lado, se seu pai não fosse um bêbado, sua mãe jamais teria se casado. Ela informou a filha sobre isso com um toque de sereno arrependimento.

— Por quê? — perguntou Jo.

— Por causa do sal — suspirou a mãe. — As pessoas ficam assombradas com ele. Nenhum homem sóbrio irá se casar com você ou com Claire a menos que tenha uma arma apontada para a cabeça, e talvez nem assim.

Segundo a mãe, o pai de Jo não começou a vida no caminho errado. Ele era um bom mecânico e conseguiu se sustentar com dificuldade consertando carros velhos e transformando-os em algo que funcionasse. Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, ele tentou se alistar no Exército, pensando que pudesse realizar milagres nos jipes e tanques, mas os militares não o aceitaram.

— Coração fraco — informou o médico com olhos de peixe durante o exame clínico, a boca do homem se arrastando nas vogais. — Muito ruim. Terá sorte se chegar aos trinta, que dirá aos quarenta.

Jo sempre achou que havia sido aí que as coisas começaram a ficar nebulosas para ele. Foi nessa época que começou a beber e, acreditando que iria morrer, decidiu que seria melhor morrer embriagado. Quando se casou com a mãe de Jo, a vida dele se enfiou na lama de fato, cumprindo suas piores profecias. Lama na porta da frente tão logo colocou os pés no chão. A lama turvava a base dos canais de drenagem, lama do próprio sal, colorindo-o de um cinza estranho. Por tudo isso, ele culpava a mãe de Jo e a salmoura que ela colhia.

“Ela tem pé de gancho?” Seus amigos costumavam atazaná-lo ao saírem da taberna Fletcher todas as noites, tropeçando embriagados no cadarço das botas. “Ela bebe o sangue dos cordeiros?” Jo sabia muito bem o que a turma de seu pai pensava sobre as mulheres de sua família. Elas eram as pedras no caminho, as assustadoras

sombras vasculhando os muros quando eles não conseguiam dormir. As mulheres Gilly sabiam qual era o futuro deles. Espiando a mãe de Jo, que esperava na caminhonete do lado de fora da taberna, um deles gritava: “Por que fez isso, Tommy? Por que se casou com aquela bruxa?”.

“Foi o sal”, respondia o pai, e isso calava a todos, pois, se havia algo que calava os homens de Prospect, era a ameaça do sal Gilly, que brilhava todos os anos nas vésperas de dezembro, fazia manteiga pura virar creme e podia curar ou agravar um ferimento, e ninguém sabia o que aconteceria.

“Sim”, disse a mãe de Jo, apagando a luz do quarto da filha. “Foi o sal. A verdade é que eu também nunca sei o que ele causará.”

Jo se aconchegava sob a coberta e tentava dormir. Como sempre, a mãe tinha razão. Os Gilly nunca sabiam ao certo o que o sal reservava para eles. Do contrário, pensou Jo, sua existência teria sido bem diferente. Pelo menos seu irmão estaria vivo.

No verão em que Henry se afogou, Jo tinha oito anos. Era agosto de 1950 e parecia que o que ainda não havia definhado estava a meio caminho de ser frito. Ir a Prospect com a mãe e ver as crianças da cidade em suas lindas roupas de banho e sandálias era uma tortura e tanto para Jo naquele ano. Não apenas por causa do calor, mas porque era a primeira vez que ela conseguia se lembrar de ter notado a diferença entre a sua vida e a de outras pessoas. Não que a incomodasse, mas ela percebeu. Suas colegas estavam saindo com a mãe para um dia na praia, os cabelos lindamente trançados, baldes de plástico nas mãos, e Jo estava retornando ao mundo de lama quente, mosquitos e trapos sujos para vestir.

Ela não tinha tempo para brinquedos. No lugar de um baldinho de plástico, tinha uma vasilha de madeira e um carrinho de mão para ser empurrado dos açudes até o celeiro. Tinha um balde de metal amassado, mas era para os mariscos ou para pegar caracol no jardim. De pé no corredor gelado do supermercado, perguntava-se

como seria ter uma mãe com mãos delicadas, que usava vestidos floridos em vez de calças masculinas, para quem todas as outras mães sorriam quando ela se aproximava. Mas isso nunca aconteceu. Quando a mãe chegava ao caixa, as mulheres da cidade puxavam as filhas para perto delas e viravam o rosto. “Não se incomode com elas”, a mãe costumava sussurrar, e então apressava Jo de volta para casa, junto à própria substância que era a causa de todos os seus problemas.

Naquele agosto, estava tão quente e seco que estavam produzindo duas vezes mais sal que de costume. A mãe de Jo raspava os tanques de evaporação até o fim todas as noites, mas ela não conseguia dar conta do trabalho, nem mesmo com Jo ao seu lado. O pai não ajudava em nada por uma única questão: ele era homem e proibido de trabalhar nos açudes, mas era também preguiçoso por natureza e quase nunca estava presente. Mas não era totalmente culpa dele. O sal era apenas para mãos femininas. O pai podia remover o lodo dos diques no começo da estação ou escorar as barragens de terra que separavam os tanques coletores, mas era a mãe e Jo que recolhiam os cristais dos açudes, principalmente os flocos delicados e puros que boiavam sobre um curso bem barrento.

— Os homens estão muito acostumados a atravessar a vida às cotoveladas — disse a mãe a Jo quando fechou seus dedos em volta dos da menina sobre a alça do rastelo de madeira e, em seguida, conduziu a ferramenta sobre o tanque de evaporação, extraíndo os cristais sem molhá-los. — As mulheres sabem conseguir melhor o que querem e sem confusão.

— Henry não é agressivo — disse Jo, apertando a alça do rastelo. Ao contrário, pensou ela, seu irmão era o oposto do que se esperava dos garotos. Era delicado e retraído como o interior de um molusco. Desde o nascimento, eles não eram em nada parecidos. Para começar, Henry tinha cabelos ruivos e sardas que herdara da mãe, e Jo tinha a pele e os olhos escuros do pai.

“É o Portagee se revelando em você”, dizia sua mãe sempre, como se Jo e seu pai fossem os últimos sobreviventes de uma tribo estrangeira, e não decentes europeus. A família da mãe, os Gilly,



cujo último nome ela manteve por pura teimosia, sempre foi de irlandeses, desde os pés sardentos e a sorte com cartas e dados. Jo tampouco herdou essas características. Seus pés eram castanho-claros, e ela tinha o temperamento estável de um trem andando no trilho: inapropriado para jogos de azar, mas perfeito para a vida na salina.

Seu irmão, por outro lado, teria se saído melhor numa biblioteca. De joelhos fracos e míope, aprendeu a ler com apenas três anos de idade e ficava horas deitado na varanda da frente, com o nariz enfiado nos livros antigos deixados pelos Gilly que vieram antes deles. Jo chegava de um dia na salina, e Henry começava a balbuciar sobre o ciclo da vida dos ratos e a descrever as diferentes categorias das nuvens em ordem alfabética. Jo gostava de imaginar os dois apertadinhos na barriga da mãe, ele boiando sobre uma nuvem de distração e ela já cuidando das partículas e dividindo a comida que chegava até eles, para que o irmão não se esquecesse de se alimentar.

Sua mãe interrompeu os sonhos de Jo, raspando outra carga na direção da pequena plataforma de lodo, ao lado do tanque, e formando uma bela pilha com ele aos seus pés.

— Não — concordou ela. — Henry não é agressivo de jeito nenhum.

— Suas mãos pararam por um segundo, e ela tinha um olhar distante nos olhos. — Talvez isso venha a ser a sua salvação.

— Qual é a minha? — perguntou Jo.

A mãe olhou para ela, como se surpresa de ver a filha surgindo na terra.

— Você não precisa de uma. É só dos meninos que o sal não gosta.

Jo enrugou o rosto. Não lhe agradavam aquelas palavras. Parecia uma desculpa para que as meninas fizessem todo o trabalho.

— O que está querendo dizer?

A mãe balançou a cabeça de um lado para o outro, como se espantando moscas do cabelo.

— Nada. — Ela tirou as mãos de cima das de Jo na alça. — Tente fazer sozinha agora. Se incline um pouco mais desta vez.

Jo ficou muito orgulhosa de sua nova habilidade, exibindo para Henry o pequeno rastelo que sua mãe lhe dera, mas ele deu de ombros e virou os olhos para cima.

— Por que está feliz por ter de trabalhar mais?

— Não é trabalho — corrigiu Jo, arrumando os fios de seu novo avental de lona. — Mamãe disse que é uma habilidade e que você não pode fazer isso. E menino.

Henry deu de ombros outra vez.

— Que sorte a minha!

Ele não tinha ideia das particularidades da fazenda, tampouco tinha interesse. Então Jo assumia a tarefa extra de raspar os tanques sem questionamentos, da mesma forma que colocava uma colher a mais de batata em seu prato no jantar. O trabalho a preenchia, mesmo que não fosse estimulante. Ela pensou a respeito do que a mãe dissera sobre o sal não gostar dos meninos e se perguntou se Henry tinha menos sorte do que ele acreditava ou se talvez o sal tinha mais poderes do que eles dois imaginavam. Não lhe passou pela cabeça que o sal tinha a história ao seu lado.

Todo amanhecer daquele agosto, a mãe de Jo a mandava checar o nível da água dos tanques nos canais de lodo. Se estivessem quase secos, Jo raspava o barro cinza parado no fundo e então reabastecia as depressões com água, desenrolando as cordas da eclusa e erguendo as comportas nas roldanas, liberando a água dos viveiros. Ela pensava, então, em seu irmão enfiado como uma lesma no conforto de sua cama e sentia pena do que ele estava perdendo: o gorgolejo do riacho sob seus pés, a linha de pelicanos sobrevoando no horizonte, tão uniforme quanto um esquadrão de bombardeiros. Jo achava que o mundo estava apresentando um espetáculo só para ela.

Quando o calor ficou mais intenso, a mãe ficou ainda mais preocupada com o nível da água que baixava e começou a enviar Jo para a salina duas ou até três vezes ao dia. Mas ainda não era o suficiente. O sal estava sumindo tão rápido que nenhum deles podia fazer nada. Finalmente, num dia tão quente que Jo podia jurar que uma gema de ovo fritaria em sua testa, a mãe passou a mão na cabeça e desistiu; resolveu quebrar a tradição.

— Vá buscar seu irmão na varanda antes de checar o nível de água — disse ela. — Assim, se precisarem abrir as comportas, estarão em dupla. Acabem rápido o trabalho e venham me ajudar a ensacar o sal. — Jo franziu o cenho diante da ideia. Henry, sabia ela, não a ajudaria em nada. Só ela sabia desenrolar as cordas e erguer a comporta nas roldanas, e era a única que sabia o tanto de água que bastava.

— A senhora tem certeza? — perguntou Jo, mordendo a lateral do lábio pela sua insolência. — O papai não pode ajudar no lugar dele?

A mãe lançou um olhar cansado em direção à casa, onde sua irmã de um ano, Claire, estava dormindo e o pai, soldando a lataria de um carro que havia capotado nos arbustos. Ele fazia breves pausas para tomar longos goles de uma garrafa deixada aos seus pés.

— Acho que não — disse ela, a boca tensa. — Vá soltar mais água para dentro do primeiro açude, mas fique longe da represa.

Jo fez como havia pedido a mãe: buscou o irmão e o conduziu pela salina. Henry a seguiu pelas barragens, chutando a lama seca, as mãos enfiadas nos bolsos, de mau humor por ter sido arrancado de seus livros. Ele ficou observando Jo se joelhar na lama, perto do canal principal. Ela desamarrou as cordas da eclusa e tentou acionar a manivela e o pinhão, mas os dentes da comporta não giravam. Algo ocorrera com o mecanismo.

— Me ajude — pediu ela. — Veja se tem alguma coisa prendendo a engrenagem. — Suas mãos estavam escorregadias de suor e água do mar. Ela não conseguia segurar firme a alça da eclusa. A água empurrava com toda a força no lado oposto da divisória, como uma multidão de prisioneiros intencionados a se libertar.

Jo ergueu a cabeça, mas seu irmão havia partido. Ele saía caminhando até o fim da represa, que formava uma barreira entre o mar e o começo da salina. Repetidas vezes a mãe os advertira a não brincar perto dali, pois, embora a água parecesse calma na superfície, era malvada como um dragão debaixo, capaz de sugar criancinhas como eles para o submundo sem mesmo deixar um respiro para trás.

— Henry! — chamou Jo, mas ele não a escutou. — Não pise na água! — gritou ela, mas foi como se tivesse dito para ele entrar de uma vez. Estava quente, e ele queria se refrescar. Ela o viu se inclinar, a ponta do cabelo encostar na água e então, assim como sua mãe avisara que aconteceria, ele deu um salto repentino (de onde estava, Jo não pôde dizer por quê) e caiu na água. Ela correu até ele e estava prestes a mergulhar quando medo e pânico congelaram seus músculos, grudando-a no lugar igual a um coelho sob holofotes.

— Henry! — gritou ela outra vez, mas não houve resposta. Ela queria entrar na água cheia de espuma, resgatá-lo, mas temeu a ideia de ser sugada como ele. Quem os salvaria, então? Aguardou dez segundos, mas Henry não apareceu. O dragão o engolira por inteiro. Jo segurou a respiração, incerta sobre o que fazer, antes de recuperar os sentidos e correr até a mãe.

Ela jamais esqueceria o olhar da mãe quando entrou correndo na cozinha e contou o que havia acontecido. Estava esperando um acesso de desespero, ou raiva, talvez, mas, quando revelou a história, a mãe apenas levou às mãos ao rosto e respirou por entre as palmas, como se estivesse esperado a vida toda por notícias como aquelas, e, agora que elas haviam chegado, ela podia finalmente respirar e soltar o ar.

Quando os pais de Jo puxaram o corpo de Henry para fora da água, ele havia começado a inchar e adquirir uma estranha cor esbranquiçada; parecia mais uma criatura das águas do que da terra. Jo ficou olhando enquanto seus pais o arrastavam, aterrorizada ao ver o que a água salgada fazia quando chegava aos ossos da pessoa, horrorizada com o que *ela* fizera por não tê-lo socorrido. Sua mãe a viu olhando, mas não se mexeu para consolá-la de nenhuma forma. Jo abraçou sua irmãzinha em busca de consolo, compreendendo que o primeiro capítulo de sua infância havia acabado de se fechar. Claire se contorceu e choramingou, mas Jo a segurou com força, aterrorizada de que pudesse sair correndo em direção à água como fez Henry e sabendo que, se o fizesse, seria de novo sua culpa.

Os dias que se seguiram à morte do irmão ficaram ainda mais quentes, o ar parou por completo, parecendo até uma maldade, o sal se acumulava em pequenos montes sobre a superfície dos tanques de evaporação. Um a um, os açudes secaram completamente, e, quando o vento voltou e começou a levar embora o sal, Jo e sua mãe viram que a lama no açude mais próximo ao túmulo de Henry estava pintada de vermelho-sangue.

Sua família estava acostumada com a mudança de cores nos tanques. Ao final de todo verão, quando o lodo no fundo dos açudes ficava em seu estado mineral mais denso, algas vicejavam em roxo, verde e cor de ferrugem, transformando a salina numa colcha de retalhos. Mas nenhum deles vira algo semelhante àquilo.

— Meu Deus do céu — disse a mãe, fazendo o sinal da cruz na beira do tanque e apoiando Claire em sua cintura. — Isso nunca vai ter fim.

— O quê? — perguntou Jo. — Aquelas eram as primeiras palavras que proferia em três dias, e sua voz soou como as garras de um gato arranhando a madeira.

A mãe a envolveu num braço e a trouxe mais para perto de si. Desde o acidente, ela vinha tentando encontrar uma desculpa para tocar Jo, o que era tanto um consolo quanto uma agonia para a filha. Jo sabia que jamais poderia ocupar o lugar de Henry.

— Não importa — respondeu a mãe.

Ao longe, Jo escutou a porta da varanda bater. A sombra curvada de seu pai surgiu. Ele havia escolhido viver o luto à moda antiga, vestindo roupas pretas, recusando-se a comer carne e falando apenas sob ameaça. Desistira da música, do pôquer e das noites de bebedeira às quartas-feiras no Fletcher, mas não conseguia abandonar o gim. Na verdade, ele já não se dava mais ao trabalho de esconder sua garrafa dentro do piano quebrado da entrada. Ele a largava sobre o instrumento, e a mãe de Jo lhe permitia fazer isso.

— Para onde vai o papai? — perguntou Jo, pois percebeu que ele segurava uma valise. Ele seguiu pela trilha de areia em direção à cidade, sua silhueta foi ficando cada vez menor. A mãe passou a mão no cabelo. Ela, Jo e Claire estavam vestidas de preto também, mas o sofrimento dela era mais sutil que o do pai. Ela não precisava

de todas as formalidades do luto. Era como se as correntezas que sugavam ao longo da represa estivessem tentando arrancar-lhe a alma e lançá-la para a violência do mar, onde ela seria turbinada, bastava conseguir chegar até lá.

— Seremos apenas nós, meninas, agora — disse a mãe. — Não sei de onde tirei que poderia ser diferente. — Ela ficou olhando o pai de Jo desaparecer pela trilha e então pisou sobre o açude vermelho e tirou um pouco do sal. — Abra a boca — ordenou ela a Jo, colocando uma pitada da substância amarga na sua língua. — Agora, engula.

Jo fez o que ela mandou, surpresa de o sal ter o mesmo gosto apesar de sua cor. A vida, tudo indicava, seguiria em frente, nada mudaria. Mas essa não era a lição que sua mãe queria lhe dar. A mãe se ajoelhou, encarou-a e colocou outra pitada de sal em sua boca.

— Você tem que cravar seus pés no chão e se unir à terra — disse ela. — Você é uma verdadeira Gilly e, juntamente com Claire, terá que carregar nosso nome. Lembre-se disso, Jo. Terão de lhe virar do avesso para arrancar o sal de dentro de você.

Jo lambeu o último grão de sal de seu lábio inferior e cerrou o punho em volta do cristal macio que vinha carregando no bolso desde a morte de Henry. Ela e o irmão brincavam de pedra, papel, tesoura antes de dormir, e ela sempre ganhava.

“Papel embrulha pedra”, gritava ela, esfregando o punho dele com a palma da mão aberta, e Henry se segurava para não chorar. Agora, parecia que Jo havia ganhado mais uma vez, pois ali estava ela com seu cristal e o irmão, morto. Pedra era mais forte que sal, que era mais forte que carne, e carne afundava como ferro na água. Era horrível. Jo jogou com força seu cristal para dentro do açude e ficou observando-o desaparecer.

— O que foi isso? — perguntou a mãe.

— Nada — respondeu ela. A mãe a encarou com uma carranca e se virou para voltar para casa, vazia agora, sem o pai e o irmão de Jo.

— Não vá jogando no sal coisas que não pertencem a ele — disse ela. — A menos que esteja preparada para o pior.

— O que poderia ser pior do que a morte de Henry? — perguntou ela, e tocou de leve nos olhos.

— Muita coisa — respondeu a mãe. — Ainda é muito nova para saber.

Jo esperou até ter certeza de que a mãe havia voltado para a casa, e arremessou outro cristal no açude. Ficou observando-o afundar na lama vermelha, onde talvez perdurasse e ficasse lá embaixo na terra com os restos intumescidos de seu irmão, uma prova de seu arrependimento, a única que tinha para dar.

No dia do funeral de Henry, as mulheres de Prospect se apertavam nos bancos da igreja St. Agnes, enchendo o lugar com fragrâncias destoantes de água de lavanda, perfume de gardênia e muitos sussurros inquietos.

— Sente-se direito. — Instruiu a mãe de Jo antes que a cerimônia começasse, arrumando Claire em seu colo. — Os outros estão nos observando. — *E falando de nós*, Jo quis acrescentar, mas não o fez.

Estava quente e úmido no santuário, e Jo estava cansada. Em algum lugar atrás dela, uma mosca zuniu. De repente, as portas duplas se abriram num estrondo, e Ida Turner, entre todas as almas, a incontestável primeira-dama de Prospect, caminhou até o centro da minúscula igreja acompanhada dos olhos arredondados da raposa de sua estola, uma perfeita sócia de si mesma. Sua presença deu a Jo uma espécie de conforto. Se havia alguém mais impopular do que sua família em Prospect, ela sabia que era Ida. Mas todos a temiam muito para dizer isso na sua cara. Ela arrastava seu filho de seis anos, Whit, pelo braço, e vê-lo fez com que Jo se lembrasse de seu irmão, mesmo que o cabelo de Whit fosse castanho e seus olhos, escuros como os dela. Ela tentou alcançá-los, mas ele olhava para seus sapatos polidos como se envergonhado pela entrada da mãe. Algo acontecia com Ida Turner sempre que ela entrava na igreja. Ficava como o fogo que alguém atija em demasia. Até mesmo padre

Flynn, com seus olhos azuis pálidos e dedos trêmulos, evitava olhar diretamente para ela.

As pessoas na igreja estavam sem ar agora, no entanto. Em Prospect, era de imenso mau gosto aproximar-se da família de luto até que a missa tivesse acabado e todos tivessem tido a chance de colocar várias ervas selvagens nos pés da Virgem. Somente depois de a família ter se levantado e caminhado até a pequena nave da igreja é que seria formada a fila de pêsames até a porta de saída. Ida deveria saber disso.

Porém, ela não parecia se importar. Arrancou a luva de pele de bezerro, enfiou-a no bolso e estendeu a mão para Jo bem quando o padre Flynn abriu a porta da sacristia. Ele viu Ida e congelou. Quando ela falava, nem Deus se mexia. Sob a fraca luz da igreja, seu cabelo brilhava como o de uma rainha má, e Jo pôde ver que, sob todo aquele pó de arroz, Ida tinha a pele escura como a de uma cigana. Sobre seu esterno, havia uma pérola dependurada numa corrente de prata, colidindo com um broche de rubi; no dedo, o diamante do anel de casamento; nas orelhas, brincos de ouro do tamanho de pequenas aldrabas.

Jo tirou sua irmã inquieta do colo da mãe. Sem Henry ao seu lado para distraí-la, ela estava vendo coisas que nunca notara antes: o modo como o queixo da sua mãe se projetava para a frente enquanto Ida se aproximava dela, a pele de crocodilo nos lábios de Ida e a maneira como o ar quase chegava a crepitar entre as duas mulheres.

Jo pensou que Ida talvez quisesse cumprimentar a mãe, mas ela estendeu o braço a Jo e segurou a ponta de seu queixo com as unhas pintadas de vermelho, erguendo um pouco o rosto de Jo para vê-lo melhor. Assustada, Jo abriu os braços, e Claire pulou de seu colo e foi para o da mãe, onde enfiou o dedo na boca e choramingou.

Ida se aproximou tanto dela que Jo podia ver a ponta de cada cílio falso se mexer. Observou Ida lamber os lábios, como se estivesse saboreando algo delicioso num coquetel. Ela parecia uma mulher na qual tudo era lustrado, mas, quando falava, sua voz ribombava como cozido de osso em ebulição.



— Era você que deveria estar naquela represa — disse ela baixinho.

Jo recuou, seu rosto ficou arranhado com as unhas da mulher, ao mesmo tempo que sua mãe estufava o peito, relutante em deixar que Ida tivesse qualquer palavra, muito menos a última.

— Lembre-se, Ida — disse ela, depressa —, o sal é a essência do paraíso e a medida da alma. Até mesmo da sua. — Ela olhava de um jeito como se estivesse pensando qual das veias de Ida ela iria rasgar primeiro.

Jo se perguntou o que a mãe queria dizer com aquilo, mas não ousou perguntar a ela. De qualquer forma, a mãe era cheia de frases feitas. Eram tão batidas e familiares a ela quanto os culotes que usava para trabalhar.

Ida ficou ainda mais branca sob a maquiagem.

— Se eu quisesse, poderia arrancar-lhe tudo que chama de seu, Sarah Gilly, e tomá-lo para mim neste instante. Nós duas sabemos disso.

— Seus lábios permaneceram abertos por um pouco mais de tempo, como se ainda não tivesse acabado, mas bateu o maxilar, girou no calcanhar e empurrou Whit de volta para o corredor, em direção às portas abertas da igreja. Ele se virou, triste, para Jo, seus olhos encontraram os dela num pedido silencioso de desculpas.

Ela tremeu e estendeu o braço para segurar na mão rachada da mãe.

— Ela poderia mesmo fazer isso? — sussurrou Jo. — Ela poderia mesmo tirar tudo que é nosso?

O lenço preto da mãe havia escorregado para trás, revelando seu cabelo vermelho, uma fogueira urrando sobre a cabeça. Ela pressionou os lábios.

— Não seja boba. Daria meus dois braços antes de entregar um centímetro sequer de qualquer coisa para Ida Turner. Agora, levante-se. A missa está prestes a começar. — Naquele momento, misericordiosamente, padre Flynn se dirigiu ao altar, as mangas da sotaina flutuando, com as mãos cruzadas como se nada de extraordinário tivesse acabado de acontecer.

Depois da cerimônia, após a última esposa em Prospect cumprimentá--las com olhos frios e mãos mais frias ainda, depois de o padre Flynn abençoá-las e lhes oferecer suas condolências, Jo repassou o encontro em sua cabeça enquanto viajavam pelo último trecho de terra arenosa, rumo à casa da fazenda, ainda perturbada pela fúria nos olhos de Ida

Turner. Os prósperos Turner não conseguiam suportar os Gilly estreitamente ligados à salina — todos sabiam disso —, mas Jo sentia que ainda não havia compreendido tudo, havia um pequeno detalhe que a aborrecia como uma nuvem de mosquitinhos. Ela se lembrou das joias de Ida, temíveis como uma couraça, e da minúscula mancha de batom que cobria o canto de sua boca.

*Era você que deveria estar naquela represa.* Era algo terrível de se dizer a uma criança, além de estranho, pensou Jo, pois, se Ida queria ameaçar a mãe, por que o fez olhando bem para ela? Jo arrastou os pés na terra arenosa, confortada pelo ar estagnado e envolta em odores familiares. Talvez Ida tivesse um pouco de razão. Jo estava viva e seu irmão, não. Certamente ela poderia ter caído na represa, e talvez devesse ter caído. Jo não sabia de mais nada. Quando se referia à sua família e à Fazenda Salt Creek, ela tinha dificuldade para reconhecer onde ficava o limite de tudo e, ao longo dos anos, para sua frustração, esse limite nunca ficou claro.

## 2

A PRIMEIRA VEZ QUE DEE PITMAN olhou para o rosto mutilado de Joanna Gilly, ela pensou que certamente o demônio havia tomado vida e viera em busca de sua alma. Ela fora avisada sobre a aparência de Jo, claro — sabia que havia queimado todo o lado direito de seu corpo —, mas ninguém a advertira de que o espírito dela ainda queimava latente sob suas feridas. Jo era o tipo de pessoa na qual Dee queria confiar, mas não tinha coragem, pois temia que ela rompesse em chamas e a atingisse com as faíscas.

Era a primeira semana de Dee no vilarejo. Seu pai havia acabado de comprar uma lanchonete, embora ele não fosse um *restaurateur*. Tampouco eram pessoas do mar, e Dee ainda estava tentando se recuperar do surto de náusea que sentia toda vez que olhava para aquela água se revolvendo no horizonte. Ela nunca antes vira o oceano pessoalmente, e desejava que ele fosse sempre calmo; mas desejar nunca tornou as coisas realidade, algo que Dee sabia profundamente.

Apenas o pai, Cutt Pitman, havia passado algum tempo no mar. Dee era de Vermont, mas seu pai fora cozinheiro da Marinha durante a Guerra da Coreia e por um pouco mais de tempo depois que a guerra acabou. Escutá-lo contar sobre esse período dava a impressão de que Cutt tinha sido Sinbad, o Marinheiro, ou algo do gênero, mas na realidade ele não tinha muito contato com o oceano. Passava grande parte do tempo no fedorento porão do navio de guerra, batendo contra todos os lados com caixas de ovos passados, sacos de batatas esverdeadas e latas de carnes não identificadas. Quando a Marinha finalmente o dispensou e Cutt se viu de volta numa montanha em Vermont, sentiu como se nunca tivesse partido, dizia ele, e isso não lhe parecia certo. Porém, o que iria fazer com uma mulher e um bebê para cuidar? Ele arranhou um emprego na lanchonete do hospital e se acostumou a andar em terra firme de novo, e foi isso o que aconteceu.

A mãe de Dee teve câncer e morreu quando a filha estava com 17 anos. Perdê-la fez com que o pai ficasse desassossegado outra vez. Caiu na farrá, se meteu em bebedeiras e brigas; divagava sobre o mar e chorava entre as mãos feridas. Ele não tinha planejado a mudança para Prospect, Dee sabia disso. Certo dia, ele simplesmente abriu um mapa, espetou com a ponta de um lápis um lugar aleatório em Cape Cod e pediu-lhe que lesse o nome da cidade em voz alta.

— Prospect — falou ela. Soou bíblico aos seus ouvidos, não era um lugar para o qual gostaria de partir sem pensar. Cutt largou a garrafa, encarando-a como se nunca a tivesse visto antes, depois olhou toda a sala com a mesma expressão.

— Bem, então, Prospect será — disse ele. — Para o leste, eba! — Achava que estava sendo engraçado, mas, na verdade, Dee sabia que o coração dos dois estava tão pesado quanto duas bolas de chumbo. Nenhum dos dois riu.

No caminho para Cape Cod, logo ficou claro que eles estavam chegando a uma região de calor, no fim do verão, e isso fez com que Dee se sentisse ainda mais solitária. Quanto mais perto chegavam de Prospect, mais lotado ficava o outro lado da rodovia, com furgões e carros esportivos, com famílias e casais voltando para o continente e para suas vidas. Dee ficou olhando pela janela do carro e desejou estar indo com eles; no entanto, estava presa com seu pai no abafado daquele sedã, indo em direção a uma paisagem rasteira, de arbustos pontiagudos, gramas feias e, claro, do oceano. Logo de cara ela soube que o mar não era para ela. O modo assustador com ele se revolvia lembrou-lhe uma cobra se mexendo. Ela não sabia dizer se estava vindo atrás dela, com as presas prontas para o bote, ou se distanciando, sem conseguir dar o bote.

Estava tão quente e úmido que ela adormeceu com a cabeça pressionada contra o vidro da janela do carro. Quando acordou, havia baba escorrendo do canto da sua boca até o queixo. Ela se

sentou direito e percebeu que haviam parado e que ela estava sozinha; então, enxugou o rosto e deu uma olhada ao redor. Parecia que não haviam chegado apenas ao fim da rodovia, mas ao fim da vida que ela conhecera. Estavam estacionados em frente à lanchonete que o pai comprara, numa rua tão cinzenta que Dee automaticamente semicerrou os olhos. Não havia montanhas verdes para curar seus olhos ressecados, nenhuma fazenda com vacas tranqüilas e felizes, nenhum lago de granito. Apenas uma cidade de rua única, emperrada na orla de uma baía com vários prédios sombrios, cujas telhas de madeira estavam todas rachadas, e com tanta água que ela nem precisava mergulhar a ponta dos pés nela para se sentir afundando.

Seu pai apareceu na entrada da lanchonete vazia.

— Você não vem? — gritou-lhe ele, vendo que estava acordada. — Traga as malas! O trabalho nos espera. — Ela olhou em volta em busca de algum sinal de vida, mas não encontrou nada, e, assim, pela primeira vez, pareceu-lhe sensato dar atenção ao pai e obedecê-lo.

Eles iriam morar em cima da lanchonete, mas Cutt não havia lhe contado essa parte do plano, e, ao subir a raquítica escada ao fundo do prédio, Dee se perguntou por que nunca se deu ao trabalho de perguntar. Mas a tristeza a deixara indiferente às importantes decisões na vida, mesmo quando isso tornava as mínimas decisões impossíveis. Dee nunca sabia o que comer de manhã, como arrumar o cabelo ou o que dizer ao pai. Então, ela comia tudo, engordava, deixava o cabelo emaranhado e ficava dias sem dizer palavra.

No topo da escada, ela encontrou uma série de quartos tão sujos que se perguntou qual teria sido a finalidade deles. Tinham enquadramento e poeira do sótão de um idoso, mas Dee achou que poderia deixar seu quarto bem agradável. Ele possuía uma trapeira que dava para a rua principal da cidade, e o teto inclinado lhe conferia aconchego. Ela abriu a janela, afastou a estrutura de ferro quebrada da cama e começou a guardar suas roupas na velha cômoda que ficava no canto do quarto. Não havia guarda-roupa, mas isso não era problema. Dee não tinha muitas roupas.

Depois de ter guardado tudo, saiu para caminhar e descobriu que Prospect tinha apenas o essencial: um correio, uma biblioteca, um banco e uma loja. Ao final da rua do banco, havia um círculo bem extenso e gramado chamado Tapperfs Green. Havia, ainda, algumas famílias fazendo piquenique no lugar e gaivotas famintas rondando a região à procura de restos de comida, mas, apesar da alegria superficial, o local tinha uma energia ruim. Dee não conseguia explicar em palavras, mas reparou que dois cachorros da cidade atravessaram a rua correndo quando passaram por ali. No meio do gramado, Dee percebeu que havia um círculo de grama queimada. Ela estremeceu. Parecia o tipo de lugar onde bruxas seriam queimadas, se em Prospect fizessem isso, e ela descobriu que a cidade ainda tinha duas bruxas vivas, e, quando o assunto era fogo, não se deveria confiar nelas de jeito algum.

No terceiro dia na cidade, Cutt contratou um homem chamado Timothy Weatherly para fazer alguns reparos na lanchonete. Dee se viu ansiosa por ter um homem musculoso por perto para admirar, mas, quando o Sr. Weatherly chegou, viu que se tratava de um velho mirrado, usando macacão surrado e um boné desbotado. Ele era tão atraente quanto um bolo de carne no dia seguinte feito por Cutt. No entanto, Cutt não pareceu se importar com ele.

— Quero dar um tema ao lugar — contou ele ao Sr. Weatherly. — Sabe, dar-lhe um ar náutico. Quadros de barco nas paredes. Lustres de bronze. Redes, boias e timões de navio. Acha que consegue?

O Sr. Weatherly fez um beijo, e Dee achou que ele estava pensando que aqueles ornamentos talvez animassem os turistas, mas não fariam nem cosquinhas no humor dos locais.

— Sim — respondeu ele. — Como quiser. — E saiu para pegar suas ferramentas na caminhonete.

Enquanto colocavam novos estofados nos assentos e lixavam o balcão juntos, Dee escutou o pai sabatinando o Sr. Weatherly sobre

tudo, desde quão frio ficava no inverno até onde comprar os ovos mais frescos.

Sr. Weatherly respondia as suas perguntas monossilábica e pacientemente e, então, de repente, encarou Cutt e perguntou:

— Você já se corrigiu com Jo Gilly?

Dee ficou observando o pai largar a lixa e enxugar a testa.

— O quê? — disse ele, um leve tremor de irritação se arrastava em sua voz.

Um olhar engraçado surgiu no rosto fino do Sr. Weatherly Não era medo exatamente. Mais certo nervosismo, pensou Dee. Como se fosse dizer algo esperando que ninguém ouvisse, e, como não havia nada que ela gostasse mais de que a uma boa fofoca, se inclinou para a frente para captar suas palavras.

— Há uma salina a um quilômetro e meio da cidade, naquela direção — ele apontou o dedão para trás —, depois da Igreja de St. Agnes, perto do mar. Esse lugar pertence às irmãs Gilly, ou era assim até a irmã mais nova quase queimar a mais velha viva no celeiro onde era armazenado o sal e ir embora.

Dee se aproximou mais da conversa no balcão, esquecendo-se da vassoura e do lixo no canto do restaurante. O Sr. Weatherly tirou o boné e coçou a cabeça devagar, do mesmo modo como fazia tudo.

— Isso foi, nossa, há doze anos, diria que em 1968. Tempo maluco, não é? Mesmo aqui em Prospect. Hippies por todos os lados em suas vãs lotadas de panelas, a maldita guerra no Vietnã fazendo as pessoas brigarem quando se encontravam nas ruas. Meu irmão perdeu seu único filho nessa guerra, sabe? Tempos tristes.

O pai de Dee, que era veterano dessa época, concordou com a cabeça, e ela rezou para que eles não começassem a versar em conversas de homem sobre guerras, presidentes e todas as coisas que políticos ruins fizeram para o cidadão comum. Ela estava com sorte, pois o Sr. Weatherly coçou a cabeça uma última vez, vestiu o boné de novo e retomou o assunto.

— Na época, as coisas estavam melhores lá na Fazenda Salt Creek

— disse ele. — Difíceis, mas melhores.

Inconscientemente, Dee concordou e viu o pai lançando para ela o olhar de cobra. Ela voltou correndo para sua vassoura, mas deu um jeito de vir varrer mais perto do Sr. Weatherly.

— Joanna é uma espécie de alma solitária. — Estava dizendo ele.

— Não é como a irmã, Claire. Vocês não vão ver muito Jo na cidade, mas, quando a virem, certifiquem-se de tratá-la bem. Ela é quem vive na salina agora, e nossa sorte tende a fluir com o sal. Vocês vão descobrir isso logo.

— Eu achava que a sorte de vocês dependia do mar — disse Dee, ignorando o olhar penetrante do pai.

O Sr. Weatherly fez que não com a cabeça e voltou a lixar.

— Não. Do sal. E, a propósito, não deixem que a aparência de Jo os assuste. Lembrem-se, ela estava naquele fogo terrível. Apenas a tratem bem. E, se ela lhes oferecer sal, é melhor aceitarem e pegarem um pouco. A irmã não vai gostar, diz a todos que é estragado, mas eu sei que não e guardo um pouco escondido mesmo assim. Escrevam minhas palavras. Vocês não vão se arrepender.

Cutt resmungou. Ele ainda era um homem da Marinha e não se intimidava com qualquer ameaça, Dee sabia, especialmente vinda de uma mulher enrugada, que não tinha nada com que amedrontá-lo, senão o sal.

— Vamos ver — murmurou ele, martelando com força um prego no balcão. — Vamos ver.

*E a outra irmã?*, Dee queria saber. *O que aconteceu com ela?* Mas o Sr. Weatherly, percebendo o mau humor de Cutt, enterrou o boné mais ainda na cabeça e se calou pelo resto da tarde. Agora, tudo que Dee tinha para se entreter era o *xii-xii-xii* da lixa de papel, seguido do cheiro penetrante de verniz fresco sobre a madeira velha.

Joanna Gilly — ríspida, maltratada pelo tempo, carregando a surpresa de um olho de vidro — chegou à lanchonete dois dias



depois, como o Sr. Weatherly sugeriu que faria. Mas Cutt não adquiriu o sal dela, embora fossem abrir o estabelecimento no dia seguinte.

A manhã passou devagar, Cutt e Dee destrancaram a porta da frente, mas, assim como previra Joanna, nenhuma pessoa se sentou nos bancos do balcão. Ninguém se sentou nas cadeiras das mesas. O clima ainda estava agradável, e as ruas estavam lotadas de turistas tardios, mas era como se a lanchonete tivesse algum campo de força estranha pulsando ao redor da porta. Ao final da semana, Cutt finalmente desligou a grelha, desgostoso, e fechou cedo o lugar.

— A moça tinha razão — murmurou ele, batendo panelas e frigideiras. Dee se manteve a distância. Seu pai odiava quando outras pessoas estavam certas.

— Bem — apontou ela do outro lado da cozinha onde estava segura —, se ao menos aceitarmos a oferta dela, sabemos que teremos clientes. — A única resposta de Cutt foi outro estrondo feito na pilha de utensílios da cozinha e um silêncio absoluto. Ele odiava ainda mais quando Dee tinha razão.

Sempre que o pai de Dee saía destruindo tudo à sua frente, ele acabava se voltando para Deus. A vez em que passou por cima da cerca do pasto do Sr. Dutton depois de uma bebedeira, por exemplo, colocou-o na igreja por um mês inteiro, mas esse foi um caso extremo. Geralmente, Cutt aparecia na missa num domingo e recuperava suas forças com uma confissão no meio da semana. Dee algumas vezes se perguntava se o pai era tão devoto porque ele fazia tanta confusão ou se era o contrário. Talvez a salvação semanal lhe facilitasse pecar. Fosse qual fosse o motivo, ela não se surpreendeu quando, no primeiro domingo na cidade, Cutt determinou que eles iriam à missa.

— Vão ter uma boa impressão de nós — disse ele, arrumando sua única gravata e, depois, examinando-a de cima a baixo, para ver se ela não estava com a blusa muito desabotoada ou com o cabelo

despenteado e muito armado. — Vamos fazer com que saibam que somos filhos de Deus. Do tipo em que se pode confiar.

Dee estava surpresa por se sentir um pouco ansiosa para sair. Não que amasse a igreja, mas queria sair um pouco da lanchonete. Estavam ali havia apenas uma semana, mas os quartos apertados estavam ficando cada vez menores para ela.

Se estava se sentindo trancafiada, sabia que era por culpa dela. Tinha só 17 anos e deveria estar na escola, mas obrigou o pai a entrar num acordo. Se ela viesse com ele para Prospect, ela o fez prometer que ele a deixaria pular o último ano e trabalhar na lanchonete. Se havia algo que a entediava mais que igreja era o colégio, e ela não gostava da ideia de começar uma vida social nova com um bando de crianças.

— De toda forma, não sou nem a melhor aluna do mês — lembrou ela a Cutt.

Ele se serviu de mais uma dose de bebida quando Dee disse isso.

— Não é bem isso que sua mãe ia querer se estivesse aqui — argumentou ele.

Dee espalhou as mãos sobre as coxas gorduchas e se obrigou a respirar fundo, mas não conseguia resistir a um sarcasmo.

— Bem, então acho que essa é uma boa razão para agradecermos por ela não estar.

Ela não viu a mão do pai atingi-la, mas a dor não era nada menor do que a que merecida. Cutt se levantou e saiu cambaleante do quarto, e eles nunca mais falaram sobre o assunto, nem mesmo quando partiram e passaram pela escola. Os alunos corriam para o portão antes de tocar o sino, excitados como um bando de cachorrinhos esganiçados com novos ossos.

Dee seria a primeira a admitir isso em Vermont, sua reputação não era das melhores. Na verdade, seu nome não havia apenas sido arrastado pela lama de sua antiga cidade, mas quimicamente se ligado a ela. E não apenas à pobre superfície do solo. Ela se referia a até lá no fundo, no leito de rocha, onde os vermes vivem.

Seu pai não tinha ideia de como ela costumava passar os fins de semana em casa, e ela sabe que lhe dar essa informação não mudaria muito sua atual qualidade de vida. Por toda a sua bebedeira

e palavreado grosseiro, tudo que Cutt queria, no fundo, era ser um bom servo de Deus, e ele esperava o mesmo de sua filha.

No entanto, a verdade é que Dee não era fácil porque queria. Parecia que acontecia naturalmente. Sua primeira vez foi numa festa quando tinha 15 anos, com Dylan White, um dos melhores zagueiros do último ano do colegial. Ele a levou para cima, pela mão, até um quarto vazio, deu-lhe doses de rum e, antes que percebesse, o doce líquido havia entrado em suas veias e deixado suas pernas bambas e seu coração mole.

— Venha, querida — sussurrou Dylan em sua clavícula, os quadris girando devagar sobre o colo de Dee. — Vamos. — Ele fez parecer que a estava convidando para um cruzeiro maravilhoso, com espetinhos de camarão à vontade e taças de champanhe. Dee era uma menina que gostava de aventuras, então ela o deixou deitá-la de costas na cama de travesseiros mofados e tirar as camadas de sua roupa uma a uma, até ela ficar rosa e nua, igual a um camarão fervendo.

Quatro minutos depois, eles haviam atracado, e, segundos depois, estavam em diferentes ilhas. Dee estava limpando com cuidado o sangue de suas coxas no escuro, perguntando-se se a dor não iria cessar nunca, e Dylan já estava na metade da escada, com a parte debaixo da camisa amarrotada na frente, como se tivesse acabado de destruir uma refeição de feriado.

Se Dee tivesse sido um tipo diferente de menina — uma animadora de torcida bem-educada ou a líder de um grupo estudantil —, ela teria descido a escada logo depois dele, teria-o encontrado bebendo avidamente cerveja na cozinha, e se grudado a ele como uma sarna, piscando para os amigos dele, mas também enfiando a ponta de suas unhas no braço dele até que todos no ambiente percebessem que eram um casal. Então, ela faria da vida dele um inferno até a formatura.

Porém, mais tarde, quando ela pensou sobre isso, percebeu que ainda estava fazendo tudo errado, mesmo na sua imaginação, e, por um único motivo, aquelas meninas jamais partiriam do jeito que ela fez. Elas seriam mais espertas. Além disso, tinham amigas. Se um menino como Dylan tivesse destrutado uma animadora de torcida,

toda a população feminina com menos de 20 anos ficaria sabendo em três dias que ele não apenas havia deixado a bola escapar da *end zone*, como também perdera completamente a trave.

Mas Dee deixara tudo isso para trás, da mesma forma que deixara o cheiro de seiva de pinho, seu senso de direção e os ossos da mãe. Quando seu pai virou o carro em direção à trilha sulcada até St. Agnes, Dee abriu a janela e deixou o ar salgado roçar levemente suas bochechas e fronte. O toque era suave, quase umectante, e ela sentiu falta dos dedos da mãe. Ela costumava acariciar a testa de Dee quando estava doente. Agora, Dee desejou que ela tivesse retribuído isso uma ou duas vezes mais, em vez de passar todo seu tempo com garotos que nem conseguiam lembrar seu nome. Ela fechou os olhos, segurou as lágrimas e, ao abri-los de novo, eles haviam chegado à menor igreja que ela já vira.

— Tem certeza de que este é o lugar certo? — perguntou ela, fora do carro e batendo a porta. O santuário era tão modesto que chegava a parecer abandonado. Apenas telhas alvejadas e algumas janelas arqueadas com vidros. Sem campanário, crucifixo, nada que lembrasse uma aparência sagrada, especialmente as extravagantes moitas de roseiras que sufocavam metade da parte inferior do prédio.

Quando entraram, não havia dúvida de que tinham encontrado o lugar certo. Havia dez filas de bancos parafusados a um piso de madeira, um altar simples de madeira com um crucifixo mais austero ainda e, ao longo de uma parede ao fundo, a imagem da Virgem Maria mais esquisita que Dee já vira.

— O que o senhor entende daquilo? — perguntou ela, já se dirigindo à imagem, mas seu pai agarrou-a pelo braço, empurrando-a para um banco vazio no fundo.

— Sente-se pelo menos uma vez na vida. A missa vai começar.

Ela se sentou no banco duro de madeira, ainda encarando a estranha

Virgem Maria. Dee não era conhecedora do assunto nem de nada do gênero, mas certamente não diria que aquela pintura era gloriosa. A Virgem não parecia uma mãe abençoada, segundo Dee, mas sim uma mulher mundana. Dava a impressão de haver muita

coisa errada com ela. Para começar, uma fila de anzóis e iscas estava pintada por toda bainha de seu vestido, e um único olho aberto na palma da mão direita, que se estendia para baixo como se tentando levantar as almas abatidas.

O traço mais impressionante da pintura, entretanto, era a falta dele, pois esta Virgem não tinha rosto, apenas um borrão vazio esculpido no reboco. Seus pés eram delicados e pintados com um par de chinelos antigos e, na frente deles, algumas poucas velas votivas bruxuleavam de modo anelante.

— Por favor, levantem-se — disse uma voz trêmula, e um padre velho começou a arrastar os pés pelo corredor, cantando um hino lento e dissonante.

— Vire-se para a frente — vociferou Cutt, mas Dee estava muito concentrada na Virgem para prestar-lhe atenção. Estava, naquele momento, tentando imaginar que tipo de rosto uma imagem como aquela teria. Na verdade, quando as portas se abriram num rompante e uma mulher de aparência extraordinária entrou, ela respondeu à pergunta de Dee sem dizer palavra.

Durante toda a missa, Dee não conseguiu tirar os olhos da mulher. Ela era interessante vista de trás, mas, de frente, Dee não sabia dizer se era bonita ou aterradora. Tinha os olhos verdes, queixo proeminente e a pele mais pálida que Dee já vira. Mas era o cabelo que marcava a sua presença, não apenas pela cor, que era de um vermelho profano, mas pelo modo como o enrolava num nó, com fios caindo e espetados com grampos como se a vida dela dependesse disso. Mulheres que não tinham nada a esconder não prendiam o cabelo para cima, Dee sabia.

Ela estava com o marido, que era bonito e obviamente rico. Parecia um pouco mais velho que a esposa (havia uma única faixa grisalha em todo o cabelo dele), mas não era tão velho a ponto de Dee não conseguir imaginá-lo segurando seu braço em vez do da mulher. Ele talvez tenha percebido os olhos dela nele, pois virou um

pouco a face e analisou de modo tão penetrante os quadris largos de Dee e o restante de seu corpo que ela corou 12 tons acima do normal e derrubou seu hinário.

— O que há de errado com você hoje, pelo amor de Deus? — perguntou seu pai, dando-lhe um beliscão, e o belo homem abafou uma risada, fazendo-a corar ainda mais. Durante o resto da missa, Dee obedeceu ao pai e manteve o olhar para a frente, mesmo que tivesse que fingir estar numa linha militar para fazer isso.

Depois de o ofegante padre velho proferir seu último amém, Cutt levantou Dee pelo braço para irem falar com ele. Seu nome era padre Flynn. Bem de perto, Dee viu que ele tinha um rosto abatido e generoso, e, de repente, ela se sentiu mal pela maneira maldosa com que antes o havia definido na sua imaginação.

— Cutt Pitman — disse o pai, estendendo-lhe a mão. — E esta é minha lamentável filha, Deirdre.

— Todos me chamam de Dee — falou ela, segurando a mão fina do padre, e ele lhe deu um sorriso. Ela notou quando a mulher de cabelos vermelhos hesitou por um instante diante da estranha pintura da Virgem, como se quisesse tocá-la, mas então deu uma fungada e se virou, juntando-se ao marido com olhos de raposa do outro lado da igreja.

— Quem é aquela mulher? — perguntou Dee quando o Sr. Weatherly se aproximou para participar da conversa.

Padre Flynn e o Sr. Weatherly seguiram seu olhar, ambos pareciam surpresos.

— Ora, aquela é Claire Gilly Turner — respondeu o padre. — Vocês ainda não encontraram a irmã dela, Jo? Pensei que ela já lhes tivesse trazido um pouco de sal.

Ao mencionar Jo, Cutt praticamente rosnou e enfiou as mãos nos bolsos.

— Vejo que já foram apresentados — disse o padre, de um jeito manso. — Sei que parece assustadora, foi queimada pelo fogo há alguns anos, mas não tem intenção de lhe fazer mal. Sua família produz o sal das salinas logo ali há várias gerações.

— Ela não vem à missa? — perguntou Dee.

Padre Flynn hesitou.

— Ela é... uma espécie de reclusa. Ela e a irmã não se dão bem.  
Dee olhou para Claire.

— E, posso entender por quê.

Sr. Weatherly suspirou.

— Parece que você já conhece um pouco da história. Claire e Joanna não se falam há quase treze anos. Foi Claire quem causou o fogo que queimou a irmã. Depois, quando se casou com Whit Turner, elas romperam de vez.

Dee se inclinou para a frente. A história estava ficando interessante.

— Por quê?

Padre Flynn pareceu incomodado, mas o Sr. Weatherly respondeu à pergunta rapidinho.

— Porque, há muito tempo, Whit Turner era apaixonado por Jo.

Dee recuou, tentando não sorrir como um gato em busca de leite. Se havia algo em que ela era boa, e isso Dee sabia, era descobrir quando alguém estava fingindo ser o que não era. Bastava um falsário para reconhecer outro. Seu pai a agarrou pelo cotovelo, mas Dee achou que deveria prosseguir com as perguntas enquanto estivesse obtendo sucesso.

— E o que aconteceu com aquela Virgem ali? Por que não tem rosto?

Sr. Weatherly pressionou a boca com força. De repente, ele não parecia mais tão amigável assim. Padre Flynn, aproveitando o gancho na conversa, respondeu:

— Ela também faz parte da história dos Gilly. As pessoas da cidade a chamam de "Nossa Senhora do Sal Perpétuo". — Seu rosto ficou sombrio, e ele cruzou as mãos. Dee queria saber sobre as iscas e o olho pintados, mas o padre parecia tão desanimado que ela não perguntou. Teve vontade de esticar os braços e abraçá-lo, ou qualquer outra coisa que se faz com as pessoas mais velhas quando ficam tristes. Ele respirou fundo e arrastou os pés, impaciente de súbito. — Foi um prazer conhecê-la, minha querida, mas, se me der licença, preciso conversar rapidamente uma coisa com os Turner.

Dee o observou se aproximar de Claire, analisando o jeito como ela lhe deu a mão apenas com as pontas dos dedos, e quis de novo

saber se talvez a Nossa Senhora tinha a alma libertina de uma ruiva. Somente quando já estava fora da igreja, Dee se deu conta de que o padre Flynn não havia respondido de fato à pergunta que não queria calar, o que acontecera com o rosto da Nossa Senhora, e isso dobrou sua curiosidade a respeito da história de sua nova cidade.

Era final de setembro, mas o clima estava tão ameno que Dee não precisou de seu casaco ao sair. Ela arregaçou as mangas da camisa, apreciando o sol aquecer seus antebraços à mostra. Era bom ter algo lhe tocando além de si mesma. Não sentia falta da fila de meninos ofegantes com a qual rompera, mas, de quando em quando, teria sido agradável ter companhia, nem que fosse de alguém para massagear seus pés ao final de um dia infernal na lanchonete.

A igreja ficava numa pequena península afastada da cidade, adiante na baía. Dee podia ver o mar aberto e ouvir ondas se quebrando. Havia dunas bem atrás da igreja, e ela teve vontade de chutar os sapatos, enfiar os dedos na areia e ver aonde seus pés a levariam. Os outros devotos já tinham todos ido embora, até Claire Gilly e seu belo marido. Padre Flynn fechara as portas de St. Agnes e desaparecera. As atividades no local estavam encerradas.

Dee se dirigiu ao pai.

— Vamos dar uma caminhada — sugeriu ela. Cutt ergueu o rosto, surpreso. Ele não costumava ser um homem de passeio. Quando ia a algum lugar, fazia-o da maneira mais direta possível, sem pausas fora do planejado. Ele hesitou, e Dee segurou a respiração.

— Não, vá você — respondeu ele. — Vou trabalhar no inventário.

Dee soltou um pouco o ar. A verdade é que não teria sido relaxante andar com o pai até a praia para um destino certo. Ela queria se demorar nas dunas e deixar a água gelada do oceano adormecer seus pés. Queria conhecer o mar com todos os seus sentidos — pele, língua —, da maneira que uma menina de verdade



faria, e não como uma miniatura de soldado se exercitando com o batalhão.

Ela ficou observando Cutt entrar no carro e se afastar devagar, sentindo o peito mais leve a cada centímetro de distância entre eles. Dee caminhou até o contorno da costa e viu uma praia muito similar à dos peregrinos: sem cor, salpicada de pedras, cujas ondas eram uma série de golpes punindo a terra. Ela suspirou, desapontada. No inverno, sem dúvida, a paisagem seria bem pior. A cor desfalecida que havia nas bolhas das algas marinhas e na areia cinza-amarronzada seria apagada sob uma manta molhada de neblina e chuvisco.

Perto dela, no final daquela ponta da praia, havia uma impressionante pilha de rochas caídas umas sobre as outras, como se gigantes tivessem jogado dados e depois se entediado. A terra se estendia até um ponto sobre o qual ficava a igreja. Então, na direção oposta, a praia se voltava para dentro e se estendia longa e vagarosamente até outro ponto ao longe, e terminava com dunas. Dee estava curiosa para saber o que havia do outro lado, então vestiu seu casaco e começou a descer devagar, os sapatos numa mão, as meias na outra, as dunas se erguendo gigantes à sua esquerda.

A praia era maior do que ela pensava. Seu senso de direção sempre foi meio esquisito, mas em Prospect ela perdera as esperanças de adivinhar quão longe uma coisa ficava da outra. Finalmente, chegou à outra extremidade da praia e escalou o conjunto de dunas mais distante. Seu pé não parava de afundar na areia, fazendo cada passo parecer seis, e suas coxas estavam com câimbras e ardiavam do exercício, mas era bom sentir aquela dor. Ao menos era uma distração das pontadas que ainda sentia no peito sempre que pensava em sua mãe deitada, tão magra e pálida, na cama.

Ela não tinha ideia do que encontraria no topo da montanha. Mais praias talvez, ou outra pilha enorme de rochas, ou ainda uma rodovia, mas percebeu que estava sobre a boca da salina de Jo Gilly. Um largo canal com água do mar a separava das dunas do outro lado. Ele fluía até algo que se parecia com um grande açude, de

onde o canal ficava mais estreito e alimentava açudes menores, para, em seguida, espalhar--se numa série confusa de valas e tanques quadrados separados por barragens feitas de terra. Dee achou aquela paisagem a mais estranha que já vira — ocupada, mas despovoada; organizada, mas desorganizada. Não parecia ser um lugar para seres humanos; parecia um lugar que fadas errantes tivessem construído.

Havia apenas duas construções ao longe. A mais próxima aparentava ser uma espécie de celeiro, galpão ou armazém. Não tinha uma aparência muito velha. Mas a segunda estrutura, na outra extremidade da salina, era antiga. Era claramente uma casa não muito grande, com uma varanda generosa e coberta com telhas de madeira, como tudo em Prospect. Tinha mais janelas que o celeiro, mas era tão sem graça quanto. A caminhonete vermelha de Joanna, malconservada, estava estacionada no lugar, mas não havia sinais de vida e, por isso Dee ficou um pouco contente. As cicatrizes de Joanna já haviam sido bem assustadoras de se ver no centro da cidade. Dee não queria ter de confrontá-las no meio do nada, sozinha.

Ela escalou até o topo das dunas, absorvendo a extensão de água na salina debaixo dela. Os açudes, que não passavam de cavidades rasas com lodo no fundo, eram das cores mais incomuns possíveis: violeta, ferrugem, verde-ferrugem, e em um dos açudes o sal era vermelho--sangue. Ela nunca vira nada igual.

Ficou um pouco mais quente quando Dee chegou ao nível da salina. As dunas bloqueavam o vento, e o ar era estranho ali embaixo, como se fosse mais pesado. A julgar pelas décadas de acúmulo de coisas velhas no lugar, a fazenda parecia não conhecer o significado da palavra inovação. Ela deu a volta no celeiro, certificando-se primeiro de que não havia ninguém no local. Forçou as portas duplas, que abriram facilmente, mas não teve coragem de entrar. Apenas deu uma rápida olhada nas sombras, no equipamento, e sentiu uma rajada de ar surpreendentemente seco. Inspirou pelo nariz e sentiu a garganta formigar e queimar, então, rapidamente, fechou a porta.

Na outra ponta do celeiro, o lado que ela não conseguia ver das dunas, percebeu que havia um pequeno cemitério — nada comparado ao cemitério formal com portões onde enterraram a sua mãe, mas algumas velhas lápides, de diferentes materiais e tamanhos, meio escondidas pelos juncos e grama da salina. Curiosa, ela caminhou até elas.

Havia quatro delas dispostas no que parecia ser um semicírculo e todas davam a impressão de pertencer a meninos e homens. *Aqui jaz Lyford Gilly, Eterno Marido de Hephzibah*, lia-se na primeira lápide, em letras austeras sobre um granito bruto. *1839. Silas Gilly, Amado Filho, Amada Criança, Agora Anjo*, lia-se na segunda, mas não havia data nela. A terceira era apenas um quadrado de mármore, mas as letras esculpidas eram tão cheias de arabescos que Dee teve dificuldade para identificá-las sob a luz do sol tão direta. *Simms Mason Gilly morreu corajosamente numa batalha, 1918*, dizia. *Aqui jazem seus restos. Que o ferido encontre paz eterna*. O último túmulo — outro pedaço de granito, mas polido e mais fino que o primeiro — era o mais recente. *Henry Silas Gilly*, dizia. *1942-1950. Terra à terra, poeira à poeira, entregue ao sal para sempre*. Dee tremeu. Sobre a sepultura havia uma pequena pilha do sal cor de sangue que ela vira antes.

De repente, ela escutou uma batida ao longe. Deu um salto e olhou sobre os ombros na direção da casa da fazenda: era Joanna Gilly, descendo mancando os degraus da varanda, e não parecia feliz. Dee se levantou e começou a andar de volta para as dunas. De repente, viu uma abertura no gramado onde a trilha de areia ziguezagueava até um destino incerto. Ela não conseguira visualizá-la da praia, mas supôs que deveria ser a mesma trilha que levava à cidade e passava pela igreja. Provavelmente, era paralela à praia de Drake, do outro lado das dunas. Pelo menos ela assim esperava, pois pulou da moita de juncos e saiu em disparada em direção do que parecia agora o menor dos males: o pai, a lanchonete e as paisagens cinzentas de Prospect.

Na manhã seguinte, uma espécie de som estranho e urgente a despertou antes do amanhecer. Era algo parecido com um martelo ou um tambor, o qual não conseguia decifrar, meio sonolenta que estava. Sentou-se na cama e abriu as cortinas bem a tempo de ver um enorme cavalo branco passar com uma mulher de cabelo ruivo, agarrada em sua garupa. Dee deixou escapar um grito e se afastou da janela, embora não soubesse dizer por quê. Claire não conseguiria vê-la mesmo que se desse ao trabalho de olhar para cima, o que ela claramente não fez. Estava muito curvada sobre o pescoço do cavalo, seu cabelo preso numa trança frouxa, vestindo apenas um par de culotes e uma camisa fina. Havia uma leve névoa caindo, e, tão logo surgiram, Claire e seu cavalo desapareceram de novo névoa adentro, e a rua ficou outra vez em silêncio. Dee tremeu e largou a cortina.

Ela não contou nada do que vira ao pai enquanto preparavam a refeição na lanchonete naquela manhã, mas a lembrança da aparição a deixou distraída e a fez quebrar duas xícaras de café antes mesmo de abrirem as portas do estabelecimento. Na segunda vez, um pedaço de vidro cortou-lhe o dedo e acabou sangrando muito, manchando todo o avental. A cor lhe lembrava o estranho sal vermelho que vira na salina de Jo, e ela quase desmaiou, mas seu pai pôs um ponto final àquilo. Ele bateu um punhado de guardanapos sobre o balcão e fez sinal para que ela os pegasse.

— Que diabo, Dee, acabou de desperdiçar um dólar e meio antes mesmo de ter destrancado o caixa. — Ele suspirou. — Suba e veja se Timothy Weatherly precisa de alguma ajuda para arrumar a privada. Você é um perigo aqui embaixo.

Ela desamarrou o avental e o deixou no canto, dando a volta por seu pai da mesma forma que evitaria um urso com espinhos nas patas. No fundo, ela não se importava nem um pouco de ser banida para o banheiro com água pingando, onde estava o Sr. Weatherly. Ele, pelo menos, não poderia chamá-la de garota inútil. Na verdade, conseguir arrancar qualquer fala dele era como tentar pedalar uma bicicleta sobre o cascalho. Ele respondia às perguntas de modo bem civilizado, reparou Dee, mas usava a mínima quantidade de palavras possível.

Ele olhou para Dee quando ela entrou no pequeno banheiro e, depois, para sua caixa de ferramentas.

— Me dê aquela ferramenta — disse ele, apontando com o queixo para as ferramentas. — Não, essa não. A grande.

Ela a entregou para ele e ficou observando-o remendar os canos.

— Vi uma coisa estranha esta manhã — disse ela, por fim. Sr. Weatherly torceu com força o encanamento, mas não respondeu, então ela prosseguiu. — Vi Claire Turner andando em seu cavalo bem no meio da rua. Era quase um sonho. Ela veio do nada e depois desapareceu de novo. Ela sempre faz isso?

Sr. Weatherly estendeu a ferramenta, e Dee pegou-a dele. Ele apanhou um trapo que estava ao seu lado e enxugou as palmas da mão, mas nada respondeu.

— Agora, o alicate — disse ele. Dee vasculhou na caixa de ferramentas, encontrou-o, agachou-se em seus calcanhares e envolveu os joelhos com os braços. Conversar com o Sr. Weatherly era quase tão prazeroso quanto conversar consigo mesma, pensou ela, ou seja, não muito.

— Caminhei até a Fazenda Salt Creek ontem — murmurou. — É sem dúvida um lugar estranho. Por que o sal é vermelho naquele único açude, e por que tem todos aqueles túmulos? — Ela enrugou a testa.

Sr. Weatherly parou de mexer com o alicate e encarou Dee com seu olhar empedernido.

— Você disse que andou até a salina. Você não disse que desceu até lá.

Para alguém que não respondia a nada do que ela dizia, pensou Dee, Sr. Weatherly certamente parecia prestar muita atenção nos mínimos detalhes. Ela deu de ombros.

— E daí?

— Quem lhe disse para ir lá? Jo a convidou?

Dee se lembrou do andar cambaleante de Jo quando desceu os degraus da varanda da casa da fazenda. A mulher tinha apenas um olho bom, sabia Dee, mas que aparentava ser de vista bem aguda. Dee corou e fez que não com a cabeça.

— Não. Ninguém me convidou.

Sr. Weatherly pegou o alicate de novo e voltou a trabalhar na privada. Ele se levantou e se inclinou sobre o vaso, e, embora Dee não pudesse ver seu rosto, as palavras soaram bem claras.

— Fique longe daquela salina se sabe o que é bom para você. E diga ao seu pai que pare de ser tão cabeça-dura e compre agora mesmo um pouco daquele maldito sal. Este lugar não vai ver um centavo até que vocês façam isso, e talvez até solucione todos os problemas que estão tendo com esses canos.

Dee o encarou com os olhos bem abertos, seu dedo ainda sangrando.

— Então é verdade? O sal de Gilly pode realmente amaldiçoar nossa lanchonete se não o comprarmos?

Sr. Weatherly olhou-a como se fosse uma idiota, uma classificação que o pai confirmaria, suspeitou Dee.

— Por Deus — disse ele, de modo arrastado. — A coisa não é assim tóxica, independentemente das besteiras que declara Claire

Gilly em voz alta. Apenas sugiro que vocês lavem o encanamento com um pouco de salmoura, só isso. Faz milagres. — E, antes que Dee pudesse dizer qualquer coisa, ele recolheu suas ferramentas e desceu até a cozinha da lanchonete para dar uma olhada na torneira que pingava, deixando-a com seu dedo sangrando, curando as feridas sozinha.

Dee desviou os olhos quando contou ao pai o que lhe dissera o Sr. Weatherly sobre comprar o sal de Joanna Gilly. Ele parou, o rosto tomando uma cor rosa-claro, e, por fim, colocou a mão sobre o balcão e disse:

— Tudo bem. Na próxima vez em que ela aparecer por aqui, nós vamos comprar seu maldito sal. Mas você faz isso. Há algo naquela mulher que me causa repulsa.

Dee não precisou esperar muito. Jo apareceu na tarde seguinte, com a caminhonete estrondeando e engasgando até parar na frente da lanchonete vazia. Quando Cutt a escutou, seu rosto corou outra

vez, e ele entregou um maço de notas para a filha; em seguida, entrou na despensa pisando duro, onde ela sabia que o pai guardava uma garrafa de bebida para se livrar de situações como aquela. A campainha acima da porta soou ao entrar Jo. O olho direito de Jo podia ser de vidro, mas o esquerdo era perfeito, e ela logo analisou Dee, que segurou a respiração e tentou parecer ocupada com os potes de ketchup enquanto Joanna deslizava pelo balcão três saquinhos de juta contendo sal.

— Já está pronta para comprá-lo, menina?

Dee bateu o bolso de seu avental para se certificar de que ainda tinha o dinheiro que o pai lhe entregara. Sem dizer nada, ela respondeu que sim com a cabeça. Joanna sorriu, ou pelo menos era isso que Dee supôs que sua boca estivesse fazendo. Era difícil dizer.

— Bom. Sabia que iriam mudar de opinião. Isso deve bastar por algumas semanas. Coloque um pouco sobre cada uma das mesas, e o lugar vai ficar cheio logo.

Dee se perguntava se Jo mencionaria sua bisbilhotice pela salina. Ela havia fugido antes de Jo se aproximar, mas Dee tinha certeza de que Jo sabia que era ela. Ela entregou sem jeito o maço de notas, tentando controlar o tremor das mãos. Ela nem mesmo as contou. Mas Jo sim, e devolveu a Dee um terço delas.

— Sal não custa tudo isso, querida — disse ela. — Nem mesmo o meu. — Dee dobrou o dinheiro de volta no bolso. Ela o pegaria para si, estava decidida. Seria sua comissão por ter sido obrigada a conduzir essa transação.

Jo a observou de perto.

— Você vai colocar esse dinheiro de volta no caixa, não vai?

Dee sentiu que sua face estava quente. Começava a acreditar que as pessoas da cidade talvez tivessem certa razão quanto a Joana Gilly. Havia algo irritante nela.

— Claro — respondeu, tirando a mão do bolso.

Jo balançou a cabeça.

— Imaginei mesmo. Boa menina.

Dee resmungou. Se havia algo que detestava mais do que ser pega em flagrante, era ser chamada de criança. Toda a sua vida, ela teve feições arredondadas e gorduchas, que inspiravam as senhoras

a apertarem suas bochechas e os meninos a agarrarem seu traseiro. Simplesmente não tinha a aparência que as pessoas levavam a sério.

Dee, então, levantou os sacos de sal, que lhe pareceram mais pesados e cheios de ondulações do que pensara. Jo a observou abrir um saco e enfiar o dedo dentro. A substância era áspera e cinzenta, como cascalho moído com quartzo. Lembrava a Dee a poeira de rocha das minas na sua cidade. Ela levou o dedo à boca, chupou o sal na língua, e foi varrida por uma onda de saudades de tudo que havia deixado para trás nas Montanhas Verdes: a lembrança da mãe, seu quarto de criança com as cortinas de poás, o lago em forma de coração onde aprendera a nadar. Fechou os olhos com força para que as lágrimas não se derramassem.

— Esse gosto me leva de volta a algum lugar — disse, com a voz abafada.

A voz de Joanna estava empedernida como o sal.

— Todos dizem isso.

Dee abriu os olhos.

— O quê?

Jo resmungou.

— Todos fazem essa mesma pergunta. Como posso saber? Foi você quem o colocou na boca, responda por si própria. — E antes que Dee pudesse lhe perguntar qualquer coisa, Jo havia saído rapidamente pela porta da lanchonete, batendo-a com tanta força que abafou o som da pequena campainha.



# 3

Se CLAIRE TURNER ODIAVA O SAL, ela tinha suas razões. Até onde se lembrava, ele lhe roubara o que tinha de mais precioso na vida: a atenção da mãe e o tempo de sua irmã mais velha. Levava-lhe o irmão e o pai. Na verdade, sua primeira recordação, propriamente dita, era a cor branca, mas não um branco simples e pacífico. Referia-se a um branco quente como o rabo de um foguete ou as borbulhas de um ovo fritando. Um branco que era tão espumoso, que ela o desejava intensamente, mesmo quando sabia que não poderia tê-lo.

Ela deveria ter 4 anos. Estava de pé na salina, encarando a água. Era alto verão e meio-dia, os cristais de sal brilhavam puros e intensos. Na extremidade final da propriedade — na época em que ela parecia um passarinho vagueando —, Claire pôde ver Jo passando uma longa pá de madeira na superfície de um dos tanques, e tinha aos pés uma vasilha de madeira.

As fileiras dos açudes rasos pela evaporação pareciam túmulos para ela, Claire se lembrava: bolsões de minerais mortos, que congelavam no inverno, tornavam-se alagadiços no verão e eram totalmente indetermináveis na primavera. Ela gostava apenas das águas que caíam, se agitavam, águas que eram livres. Seu divertimento favorito era se permitir correr na praia Drake, mergulhando os dedos nas espumas geladas do Atlântico, e gritar quando a água do oceano gorgolejava em seus tornozelos. Adorava encher um balde com todo o tipo de criatura marinha que havia arrancado das pedras. Era fascinada por sua biologia discrepante — quanto mais fino, melhor.

Naquele dia, fazia muito calor. Claire pegou um cristal de rocha do chão e o arremessou no açude à sua frente, formando ondas sob a fina crosta de sal e o molhando, algo que nunca deveria fazer, pois aquele produto era precioso. Ele se formava apenas em algumas semanas do ano e, embora estivesse ali, elas tinham de fazê-lo

render o máximo. A mãe e a irmã de Claire trabalhavam longas horas puxando aqueles cristais com seus arados, os rostos ficavam avermelhados sob as abas do chapéu, as mãos enrugavam dentro das luvas, o suor secava em largos anéis ao longo das costas. Claire era pequena demais para suar, mas, mesmo assim, sua pele estava melada naquele dia. Nos melhores dias da produção de sal, todos ficavam melados, o ar era muito quente e denso, caminhar sob ele era como atravessar o lodo.

Mas então ela quis sua pedra de volta e deu um rápida olhada nos açudes, onde estava a irmã. Mais sério do que jogar coisas nos tanques era pisar ou tocar em um deles, afundando o sal e o poluindo. Mas Claire não se importava. Esperando que a lama de argila grudasse na ponta de seus dedos, ela se agachou e esticou o corpo para a frente até a palma da mão quase tocar a superfície. Estava prestes a mergulhar a mão dentro do tanque quando ouviu um grito agudo. A princípio, pensou se tratar das detestáveis gaivotas, mas depois reconheceu que era a mãe. Antes que Claire entendesse o que estava acontecendo, a mãe estava em cima dela.

— Menina maldita! — berrava ela, chacoalhando a filha com toda força.

Do outro lado da salina, Claire viu Jo se virar na sua direção e largar o rastelo de madeira.

— Mamãe! — gritou ela. Sua voz não era ainda tão grave. — Pare, mamãe! — Jo estava correndo, pulando pela delicada rede de barragens de barro, mas já era tarde demais. A mãe havia arrastado Claire até seus pés e começado a espancá-la nas pernas, nos ombros, no pescoço e na face. Era como ser picada por um milhão de abelhas ferozes. Claire levou os braços sobre a cabeça.

— Mamãe, calma. — Jo havia chegado. Naquela época, ela já tinha a altura da mãe, mas era mais morena. Por outro lado, Claire era o reflexo da mãe: clara, ruiva e com o mesmo queixo obstinado que algumas pessoas na cidade diziam que a impediria de ser bonita, enquanto outros diziam que era um sinal de caráter. Tão súbito como começou, a mãe parou de esmurrar Claire. Ela levou o punho à boca e emitiu uma voz estrangulada, um nome, na verdade — *Henry*.

— Claire. — Joanna se agachou até ficar cara a cara com a irmã, as mãos grandes abertas como uma estrela-do-mar sobre os ombros de Claire. — Nunca mais entre nos açudes. Está entendendo?

Claire respondeu que sim com a cabeça e fingiu estar escutando, mas na verdade estava concentrada na rebentação das ondas ao longe. Não havia nada que ela desejasse naquela salina, percebeu. Nada mesmo. Havia tão pouco que almejava de fato que chegava a invejar o pai ausente, pois ele conseguira a maior das façanhas: fugir.

Ao longo dos 13 anos que se seguiram, Claire sonhou com isso também. Desejava apenas os sinais da inexistência: uma cama vazia, um armário sem nada, uma mala pronta para partir. Não se interessava pelas questões comuns, como a íris florescendo sob sua janela na primavera, ou a comida que a mãe servia nos pratos à sua frente, ou a expansão de seus quadris e seios, que começavam a aparecer. Não buscava amigos nem festas, salvo se pudesse ser a estrela. Sobretudo, ela não desejava o amor, ao menos não até ser pega de surpresa, fazendo com que a ganância abrisse nela uma lacuna tão profunda que se tornou uma ladra apenas para preenchê-la.

CLAIRE PODE TER SIDO afastada de Jo, mas as duas ainda eram da mesma família, isso ela era obrigada a admitir, do mesmo pedaço de trapo, gostasse ela ou não, mesmo que as feições de Jo fossem um pouco diferentes das suas. Foi por essa razão que, quando Cutt Pitman abriu a lanchonete, Claire não se surpreendeu ao encontrar pratinhos de sal no centro de todas as mesas. De certa forma, Claire estava secretamente contente. Mesmo que ela desejasse, Jo nunca poderia ser ignorada.

Quando adulta, a aversão de Claire pela substância mais marcante de sua infância havia ficado ainda maior. Quando jovem, Claire se sentia indefesa diante do produto, mas, enquanto esposa de Whit, o jogo havia virado em sua vida. Se o sal a desagradava,

ela sabia que poderia persuadir outras pessoas a se livrarem dele também. Mas ódio gera ódio e tristeza traz mais tristeza, e com o sal não era diferente. Desde o princípio, Claire tinha fastio ao assunto, mas ao longo de sua vida de casada, com o acúmulo de tristezas, ela começou a temer o sal e não mais apenas desgostar dele.

Ela nunca planejara conscientemente sugerir à cidade que o sal era maculado. A tática lhe ocorrera durante um surto de irritação, um dia depois que ela e Whit haviam retornado da lua de mel. Claire acordara feliz naquela manhã, esticando-se suntuosamente em sua cama de casal com colcha de seda e travesseiros de renda. Depois de se vestir, caminhou até Plover Hill e foi até a lojinha de Herman Upton.

— Olá, Claire -quer — cantarolou ele quando ela entrou pela porta e corou ao ver o enorme anel de família em seu dedo esquerdo, o anel de Ida. — Nossa, é tão difícil de acreditar que já esteja adulta — gaguejou, mexendo no colarinho, meio sem jeito. — Como foi a lua de mel?

— Maravilhosa — disse Claire e abriu um sorriso afetado. — Estou aqui para abrir uma conta.

O rosto do Sr. Upton se iluminou, e ele se inclinou para pegar o livro de registros.

— Claro. — Colocou o livro sobre o balcão. — A Senhora Turner, quero dizer, Ida, tinha uma também, e ainda a temos. Por que apenas não trocamos seu nome com o dela?

Claire franziu a testa.

— Gostaria de ter a minha própria conta, muito obrigada.

Sr. Upton parou e a examinou sobre os óculos. Por um instante, seus olhos pareceram quase arrependidos, pensou Claire, então ele se ocupou de virar as páginas.

— Claro — respondeu ele. — Certamente.

Estava frio dentro da loja, então Claire cruzou os braços na frente do corpo e olhou os itens na prateleira. Em toda a sua volta havia produtos que passara a vida consumindo. Batatas em caixa. Pimentões enlatados quando podiam ostentar. Flocos de sabão que a mãe usava tanto para lavar roupas como louça. E, claro, sacos do sal

da família, amontoados na frente e no meio da loja, como uma fila de mendigos impertinentes. Claire lançou um olhar zangado.

— Basta assinar aqui — disse o Sr. Upton, apontando para um lugar vazio na parte inferior da página. — Podemos mandar a fatura para Whit?

— Sim, tudo bem. — Claire rabiscou seu nome, a mão ainda incerta das ondulações e linhas de seu nome de casada. Uma vez mais, percebeu os olhos do Sr. Upton sobre o anel em sua mão esquerda. Os diamantes pareciam grandes demais nela, e ela sabia disso, era uma menina local de 19 anos. Ela fungou e escondeu a mão atrás do corpo, apontando para a prateleira na frente da loja com a direita.

— Se o senhor soubesse do que é feita aquela coisa — disse ela, os pensamentos lançando as palavras à frente de sua boca —, jamais a exporia na frente da loja desse jeito.

Sr. Upton empalideceu e pareceu nervoso. Ele nunca se sentira confortável com o sal, apenas se acostumara com ele.

— O que quer dizer? — perguntou ele e engoliu seco.

Claire brincou com a ponta de seus longos cabelos ruivos. Ela podia ser uma mulher casada, mas ainda usava o cabelo como uma menina. O efeito deve ter desconcertado o Sr. Upton, que conhecia Claire desde bebê, e ela sabia muito bem disso. Claire tremulou as sobrancelhas.

— Nunca disse nada até agora, mas digamos apenas que eu vi o sal corroer metal ao longo de uma estação. Odiaria pensar — e então deu de ombros de forma manhosa — no que pode ter chegado para a terra da fazenda Salt Creek. O senhor já viu o monte de coisas velhas que tem lá, sem falar nos túmulos da família. — Claire apontou para os sacos, inclinou-se para a frente e baixou a voz. — O que o senhor acha que faz o sal de meu irmão ficar tão vermelho?

Os olhos do Sr. Upton seguiram os dedos dela até os sacos.

— Mas... mas — gaguejou ele — eles precisam ficar ali. Você sabe disso.

Claire sorriu e brincou com o anel.

— Precisam? Talvez o senhor queira usar aquele lugar para outros itens mais caros, por exemplo. Agora que sou uma Turner, aposto que gastarei mais dinheiro do qualquer um nesta loja. Talvez o senhor queira agradecer a sua melhor cliente.

Ela ficou observando o pobre Sr. Upton empalidecer, depois tremer, para, enfim, ceder; os ombros estreitos caíam para a frente quando caminhou até a prateleira e começou a tirar de lá os saquinhos de juta. Ele segurou cada um com muito cuidado na palma da mão, a barriga dos sacos inchada, então os colocou num lugar escondido, mais embaixo na prateleira.

— Talvez esses caibam aqui — disse ele. — Acho que cabem. Talvez não fosse má ideia ter algum outro tipo de sal de quando em quando.

— Assim é melhor, não é? — perguntou Claire, toda radiante outra vez. — Volto daqui a alguns dias, não tenho nada para comprar hoje.

— E saiu afetada porta afora. — Sou uma Turner de verdade agora, pensou ela, pois poderia comprar toda a loja se quisesse. A ideia foi tão hilariante que ela ficou atordoada e quase teve de se segurar no batente da porta para não cair.

As meninas que a incomodaram durante todo o ginásio por causa das roupas manchadas de trabalhar, que usava para ir à escola, a veriam agora apenas em sedas e caxemiras, pensou Claire. Os meninos que a chamavam de bruxa e que agora tinham empregos na garagem e no posto de gasolina de Moe, no clube de campo em Wellfleet, como gerentes da loja de departamento em Hyannis, seriam obrigados a chamá-la de madame, e as velhas senhoras que fofocaram sobre seus cabelos ruivos viriam até ela implorar doações para sua caridade. Até o padre Flynn, que a ensinara o catecismo e lhe dera a primeira comunhão, teria de beijar sua mão aos domingos e esperar que ela se sentasse antes de começar a missa, da mesma forma que sempre fizera com Ida.

E, assim como a sogra, Claire assumiria o lugar da abelha rainha da cidade, esvoaçando de lá para cá — no clube, em reuniões de caridade —, sinalizando em todos os lugares que o sal que as mulheres davam para as crianças gargarejarem quando elas

estavam gripadas, ou que salpicavam nos guisados dos maridos talvez não fosse tão bom para eles, na verdade, talvez ele estivesse envenenando-os desde o início.

Melhor de tudo, ela jamais seria obrigada a tocar naquela coisa se não a agradava, e não a agradava, nem mesmo um pouco. Claire sabia que a mãe havia coagido o Sr. Upton a estocá-lo para começo de conversa. A mãe costumava lhe contar a história sobre ele antes de Claire dormir, de como o Sr. Upton a princípio o havia recusado e depois perdido seus clientes antes de notar que sua carne ficava rançosa inexplicavelmente e seus produtos se estragavam.

— Quando se é contra o sal — dizia a mãe entre o amontoado de dentes amarelados —, ele se vira contra você. Lembre-se disso, menina. — Claire ficava olhando a mãe alisar as cobertas, suas mãos parecendo duas aranhas brancas, e ela tremia tanto que a mãe tinha que cobri-la ainda mais.

Foi então que Claire decidiu que não queria ter nada a ver com o sal nem com sua influência agourenta, ou será que isso havia acontecido mais tarde, depois do casamento e de várias perdas consecutivas que fizeram até mesmo com que ela se tornasse uma crente no destino? Ela supôs que, quando se casasse com Whit, isso não teria mais tanta importância. Ela já havia feito as piores coisas que se podia imaginar. Incendiou o celeiro com uma descuidada pancada do pulso, mudando para sempre a vida da irmã; depois, abandonou Jo e a mãe. Mais terrível de tudo, entretanto, foram os pecados que cometeu em nome do amor. Arrancara o menino que amava do coração e disse a si mesma que era para o bem de todos.

O pecado fazia isso com o indivíduo: possibilitava à pessoa se destruir em pedaços, cada um mais singular e mais distante que o outro. Claire abandonara a fazenda, era verdade, e não parou aí. Casou-se com Whit Turner, mas não o fez por amor e afeição, mas por desejo puro e simples, e depois fez questão de que toda Prospect ficasse tão sedenta quanto ela.

Graças aos rumores de Claire, o Sr. Upton de repente teve dificuldade para pegar o sal dos Gilly. Quase imediatamente, moscas começaram e sobrevoar a carne. Ao final do mês, ele tinha em seu estoque apenas produtos desidratados e estava entristecido e

corcunda, e, quando Jo entrava, esperando fechar uma venda, ele simplesmente acenava as mãos cansadas com resignação.

— Esta semana não — dizia ele, empurrando-a porta afora. — Quem sabe logo mais.

O Sr. Hopper tirou as vasilhas de sal de sua lanchonete a pedido dos moradores da cidade, que se viram, de repente, preocupados com o consumo de sódio, e depois de algumas estações, mesmo diante da promessa de refeições pela metade do preço, ele não conseguiu atraí-los de volta para aquele lugar. Cada vez que um negócio falia, outra dona de casa bania o sal de suas portas.

Apenas lá embaixo, no porto, o sal ainda fluía. Sem ele, os diques teriam congelado tanto que ninguém poderia andar sobre eles e os peixes estragariam no mar antes que os homens pudessem vendê-los. Seguindo a conduta de Chet Stone e de seu obstinado irmão, Merrett, os barcos compravam algumas caixas extras todo mês, mantendo Jo e o restante da cidade a salvo.

— Alguém tem que usar o negócio para manter a sorte fluindo — Chet deu de ombros quando Jo tentou agradecê-lo. — Se ninguém mais fizer isso, podemos ser nós mesmos.

A leniência dos pescadores irritou Claire quando ficou sabendo da história. Ela não conseguia entender a atração que a salina exercia sobre eles. Ora, até Whit era obcecado pelo lugar e perguntava-lhe, de tempos em tempos, se a mãe havia deixado um testamento e se ela havia sido incluída nele. E, então, quando a mãe morreu, Claire não havia completado nem um ano de casada e Whit ficou furioso ao descobrir que toda a fazenda pertencia a Jo!

— E daí? — perguntou Claire. — Você me tirou da salina, lembra-se? Por que de repente a quer?

Não lhe agradou a resposta que ele deu. Tampouco ela gostou, ao longo dos meses que se seguiram, das várias ofertas que ele fez a Jo para comprar o lugar. Cada vez que a irmã recusava, Claire ficava secretamente aliviada, pois o ônus da salina ela não estava disposta a carregar. Ela juraria que a salina estava afundando um pouco a cada dia, e isso não era um problema para ela. De maneira alguma, na verdade. Se ela não podia destruir o lugar com as próprias mãos, percebeu Claire, ela o assistiria escorregar para as



entranhas da terra por volição própria, e, se o momento de dar um empurrão chegasse, ela estaria bem ali, pronta, esperando.

## 4

NA MANHÃ DEPOIS QUE JOANNA GILLY entregou o sal, Dee distribuiu pequenas porções dele (uma por mesa e algumas no balcão) à maneira que Jo lhe dissera para fazer. Quando estava terminando de arrumar a última, enfiou o dedo nos grãos e o levou à língua, onde chiaram, enviando pequenas chispas para o cérebro, despertando-a e fazendo-a sonhar ao mesmo tempo. Quando seu pai não estava olhando, Dee salpicava um pouco do sal sobre as batatas que ele havia fritado para o almoço. Ele não parecia notar, embora tenha suspeitado, mas o Sr. Weatherly piscou para Dee em sinal de aprovação.

— Vejo que seguiu meu conselho e comprou o sal de Jo Gilly — disse ele. — Muito bom. Claire há anos diz que é impuro, já assustou quase toda a cidade com isso, mas nunca encontrei nenhuma evidência de ele ser ruim. As coisas vão melhorar agora. Vai ver. Talvez demore um ou dois dias, mas as pessoas vão começar a aparecer por aqui, com certeza, mesmo que nem toquem no sal.

Ele enxugou seus longos dedos com um lenço limpo. Estava terminando o conserto das telhas do lado de fora, mas, por dentro, a lanchonete já tinha outra aparência. Cutt conservou o piso de linóleo preto e branco e as cadeiras e os banquinhos de couro marrom, mas escureceu com verniz os rodapés e as molduras das janelas, clareou os lambris com tinta creme e pendurou vários quadros de barcos que conseguira baratos num motel que estava fechando perto de Wellfleet.

Ele e Dee haviam visitado um ferro-velho, onde encontraram uns lustres de latão, boias de vidro e algumas redes de pesca. As bolas de vidro pareceram a Dee assombradas e misteriosas, como a bola de cristal da cartomante. Ela as rolou com cuidado para dentro do porta--malas do carro, firmando-as com uma rede, e se perguntou como seria o seu futuro. Tudo à sua volta era lento e aberto — as faixas de areia das praias, quilômetros de dunas e, claro, o próprio

mar. Aquele era um lugar onde Dee não conseguiria prever seu futuro, nem se tentasse. Seria assoprado com o vento que se aproximava.

Ela tremeu e olhou através das enormes janelas da lanchonete. O vento ficava a cada dia um pouco mais frio. Naquela tarde, ele arrancara algumas folhas das poucas árvores da cidade e as estava carregando para todos os lados, como fazem os gatos atrás dos ratos, de maneira cansativa e cruel. A parte fina e avermelhada das folhas era praticamente a única cor na paisagem. Dee podia imaginar como aquele lugar ficaria triste na baixa estação. Em Vermont, os dias de inverno costumavam ser tão azuis e brilhantes que o céu chegava a vibrar. As pessoas tiravam do armário seus esquis, criancinhas andavam de trenó e havia um carnaval de inverno com chocolate quente, guerras de bola de neve e competições de hóquei no gelo. Dee não conseguia imaginar o que as pessoas faziam para se distrair na úmida e macilenta Prospect. Deprimida, ela se debruçou sobre o balcão e apoiou o garfo ao lado do prato.

— Então — perguntou ela ao Sr. Weatherly, com a boca cheia de batata frita —, o que as pessoas fazem aqui para se divertir no inverno?

O Sr. Weatherly olhou zangado para ela, e ocorreu a Dee que, provavelmente, estivesse perguntando à pessoa errada, pois ele era tão cerimonioso e excêntrico que ela apostaria que não devia se divertir desde a juventude. Era bem provável que crescera indo a bailes de rock no ginásio da escola, dançando da maneira antiga, em pares de meninos e meninas. Mas ninguém mais fazia isso, pelo menos não em Vermont. A moda eram luzes refletindo em um globo espelhado e batidas de discoteca. O Sr. Weatherly enxugou com um guardanapo os lábios finos.

— Você está perguntando sobre a fogueira da véspera de dezembro? — Dee respondeu que achava que sim. O Sr. Weatherly amassou o guardanapo. — Fazemos uma fogueira no dia 30 de novembro. A cidade inteira vai. É isso.

Dee suspirou e raspou o ketchup de seu prato com o garfo.

— Onde é? — As vezes, quando conseguia que o Sr. Weatherly falasse, ele revelava informações interessantes. Mas nunca as desenvolvia. Apenas falava e ficava observando ela se esforçar para dar sentido ao que havia dito.

— Tapperfs Green.

Dee visualizou o grande círculo de grama escura que havia visto no seu primeiro dia na cidade. Ela não conseguia imaginar ficar de pé em volta dele, no vento e na neve.

— Claire e Jo vão? — perguntou ela, e o Sr. Weatherly puxou a aba do boné.

— Costumavam ir — respondeu ele por fim, desviando seus olhos dos de Dee —, mas nunca ficavam. — Dee reparou que, sempre que fazia perguntas sobre as irmãs Gilly, ele demorava um pouco mais para responder, como se ponderasse as palavras em sua cabeça.

Nesse momento, a campainha acima da porta principal da lanchonete soou e um bando de mulheres tagarelas entrou, rindo porque o vento havia levantado as saias delas por todos os lados. Dee pulou de seu banquinho e colocou o prato na pia, ajeitando o avental no corpo.

— Papai, temos fregueses — gritou ela. Os primeiros clientes. Não tinha importância se o sal não estava dando certo. Dee pegou um monte de menus plastificados e se dirigiu às mulheres, mas logo parou. Talvez o sal estivesse dando certo demais, pensou ela, pois à sua frente estava ninguém menos do que Claire Gilly Turner: cabelos ruivos como os de uma raposa, enrolada num casaco escarlate, e, a julgar por sua aparência, sem disposição alguma para ter a maltrapilha Dee a servindo.

DEE CONDUZIU O GRUPO de mulheres — eram cinco no total — para uma mesa de canto e lhes entregou os menus, enquanto as mulheres grasnavam sobre um comitê da cidade do qual todas faziam parte. Algo para a biblioteca, era o que parecia. Dee reparou que as mulheres esperaram Claire para tirar os seus casacos e para

se sentar à mesa. Todas, menos Claire, aceitaram o menu. Quando Claire dispensou o seu, fazendo um sinal entediado com a ponta da mão, Dee notou uma pequena agitação de pânico em volta da mesa. Uma das senhoras bateu o seu menu na mesa, e a outra apenas o devolveu para Dee com um olhar de cão de caça.

— Cinco cafés, por favor — disse Claire, sem se dar ao trabalho de olhar para Dee. — E o meu é com uma dose extra de creme. — Sua voz era mais marcante do que imaginara, quase como creme de chocolate. Não era bem um pedido que Dee precisasse escrever, mas o fez mesmo assim, por puro nervosismo. Cara a cara daquele jeito, Claire a fez se sentir como um cachorrinho todo fofinho. Seu coração gelou quando Claire, de repente, fez uma careta.

— O que é isso? — As mulheres ao redor da mesa congelaram também, esboçando um sorriso de batom indefinido, algo entre um largo sorriso e uma careta. Dee olhou para o prato de sal, cheio até a borda, para o qual apontava Claire, os grãos cinza aglomerados em grupos irregulares. Não parecia assim tão apetitoso, isso Dee era obrigada a admitir.

Claire esticou um de seus braços finos sobre a mesa. A parte interna de seu pulso era branco-papel e manchada de delicadas veias azuis. Dee nunca vira alguém com mãos tão brancas antes. Lembravam-na de uma dama da era vitoriana. Ela a encarou, fascinada, enquanto Claire erguia o prato com seus dedos espigados e o colocava sobre a bandeja na sua mão.

— Leve isso embora — disse ela, trazendo para a frente o queixo proeminente. — Você sabe, essa coisa é puro veneno. E traga-nos algo doce. Acho que as senhoras iriam gostar de um pedacinho, afinal. — Gratidão iluminou o rosto das mulheres à mesa, e a mais cheinha delas lambeu os lábios, borrando seu batom de framboesa. Claire ergueu a sobrancelha, e Dee reconheceu esse gesto como um sinal para se apressar. No balcão, entretanto, ela se demorou, observando as mulheres.

— O que está fazendo? — disse seu pai da cozinha, colocando as mãos nos quadris. — Você deveria estar servindo, não descansando. — Dee deslizou os pratos que ele lhe havia entregado para dentro

da bandeja e a ergueu sobre o ombro. Ele tinha razão. Trabalho duro era o verdadeiro bálsamo. Apagava qualquer coisa.

Quando ela retornou à mesa de Claire, equilibrando cinco xícaras e alguns pratos de bolo, viu que as mulheres haviam espalhado sobre a mesa fichários e folhetos, e não havia espaço para colocar a comida. Ela parou sem jeito, com a bandeja no alto, insegura quanto à melhor maneira de interrompê-las.

— Você acha que é melhor na primeira semana de agosto ou na segunda? — perguntou a mais gorducha, pressionando a testa como se estivesse usando algum tipo de ciência avançada, mas ninguém respondeu. Claire tinha as mãos envolvendo o queixo e estava olhando fixamente para fora da janela. Quando finalmente disse alguma coisa, pareceu a Dee que ela estava tão entediada que mal conseguia pensar com clareza.

— Na primeira — disse ela, mas então mudou de ideia logo em seguida. — Não, espere. Na segunda. — E todas as senhoras tiveram de apagar o que haviam começado a escrever a lápis em seus calendários. Quando acabaram, havia farelos de borracha cor-de-rosa espalhados por toda a mesa e pelo chão. Apenas Claire não escrevera, não tinha nenhum papel à sua frente. Ela ergueu os olhos e, por fim, resolveu mostrar que havia notado a presença de Dee.

— Ah, você está de volta — disse ela em apoio à moça. — Pode colocar a bandeja aqui. — E Dee sabia, sem dúvida, que Claire não iria nem experimentar o bolo que seu pai preparara logo cedo naquela manhã. Ela o havia pedido como um teste, para observar o que as outras senhoras fariam, e ver quem seria tão fraca a ponto de comer apenas um pedacinho, ou quem fecharia a boca à tentação. Olhando em volta da mesa, Dee pensou que pudesse adivinhar quem passaria no teste e quem não conseguiria, e ela tinha razão. A gordinha suspirou e pegou o prato logo de imediato. Os olhos de Claire se estreitaram.

— Agnes. Meu Deus. Pelo menos pegue um garfo.

A mulher ficou da cor rosa de seu batom. Cruzou as mãos sobre o colo e baixou a cabeça.

— Ah, não estou nem com tanta fome assim — disse ela. — Quem quiser pode pegar meu pedaço. — Naturalmente, não havia

nenhuma voluntária, não depois daquela pequena exibição. Assim, quando as senhoras se levantaram ao mesmo tempo e foram embora 40 minutos depois, deixando que Claire as conduzisse porta a fora em seu casaco escarlate, como se estivesse liderando um desfile, havia cinco pedaços de bolo para trás e uma gorjeta bem menor do que Dee esperaria receber de pessoas como Claire Gilly Turner. Ela recolheu os pratos e as xícaras vazias, e ficou olhando Claire atravessar a rua, seus quadris balançando como uma batuta, enquanto os ombros mal se mexiam.

— Por que acha que uma mulher como Claire Turner se dá ao trabalho de ficar numa cidade como esta? — refletiu Dee em voz alta, levando a bandeja até o balcão.

Cutt bufou.

— Pessoas como ela e o que elas fazem nunca lhe dirão respeito, Dee. Apenas a atenda e fique feliz por isso. Ela deixou uma gorjeta? Dê-me aqui.

Dee fez um barulho com a língua entre os dentes, mas entregou as moedas do bolso. *Este é um país livre, pensou ferozmente. Posso questionar o que quiser.*

O pai olhou-a, vermelho de raiva.

— É melhor ir cuidar da sua vida se sabe o que é melhor para você.

— Ele lhe entregou um paninho embebido em amônia. — Agora, vá limpar a mesa.

Ela engoliu às pressas um dos pedaços de bolo da bandeja e encolheu os ombros quando Cutt riu com escárnio e lhe disse que aquilo a deixaria mais gorda. Ela apenas deu de ombros.

— Quem guarda tem — disse ela. Saber o que era melhor para ela nunca foi seu forte.

DEPOIS DA PRIMEIRA VISITA, Claire passou a tomar café da manhã na lanchonete quase todos os dias. Se estava andando a cavalo, ela costumava chegar um pouco depois de o sol nascer e deixava o

cavalo amarrado na frente do estabelecimento, como se Prospect fosse o Velho Oeste, entrava pela porta batendo a lama de seus culotes e das botas de cano alto. Nos dias em que não cavalgava, chegava à cidade num conversível rubi, guiando do mesmo jeito que conduzia o seu animal: como se estivesse fugindo das chamas do purgatório, a capota aberta ao vento. Todas as vezes, Dee estava pronta para atendê-la. Na verdade, era quase como um jogo. Claire se emproaria dentro da lanchonete, e Dee lhe entregaria o menu. Antes de Claire se sentar, ela esperaria Dee tirar o sal da mesa. Só então ela se acomodaria sobre o couro marrom e perguntaria:

— O que tem de especial hoje?

Dependendo do dia, Dee tinha uma resposta diferente. As terças-feiras, havia um especial de batatas rosti e, às sextas, era preparada uma refeição com panquecas, mas isso não tinha importância, pois Claire sempre pedia a mesma coisa: ovo cozido sobre uma torrada de pão branco e café com uma dose extra de creme. No começo, Dee anotava o pedido, mas depois parou de se dar ao trabalho de fazer isso. Ela voltava até a cozinha para passar o pedido e se perguntava por que uma mulher com cabelos como aqueles e olhos tão verdes comia uma comida tão sem graça. Será que Claire tinha razão quando dizia que o sal era tóxico?

Dee se familiarizou com as cores de roupa que Claire gostava — azuis e verdes — e percebeu que, quando ela usava o cabelo bem preso para cima, era porque estava de profundo mau humor. Depois de Claire ter terminado de comer, deixava seu guardanapo dobrado em três e uma gorjeta risível. Para uma senhora de posses, pensou Dee,

Claire era bem sovina com as moedas. Além de fazer o seu pedido, ela não dizia mais nada, nem mesmo obrigada. Apenas se sentava lá, como a esfinge, com as pernas cruzadas sobre o joelho, a página da frente do jornal aberta, os olhos fixos à impressão branco e preto. *Você não me conhece, mas estou aprendendo tudo sobre você*, pensava Dee, deslizando pela mesa o prato dela. Ela viu que Claire tinha as cutículas destruídas como as suas e percebeu que também roía as unhas, como Dee.



Dee ficou sabendo pela funcionária do correio que Claire não recebia uma carta pessoal havia doze anos.

— Todas as cartas são para o marido, Whit — disse a senhora, entregando as notas de Cuttt para Dee. — Imagine isso! Nem mesmo uma revista. Nada. Até os convites são endereçados tanto para ele como para ela. Pense você que o namorado, pelo qual ela era apaixonada, escrevia para ela de quando em quando, mas vai ver que, por ser padre agora, isso não é de bom tom. — Ela balançou a cabeça. — Mesmo assim, que mal faria mandar um ou dois cartões de Natal? Talvez o senhor Turner não goste.

Dee arrumou os envelopes numa pilha organizada, a cabeça zunia. Não havia muito o que conversar numa cidade do tamanho de Prospect, então Claire era sempre assunto. Era como uma daquelas meninas más do Antigo Testamento, pensou Dee: Betsabá, talvez Jezebel, ou Raabe com sua corda vermelha pendurada para fora da janela. Essas meninas não eram simples causadoras de problemas. Eram mulheres que tinham *planos* perigosos para si mesmas.

— Que namorado? — perguntou ela, tentando manter a voz calma. A agente do correio piscou para ela. As pessoas na cidade sempre tinham que parar e explicar as coisas para Dee: por que não podia estacionar o carro do pai do lado esquerdo da Bank Street às terças, por exemplo, ou sobre o número de navios que haviam naufragado bem ali na baía.

A voz grasnada da funcionária interrompeu seus pensamentos.

— Ora, Ethan Stone — dizia ela. — Foi o primeiro amor de Claire, aquele com quem sempre pensamos que se casaria, mas adivinha se o menino não preferiu o sacerdócio à bela de cabelos ruivos, destruindo seu coração. Ela se casou com Whit Turner logo depois disso, e tem dado certo para ela, como você pode ver, mas — ela se inclinou sobre o balcão e falou bem baixinho — ela não me engana. Ainda é uma Gilly e isso jamais vai mudar. Pode abandonar o sal, mas ele jamais a abandonará, sendo Turner rico ou não, e isso é um fato maldito. — E, com isso, ela fechou com força a grade de metal entrelaçada atrás da janela e parou para o almoço.

DEMOROU UM POUCO para Dee se acostumar com a ideia de Claire ser uma infeliz, de coração partido, mas depois de um tempo a teoria passou a fazer algum sentido. Assim como um bloco de gelo às vezes tinha um pouco de líquido no meio, pensou Dee, talvez Claire também tivesse.

Depois de tomar o café da manhã, Claire tinha como hábito realizar seus afazeres domésticos. Quando a lanchonete não estava lotada, Dee se sentava no balcão e a observava entrar e sair do banco e do correio. Parecia que ela não ia a nenhum lugar sem pelo menos três de suas amigas esnobes a pararem, assim poderiam examinar suas roupas e bolsa, e ficariam sabendo a quais festas ela iria aquela semana. Os homens da cidade eram ainda piores. Velhos, novos, não importava, quando Claire passava por eles, paravam no meio do caminho e sorriam como cães que estavam recebendo um osso.

Mesmo rodeada de admiradores, Claire se movia como se estivesse dentro de uma bolha particular. Dee a observava depois da missa, aos domingos, envolvida por um bando de senhoras tagarelas, sem prestar atenção em nada do que elas diziam. Era estranho, pensou Dee. Embora todos na cidade parecessem odiá-la por sua beleza, sorte, esnobismo ao lhes dirigir a palavra, também pareciam adorá-la pelos mesmos motivos, como os camponeses de um conto de fadas aglomerados aos pés da rainha, não porque ela fosse amável e generosa, mas simplesmente porque era a rainha *deles*.

Dee compreendia esse sentimento melhor do que qualquer um. Afinal, havia acabado de perder a pessoa mais importante de sua vida. No lugar do toque dos dedos de sua mãe na face, no lugar de sua voz sussurrando boa-noite e do som da cantoria na cozinha, Dee tinha apenas o resmungo grosseiro de seu pai e o tinido impessoal da lanchonete. Estava numa cidade estranha, perdida numa paisagem obscura de dunas, gramas e ondas sinuosas. Nada lhe parecia seguro.

Talvez por isso ela tenha começado a acordar mais cedo todas as manhãs, seus nervos tremiam para escutar a batida do casco do cavalo e o coração seguia no mesmo compasso. Quando o momento

finalmente chegava, ela afastava um canto sujo da cortina e prendia a respiração, observando as costas graciosas de Claire arquearem e se curvarem sobre o cavalo, os cabelos soltos resplandeciam à sua volta. Naquele momento, Dee se via desejando, mais que tudo, que Claire fosse sua também.

NA PRIMEIRA VEZ em que Dee atendeu Whit Turner, ele lhe disse que ela tinha um traseiro tão lindo que deveria colocá-lo num prato e servi-lo quente para ele, e, só depois, pediu o café da manhã.

— Dois ovos fritos, café preto, torrada branca e, a propósito — disse ele, devolvendo-lhe o menu com uma piscadela e um deslumbrante sorriso —, sou Whit Turner.

Dee enfiou seu bloquinho de pedidos no bolso do avental e o olhou bem nos olhos, tentando decidir se Whit era um daqueles homens que queriam que a menina corasse e se contorcesse diante das bobagens que falava ou que o encarasse nos olhos e o retrucasse. Considerando o olhar de soslaio que ele lançou, ela se decidiu pela insolência.

— Sei quem você é — disse ela. — Sua esposa esteve aqui mais cedo. E é melhor tomar cuidado. Tenho família também. — Ela jogou a cabeça na direção do balcão. — Aquele ali é meu pai.

Whit deitou um olhar sedento sobre seus seios e quadris, como se ela fosse um apetitoso frango assado.

— Você não parece o tipo de menina que se preocupa com o que os pais pensam — disse ele por fim. — Na verdade, você parece ser o oposto.

Não era a primeira vez que Dee ouvia algo assim. Sua mãe sempre disse que, aos 13 anos, a filha começou a atrair muita atenção e que isso era um caminho sem volta. Isso era verdade também. Velhos, jovens, menininhos costumavam devorar o seu corpo com os olhos e algumas vezes com as mãos, se ela não tomasse cuidado. Recebia beliscões na fila do cinema, assovios nos estacionamentos e apalpadelas nas festas da escola. Quando tinha

15 anos, Dee podia se sentar na igreja ao lado do pai e contar os homens que enfiavam os dedos debaixo de sua blusa quando tinham uma oportunidade e, quando a mãe morreu, ela se tornou o tipo de menina que os deixava fazer isso.

Whit Turner não fazia o seu tipo. Primeiro, porque ele se sentava de modo petulante e soberbo no banco aos domingos. Segundo, as roupas dele eram finas demais e ele vivia naquela casa enorme sobre a única colina da cidade. Por fim, era casado com Claire. Isso já deveria bastar para que ele não fosse promíscuo, na opinião de Dee. Claire parecia o tipo de mulher que não esperaria para servir sua vingança fria.

Dee deixou-o sozinho, comendo sua refeição. Era tarde para café da manhã em Prospect, nove horas, e a lanchonete estava vazia. As pessoas da cidade pareciam gostar de comer nas horas certas, o que significava que a lanchonete ficava lotada às sete da manhã, ao meio-dia e, algumas vezes, às seis da tarde, e ficava bem quieta no restante do tempo. Dee se perguntou se Whit havia escolhido uma hora tranqüila de propósito, e, se isso fosse verdade, qual teria sido o motivo. Talvez uma contenda com Claire? Ela havia comido sozinha ao raiar do dia, como sempre, lembrava-se Dee, mas não parecia incomodada com isso. Por outro lado, era difícil dizer, na maioria das vezes, o que se passava na cabeça de Claire.

Quando Dee voltou com a conta, Whit enxugou a boca devagar. Ele deu uma rápida olhada para o balcão, certificando-se de que seu pai não estivesse vendo, e então esticou o braço e envolveu o pulso roliço dela com todos os dedos, esfregando o lugar onde ela pulsava sob a pele. Uma descarga percorreu todo o seu corpo, um golpe de pura energia correndo por suas veias, e ela soube, naquele instante, que estava perdida.

— Vamos fazer isso de novo — disse ele, deslizando uma nota de cinco dólares para dentro de seu avental. Ele dava gorjetas bem melhores que as de Claire.

Dee deveria ter devolvido o dinheiro, claro. Ela sabia disso. Deveria ter tirado seu pulso do delicioso círculo de seus dedos e baixado a cabeça como se estivesse envergonhada ou sem jeito, da maneira que faziam as criancinhas quando estavam com vergonha.

Mas sua pele formigava no lugar onde Whit a tocou e seu cérebro começou a elencar todas as cores de batom e sombras de olho que poderia comprar com aqueles cinco dólares, não que o pai a deixaria usar alguma dessas coisas. Ela sempre teve de colocá-los depois que estava fora de casa. Ela lambeu seu lábio inferior com a ponta da língua e o mordeu o bastante para que a boca ficasse bem rosada. Então, se inclinou para a frente, o suficiente para sentir o cheiro de couro e de pinha do pós--barba de Whit, e sussurrou um "*tudo bem*" dentro da parte macia de sua orelha.

A maioria dos homens teria pulado ou tremido, Dee sabia, ou pelo menos recuado, mas Whit se mostrou inalterável, e foi assim que ele a fisgou. Amassou o guardanapo como se ela não estivesse ali e deslizou de seu lugar à mesa.

— Obrigado, senhor — gritou ele para Cutt, ao passar pelo balcão, e sair rapidamente pela porta, soando a campainha e deixando Dee cravada no fundo da lanchonete, com a boca meio aberta, estúpida e perplexamente. Ela o observou andar, deslizando pelas janelas da lanchonete até seu carro (um modelo pesado, preto e muito luxuoso para ela) e, em seguida, viu o carro dele desaparecer ao longe, sentindo-se o tempo todo como se um longo cordão dentro dela estivesse se desenrolando mais rápido do que ela gostaria.

A voz grosseira do pai o enrolou de novo.

— Esse homem é um cavalheiro — disse ele, batendo o caixa ao fechar. — Riquíssimo, mas decente.

Dee não disse nada.

NAQUELE DIA ELES serviram almôndega no almoço, quente e generosa, e era o dia mais movimentado. O balcão estava lotado e também metade das mesas. Dee não teve tempo de pensar em Whit ou Claire ou em quem quer que fosse, e isso era uma bênção, mas, depois da missa, o movimento caiu outra vez e os tormentos a invadiram. Ela pendurou o avental e saiu.

O dia havia ficado melancólico e cinza. Nuvens haviam se acumulado no horizonte como caminhões no tráfego congestionado, e um vento violento estava se revolvendo cada vez mais para baixo. Dee prendeu o lenço mais forte em volta do pescoço e enfiou as mãos nos bolsos sem se incomodar nem um pouco se o dia iria ficar ainda pior. Na verdade, combinava muito bem com seu humor.

Um minuto de caminhada e ela chegou ao final da Bank Street, onde, de um lado, a água esmaecida cobria uma longa distância e, do outro, Tappert's Green preenchia o espaço. Naquele dia, não havia ninguém fazendo piquenique nem turistas, apenas um grupo de corvos insolentes sobrevoando a grama em busca de vermes. Dee bateu os pés para afugentá-los, mas eles apenas viraram os olhos vazios na direção dela, abriram os bicos e grasnaram. Se fossem cães, pensou Dee, provavelmente tentariam mordê-la.

Plover Hill começava atrás de Tappert's Green, e, justamente antes de o chão começar a se inclinar, havia uma pereira enfiada na terra, rodeada por arbustos. Embora o Sr. Weatherly não tivesse lhe contado muito sobre a árvore, agora que estava lá, Dee percebeu por que não o fez. Se havia algo que sempre conseguiria identificar, era um pequeno ninho de amor, e ela claramente acabara de ter tirado a sorte grande em Prospect nesse quesito. Atrás da árvore, a terra afundava para dentro das moitas, criando uma concavidade particular. O tronco da pereira estava entalhado como um totem, com vários corações esculpidos e iniciais de nomes interligadas e atravessadas por flechas. Dee correu os dedos sobre as letras e linhas, algumas mais finas que outras, e se perguntou quais dos casais haviam perdurado e quais haviam sido condenados como as peras que apodreciam na grama.

Uma rajada de vento arrancou uma das últimas folhas da árvore, e esta passou sobre sua face antes de cair. Dee olhou para cima, através dos galhos, na direção das varandas da casa dos Turner, recolhida no topo da Plover Hill. Pelo tamanho, deve ter sido uma estrutura mais bonita, porém muitos dos Turner tentaram passar um na frente do outro ao longo de décadas e nenhum dos pedaços do lugar se uniu muito bem. Era uma casa grandiosa, tudo bem, pensou Dee, mas ao mesmo tempo, ostentosa demais.

Ela se apoiou na árvore, imaginando como deveriam ser os quartos, se eram aconchegantes e abarrotados de livros e tapetes, ou se mais formais e decorados com cristais e molduras de prata. Ela não conseguia entender como Claire dera o salto da mixórdia de quinquilharias da Fazenda Salt Creek para as monstruosas telhas de madeira que assomavam sobre ela, e então pensou em quão mais desconcertante Jo, com suas cicatrizes e sotaque grosseiro, teria sido no lugar. Provavelmente a irmã certa havia se casado com Whit Turner.

*O que ela faria se vivesse numa casa como aquela, perguntou-se Dee, e fosse casada com um homem como Whit?* Outra rajada de vento varreu areia para dentro de seus olhos, e ela piscou, afastando-se da árvore e partindo na direção oposta, de volta à lanchonete, tentando não se demorar muito na lembrança dos dedos quentes de Whit em volta de seu punho e na espécie de problema delicioso que eles deveriam causar.

## 5

O BANCO HARBOR ESTAVA com um espírito comunicativo, como acabou por demonstrar. A segunda carta deles chegou à fazenda tão direta quanto a primeira, mas dessa vez as palavras eram mais coloridas. *Segundo aviso*, lia-se em enormes letras vermelhas. *É imprescindível que você nos procure imediatamente, concernente às cláusulas de seu empréstimo*, dizia o texto menor. *Se não o fizer, isso poderá acarretar processos legais.*

Em dobro.

Dessa vez Jo fez como sugeria a carta e pegou o telefone. Era raro que ligasse para alguém, e seus dedos tremiam ao discar o número. Na terceira tentativa, ela conseguiu.

— Banco Harbor — respondeu uma voz feminina entediada —, como posso encaminhar sua ligação?

Jo achou melhor ir direto ao assunto, assim como fez o banco.

— E Joanna Gilly — disse ela. — Da Fazenda Salt Creek, em Cape Cod. Preciso conversar com alguém sobre os termos de meu empréstimo.

— Um momento. — A senhorita entediada suspirou e transferiu a ligação para o Sr. Monaghy.

— Gil Monaghy — disse ele, e sua voz não tinha nada de entediada. Na verdade, trazia muita animação nela. — Em que posso ajudá-la?

— Pode me explicar por que as parcelas do meu financiamento aumentaram — vociferou Jo, sem preâmbulos — e o que esperam que eu faça quanto a isso?

Acontece que Gil Monaghy tinha o tipo de voz certa para explicar isso. Quando a mãe de Jo pegou um segundo financiamento para a salina, ela o fez sob a cláusula de que, dentro de determinado número de anos, os juros aumentariam dramaticamente se o empréstimo não fosse quitado. Agora, era chegada a hora de pagar as despesas.



— Não é que esteja atrasada com o pagamento das parcelas — explicou ele —, é que tem uma nova quantia devida por vários meses e você está atrasada na diferença.

— Quanto devo? — perguntou Jo, e o Sr. Monaghy declarou o número no telefone como se estivesse falando de uma ninharia.

O coração de Jo disparou enquanto ela buscava a resposta certa.

— É um valor muito alto — disse ela por fim. — E se eu não tiver?

— A verdade era que ela achava que poderia cobrir esse valor. Tinha uma reserva em algum lugar, que sua mãe começara a juntar, mas acabaria com tudo.

— Então, infelizmente, teremos que agir.

Jo sabia o que isso significava. Era um código para um bando de processos chegando para tomar posse da salina.

— E se eu conseguir pagar a diferença das parcelas atrasadas, mas não conseguir acompanhar todos os meses o novo saldo? — perguntou Jo.

Sr. Monaghy suspirou.

— Então começaremos esse processo do início. Eu não aconselharia fazer isso de jeito nenhum. — Sua voz estava mais gentil. — Talvez — sugeriu ele — seja a hora de pensar em vender a propriedade. Já considerou isso?

Jo bufou.

— Acredite em mim, isso não é uma opção. Ninguém a quer. — *Exceto Whit Turner*, pensou ela, a última alma na terra para quem a venderia. E, sem mais reclamações, Jo desligou o telefone na cara do Sr. Monaghy e de suas sugestões.

Havia algumas coisas contra as quais não adiantava lutar, Jo sabia disso. Por exemplo, virar uma rocha quando ela está presa na terra ou tentar acordar um morto. Quando a questão era o sal Gilly, não havia muito o que fazer.

Talvez, pensou ela, se tivesse sorte, o banco também aprenderia essa lição a tempo.

CONSIDERANDO QUE ARRUINARA O dia numa conversa com o Sr. Monaghy e que o inverno estava se aproximando, Jo decidiu seguir adiante e fazer coisas realmente terríveis, como afogar uma ninhada de gatinhos selvagens da salina. Era algo horrendo, Jo sabia muito bem, mas havia uma arte em mergulhar essas criaturas e a maioria das pessoas não sabia. Quando feita do jeito certo, os pobres bichinhos não sofriam.

A mãe costumava jogá-los de qualquer jeito num buraco que abria em qualquer lugar, esparramava cal sobre eles e pronto, estavam liquidados. Mas, depois de sua morte, Jo começou a ter mais cuidado, porque ela estava sozinha e lhe era permitido fazer isso. Tinha um lugar preferido para onde levar os gatos, perto das sepulturas. Até mesmo os mortos ocasionalmente precisam de sangue fresco à sua volta, percebeu Jo, e dessa forma os gatos ao menos serviam para alguma coisa. Isso fez com que todo o trâmite fosse um pouco mais fácil de suportar. Jo podia suportar uma criatura morrendo, podia até mesmo pegá-la na palma de suas mãos, mas se desesperava com o desperdício sem sentido.

A ninhada era menor do que de costume. Jo amarrou os gatos num saco de ração enorme. Era do tipo que ela acreditava não ser mais vendido em lugar nenhum, com escrita vermelho e branca estampada no tecido de juta em letras garrafais. Em seguida, ela pegou uma tina de estanho, encheu-a com água gelada da mangueira e levou os filhotes e os equipamentos para detrás do celeiro.

Trabalhava rápido, tentando não pensar muito no que estava fazendo. A medida que ia liquidando os bichinhos, enrolava-os nos próprios corpos e os colocava lado a lado, com as patinhas para dentro e os rabos enrolados em volta deles. Eram muito novos, mal tinham pelos, e seus corpos imóveis pareciam ainda mais minúsculos molhados, sob o ar gelado.

Nesse momento, Jo escutou um grito atrás dela; era alto demais para ser de um felino. Ela, assustada, virou-se e ficou pasma ao ver Dee Pitman, a menina curiosa da cidade, de pé bem atrás dela, gaguejando como um pássaro acossado.

— O que está fazendo? — gritou Dee. Jo suspirou e se levantou, lembrando-se de como ficara horrorizada a primeira vez que vira a mãe fazer a mesma coisa. Ela tinha, então, seis anos.

— Não podemos ficar com eles como bichinhos de estimação? — perguntara ela, vendo a mãe enterrar um gato atrás do outro. — Não podemos ficar só com um?

A mãe olhara para ela de canto de olho.

— Algumas vezes, a maior generosidade está na sombra da crueldade — disse ela. — Quanto mais cedo aprender isso, melhor. — E, então, pedira a Jo para terminar o ato.

Jo bateu as mãos uma na outra e encarou Dee.

— Eles não tinham a mínima chance — disse ela, ignorando o miado do último gatinho no saco. — São selvagens. A mãe foi embora e são pequenos demais para se virar sozinhos. — Dee não falou nada, então Jo prosseguiu. — Todos os anos há mais deles. São uma maldição e uma praga, sem dúvida. — Ela cutucou o saco com o dedo do pé. — Este lugar maldito está indo para o inferno.

Dee recuperou a fala.

— Por causa dos gatinhos?

Jo estava confusa. Quem seria assim ingênua a ponto de acreditar que um bando de gatinhos pudesse causar os problemas pelos quais estava passando? Obviamente, a filha de Cutt não era muito inteligente se não conseguia perceber isso. Por outro lado, Dee não sabia das preocupações de Jo com o banco e todo o resto. Ninguém sabia, e Jo queria que fosse assim. Ela estreitou seu olho bom.

— Como anda o movimento na lanchonete? — perguntou ela, para mudar de assunto. — O sal está indo bem?

Dee corou e desviou o olhar.

— Na verdade, é por isso que estou aqui. Bem, é que não vamos precisar de tanto sal como pensávamos. As pessoas não estão consumindo todo ele. Preferem o que vem da loja. Dizem que o seu é... contaminado.

Instantaneamente, Jo imaginou as mãos delgadas de Claire tirando o pote de sal do balcão da lanchonete e dizendo de uma maneira calma, quase como se estivesse arrependida de fazer

aquilo: *se soubessem o que tem nessa coisa nunca mais a comeriam.* Jo suspirou.

— Não me diga. Minha irmã andou aparecendo por lá e fez vocês pensarem duas vezes.

Dee parecia desconcertada.

— Não há nenhum grande problema — disse ela, mantendo a face virada dos três gatinhos. — Mas talvez fosse melhor se o seu sal não ficasse tão à mostra.

Jo deu uma risada alta.

— Para minha irmã Claire, tudo é um problema. Você vai ver. Mas escreva minhas palavras: se pararem de servir o sal, a Lighthouse logo vai voltar à ruína em que a encontraram. E melhor você dizer aos seus clientes que não há fundamento nas histórias de Claire.

— Como você sabe? — perguntou Dee.

Jo deu de ombros.

— Se eu estivesse no seu lugar, ficaria do lado do sal, só isso.

Esse conselho não pareceu aliviar as coisas para Dee. Ela baixou a cabeça e olhou a fila de gatinhos inertes.

— O que faz com eles depois? — perguntou ela, enquanto Jo se ajoelhava de novo e enfiava a mão no saco, e virou o rosto quando Jo pegou o último gatinho chorando.

— Cal e buraco fundo — respondeu Jo, e enfiou o braço na tina com água.

Dee saiu correndo pelas dunas da praia Drake sem dizer mais nada, a imagem dos corpos de gatinhos desfalecidos sem dúvida não saía de sua cabeça. A noite começava a cair e a luz estava sumindo. Cutt provavelmente estava desfilando pela cozinha da lanchonete, pensou Jo, pegando um pano de prato e se perguntando onde estaria Dee, e logo os clientes começariam a chegar para o jantar, não tantos quanto no almoço, mas alguns, e, no meio de tudo aquilo, haveria lugares onde deveriam estar os potes de sal de Jo esperando para lançar suas magias, o nítido círculo que formavam tão vazio e misterioso quanto tantas pequenas luas.

ELA REALMENTE NÃO deveria ter atormentado a menina daquele jeito, admitiu Jo para si mesma depois que Dee partira. Afinal, ela sabia melhor do que ninguém o que era ser insultada. Durante todo o ano depois da morte do irmão, a mãe vestira ela e Claire com retalhos de roupa preta para que chamassem a atenção onde quer que fossem, marcadas pela tristeza. Jo tinha apenas 9 anos. Era nova demais para compreender o silêncio dos adultos quando ela, a mãe e a irmã entravam no banco ou na farmácia da cidade, mas ao mesmo tempo estava infeliz demais para se sentir uma criança. Suas roupas tinham anéis de suor e lama do trabalho na salina antes de ir para escola, e seu almoço cheirava a repolho refogado. As outras crianças começaram a evitá-la e se retiravam com sua comida quando ela se aproximava dos pequenos grupos. Faziam rimas sobre ela e as cantavam no vestiário.

Ela nunca fora popular, mas nunca se importara muito porque sempre teve Henry para lhe fazer companhia no almoço, no balanço, para lhe explicar as palavras que não conseguia ler sozinha. Quando estavam os dois, as crianças da cidade os deixavam em paz, mas, agora que Jo era sozinha, todas as suas idiossincrasias haviam ficado aumentadas, até para ela.

Para se consolar, ela se dirigia a Nossa Senhora. Todos os domingos, ela arrastava a mãe para a igreja, a mãozinha de Claire envolvida pelas dobras de sua própria mão, e ficava encarando a Virgem durante a missa inteira. No lugar do rosto, um círculo vazio que Jo não conseguia solucionar, as rachaduras da pintura alcançavam os limites de sua imaginação, lembrando-a de seus próprios pequenos pecados.

— Há mais para venerar do que o amor. — Costumava dizer a mãe a Jo antes de dormir, sua voz monótona ecoava na escuridão. — Lembre-se disso. Há uma dor envolvida nele que não se consegue imaginar.

Jo começou a prestar mais atenção às coisas estranhas que as senhoras da cidade deixavam para Nossa Senhora. As Gilly sempre depositaram o sal, mas Jo descobriu uma linguagem velada de oferendas. Meninas sofrendo de amor deixavam açúcar e mel, e mulheres com problemas financeiros deslizavam um quarto de dólar

sob a base de seus ex-votos. Quando era chegado o momento da confissão, todos, sem exceção, delineavam devagar, com dois dedos, o arco vazio do rosto da Virgem, como se preferissem confessar seus fracassos a ela e não ao Senhor.

Padre Flynn se desesperava diante de tudo aquilo.

— Gostaria de lembrar a todos que não deixem porções de comida ou outros itens no santuário. — Era obrigado a anunciar algumas vezes antes do sermão. — Só servem para atrair ratos. Se quiserem se engajar num culto particular, os ex-votos podem ser colocados na última fileira, e a doação de um níquel é muito bem-vinda. — Mas as mulheres de Prospect claramente o ignoravam, mantendo sua própria opinião sobre como e a quem deveriam pagar.

— Por quê? — insistia Jo com a mãe.

Mas a mãe nunca respondia.

— Vá para a cama. — Era tudo que Jo conseguia.

Quando Jo se cansava de encarar a Nossa Senhora e suas oferendas, ela desviava a atenção para Whit Turner, que se sentava na fileira do outro lado e, embora dois anos mais novo, a fazia rir com suas caretas por trás das costas aprumadas da mãe.

Toda semana, era apenas Whit e a mãe, Ida. O pai, Hamish, não era religioso, por isso não ia à missa. Ida, por outro lado, nascera pobre e católica, e, apesar de não ser mais pobre, a parte católica havia ficado mais arraigada, do modo que se esperava.

Antes de ser Ida Turner, ela era Ida May Dunn, uma menina de joelhos sujos que se instalava na cabana de pescador do pai alcoólatra com a irmã deficiente mental, totalmente dependente das roupas, cesta básica e produtos de primeira necessidade enviados pela Liga da Temperança Católica. Era divertido para a mãe de Jo observar Ida andar de modo afetado na Igreja St. Agnes, muito bem vestida, pois, quando menina, a mãe contava, Ida corria de maneira tão selvagem quanto as ondulações das marés da praia Drake. Algumas daquelas correntes, Jo sabia, podiam afogar um menino, e, outras, apenas rolar um pouco o corpo das pessoas, e pobre daquele que não soubesse distinguir uma da outra.

A mesma prudência se aplicava à própria Ida. Em plena missa, ela notava Whit se contorcendo e se virava para vê-lo em meio a

uma careta, com os dois dedos enfiados no canto da boca, balançando as sobancelhas para Jo.

— Whittington Turner — dizia ela, entredentes, para todos ouvirem, puxando-lhe a orelha entre as unhas pintadas. — Se você olhar para aquela menina mais uma vez, vou deixá-lo cego. — Isso o sossegava. Jo o observava, então, endireitar as costas de um jeito tão aprumado quanto o de Ida e cruzar as mãos sobre o colo. Ela ficava impressionada de ver com que facilidade ele incorporava um Turner, como se vestisse um par de meias.

Depois da missa, quando o tempo estava bom, a mãe de Jo a deixava correr pela praia de Drake com recomendações de voltar para casa com algo para a caçarola do jantar. Os anos de Depressão e guerras haviam acabado, mas para os nativos os tempos ainda eram de vacas magras. A grande maioria de Prospect tirava seu sustento do mar: peixe, lagosta, algas marinhas e mariscos das pedras. Mas as coisas estavam mudando lentamente. A nova estrada, Mid Cape Highway, estava pronta (algumas vezes Jo gostava de fantasiar que seu pai fugira para trabalhar nela), e todos os anos mais pessoas chegavam ao vilarejo. Próximo a Hyannis, chegaram também os festeiros endinheirados com suas famílias. Todos os verões, carros esportivos de tons pastel, enfeitados com rebuscados para-choques e aerofólios, lotavam as ruas. Presa atrás deles no tráfego, Jo piscava e se lembrava da caixa de *petitfours* que Ida certa vez oferecera a todo mundo depois da Missa de Páscoa e que sua mãe não a deixara comer.

— Não aceite nada de Ida Turner — vociferou ela, batendo na mão de Jo para que não saísse de seu lado. — Nos falta muita coisa, mas somos melhores do que tudo isso.

Graças a Ida, faltava muita coisa na cidade para muitas pessoas.

— Estou sem costelas — dizia-lhes com tristeza o Sr. Upton de maio a agosto. — Não tenho mais bifés, acém ou hambúrguer. — Sobrava fígado, mocotó e rabo de boi para Jo e sua família. A cidade ouvia as músicas de big-bands e o tinido dos agitadores de coquetel emanarem de Plover Hill, e observava os Turner exigirem que as ripas de toda Bank Street fossem pintadas de cinza-perolado, as cercas-vivas podadas, os postes de madeira ao redor do mercado do

Sr. Upton serem consertados, e instituírem uma multa para todo lojista que não conservasse as janelas limpas.

— Logo, logo os Turner vão exigir que todos nós usemos uniformes — reclamava o Sr. Upton para a mãe de Jo quando ela ia lhe entregar o sal. — Ultimamente, não se pode cuspir sem atingir alguma coisa nova que eles compraram. Escutei dizer que estão de olho até nas propriedades do continente. — Os olhos da mãe de Jo escureciam diante dessas revelações, mas ela não dizia nada, apenas entregava o sal ao Sr. Upton com o cenho franzido. Elas tinham suas próprias preocupações, Jo sabia. A cada verão, vendiam menos sal. Os turistas acabaram preferindo o sal fino e branco. Não entendiam aquele produto bruto dos Gilly.

Se considerarmos que estavam em lados opostos da mesma moeda, Whit e Jo jamais deveriam ter se tornado amigos; havia mais de mil razões pesando contra. Ida odiava a mãe de Jo, para começo de conversa, e esta nutria um ódio mortal por Ida, que despejava nos gatinhos selvagens da salina.

— Desgraçados, todos! — vociferava ela, torcendo o nariz e pegando outro saco de gatinhos destinados a morrer. — Perdidos como carregamento de navio de marinheiros bêbados. Deixando pobres inocentes morrerem de fome. Pavoneando com os rabos empinados para o ar. (Algumas vezes era difícil Jo saber se sua mãe estava xingando Ida ou os gatos.)

Talvez a animosidade entre as mães tenha incentivado o mesmo sentimento forte entre Whit e Jo, mas acabou que os dois tinham o mesmo traço genioso que pintava toda a espinha de vermelho. Nele, esse traço era mais óbvio, mas Jo também o possuía, então, ao contrário de se repelirem, eles se uniram como um ímã e um metal, cada um sendo o material de que o outro carecia. E por um tempo — por muitos anos, na verdade — nada os conseguiu separar, nem as mães, nem o fato de que ele era um Turner rico e ela, uma humilde Gilly, nem a diferença de dois anos entre eles.

Mas a amizade não poderia durar para sempre, e não por causa das costumeiras razões que a população da cidade comentava: o incêndio, a diferença de vida de Jo e Whit ou porque a irmã de Jo sempre foi mais bonita do que ela. Na verdade, como todos os



escândalos de uma cidade pequena, a verdadeira razão de Jo e Whit terem se apartado era bem mais simples e maior do que a maioria das pessoas cogitou: a morte se inseriu entre eles. E mesmo que ela nunca gostasse de admitir, apesar de todas as evidências em contrário, no fundo de seu coração, Jo tinha bons motivos para agradecer as estrelas pela sorte de isso ter acontecido.

A PRIMEIRA VEZ que falou com Whit, Jo tinha 10 anos e estava apoiada sobre os cotovelos na praia Drake. Quando tinha tempo, e o clima cooperava, ela gostava de passear depois da missa, correndo um pouco antes da linha onde as ondas quebravam para pegar aves, ou coletar algas marinhas, mas, na maioria das vezes, ela enchia baldes de mariscos: cartilagosos e pequenos, mas muito saborosos quando a mãe os preparava num ensopado. Para as mulheres Gilly, um balde de mariscos significava mais um dia que o dinheiro do supermercado ficaria no pote da cozinha. Jo tinha a cabeça abaixada e estava concentrada, e se assustou ao ouvir a voz de um menino fazendo uma pergunta.

— De onde eles vêm, afinal? — Ela parou de cavar e se virou. De costume, ela tinha a praia só para si, mas ali estava Whit Turner, imaculado em sua calça de ir à igreja e uma camisa social apertada.

— O quê? — perguntou ela, confusa. Ela nunca vira Whit sozinho antes daquela tarde. A mãe dele costumava levá-lo depressa da igreja para o clube de campo.

Atrás de Whit, a sombra de sua governanta em pânico apareceu como um inseto sobre eles, mas Whit a ignorou.

— Quero dizer, eles não têm pai nem mãe, e mariscos não botam ovos; ou botam?

Jo nunca pensara sobre isso antes. Para ela, mariscos eram comida de graça. Só isso. Ela os catava, sua mãe os cozinhava e fim de papo. Mas, por outro lado, Whit não tinha a fome batendo à sua porta como ela. Apenas pessoas de barriga cheia questionavam de onde vinha a comida, Jo sabia. O resto da humanidade apenas

baixava a cabeça e agradecia a Deus por Sua generosidade. Ela deu de ombros e enfiou a pá na areia de novo.

— Nem tudo tem mãe.

Whit franziu a testa, pensando no que ela dissera, o que era novidade para Jo. De costume, a mãe lhe dizia para se calar e voltar ao trabalho, e Claire apenas lhe dirigia uma conversa infantil.

— Tudo tem mãe. Até mesmo Jesus.

Jo pensou no contorno lascado da Nossa Senhora sem face, na sua vigília eternal, e deu de ombros. Whit se sentou na areia ao lado dela e inclinou os ombros sobre o buraco que ela cavava.

— Algumas vezes eu queria ter uma mãe diferente — murmurou ele, fazendo um desenho com o dedo na areia molhada. — A minha não é tão legal.

Nesse momento, a sombra de sua governanta, que escutava a conversa, apareceu.

— Whit Turner — ralhou ela, erguendo-o pelo cotovelo. — Você sabe que não deveria estar aqui e muito menos falando de sua família. Você é um Turner. Deve se comportar como tal. Agora vamos, vai se atrasar para o tênis.

Whit revirou os olhos e sorriu para Jo. O cabelo dele estava desgrenhado, como costumava ficar o de Henry, e ela sentiu um ímpeto de esticar o braço e alisá-lo. Ela não sentia falta de Henry, não era bem isso, pois ele passara sua breve vida com o nariz enfiado nas enciclopédias e livros, seu fraco coração tremulava no peito como um canário agitado. Ela sentia mais falta da possibilidade de ter uma companhia. Olhou para Whit e, então, sabendo que a mãe não gostaria nem um pouco disso, fez-lhe um convite.

— Se voltar amanhã — disse ela, apontando para a praia com a pá —, estarei ali. Sei onde tem bolacha-da-praia.

A governanta começou a arrastar Whit, mas, antes de se distanciarem muito, ele se virou e disse bem alto:

— Se descobrir de onde vêm aqueles mariscos, me conte!

Em vez disso, ela recebeu uma lição sobre Ida Turner naquela noite, quando contou à mãe sobre o encontro.

— Faria outro amigo se eu fosse você — disse a mãe, batendo com força a vasilha de purê de batata com ervilha sobre a mesa.

Jo fez um beijo.

— Mas por quê?

A mãe bufou. Era uma pergunta tola, e Jo reconhecia isso. Ela se apurou como se fosse dar uma aula.

— Porque — declarou a mãe —, independentemente do que você faça, nunca vai tirar a lama de sua roupa, o sotaque rústico de sua voz ou a salmoura de seu sangue. — Ela enfiou uma colher nas batatas com ervilha e chutou a cadeira para longe da mesa. — Ida tem medo de afundar, mesmo que esteja instalada no Plover Hill como um corvo velho. Mas acredite em mim: ela sabe muita coisa sobre pegar os restos.

Jo suspirou e baixou a cabeça na direção do prato, dando uma garfada nos mariscos. Pela primeira vez, achou o gosto do sal Gilly desagradável.

— Aposto que os Turner não comem desse jeito — disse ela, afastando o prato.

A mãe olhou para ela com frieza.

— Quanto menos você se preocupar com os Turner, melhor. Agora se apresse e coma a comida que Deus lhe deu. — Claire começou a berrar, e a mãe a silenciou. — Não me venha você também — disse ela, mergulhando uma casca de pão em um pouco de leite e o entregando a Claire. — Não me diga que há mais uma nesta casa reclamando da ordem das coisas.

Jo se controlou e tentou engolir o resto da comida. Ela estava reclamando? Não pensava assim, mas era difícil saber como a mãe reagiria algumas vezes. Jo olhou para fora da janela da cozinha, para o outro lado da salina. Depois dela, logo depois das dunas, ficava a praia Drake e a lembrança de sua tarde com Whit.

— Você me ouviu? — perguntou a mãe. — Depois do jantar, precisa raspar os açudes mais distantes. Leve sua irmã junto, mas não a deixe se afastar de você.

Jo suspirou e olhou para Claire, que piscou seus olhinhos de bebê, seu cabelo da cor de chama enrolado em pequenos cachos.

— Não vou deixar — prometeu Jo, mas, sob a mesa, tinha os dedos cruzados. Não podia dizer o mesmo de si mesma.

Na SEMANA SEGUINTE, Whit a surpreendeu, gritando pela praia numa motocicleta. Era ridículo. A motocicleta era grande demais para ele, e ele balançava como um João-bobo, mas ali estava, descendo a toda a praia, com um sorriso travesso atravessando-lhe o rosto. Logo antes de chegar até Jo, um dos pneus passou sobre uma pedra, a moto se lançou para os lados e ele foi arremessado dela, borrifando areia nos arcos.

— Você está bem? — perguntou Jo, correndo para socorrê-lo.

Whit se levantou, rindo como uma hiena, e limpou as calças jeans.

— Gostou?

Jo colocou as mãos nos quadris, o coração acelerado. Desde a morte de Henry, ela tinha medo de acidentes.

— Não. — Um pensamento horrível passou-lhe pela cabeça. — Você a roubou? — Pensar que ele roubara qualquer coisa era incompreensível para ela, mas perguntou mesmo assim.

Ele deu uma risada afetada.

— Os irmãos Weatherly a emprestaram para mim.

— O quê? — Ela conhecia os irmãos Weatherly, Tim e Hank. Todas as meninas da cidade os conheciam. Estavam no segundo e no terceiro anos do ensino médio e eram famosos pelo topete, o maço de cigarros escondido na manga da camiseta e a motocicleta. Eles eram os mecânicos de Prospect. — Por que eles emprestariam uma motocicleta para um garotinho como você?

Whit deu de ombros.

— Sei lá. Por que as pessoas fazem as coisas?

— Mas olhe! Você a arranhou. — Era verdade. Debaixo do para-choque traseiro, havia um risco de quatro centímetros na tinta vermelha. Whit se agachou para olhar. — Você vai entender agora — respondeu Jo, incapaz de não sentir certo prazer com aquilo. — Você sabe como são os irmãos Weatherly com relação aos veículos deles.

Whit se sentou sobre os calcanhares.

— Acho que não.

— O quê? Você acha que não?

— Acho que não vão ligar.

Jo o olhou embasbacada.

— Está louco? Claro que vão ligar! Timmy quase destruiu a cabeça de Hank na última primavera quando ele bateu o calhambeque dele.

Whit passou o dedão sobre o risco. Um sinistro olhar adulto pairou em seu rosto.

— Sim, mas eu não passo de uma criança. O que eles podem fazer comigo? Além do mais, se eu voltar para casa todo ferido, eles terão de explicar a minha mãe por que me emprestaram a motocicleta, e você sabe, tanto quanto eu, que Timmy e Hank não se expressam tão bem assim.

Sua lógica era impecável. Jo estava impressionada.

— Vou simplesmente dizer a eles que sempre estive aí — respondeu Whit. — Não vão acreditar em mim, mas que alternativa terão? Vão acabar por culpar um ao outro e pronto. Agora vamos, me ajude a levantar essa coisa.

Aquele foi o primeiro sinal que Jo tivera a respeito do tipo de homem que Whit se tornaria. A semente estava dentro dele o tempo todo, mas naquele dia ela ficou cega pelo otimismo de um verão sem nuvens, lograda pela brisa suave que soprava em seu pescoço. Estava descalça na areia, e o calor penetrava pelo peito do pé e ia até as panturrilhas. Havia algo sobre Whit que preenchia as lacunas de seus ossos. Quando estava com ele, sentia como se tivesse um pedacinho de Henry amarrado à Terra.

— Tudo bem — disse ela, e se ajoelhou para ajudá-lo. Ela deu uma risadinha. — Somos parceiros de crime.

Whit, então, fez uma coisa da qual jamais ela se esqueceria, um gesto que pareceu inocente na época, mas que mais tarde a contaminaria, da mesma forma que o espinho de uma rosa na pele pode inflamar. Ele tirou os cabelos dos olhos e as mãos da moto.

— Somos parceiros em tudo — disse ele, cuspidando na palma da mão e a estendendo.

— Parceiros — repetiu ela, cuspidando na própria palma da mão e pressionando-a contra a de Whit. Os dois não falaram nada por um

momento, e o lugar onde as mãos estavam unidas ficou mais quente.

Jo se levantou.

— Venha. Vamos voltar. Aposto que os irmãos Weatherly estão esperando a moto.

Whit respondeu algo inesperado.

— Escutei minha mãe comentar que ela queria comprar a fazenda da sua mãe — disse ele. — Mas não se preocupe. Farei de tudo para que seu sal não corra perigo. — Jo deu um passo para trás, tropeçando numa pedra. Seu temperamento não era como o de Claire, que aos três anos já conseguia fazer uma cena quando estava com raiva, mas ela sentiu um formigamento percorrer-lhe a espinha e se instalar no fundo de seu cérebro. Ela se lembrava do que Ida lhe dissera na missa de Henry. *Deveria ter sido você.*

Jo deu um passo para a frente e um empurrão no ombro de Whit.

— Cale a boca, Whit Turner. Não sabe o que está falando. — Ela cuspiu um tanto de saliva.

Whit deu de ombros e começou a andar em direção às dunas sem ela.

— Você é quem sabe — disse ele. — Estou apenas contando o que escutei. — Ele parou e estendeu a mão. — Você não vem? Dou uma carona para você antes de devolvê-la.

Jo hesitou. Em casa, ela sabia, sua mãe estaria servindo copos com leite fresco e bolachas, olhando de soslaio para o relógio e se perguntando onde a filha estaria. Mas ali estava a mão de Whit, pairando no ar, convidando-a. Jo aceitou a carona.

— Não se preocupe — disse ele, puxando-a com força, como se tivesse muita prática naquilo. Ele se mexia com toda a graça que seu irmão nunca teve. — Todo esse negócio é para os adultos. Não tem nada a ver conosco.

— Claro — respondeu ela, sabendo muito bem que estava mentindo do jeito que somente uma verdadeira Gilly sabia fazer.

WHIT FOI O PRIMEIRO, último e único amigo de Jo. A amizade deles era clandestina, se passava às escondidas na praia Drake, apenas em dias bonitos e quando estavam somente os dois. As saias ficavam godês, retas e, por fim, curtas. Elvis surgia com o rock 'n roll, o cabelo com brilhantina e os quadris se mexendo loucamente, mas a privacidade de Whit e Jo permanecia intocável.

Ela ensinou Whit a pescar, pular pedras e assoviar com dois dedos. Ele a ensinou a dançar, fumar e xingar em francês. Talvez, se tivessem freqüentado a mesma escola ou se misturado em um círculo comum de amizade, não teriam permanecido amigos, mas, como se via, as diferenças entre eles serviram para uni-los ainda mais em vez de separá-los. Eles sabiam que não deveriam esperar muito um do outro, assim, ano após ano, logo que as orquídeas floresciam, eles corriam para a praia e retomavam de onde tinham parado antes de a neve começar a cair.

— Olá. — Whit sempre dizia na primeira vez que via Jo depois de um longo inverno. — Você estava estranha.

— Mas não tão estranha quanto você — respondia ela com rispidez, e os dois caíam na gargalhada. Whit tinha um jeito de rir, lá do fundo do estômago, que fazia com que Jo quisesse se juntar a ele. Na época, ela achava que isso era devido às travessuras e palhaçadas dele, por serem tão exorbitantes, mas depois passou a acreditar que era porque a risada dele era sempre com ou contra você, um barulho que fazia você perceber que, a despeito de toda a sua congenialidade, era melhor tomar cuidado quando se estava perto dele.

Eles selaram a amizade com o sangue de um sapo quando Jo tinha oito anos e Whit, seis. Normalmente, eles brincavam na praia, mas nesse dia ele a desafiou a levá-lo para a salina. Desde a primeira vez em que ela lhe mostrara o lugar, ele ficara insaciavelmente curioso a respeito dele.

O sapo emitia um som ressonante, era de uma espécie com peito truncado, acorado num monte de zostera. Whit o segurou na mão, enquanto Jo se maravilhava com seus dedos nodosos, que pareciam tão humanos.

— Vamos lhe dar um nome — sugeriu ela. — Vamos chamá-lo de Senhor Coração Verde. — Desde a morte de Henry, ela é que passara a ler os livros sobre cavaleiros e piratas.

Whit a olhou desconfiado.

— E um sapo, Jo. Não um príncipe. Mas fique à vontade se quiser beijá-lo. — Ele levou o sapo até a frente dos lábios dela, mas Jo não se assustava tão fácil.

— Solte o sapo. — O pobre animal estava pulando e se virando nas mãos de Whit.

— O quê? Você enlouqueceu? Tem ideia do tanto que posso assustar minha governanta com isto?

Jo colocou as mãos na cintura.

— Estou falando sério.

— Eu também. Imagine isso: ela puxa a coberta para dormir e *voilà!* Tem companhia na cama! — O sapo se mexeu de novo, e Jo se viu desejando que anfíbios tivessem dentes. Antes que Whit pudesse fazer qualquer coisa a respeito, ela pulou para a frente e deu um tapa nas mãos dele, para que elas se abrissem. Livre, o sapo saltou até os juncos.

O rosto de Whit ficou marrom-arroxeadado.

— Que menininha covarde você é, Jo Gilly!

Ela semicerrou os olhos.

— Bem, e você é um sanguinário!

Ela esperava Whit retrucar, e não agarrar sua mão. Quando ela fechou o punho, ele colocou os dedos no pulso dela, bem onde pulsava.

— Psiu — disse ele —, não se mexa. — Ele abriu os dedos dela.

Ela sentiu uma picada no meio da palma da mão.

— Ai!

Whit abriu um largo sorriso. Ele tinha o canivete aberto na palma da mão e, enquanto Jo observava, ele o espetou na própria carne, liberando uma mancha de sangue.

— Me dê sua mão. — Ele pegou a palma ferida dela e a pressionou rapidamente contra a sua. Entre a pele deles, Jo podia sentir algo liso e quente se misturando. — Agora estamos quites — disse ele depois de um tempo, abrindo o punho e fechando com um



estalo o canivete. — Somos idênticos. Não importa o que aconteça, há um pouco de você em mim, e um pouco de mim em você. Sei o quanto sente falta de seu irmão, e agora nunca mais estará sozinha.

Lágrimas embaçaram os olhos dela. Whit não compreendia aquilo de jeito nenhum. Não é que desejasse ter Henry de volta. Ela nunca quis que ele fosse embora. Mas o que Whit, um filho privilegiado, o último reizinho Turner, saberia sobre ter uma cara-metade? Ela enxugou o nariz com as costas da mão e aspirou com força.

— Obrigada. — Tentou parecer sincera. O peito de Whit se encheu de orgulho. Jo o observou saracotear pela trilha, a bainha da calça justa marcada com a lama da salina; em seguida, ela se ajoelhou diante de um dos tanques de evaporação e jogou um pouco da água salgada em sua mão, deixando o líquido arder e purificar a ferida. Se fosse para ela ter uma gota de sangue dos Turner dentro de si, pensou, era melhor que se embebesse de vez no sal, só para ficar do lado seguro. Ela tirou a lama de sua roupa o máximo que conseguiu e correu de volta para casa, antes que a mãe desse por sua falta, sentindo-se diferente, mas ainda a mesma. Provavelmente, era modesta demais para as bobagens de Whit exercerem algum efeito sobre ela, e essa ideia a agradou. Significava que estava onde deveria estar. Logo antes de abrir a tela da varanda, em algum lugar ao longe, pensou ter escutado o sapo coaxar.

PARA WHIT, Jo acreditava ser como uma caverna: um lugar escuro para onde ele podia ir e ficar em silêncio. Mas, para ela, Whit era o oposto. Ele a tirava das depressões da salina e a animava, fazendo-a absorver um mundo maior, mesmo que fosse em Prospect.

— Você sabia que o Senhor Upton teve uma namorada em Hyannis? — contou-lhe ele depois de vê-la com a mãe no supermercado numa tarde. — Uma chinesa, parece. Ela trabalha numa farmácia lá.

Ele sabia que a agente do correio, quando estava entediada, lia algumas vezes as correspondências das pessoas, que a biblioteca tinha um livro de sexo escondido na seção de referência, e que às vezes, na taberna Fletcher, aconteciam noites secretas de jogatina para os pescadores que se refugiavam no porto. Por meio de Whit, Jo ficava sabendo que até em uma cidade tão parada quanto Prospect aconteciam algumas coisas fascinantes por trás das cortinas.

Com o tempo, eles desenvolveram uma linguagem secreta que usavam na igreja. Cinco dedos bem abertos era um aviso. *Hoje não posso. Não posso dizer mais nada.* Dois pulsos cruzados significava um encontro mais tarde, e uma das mãos fechada, *Tenho uma surpresa para você.* Demorou alguns verões para Ida se dar conta daquela comunicação, mas, quando o fez, começou a armar contra eles. Ela pegava Jo na saída da missa, agarrava-a pelo braço e desdenhava dela:

— Whit tem uma companheira de tênis o dia todo, uma linda menina de Mainline. Você está livre, então, para voltar para o seu pântano. Ele mesmo ia lhe dizer, mas já foi embora.

Jo reparou que, quanto mais velhos ela e Whit ficavam, rondando um ao outro e atravessando o limiar da adolescência, mais parceiras Ida começava a arrumar para seu filho. Ela reunia todas as Annabel, Meredith e as últimas Elizabeth de Cape Cod, e as fazia desfilar na frente de Whit no clube de campo e nas festas em sua casa. Nenhuma dessas meninas, no entanto, sabia assobiar a música dos marinheiros nem ria das brincadeiras rudes dele. Ida passou a se sentar entre Whit e o corredor da igreja durante a missa, bloqueando a visão que ele tinha de Jo, mas isso não mudou a relação deles. Quando Jo estava com 15 anos e Whit, com 13, o fio entre eles havia ficado ainda mais firme.

A mãe de Jo odiava aquilo tanto quando Ida.

— Não deixe aquele Whit Turner colocar os pés aqui nesta terra outra vez — advertiu ela depois de pegar Jo e Whit passeando pela salina. — A mãe dele provavelmente o manda aqui para espiar. Fale para ele dizer a Ida que ela poderá ter este lugar quando houver rosas e flores no inferno.

Depois disso, Jo tinha de levar Claire junto com ela onde quer que fosse. A irmã de oito anos era pior do que um papagaio. Era a própria polícia secreta em seu encalço. Se Jo comia um pedaço de torta a mais, se deixava de raspar um único tanque, Claire contava os pecados da irmã durante o jantar.

— Jo e Whit Esquimó se beijaram — declarou Claire não muito depois do incidente na salina, jogando o cabelo para trás. — Disse para Jo que eu ia contar, e então fiz isso. — Ela levantou os braços, mostrando o lugar onde Jo lhe havia dado um beliscão. Jo suspirou. Até a pele de Claire era transparente.

— Whit Esquimó também beijou você — retrucou Jo e observou Claire enrubescer intensamente.

A mãe ficou vermelha de raiva e derramou sobre as ervilhas o molho do cozido de carne.

— Se Ida ficar sabendo disso, vai comer vocês vivas, e então, onde vão parar?

A ameaça de Ida foi uma boa ideia. Ninguém sabia do que ela era capaz, pois havia muito dela que era território desconhecido. A população de Prospect conhecia seu histórico de pobreza e, claro, ninguém podia ignorar sua atual posição na sociedade. Porém, sua vida entre esses dois *status* cabia a qualquer um especular.

Quando Ida tinha 17 anos, contava-se, ela havia afastado a amante embriagada que se encostava indolentemente na cabana do pai, todos os rígidos membros da Liga da Temperança, todo o corpo de professores da escola Prospect High e todas as meninas no raio da cidade. As duas únicas pessoas que nutriam qualquer afeto por ela eram sua irmã e o padre Flynn, que lhe dera a primeira comunhão e a crismara, e com quem ela se confessava todos os sábados até desenvolver a figura de Jezebel e fugir de Prospect.

Ninguém nunca descobriu para onde ela foi. Alguns suspeitavam que tivesse ido para Boston ou Concord, outros achavam mais provável ela ter ido a Paris, onde aprendeu a vestir meias sete-oitavos, usar joias de ouro e batom da cor insultante dos corais. Entretanto, havia outras teorias que também corriam pela cidade: que Ida se refugiara com uma banda musical de ciganos, que ela secretamente se casara com um velho rico e herdara sua fortuna

quando ele morreu, que encontrara trabalho numa casa de dança ou coisa pior. E então havia aqueles que diziam que Ida Dunn não fora além do orfanato da Liga da Temperança para mulheres pobres e crianças abandonadas, onde dera à luz uma criança e aprendera a peserosa arte de bordar e fazer renda.

Ida nunca deu atenção aos rumores, nem precisou disso. Um ano e meio depois de ter saído da cidade, ela voltou para o funeral do pai. No enterro, estava vestindo sandálias de pelica, cujo salto de oito centímetros marcava o piso sob os pés, e uma charmosa e barulhenta pulseira com uma âncora em miniatura, uma cruz de contas e um minúsculo coração pendurados nela. Usava também um vestido preto de tricô que a cobria da cabeça aos pés, mas, por algum motivo, deixava pouco espaço para a imaginação.

Depois da cerimônia triste, ela buscou a irmã deficiente mental e a levou para uma instituição do Estado; então, foi até a taverna Fletcher e comprou uma dose do uísque mais caro. Quando estava colocando a ponta da língua no copo, uma voz masculina se materializou em seu ouvido esquerdo.

— Damas não se entregam a bebidas alcoólicas a menos que estejam sem disposição de espírito.

Assim como Jo sempre imaginou, quando Ida se virou, deu de cara com Hamish Turner debruçado sobre o balcão do bar, sua imponente gravata de seda desfeita o suficiente para parecer sugestivo. Hamish era o homem mais rico e bonito de Prospect. Guiava como um bandido prestes a destruir Bank Street, não pagava as contas na lanchonete e nunca teve de responder por isso. Ida deslizou para mais perto de Hamish no bar, balançando os quadris.

— Estou sem nada — murmurou ela, esticando a mão e pensando, *mas não por muito tempo*. E bem assim, pelo preço de uma dose de uísque com gelo, Hamish Turner comprou para si uma esposa.

Logo que a tinta secou na certidão de casamento e Ida teve um pouco de dinheiro, ela saiu comprando terras e ficando paradoxalmente mais atrevida e obstinada à medida que adquiria mais terras ao longo de Cape Cod. Ela acrescentou um anexo à já enorme casa dos Turner e a redecorou com brocados tão cheios de

detalhes que davam dor de cabeça nas empregadas que cuidavam deles. Jo e a mãe costumavam escutá-las reclamando na loja do Sr. Upton. Ida gostava das meninas polonesas novas e bonitas, que trouxera de Manhattan, ou de meninas de classe média com fortes raízes irlandesas, que arrancava dos becos de South Boston.

— O aparador tem tanta prata, parece a mina do rei Salomão. — Lamentava uma empregada, esticando o braço para pegar uma lata de polidor de prata. — Vejam como minhas mãos estão rachadas.

— Nem me fale — respondia a outra, com um sotaque eslavo, batendo de leve nas tranças. — Na semana passada, gastei dois dias batendo os tapetes da *biblioteca com a mão*, e não é que a Senhora Turner encontrou uma aranha? Meus braços estão tão doloridos, mal posso mexê-los.

Ao ouvir essas reclamações, a mãe de Jo bufou e apressou a filha para o caixa, murmurando para si mesma, até que um dia ela disse:

— Ida Turner pode marcar suas iniciais em todas as portas de Prospect — vociferou a mãe, batendo com força latas de leite condensado sobre o balcão do Sr. Upton —, mas jamais vai se aproximar da Fazenda Salt Creek.

Antes que Jo pudesse evitar, ela se intrometeu na conversa.

— Mas Whit disse que sua mãe não ia fazer isso, tentar pegar a salina.

A mãe empalideceu e lhe lançou um rápido olhar. Os olhos ficaram mais suaves quando entregou a Jo uma das sacolas do mercado. Jo a pegou nos braços e apressou o passo para acompanhar os da mãe, que atravessava com pressa a porta em direção à casa. Ela fazia tudo com a furia de uma mulher cortando cebolas, pensou Jo.

— Além de tentar comprar nossa terra, por que você e Ida se odeiam tanto? — perguntou Jo. Ela sabia por que ela própria não gostava daquela mulher. Ida era mais maldosa do que uma víbora peçonhenta, pegava todos os doces que Jo dividia com Whit e delatava para o padre Flynn as crianças que conversavam na igreja. Mas essas eram reclamações específicas das crianças. A troca de ódio entre a mãe de Jo e Ida era intensa, mas também profundamente soterrada, como aquelas correntes sob o oceano,

onde criaturas com tentáculos nadavam. Um lugar que poucas almas haviam visto. Mas a mãe não mordeu a isca.

— Não odeio Ida — respondeu ela, esboçando um sorriso no rosto, no qual Jo não acreditou nem por um segundo. — Sei coisas demais sobre ela para isso. Mas nós duas concordamos numa coisa. Você e Whit precisam se distanciar um do outro. Estou falando isso de mulher para mulher, Jo; se eu descobrir o mínimo sinal de que Whit encostou um dedo sequer em você, vou fazer você se arrepender tanto disso que não vai mais querer nem piscar para ele.

Jo acompanhou o brilho do cabelo vermelho da mãe até a varanda; ela pisava duro sobre a madeira solta. Foi a primeira vez que ela reconheceu que Jo estava se tornando mulher, e uma onda de orgulho cresceu em seu peito.

Mas, quanto maior o orgulho, maior o tombo — isso nem precisa ser dito —, e aquele momento acabou por se tornar a primeira fenda na armadura com a qual Jo e Whit haviam se resguardado do resto do mundo, um buraco tão pequeno que Jo nem o reconheceu como uma falha. Em vez disso, Jo estava triunfante quando abriu a tela da porta e passou correndo pelo piano quebrado na sala da frente, o pacote de papel do supermercado apoiado no quadril, sua cabeça cheia de pensamentos a respeito de se tornar uma adulta. Ela não era particularmente bonita. Tinha consciência disso. Seus cabelos eram da cor da espuma da salina, os olhos tão castanhos quanto a ponta do rabo de um gato, e seu andar era tão gracioso quanto o de um pescador das docas. Contudo, parecia que havia nela uma marca, afinal, era essencialmente uma Gilly, e isso lhe bastava.

HAVIA, NO ENTANTO, uma porção de coisas que Jo não sabia sobre o mundo feminino, isto é, nunca são as mulheres que você imagina as responsáveis por seus maiores problemas na vida, mas aquelas que espreitam do lado de fora, quietas como uma porta. No caso de Jo, foi a Virgem.

No final do verão de 1959, a vida corria às mil maravilhas — brisas perfeitas, temperaturas agradáveis, o céu da cor dos ovos do sabiá. Bobbie Fischer era ainda o campeão de xadrez do mundo, Elvis estava no Exército, e Jerry Lee Lewis estava enlouquecido por ter se casado com a prima de 13 anos. No último final de semana de agosto, Whit não foi encontrar Jo na praia, como de costume, o que a entristeceu, pois aquela seria a última semana dele na cidade. Naquele ano, ele iria para o colégio interno em Connecticut, como condizia a um Turner, e Jo sabia que, quando ele voltasse para casa, eles talvez tivessem dificuldade para retomar de onde haviam parado.

Ela o esperou na areia até a tarde ficar escaldante e o vento se reduzir a um bruxuleio, e até chegar a hora de raspar os cristais dos tanques. Sua família os chamava de flores de sal, e, num dia quente de um final de tarde de verão, os flocos pareciam mesmo um arranjo de pétalas em miniatura, mais brancas do que os grãos cinzentos agrupados sob eles, delicados como as asas de uma fada. Jo pegou a pá de madeira e, segurando um pouco a respiração, estendeu-a sobre a superfície do tanque, abaixando-a com cuidado do lado oposto dos cristais para não agitá-los. As pessoas chegavam a pagar dez vezes mais por aquele sal. Sua mãe não o usava da mesma forma que o produto cinzento comum. Ela o salpicava sobre a comida em ocasiões especiais e somente logo antes de servir, para não perder a intensidade de seu sabor.

Segurando o rastelo bem firme, Jo recolheu os frágeis flocos de um ramalhete a seus pés, então se abaixou e os colocou com uma colher numa vasilha rasa de madeira, que havia trazido com ela. Somente depois de ter certeza de que havia coletado todos os cristais, ela amontoou a lama cinzenta que ficava no fundo do tanque numa pilha nas margens do açude. Ela a deixaria secar durante a noite e depois a removeria para uma pilha ainda maior, que descansaria até o final da estação, quando seria transportada para o celeiro.

O celeiro lembrava a Jo uma espécie de capela. Era muito antigo, desde a origem da fazenda, e, na verdade, parecia mais um galpão do que um celeiro. Não tinha o típico teto arqueado e a estrutura

alegre dos livros de contos, tampouco tinha um lugar para armazenar o feno, mas havia espaço para os animais (embora as baias estivessem vazias agora) e portas largas e duplas. Dentro, era sombrio, empoeirado e seco. Ao longo dos anos, a salina havia manchado em vários pedaços e em forma de anéis as paredes de madeira e o chão, conferindo à madeira uma aparência doentia que combinava com os besouros e os vermes das batatas que rastejavam pelas fendas. Jo transferiu os flocos da vasilha para a pilha da estação e se virou para pendurar o rastelo no gancho da parede. Essas ações lhe eram tão automáticas quanto escovar os dentes e descascar batatas, e ela as realizava da mesma forma todas as vezes. Mesmo quando Jo não tivesse mais nada, sua mãe lhe ensinara isso, ela ainda poderia ter a organização.

Por isso ela não viu Whit de imediato. Ele estava de pé na sombra, no fundo do celeiro. A princípio, Jo pensou se tratar de um fantasma. Deu um salto e derrubou o rastelo antes de conseguir pendurá-lo. Então, reconheceu o jeito familiar com que ele empinava a cabeça, e seu coração se acalmou. Ele assobiou os três trilos que inventaram no verão quando ele estava com 10 anos e ela, 12, para ser o sinal particular deles.

— O que diabos está fazendo aqui? — perguntou ela.

A voz dele tremeu um pouco, como se estivesse contendo as lágrimas, mas não poderia ser isso, pensou Jo, porque Whit Turner jamais chorava.

— Vim me despedir de você. Minha mãe acabou de me contar que vamos partir bem cedo para o internato.

Jo se controlou, recusando-se a ficar triste. As pessoas que amava sempre iam embora: Henry, o pai e agora Whit. O verão estava acabando, e eles estavam ficando um ano mais velhos. Não se viam muito no inverno mesmo! Enquanto tentava organizar os pensamentos, Whit largou as mãos dela e mexeu no bolso.

— Trouxe uma coisa para você. — Ele tirou de lá um pacotinho embrulhado em papel brilhante e esperou Jo abri-lo. Sob o papel, havia uma caixinha de veludo e, ao erguer a tampa, Jo viu um medalhão na forma de coração enfiado numa corrente de prata.



Whit pegou o colar de suas mãos e se pôs atrás dela para colocá-lo em volta de seu pescoço.

— Me lembrou você — disse ele, dando um tapinha no medalhão com a unha. — Duro, mas bonito mesmo assim. — Esse tipo de galanteio era novidade entre eles, e Jo não tinha certeza se gostava daquilo. Ela estendeu o braço e pegou o colar.

— O que é isso? — perguntou ela, piscando os olhos.

Whit corou.

— Pedi para gravarem um W nele para que nunca se esqueça de mim.

Jo prendeu a respiração. Whit havia enlouquecido? Ela não poderia andar pela cidade com a inicial do nome dele pendurada no pescoço. Ida a mataria se visse aquilo, sem falar em sua própria mãe. Era o tipo de coisa que uma namorada usaria, e Jo não tinha essa relação com Whit. Ela pegou o colar e o arrancou o mais rápido que pôde, devolvendo-o para Whit.

— Não posso aceitá-lo.

Os dedos de Whit se enrascaram nos dela como um sinal de interrogação.

— Por que não? — Seu rosto era franco e suave como o de um bebê, mas os olhos estavam tão claros como ela nunca os vira antes. De repente, sem avisar, os lábios dele encontraram os dela e a língua de Whit pressionou contra a boca fechada de Jo até ela se inclinar sobre ele e abrir um pouco o maxilar.

— Relaxa — suspirou ele. — E o que se deve fazer quando se está apaixonado. — E Jo desejava isso, mas algo lhe pareceu terrivelmente errado. Sempre pensara que beijar Whit seria tão natural quanto correr descalça pela praia com ele. Mas não sentiu isso. Até certo ponto, era como correr descalça, tudo bem, mas com pedras pontudas lhe cortando os pés.

Ela jogou a cabeça para trás.

— Amor é para os tolos, Whit Turner — despejou, porque não conseguiu pensar em nada melhor. Então, saiu.

— Jo, por favor! — gritou Whit, mas ela já estava correndo, obedecendo à regra de manter o máximo de distância entre eles. Ela saiu em disparada pela salina, que escurecia, e esfregou as costas

da mão nos lábios. O gosto de Whit, um sabor leitoso e úmido que não conseguia distinguir, ainda a preenchia. Ela cuspiu na lama.

Ela foi parar na Igreja St. Agnes. Preocupada com a possibilidade de Whit vir atrás dela, abriu as portas do santuário e entrou furtivamente. Naquela noite, apenas uma vela votiva bruxuleava sob os pés da Nossa Senhora; Jo acendeu uma segunda e se ajoelhou. As tábuas soltas do chão cederam um pouco sob seus joelhos. O cheiro familiar de gesso seco e poeira fizeram cócegas em seu nariz, mas, naquela noite, o consolo do conhecido fez pouco para acalmá-la.

Bem de perto, sob a escuridão que se formava, o lugar oval vazio onde deveria estar o rosto da Virgem estava ainda mais evidente, um poço sem fundo. Talvez por essa razão a imagem inspirasse confissões, pensou Jo, mas, antes que conseguisse seguir adiante com o pensamento, a voz do padre Flynn soou pelo santuário, como se o tivesse invocado.

— Olá, querida. Que surpresa. — Ele passou pela porta aberta da sacristia e se agachou ao lado dela. — Está tudo bem?

Jo se segurou para não chorar e baixou a cabeça.

— Não muito.

Padre Flynn se sentou no banco atrás dela. Ele tinha um jeito de se aproximar que sempre fazia com que Jo quisesse lhe confessar tudo.

— Acabei de fazer um monte de coisa errada com Whit Turner. Ele tentou me dar uma coisa que não pude aceitar. E, claro, ele vai para o internato amanhã bem cedo. O senhor sabia disso?

Padre Flynn fez que sim com a cabeça.

— O que ele queria lhe dar? — perguntou ele finalmente.

— Um medalhão com a inicial dele gravada.

Ela ouviu padre Flynn exalar com força.

— Por que não o aceitou?

— Não sei bem... — respondeu ela baixinho. Não era caso de não gostar de Whit, percebeu Jo. Mas era que gostava muito dele para apenas um romance de verão. — Não acho que Turner e Gilly formem a melhor combinação — disse ela por fim.

Padre Flynn se recostou no banco e a olhou sério.

— O negócio com você e Whit é que vocês são um pouco como mostarda e vinagre. Bons sozinhos, mas um pouco demais quando juntos. E você está na melhor fase de sua vida, minha filha. Tente não se esquecer disso. — Ele hesitou, os olhos cada vez mais obscuros. — Pode me procurar sempre que se passar qualquer coisa com o seu coração, sabe disso. Bem, sei que às vezes deve sentir falta de seu pai. — Antes que Jo pudesse responder, padre Flynn se levantou e acenou-lhe a mão. — E melhor voltar para a salina, querida. Já está anoitecendo.

Jo voltou para casa, arrependida de ter devolvido o medalhão para Whit. Teria sido uma lembrança perfeita para a Nossa Senhora, percebeu ela. Ao longo do caminho, pelas margens da salina, ponderou de novo a importância do medalhão de prata, virando de um lado e depois do outro, como uma pedra que é arrastada para o fundo do rio. O que Ida *faria* se pegasse Jo usando aquilo, perguntou-se ela. Era difícil saber. Ida era uma mulher que tinha tudo: joias, peles, sem falar em um marido que agarrava como se ele fosse uma maré indo embora, e um filho que fazia tudo para proteger.

Mas ela tinha também outras coisas, isto é, um passado do qual nunca se livrou. E quando uma mulher tinha demais, pensou Jo, era prudente colocar um pé à frente do outro com cuidado. E por que razão ela desistiria de algumas coisas, fossem elas roupas da temporada passada, um jogo de pratos que não usava mais, e Jo se arriscava até mesmo a dizer, de um filho ilegítimo que ninguém poderia provar que ela dera à luz? Jo entrou na pensa varanda da frente da fazenda, feliz pela única luz difusa a iluminando.

— Puxa vida, por onde andou? — perguntou-lhe a mãe quando ela apareceu na cozinha. Ela passou o jantar de Jo pela mesa. — Aqui, a sopa está fria e o pão, duro, mas você precisa de algo para o estômago.

— Fui à St. Agnes — respondeu Jo, sentando-se. — Eu e Whit brigamos. Queria saber se o padre Flynn podia me ajudar.

Isso fez com que a mãe ficasse calada. Ela abriu a boca como se fosse dizer algo à filha, então mudou de ideia e tiniu a louça na pia.

— E ajudou? — perguntou ela por fim, e Jo respondeu que não com a cabeça. A mãe abriu a torneira com toda a força. — O que ele sabe, não é mesmo? — disse ela. — Padre Flynn não passa de um sacerdote. Pior do que isso, é um homem. Deveria manter seu maldito nariz longe dos assuntos femininos, se não quiser ficar sem ele.

NA MANHÃ SEGUINTE, Jo acordou grogue e cansada, e percebeu que o tempo havia esfriado e escurecido. Quando desceu para o café da manhã, a mãe lhe deu um pão preto e pediu que o entregasse ao padre Flynn.

— E, depois disso, pode andar até a cidade e parar no correio para mim — ordenou a mãe. — Acabamos de ficar sem selos.

Quando Jo chegou à St. Agnes, o santuário estava vazio. Era tão cedo, ninguém teria ido para aqueles lados ainda, Jo sabia, e ela apreciou a solidão. Mas, quando se aproximou do centro do corredor da igreja, viu que estava enganada. Alguém já havia passado por ali e deixado alguma coisa.

Embora fosse cedo, já tinha uma vela votiva queimando na frente da Virgem e, sob ela, havia um envelope de cor creme com iniciais entrelaçadas na frente: *IMT*. Ida May Turner. Jo se aproximou mais, curiosa. De todas as mulheres em Prospect, Ida era a única que não venerava a Nossa Senhora.

— Bobagens pagãs — vociferava, sempre que uma pobre alma lhe perguntava a respeito. — Não cheguei aonde estou rastejando diante de uma pintura estragada. — Ao longo de toda a vida de Jo, ela nunca vira Ida fazer nenhuma oferenda para a Virgem.

Ao lado do envelope, havia uma corrente que lhe pareceu vagamente familiar. Era o colar de uma pérola só que Ida usava algumas vezes, contrastando com suas joias mais chamativas. Jo largou o pão e o sal na frente da Virgem, sem ao menos se dar ao trabalho de ajoelhar, e, então, olhando em volta para se certificar de

que não havia ninguém por perto, cometeu um pecado tão grave que nunca o confessou.

Havia uma lei subentendida de que o que fora deixado para a Virgem permaneceria intocável até depois da missa de domingo, quando padre Flynn recolheria todos os itens. Os papezinhos com súplicas e confissões escritas, ele queimava sem ler. Palavras para a Virgem, fossem elas rabiscadas ou ditas, eram para os ouvidos dela apenas, e ninguém — nem mesmo o clero — ousaria violar essa convenção. Mas, naquele dia, Jo o fez. Olhando em volta para ver se alguém se aproximava, ela esticou o braço e enfiou primeiro a carta e depois a pérola no bolso.

— Menina. — Ela quase engasgou com a própria respiração e arrancou a mão do bolso. Padre Flynn tinha os pés mais silenciosos da cristandade. Ela fechou as mãos sobre o colo e olhou para ele de esquelha, mas ele não pareceu notar que Jo fizera algo de errado.

— Você está aqui muito cedo — disse ele, ajoelhando-se ao seu lado.

— E verdade — respondeu ela, o coração batendo forte. — Trouxe um pão para o senhor. — E o empurrou para ele.

— Obrigado. — Padre Flynn se abaixou e o recebeu em suas largas mãos, sem nenhum traço de suspeita. — Parece quieta esta manhã. Sentindo falta decerto do juvenzinho, não é?

Jo franziu a testa.

— Não. E que temos muito trabalho para fazer ainda na salina e o clima está mudando depressa.

O padre deu-lhe um tapinha amigável no ombro.

— Bem, então não me deixe prendê-la. — Jo esperou até ter certeza de que ele havia partido e saiu nas pontas dos pés do santuário, a mão presa à joia em seu bolso.

Ao longo de todo o caminho pela trilha, ela não parou de olhar por cima dos ombros, embora não soubesse quem a seguiria. A costa estava deserta, e, apesar de estar com o coração na boca, Jo seguiu andando até a base do Plover Hill e parou ao chegar à pereira. Não era um lugar que freqüentava sempre, já que se tratava do ninho de amor dos apaixonados. As folhas haviam todas ficado marrons e caído, mas Jo se agachou entre elas assim mesmo e se

sentou sob o resguardo dos galhos, encarando a monstruosidade das ripas de madeira da casa dos Turner. Ela colocou a mão na carta outra vez, acreditando ter uma boa noção do que havia nela, mas precisava ter certeza. Antes que pudesse mudar de ideia, abriu o envelope com força, tirou de dentro as folhas e leu as palavras que mudariam para sempre a sua vida.

Era uma história simples sobre uma tempestade no final da estação e o nascimento de dois bebês, um conto que Jo pensara conhecer, mas não exatamente daquela maneira. Ela leu as palavras três vezes para ter certeza de que as entendera e, quando terminou, estava certa de duas coisas: a primeira era que desejava não ter roubado a carta, pois não queria saber daquelas coisas horríveis a seu respeito; a segunda era que, mesmo que a envolvessem, as palavras que Jo segurava tão frouxamente debaixo da árvore não eram suas e, por isso, não poderia guardá-las.

Ela deveria ter feito o que era certo e devolvido a pérola e a carta para a Virgem, claro, ou impedido que alguém as visse, enterrando ou queimando as evidências. Mas era nova, e segredos podem ser um peso para se carregar quando não se está acostumado com eles. Deveria ter se dirigido à Nossa Senhora em busca de consolo, mas, só de imaginá-la — sem rosto, apagada, as saias sumindo —, seu sangue congelou. Sobretudo, Jo queria saber se havia outro coração tão ferido quanto o dela e sabia exatamente de quem gostaria que ele fosse.

Ela guardou a carta de novo no envelope e colocou o colar dentro dele também. Então, antes que pudesse mudar de ideia, subiu o Plover Hill até os portões de ferro da Casa Turner e a rebuscada caixa de correio de metal. Provavelmente, uma das empregadas recolhia as cartas todos os dias, pensou Jo, mas Ida receberia esta mensagem. Não tinha dúvidas a respeito disso. Apenas não saberia quem a entregara. Jo fechou com força a portinha de dobradiça da caixa e começou a descer a colina, lançando um rápido olhar sobre os ombros para ver se detectava qualquer movimento na casa, mas estava tudo em silêncio. Todos tinham saído para levar Whit ao internato.

Jo imaginou Ida abrindo o envelope quando voltasse, a pérola caindo na mão semifechada como um tapa. Seria um presente que imaginou jamais ter de volta, mas tampouco ia querer mantê-lo, exatamente como algo mais de que desistira certa vez. Jo andou de novo sobre as folhas da pereira, feliz consigo mesma. Agora, ela e Ida estavam quites. A esse respeito, na verdade, elas eram idênticas. Parecia que Jo tinha o dom de se livrar das coisas também.

## 6

ARREPENDIMENTOS TENDEM A se acumular como poeira na vida de uma pessoa, mas Claire tinha apenas um: não se casara com o seu grande amor. A escolha nunca foi dela, e dessa verdade ela sabia, mesmo que a repelisse. Algumas mulheres nasceram para ser boas esposas, enquanto outras, para brincar com fogo. Assim que Claire estava fora do ventre, ficou absolutamente claro para qual dos caminhos ela fora escolhida.

Para começar, havia o seu cabelo: tão vermelho quanto o dia, era longo, ondulado e grosso. Na infância, a mãe o prendia num rabo, mas, quando Claire entrou na adolescência, ela o deixou crescer, para desespero da mãe. *Uma cachoeira de puro pecado*, a mãe costumava se referir a ele quando o penteava antes de irem à missa, arrancando os fios arrepiados ao longo da cabeça da filha, fazendo-a queimar.

Isso sempre irritou Claire.

— É igualzinho ao seu — comentava Claire, mas a mãe nunca lhe respondeu. Apenas penteava ainda mais forte, puxando-a pela orelha e beliscando-a nos lugares sensíveis.

— Melhor deixá-lo para cima, longe da tentação do demônio — murmurava ela, com a boca cheia de grampos.

Claire não conseguia argumentar contra essa lógica. Mesmo antes de atingir a adolescência, ela sabia que o demônio devia ter um olho erguido para as mulheres Gilly, que, o Bom Senhor as ajude, costumavam retribuir esse amor. Por essa razão, todos na cidade diziam que o matrimônio não era para elas, pois como se pode casar com uma mulher em cujos dedos já havia um anel de enxofre?

— Casamento não é para as mulheres Gilly — a mãe sempre resmungava quando Claire lhe perguntava sobre o pai.

— Talvez isso seja verdade para Jo, mas não para mim — respondeu Claire no dia em que sua mãe a arrumava para a crisma.



Ela entregou à mãe um pedaço de fita branca para trançá-lo em seu cabelo. Havia começado a deixá-lo crescer, e ele mal batia em seus ombros. Jo era sete anos mais velha que Claire, esta tinha 20 e Claire, 13 anos, mas era tão quadrada que, para Claire, ela podia ter 30 ou 40 anos. Era a sua irmã, mas também pensava em Jo como uma solteirona.

Por outro lado, no entanto, Jo sempre fora esnobe, mesmo quando adolescente. Claire se lembra dos verões quando Jo e Whit eram tão unidos quanto dois arcos no barril. Foram quase namorados, mas não exatamente, talvez porque soubessem demais um do outro. Segundo Claire, não havia mistério entre eles, e esse foi o erro de Jo, pois um homem, para se prender a uma mulher, precisa estar curioso a seu respeito. Mesmo aos 13 anos, Claire já sabia de tudo isso.

A mãe resmungou diante de sua sugestão.

— Uma Gilly com um Turner é a pior combinação de todas — disse ela, arrancando um delicado fio de cabelo perto do pescoço de Claire.

— Não se pode confiar num Turner — prosseguiu, passando a mão em seu cabelo. — Eles venderiam a própria alma se achassem que poderiam ganhar dois níqueis com isso.

Claire tirou as mãos da mãe de sua cabeça.

— Não acredito nessas histórias velhas.

A mãe suspirou.

— Você é quem sabe — respondeu ela. Então, franziu a testa e pareceu quase arrependida. — Talvez seja melhor assim.

Claire se virou de costas e foi buscar o casaco para ir à igreja, mas a opinião da mãe grudava nela como cola. Na verdade, embora Claire não soubesse disso na época, a mãe estava ao mesmo tempo certa e errada sobre os Turner. Eles *venderiam* qualquer coisa — até, talvez, a própria alma —, mas jamais por um valor tão insignificante quanto dez centavos.

DIFERENTEMENTE DE Jo, Claire odiava tudo relacionado à missa: a sufocante fumaça do incenso, as incessantes tossidas e arrastos de pés, a sensação pegajosa da hóstia sobre a língua. Semana após semana, ela baixava a cabeça e traçava com dois dedos o rosto vazio da Virgem, sussurrando rapidamente um catálogo mais realista de seus pecados, antes de revelá-los aos ouvidos do padre Flynn.

— Você tem raiva emaranhada em seu coração — lamentava ele, com suspiros através da repartição de madeira do confessionário. — Precisa aprender que nem sempre a vontade de Deus coincide com a sua. Reze três ave-marias.

— Me sinto como se estivesse parada no tempo — reclamava Claire para Jo, quando andavam pela trilha até a St. Agnes, para fazer as confissões semanais. — Fazemos a mesma coisa todas as semanas. Cavamos o sal e rezamos e só.

Mas nesse quesito, como em muitos outros, Jo estava bem enraizada do lado da mãe e pegava Claire pelo braço.

— Vamos. — Os mosquitos picavam na margem da salina e também ao longo do caminho até a St. Agnes.

— Estou sendo devorada viva — reclamava Claire, golpeando os insetos que zuniam sem acertá-los. Jo, por outro lado, parecia cega para aquelas pragas. *Provavelmente, pensava Claire, eles me atacam porque ela é seca demais.*

Dentro da igrejinha, elas foram até a Virgem e acenderam duas velas. Como de costume, o fósforo de Claire acendeu rápido demais, chamuscando sua pele, e ela xingou e derrubou a vela, quebrando um pouco a cera em volta.

— Droga — murmurou ela.

— Claire — repreendeu Jo. — Não pode falar assim aqui. Tenha modos, pelo amor de Deus.

Claire virou os olhos para cima e riscou outro fósforo, que dessa vez se comportou melhor. Ela enfiou os dedos chamuscados na boca, e Jo balançou os cabelos negros. Diferentemente de Claire, ela os usava soltos, bem abaixo dos ombros. Nunca fazia nada com eles, mas eram bonitos mesmo assim.

— E melhor cuidar dessa falta de jeito com o fogo — disse ela. — Não se esqueça de que é sua vez de ficar em frente à fogueira da

véspera de dezembro.

O coração de Claire ficou apertado. Se havia algo que odiava mais do que a igreja, era jogar o sal na fogueira. Não era apenas o jeito maldoso com que a população a olhava, ou o círculo vazio de grama congelada que eles deixavam à medida que ela se aproximava das chamas, tampouco era o fato de ela não poder ficar e celebrar, era mais simples do que isso. Claire detestava ter de carregar nas mãos o destino de todas aquelas pessoas. Deveria fazê-la se sentir poderosa, ela sabia disso, como se ela fosse capaz de ver o mundo de forma especial, como ninguém mais, mas não. Ao contrário, desde a primeira vez que salpicara o fogo e o observara jorrar a horrenda coluna de fumaça preta, tudo que sentiu foi culpa. Mesmo aos seis anos, Claire poderia ter dito a qualquer um ao redor da fumaça naquela noite que futuros negros eram tudo o que conseguiriam dela, mas não teriam acreditado nela, ela sabia. Não até crescer e fazê-los acreditar.

Ela virou a palma da mão sobre a vela, reunindo o calor da chama em sua pele, e olhou para a irmã. Nada de ruim acontecia quando Jo jogava o sal, mas isso não fazia com que as pessoas da cidade gostassem mais dela do que de Claire. Uma Gilly era sempre uma Gilly para Prospect. Claire suspirou.

— Por que precisamos jogar sal no fogo mesmo? — perguntou ela pela centésima vez.

Jo se conteve e deu de ombros.

— Porque sempre fizemos isso.

— Bom, e se não fizermos mais?

Jo olhou-a, espantada.

— Como assim?

— E se não jogarmos o sal para a cidade? E se não existisse uma fogueira?

Jo se levantou.

— Não acho que essa seja uma boa ideia. De jeito nenhum, Claire.

— E, sem dizer mais nada, ela se virou de costas e pôs um fim à conversa. Claire enrubesceu, impaciente, e se inclinou para apagar

sua vela votiva. O fogo pulou e pegou em seu cabelo, mas Jo se abaixou e soprou a vela bem a tempo.

— Nem pense em dizer isso à mamãe — disse ela, ríspida. — E pelo que disse, quando voltarmos, você vai pegar o meu turno nos açudes.

APENAS PARA TENTAR O DESTINO, Claire começou a fumar. Ela aprendeu isso em festas na praia com adolescentes ricas que vinham passar o verão em Cape Cod. Elas fumavam somente do cigarro amargo, a maioria Spartan, marca francesa sem filtro. As vezes, cigarros misturados com cravo. Os pulmões asmáticos de Claire expectoravam e reclamavam a cada baforada que dava, mas ela adorava segurar com carinho o delicado cigarro entre os dedos, escutando-o crepitar, e depois apagá-lo com a sola do sapato. E, sim, ela estava sempre se queimando, tentando explicar furos perfeitamente circulares em suas roupas e marcas no pulso, onde havia batido num toco aceso.

Quando começou o ensino médio, ela não quis mais se sentar ao lado das garotas sujas e maltrapilhas que viviam do outro lado da cidade, cujos pais trabalhavam como lavadores de prato nas cabanas de mariscos visitadas por turistas e que tinham empregos temporários de pescadores com redes de arrasto ou gerentes de ferro-velho. Ela aprendeu a subir a barra da saia ou deixá-la no comprimento da moda e sempre tinha o cabelo bem arrumado. Mesmo quando preso numa trança, ela escolhia a cor certa da fita na lojinha Swenson.

Ela fez teste para ingressa no grupo das animadoras de torcida e foi aceita. Claire fazia parte do comitê de reencontro e do grupo que organizava o livro de formatura, e começou a lanchar com Katy Diamond, Cecilia Marsh e Abigail Van Huben: o triunvirato do colégio Prospect High. Suas notas melhoraram porque, pela primeira vez, estava feliz.

— Você vai terminar a escola — sussurrava-lhe a mãe de noite, acariciando o cabelo de Claire com seus dedos ásperos. — Está tudo certo. Emprestei o dinheiro somente por você.

Jo havia largado a escola quando estava no segundo ano do ensino médio, mas não era segredo algum que ela era melhor com as mãos do que com os livros. Claire começou a notar que um dia se seguia ao outro para a mãe e a irmã.

— Acabei de raspar os açudes do leste — informava Jo à mãe, chegando da salina.

— Mas os do oeste precisam ser raspados agora — respondia a mãe.

— Uma semana é igual a outra aqui neste lugar — dizia Jo quando Claire reclamava da mesmice. — O teto está pingando, há caracóis no jardim e temos lama até as orelhas. Não importa se estou falando de hoje, amanhã ou de três dias atrás.

— Acho que você tem razão — lamentava Claire, dando o nó em mais um saco de juta com sal cinza. — O tempo não anda aqui.

Mas ela estava enganada. Naquele ano, a mudança do verão para o outono trouxe-lhe algo novo, e, quando chegou, a moldura de sua vida jamais foi a mesma.

ANTES DE SE TORNAR PADRE, Ethan Stone não passava de um menino comum que vivia nos arredores de Prospect numa casa cinza perto do cais, onde o pai e o tio tinham duas traineiras a diesel. Era irônico os homens do mar receberem o nome Stone, mas este caía bem aos homens dessa família, que eram empedernidos, taciturnos e mais brutos do que granito. Todos os dias, por nove meses, independentemente do tempo, eles saíam em seus barcos e traziam de volta o que o Atlântico resolvia lhes arremessar. Cavala. Filhote de bacalhau. Uma ou duas lagostas, quando o acaso colaborava. Bacalhau no outono. Nos outros três meses do ano, quando as águas enfurecidas jogavam seu descontentamento e o convés das embarcações congelava, Chet se ocupava da curiosa arte de tricotar,

enquanto o pai de Ethan, Merrett, relaxava num banquinho numa taverna tão decadente que nem nome tinha.

Deve ter sido uma tortura para um homem como Merrett ter um filho igual a Ethan, pois, se o pai era um iceberg à deriva no mar, o filho parecia mais uma espuma se formando na crista da onda. Levando em conta que Ethan era novo, ele gostava bastante de pescar, mas também apreciava ver o tio tricotar. Mais grave do que isso era ele gostar de poesia e estruturas harmônicas da música clássica, e ficar fascinado por ser coroinha do padre Flynn. Quando o padre descobriu que Ethan sabia cantar, ele o fez representar os salmos; sua voz delicada era mais pura do que a de uma menina. A mãe doente sentava-se extasiada, com as mãos cruzadas sob o queixo e os lábios tremendo, enquanto o pai levantava a sobancelha.

— Parece brincadeira de Deus a voz desse menino — suspirava a mãe de Claire, o que produzia na menina um forte desejo de ir até Ethan Stone e dar-lhe um soco na cara.

No verão em que estava com 15 anos, Ethan começou a fugir da igreja para trabalhar no barco do pai, e a St. Agnes ficou vazia sem a cadência animada de sua voz. Mesmo que tivesse mudado ao longo dos anos, o timbre continuava suave, apenas mais intenso, como uma sobremesa que toma forma no forno. Se Claire se impacientava e se aborrecia durante a missa, e os outros meninos da cidade sentavam-se zangados com as mãos enfiadas nos bolsos, Ethan era tranqüilo. Ele se movia tão suavemente quando acendia as velas no altar que as chamas nem crepitavam, e Claire sempre se questionou como ele conseguia isso, dado seu calamitoso relacionamento com as votivas.

Ethan precisou se ausentar para que Claire o notasse e, quando finalmente o fez, ela não era a única. Ethan reapareceu na igreja depois do último dia da estação de pesca. Um dia frio do outono de 1965. Todas as mulheres da congregação, logo que se sentaram, repararam que o jovem rapaz com voz angelical estava diferente.

Ele havia ficado alto como Merrett, com os ombros e o pescoço tão largos quanto os do pai. Mas, enquanto o pai se movia com uma determinação abrutalhada, as juntas das mãos rigidamente

esticadas ao lado do corpo, Ethan andava com a graça de um cavalheiro. Seus olhos eram da cor do fundo do Atlântico, onde corriam os grandes cardumes, e o cabelo havia se tornado louro-claro de tanto ficar exposto ao sol.

— Aquele menino foi ao Olimpo e roubou a beleza dos deuses gregos. — Claire escutou a Sra. Butler sussurrar alto demais para a amiga, fazendo até Jo rir.

Durante toda a missa, Claire não conseguia tirar os olhos dele. Quando ia receber a comunhão, ficava atenta para ajustar bem a saia no quadril. Olhava para Ethan sobre os ombros enquanto aguardava na fila, mas ele tinha os olhos fixos no altar à frente, inerte a qualquer coisa à sua volta. Claire fazia beijo e voltava para o seu lugar. Claramente, ela teria de se empenhar nas prioridades do rapaz.

Depois da cerimônia, enquanto os adultos bebiam café e socializavam no santuário, Claire saiu em disparada para o lado mais distante do presbitério, onde podia fumar escondido. Pensou estar longe do vento, mas o primeiro fósforo falhou, o segundo apagou assim que foi aceso e o terceiro queimou-lhe de leve o dedo.

— Droga — gritou ela, bufando e balançando a mão na brisa gelada.

— Deixe eu fazer isso — disse uma voz melancólica. Ela ergueu os olhos assim que Ethan tirou de seus lábios o cigarro ainda apagado, colocou-o entre os dele e riscou outro fósforo no livro. Deu uma boa tragada e disse a Claire que aquela não era a primeira vez, devolvendo--lhe o cigarro. — Essas coisas vão matar você — disse ele, os olhos piscando. — Devia pensar em parar.

— Ei — disse ela, com a língua presa. — Não tenho visto você na escola. — Era verdade, mas só agora ela se importava. O velho Ethan era o tipo de garoto que poderia comer o lanche bem do lado dela, roubar-lhe a comida e ela não se lembraria dele dois segundos depois. Mas este novo Ethan era alguém que Claire jamais se esqueceria, nem que tentasse. Ethan tirou-lhe o cigarro outra vez, e ela observou os lábios dele se curvarem no final e assoprarem uma fumaça uniforme.

— Estava trabalhando com meu pai. Mas a estação está no fim, então estou voltando à escola um pouco mais tarde. — Ele franziu a testa.

— Ele não queria que eu voltasse para as aulas de jeito nenhum, mas quero acabar, mesmo que venha a passar a vida no mar.

Claire se aproximou dele um pouco mais e se surpreendeu ao dizer uma verdade.

— Acho que é bom você gostar do que faz a sua família. Não acho que eu pertença ao sal, embora minha mãe e irmã praticamente rezem por ele.

Ethan sorriu e devolveu-lhe o cigarro pela metade.

— Então, a que lugar pertence?

Ela refletiu um pouco.

— Talvez a uma ilha. Um lugar bem sombreado e úmido, onde não conseguisse produzir sal, mesmo que tentasse.

O rosto de Ethan ficou pensativo.

— Aposto que ainda haveria peixes lá.

Claire concordou com a cabeça.

— Provavelmente. — Os dois assustaram-se quando as pessoas começaram a sair rapidinho da igreja. Ethan sorriu e, de novo, ela notou quanto os olhos dele a agradavam.

— Vejo você por aí, Claire Gilly. — Ela ficou olhando Ethan partir com os joelhos trêmulos.

— Claire! Claire! Onde está você? — Ela ouviu a mãe chamando e tentou responder, mas era como se estivesse gritando para dentro de um túnel de um passado muito distante.

— Estou indo! — gritou ela por fim. — Já vou. — Dobrou a esquina do prédio, perguntando-se quão rapidamente trocaria uma vida de sal sem fim por uma de peixe igualmente infinita.

CLAIRE CONTINUOU a ver Ethan na igreja e a passar por ele nos corredores da escola. Ele era sempre amigável, algumas vezes carregava os livros para ela, outras trocava metade do seu



sanduíche com o dela, mas não a convidava para sair, e, quanto mais demorava, mais rabugenta ela ficava.

Para piorar as coisas, ela não era a única menina que parecia ter notado quanto Ethan mudara no mar. Cecilia Marsh praticamente se jogava aos seus pés toda vez que ele passava por seu armário, e Abby Van Huben não parava de falar de seus olhos no lanche.

— Preciso fazer com que ele me beije na fogueira da véspera de dezembro — suspirou ela quando já havia passado mais da metade do mês de novembro, e chutou Claire no tornozelo.

— Veja, lá vem ele!

Claire olhou zangada e amassou o saquinho do lanche, desejando dar uma escapadela da escola para fumar um cigarro. Isso não só agravaria bastante o chiado no peito a ponto de ser dispensada da aula de educação física, como também a ajudaria a conspirar contra as amigas. O que ela menos queria era ver Ethan e Abigail indo juntos à fogueira.

— Ele não vai estar lá — disse ela, sem pensar.

Abigail torceu a cara.

— Por que não?

— Porque vai passar a noite comigo. — Assim que falou isso, ela soube que era verdade. Ethan não gostaria da confusão de meninas histéricas, dos galanteios e dos meninos tentando esconder sob o casaco o máximo de cerveja possível. Ele era um rapaz que esquadrihava a biblioteca da cidade em busca de poemas de Wordsworth e peças de Shakespeare sobre reis. No fundo, ele era igual a Claire, ela estava certa disso. Ele também pertencia ao isolamento de uma ilha rochosa.

Abigail estava de boca aberta.

— Mas o que ele faria com você? Você nem pode ficar para a festa depois da fogueira. E uma Gilly.

Claire se levantou e sorriu.

— Exatamente. — E então, antes que Abigail a detivesse, ou que ela se detivesse, caminhou até Ethan, envolveu-o em seus braços, e, na frente de todos, deu-lhe seu primeiro beijo. Os lábios de Ethan estavam frios, mas tudo bem, disse a si mesma. Ela tinha calor

suficiente para os dois; não precisava de uma fogueira para acender qualquer faísca no coração de Ethan Stone.

NA VÉSPERA DE DEZEMBRO, Claire estava muito nervosa ao caminhar até a fogueira atrás da mãe e de Jo. *Será que Ethan a estaria esperando na pereira como haviam combinado?*, perguntou-se ela. A garganta estava apertada de tanta ansiedade quando pisou na margem do Tapperfs Green.

Nesse instante, uma voz conhecida soou na escuridão.

— Como você mudou, menina Claire.

Claire parou e se virou. Era Whit Turner, que acabara de voltar à cidade depois de ter se formado em Harvard. Nos últimos oito anos, Claire mal o vira. Primeiro, ele fora embora para o internato aos 13 anos, depois, a mãe morrera repentinamente, Claire se lembrava. Whit ficou bastante abalado e, depois disso, parou de visitar Jo e a Fazenda Salt Creek. Sua sombra mal passara por Prospect. Claire escutava histórias sobre sua glamourosa vida na cidade grande. Passava o Natal esquiando com os amigos. Fazia parte de algum clube secreto de Harvard. Chegou a participar de uma Páscoa no castelo da família de um amigo na Escócia, onde jogar golfe era excitante demais.

Mas aqueles dias acabaram. Ele voltara para assumir os negócios da família. Hamish havia enfraquecido bastante nos últimos tempos, e o clima de Cape Cod já não lhe fazia bem. Passava o inverno em Palm Beach com sua antiga amante, e, agora que Whit estava de volta, a cidade especulava que não havia por que Hamish não passar o resto de seus dias lá também.

De perto, Whit era ainda mais bonito do que Claire se lembrava. Seus olhos pretos piscavam cheios do velho charme de garoto, a boca sempre pronta para transformar-se num largo sorriso, convidando-a a sorrir com ele também. Ele vestia um casaco de caxemira e sapatos bonitos e caros. O cabelo estava muito bem cortado e envolvia a cabeça com cachos de seda. Ele era uma

pessoa que tinha tudo o que queria, pensou Claire, com certa inveja. Educação. Dinheiro. Boa parte das terras da cidade. Mas ele não tinha uma esposa. Houve uma época na sua infância em que Claire apostaria que Jo assumiria esse papel, mas, depois do verão em que Ida morreu, tudo mudara entre os dois. Whit se afastou de suas vidas e Jo nunca mais falou a respeito.

Whit analisou com atenção o atual contorno feminino de Claire.

— Você mudou — repetiu ele, arrastando os olhos para a cabeça dela outra vez. — Mas o seu cabelo, não. — Claire deu uns tapinhas nos grampos e cachos que a mãe havia feito em seu pescoço, feliz com a avaliação dele. Ele se aproximou dela. — Você parece, agora, uma mulher perigosa — sussurrou ele, fazendo-a corar.

Jo olhou sobre os ombros para ver o que estava prendendo a irmã e, quando viu que era Whit, ficou paralisada e cruzou os braços. Claire suspirou.

— Preciso ir — disse ela por fim, sua mente já se desviando para a fogueira prestes a começar e o farfalhar das folhas da pereira. — Bom ver você — gritou ela na escuridão, tentando ignorar os olhos de Whit cravados em suas nádegas. Era agradável ter a própria opinião sobre sua aparência confirmada, mas ela preferia muito mais que fosse por Ethan.

— O que você tem? — perguntou Jo, enquanto Claire se emparelhava com ela e Jo lhe dava um beliscão no cotovelo por cima do grosso casaco. Ela baixou a voz para que a mãe não escutasse. — O que ele queria?

— Nada — respondeu Claire. — Apenas dizer oi.

Jo resmungou.

— Bem, fique longe dele. Só porque voltou para casa para cuidar das propriedades da família, não significa que eu vá me derreter toda para o seu lado, assim de repente. E você também não deveria.

— Não estava pensando em fazer isso — disse Claire, mas Jo não a escutou. Já havia se dirigido ao fogo, que acabara de ser aceso e estava cheio de vida. Claire se aproximou também com seu saco de sal. Talvez Jo tivesse razão, pensou ela. Os Turner eram verdadeiros magnatas ladrões. Todos sabiam disso. E talvez Whit fosse o pior deles, pois cometia a ganância sob covinhas e piscadelas, como

aqueles antigos vilões dos filmes em preto e branco, que surgiam de repente com uma capa e bigode fininho, mas cheios de planos covardes. Claire endireitou os ombros e, sem dizer uma palavra, seguiu Jo em direção ao fogo que crepitava. De todo modo, o que lhe interessava nos tolos dos Turner? Tinha planos maiores para aquela noite — para toda a vida, na verdade. Pela primeira e única vez, ela mal podia esperar para dar um passo à frente e jogar o sal.

NAQUELA PRIMAVERA, Claire cavou e remexeu os fossos de drenagem na salina e nem reclamou quando suas mãos ficaram tão cheias de bolhas que começaram a sangrar. Ethan as beijaria quando visse, e então retomaria dali. Ela estava descobrindo que o amor pode até deixar o sal doce.

Ethan, porém, ia até um limite com ela. Ela esquentava as mãos sob a camisa dele, e isso ele permitia. Ela lambia o pescoço, e isso também ele permitia. Mas, quando ela começava a arrancar-lhe o cinto, ele segurava a mão dela com força.

— Se você não parar, eu também não conseguirei, e não é isso que quero para nós — dizia ele, abaixando os braços.

— O que você quer? — perguntou-lhe ela por fim, sorrindo. Era final de março. Eles formavam um casal havia quatro meses, mas Claire se sentia uma garota completamente nova. A primeira coisa que Ethan conseguiu foi fazê-la parar de fumar.

— Deixa seu cabelo cheirando — reclamou ele, desmanchando seus cachos vermelhos —, seus dedos amarelos, e quantas vezes se queimou por acidente?

Claire se controlou.

— Mas você fuma.

Ele se inclinou e lhe deu um beijo.

— Só faço isso na estação de pesca, por meu pai. E uma de suas qualificações para homens verdadeiramente machos. Me prometa que irá parar.

Ela pensou que sentiria falta do chiado do cigarro, mas gratificações tardias eram bem mais saborosas do que prazeres imediatos, segundo ela estava aprendendo. Claire deslizava a base do dedo em seu lábio inferior vazio e reunia a completude da boca de Ethan na sua, e seu desejo por fumar desaparecia, substituído por um desejo bem mais carnal.

Ethan adorava ler poesias, as do romantismo, principalmente Keats, Wordsworth, Coleridge. Ele tinha uma memória excelente e podia recitar passagens inteiras para ela com muita facilidade. Quando ele estava ocupado no embarcadouro, Claire vasculhava as prateleiras da biblioteca de Prospect e lia aquelas poesias para si mesma, juntando as palavras na língua e as alojando com cuidado no coração. Aprendeu que olhar para um objeto — um narciso, uma urna grega —, realmente *olhar* para ele através de belas palavras, podia deixar a sua vida bonita também.

Por causa de Ethan, Claire aprendeu a ficar quieta na igreja. Ele havia parado de cantar, mas ainda prestava muita atenção na cerimônia, chegando a parecer enlevado, fazendo Claire se questionar se estava perdendo alguma coisa com toda a sua impaciência. Ela se sentava imóvel no banco, as mãos cruzadas sobre o joelho, os olhos para a frente, e começou até a contar mais verdades ao padre Flynn durante as confissões. Por fora, ela sabia, parecia angelical — cabelos alisados, lábios suavemente curvados —, mas na alma era ainda tão agitada quanto a crista espumosa da onda que se quebrava na praia Drake num dia de ventania. Apenas não queria mais que as outras pessoas soubessem disso.

— O que está acontecendo com você ultimamente? — caçoava Jo. — Se transformou numa Poliana comum. Para ser honesta, acho que gostava mais da antiga Claire. Pelo menos, sabíamos o que iria nos acontecer.

Claire dava de ombros. Ela também não conseguia explicar. Apenas a deixava mais feliz agradar Ethan do que a si mesma.

Somente uma coisa a horrorizava, entretanto, e era algo que guardava para si. Por mais que ridicularizasse a má sorte que tinham as mulheres de sua família com o casamento, Claire no fundo tinha medo de que isso fosse verdade. Afinal, nenhuma Gilly que conhecia

conseguiu jamais deixar o sal, e nenhum menino conseguiu crescer nele. E se ela e Ethan tivessem um filho juntos? Será que a maldição de sua família os encontraria, colocando uma pedra a mais no cemitério perto do celeiro? A ideia a fez tremer.

— Por favor, proteja Ethan — rezava ela durante a missa, tentando não elencar os acidentes e desastres que poderiam acontecer a um homem do mar. — Salvaguarde-o. Não permita que vá muito longe. Proteja-o como a si mesmo.

Mal sabia ela quão poderosas podiam ser as orações. E menos ainda suspeitava ela quão bem atendidas seriam as suas.

No COMEÇO DO ÚLTIMO ano de escola, Claire estava tão apaixonada por Ethan que todos em Prospect já sabiam.

— Ei, é o patrão e a patroa — brincou o Sr. Hopper num sábado à noite, quando foram à lanchonete comer hambúrguer depois do cinema. Eles estavam prestes a se formar e o futuro se aproximava.

— Quando vocês vão se casar?

Ethan corou.

— Acho que ainda somos muito novos.

O Sr. Hopper acenou a mão.

— Melhor hora! Antes que pensem muito. — E, com uma piscada, ele lhes deu milk-shakes de graça.

Com as próprias bochechas queimando, Claire olhou para Ethan através das pestanas.

— Você pensa nisso às vezes?

Ethan deu um longo gole em sua bebida.

— No futuro?

— *Nosso* futuro. — Os nervos dela estremeeceram só de dizer isso. Ela fez cócegas no pulso de Ethan com a ponta dos dedos. — Se nos casarmos, você sabe o que finalmente poderíamos fazer... — Ethan tirou a mão. Eles experimentaram coisas bem criativas ao longo dos últimos três anos, mas Ethan sempre colocou um limite

quando as coisas começavam a ficar sérias demais fisicamente. Havia algumas questões que Claire não conseguia negociar.

— Claro — respondeu ele, evitando os olhos dela. — Mas *somos* novos. Não sei fazer algo pela metade. Você sabe disso. Preciso ter certeza primeiro. — Era verdade, e isso era uma das qualidades de que mais gostava nele. Quando, nos verões, estava longe, pescando, por exemplo, entregava-se de corpo e alma àquilo. Quando estudava, concentrava-se tanto que não ouvia nada à sua volta e, quando rezava, anjos podiam soar uma corneta sobre seu ombro que ele não escutaria. Naquele ano, em especial, ele vinha passando bastante tempo com o padre Flynn, mas Claire não podia culpá-lo por isso. Se tivesse um pai como Merrett, pensou, ela também procuraria alguém para substituí-lo, mas talvez escolhesse uma pessoa de casa, como o tio de Ethan, Chet.

Com a aproximação do final do ano escolar, Claire se perguntou se Ethan a pediria em casamento. Quando o Natal chegou, ela abriu o livro de poemas que Ethan lhe havia dado e folheou as páginas sem encontrar as palavras que queria. No Dia dos Namorados, ela enterrou o nariz nas pétalas da rosa vermelha que ele lhe dera, na esperança de encontrar ali o brilho forte de um anel. Quando chegou o baile de formatura, ela estava flutuando numa nuvem febril de seda, perfume e spray de cabelo. Mas Ethan apenas se inclinou, com as mãos na cintura dela como sempre, e sussurrou *eu te amo* em seu ouvido, e não ficou de joelhos.

Quando chegou a formatura, Claire tinha roído as unhas até o final. Ethan recebeu o diploma com um forte aperto de mão e lançou seu barrete para o alto, como todo mundo, mas não a puxou para um canto isolado e enfiou a mão no bolso da beca para pegar uma caixinha de veludo. Naquele ano, Claire começou a estação de sal azeda como um morango silvestre e logo passou a brigar com Jo.

— Você alguma vez imagina que vai definhar aqui neste lugar? — perguntou ela. As duas estavam no celeiro, montando saquinhos de sal. Claire bateu de leve na trança sobre o ombro e ficou observando Jo amarrar bem forte com barbante a boca de outro saquinho. Lembrava--a o jeito como a mãe torcia o pescoço das galinhas, sempre que decidiam que era hora de comer do galinheiro.

— Fico feliz que não tenha que vendê-los também — respondeu Jo. Esse era seu trabalho: sentar-se numa barraca provisória que decidiram montar na cidade, distribuindo sal para os turistas. Claire odiava o comércio tanto quanto a salina. Era mais um constrangimento. Não se deu ao trabalho de responder a Jo naquele momento e, em vez disso, acendeu um cigarro. Ethan já estava longe, no barco do pai, havia três semanas, e nervos dela retumbavam como as sirenes de bombeiro.

Ao levantar a cabeça, viu Jo sacudindo os braços energeticamente.

— Apague isso! Você sabe que este lugar é pura madeira! — Era verdade. Fumar no celeiro era quase tão estúpido quando dar baforadas ao lado de uma bomba de gasolina. A poeira já era muito árida, quase prestes a se inflamar, sem falar nos vermes que infestavam as laterais, o chão arqueado e o teto irregular e cheio de lascas.

Claire não lhe deu atenção. Ela inclinou a cabeça e assoprou uma corrente de fumaça para cima.

— Não seja uma velha chata — respondeu ela. — Você nunca se diverte.

Jo rangeu os dentes, ela estava bem perto de matar a irmã. Claire podia dizer quão irritada estava Jo pelo tom baixo de sua voz.

— Claro que não me divirto! Dê uma boa olhada à sua volta, Claire. Papai nunca deixou um endereço, mamãe e eu trabalhamos sete dias por semana e, embora o mar não pare de fluir, o sal não para de se formar, e as coisas aqui não param de quebrar. — Ela estreitou os olhos e se aproximou de Claire. — As mulheres Gilly não vieram ao mundo para se divertir.

Claire deu uma última tragada no cigarro e revirou os olhos para cima antes de apagá-lo. Ninguém precisava lhe dizer isso duas vezes, e, justamente por essa razão, ela não planejava ser uma Gilly por muito mais tempo.

— Você é quem sabe — respondeu ela. — Morra solteirona. Estou pouco ligando. — E, sem mais olhar para a irmã, foi embora e deixou todo o restante do trabalho para Jo terminar.



# 7

NO PRIMEIRO VERÃO EM QUE WHIT voltou do internato, ele e Jo combinaram, por meio dos conhecidos sinais, se encontrar na praia Drake uma hora depois da missa. Era mais tarde do que a hora de costume, mas Whit sinalizou para Jo com um trejeito das sobrancelhas que tinha uma surpresa para ela. Ela corou no banco, olhando de lado para se certificar de que a mãe não havia notado, e escondeu o rosto. Por um lado, a emoção do charme travesso de Whit a fisgava a acompanhá-lo em seus atos ousados; por outro, as coisas haviam mudado entre eles. Pelo menos para ela. Depois daquele beijo constrangedor que ele lhe dera no celeiro e do tempo em que haviam ficado sem se ver, Jo teve tempo de compreender algumas coisas, e sabia, sem dúvida, que, independentemente do que acontecesse, ela e Whit jamais poderiam ser um casal.

Ao longo do último ano, Whit ficara muito mais alto, os ombros ficaram mais musculosos e os cabelos, ainda mais escuros, agora caíam sobre o olho de um jeito que Jo tinha certeza de que as meninas de seu meio social achavam irresistível. Na verdade, ele chegava a parecer uma pessoa diferente, atingindo proporções irreconhecíveis. Um impostor que, de alguma forma, conhecia todos os tiques e sinais da linguagem secreta deles. Jo o observou ajudar Ida a sair do banco e, em seguida, apertar a mão do padre Flynn com as duas mãos, como se estivessem disputando uma queda de braço que Whit estava determinado a vencer.

Uma hora depois, Jo estava na praia Drake, contrariando o seu melhor julgamento. O vento atravessava com força o seu cabelo negro e os dedos estavam encolhidos na areia como um caramujo aflito. Aquela praia era tão castigada pelo tempo e cheia de pedras que andar sem sapatos nela era um teste de fé, mas Jo o fazia mesmo assim, concluindo que, se conseguisse aguentar a dor, conseguiria suportar praticamente qualquer coisa. Repetidas vezes, ela olhou na direção das dunas, onde ficava a trilha, mas ninguém

chegou. Aliviada, ela se virou para voltar à salina, mas ouviu um assobio vindo do mar. Dois sibilos e uma pausa, então os dois sibilos de novo.

Ela se virou para a água e viu que Whit escolhera inaugurar a estação deles de exploração da praia velejando um escaler novinho em folha. Ele atravessou a rebentação com facilidade e chegou numa lufada. Jogando as pernas para o lado, desceu para parar a pequena embarcação.

Ao ver o barco, a boca de Jo se encheu de saliva e as mãos começaram a suar. Apesar de viver entre os atoleiros da salina, Jo desconfiava do mar. Tinha a ver com a morte de Henry. Ela imaginou o corpo intumescido do irmão morto no momento em que os pais o arrastaram do tanque de inundação, os braços abertos como se estivesse dando um aviso, e ela recuou na direção das dunas. Não queria ir velejar.

Whit nem percebeu o desconforto dela. Ele pulou para dentro da rebentação e segurou firme o barco.

— O que acha? — gritou ele, alegre. — E novinho! Fiz parte do grupo de vela da escola. Minha mãe acabou de me dar de presente por ter tirado boas notas, mas ela não sabe que eu pagava ao meu colega de quarto *nerd*, Peter Peckman, para fazer minhas lições de casa.

O antigo Whit teria compreendido sua hesitação, pensou Jo, sobre velejar e sobre eles se encontrarem daquele jeito. O menino que cortou a própria palma da mão e a apertou contra a dela, o menino que esfregou sal em seus lábios, aquela pessoa teria percebido o medo dela e empurrado a embarcação na areia bem ali, naquele momento. Mas Whit havia mudado, Jo deu-se conta, além das aparências.

— Pule aqui! — disse ele. Agora que ele estava sem as roupas de domingo, Jo notou ainda mais como estava magro, as pernas compridas. Ele lembrava o pai — queixo de um brâmane, cabelo grosso e nariz de romeno —, mas os olhos eram enfumaçados e com pálpebras grandes como os de Ida, fazendo com que fosse difícil para Jo saber em que ele estava realmente pensando. *Ida tem*

*razão, pensou ela. Nós não nos pertencemos, ainda que sejamos o mesmo por dentro.*

— Venha, pernas de galinha — brincou ele —, não me faça esperar aqui o dia inteiro. Eu não vou, você sabe. — Jo se moveu na direção da rebentação. — Assim é melhor — disse Whit, lançando-se para pegá-la e recolhendo as linhas numa mão e o leme na outra. — Cuidado com a haste — gritou ele, mexendo a vela na frente deles, puxando a linha amarrada na mão e zarpando em direção ao mar aberto. Jo agarrou com força a barra do barco e tentou não deixar seus dentes tremerem.

— Você é louco — disse ela, tentando manter a voz calma, e Whit riu, divertindo-se.

— E você continua baixinha e chata — respondeu ele, dando um sorriso escancarado. Jo corou. Ela havia parado de crescer, era verdade, mas não era assim tão baixa. É que Whit ficara muito alto rápido demais. Ser chata, porém, ela não esperava ouvir isso da boca dele. Aquele comentário a feriu. Era algo que Ida teria dito. Jo deu as costas para Whit, e o barco mergulhou numa onda. Seu estômago revirou. Whit mexeu o leme para cima, e a barra mais distante rolou na direção deles.

— Para o alto e avante — disse Whit, mudando de lado no barco e mantendo a cabeça baixa. Jo o seguiu e bateu a canela, mas tentou não se queixar. A vela se agitou e o barco voltou para um ângulo melhor. — Você está bem? — perguntou Whit, olhando fixamente para ela. Ela voltou o olhar para a praia. Eles tinham mudado de direção, mas ainda seguiam rumo ao horizonte. As ondas sob o barco iam ficando cada vez mais regulares, entretanto maiores. De repente, Jo não se sentiu nada confortável, sacudindo como uma rolha naquele lugar com alguém que, embora se parecesse muito com Whit, ela não reconhecia. Ela fechou o punho com força.

— Volte.

Whit apontou o braço para a ponta da praia.

— Mas precisamos chegar até lá para desobstruir as rochas da ponta da praia Drake.

Jo se controlou para não bater o pé como Claire.

— Volte agora! — O suor se formava ao longo de suas têmporas. Ela não queria dizer a Whit, mas era a primeira vez que subia num barco e estava preocupada que, se conseguissem atravessar a baía, ela talvez decidisse desafiá-los.

Whit respondeu entre resmungos.

— Tudo bem, se for para você ficar assim. — Ele jogou o leme para cima de novo, fazendo o barco se inclinar e virar um pouco enquanto trocavam de lado de novo. Se Whit continuasse com aquela manobra, Jo sabia, ela estaria de fato no mar, incapaz de dizer se estaria indo ou voltando.

— Aqui — disse ele —, você gira. O melhor remédio para enjoo. — Ele colocou a mão dela sobre o leme e a cobriu com a dele.

Eles já haviam se tocado antes, claro, vezes demais para contar. Nos dias mais quentes, lutavam nas ondas, enrascavam as pernas sob a água, tentando derrubar um ao outro, e Whit tinha o hábito de pegar na mão dela quando queria sua atenção, mas isso era diferente. Os dedos de Whit se insinuavam entre os dela agora, e as pernas pressionavam com força contra as suas. Ela podia ouvir a respiração forte e acelerada dele, e percebeu que tinha de tirar a mão de lá, mas Whit a segurava com muita força.

— Jo — murmurou ele, e se inclinou mais perto dela, os lábios abertos. A vela se agitou acima dele e Jo endureceu, os nervos alarmados. Independentemente do que acontecesse, ela sabia que não podia deixá-lo se aproximar ainda mais dela. Aqueles momentos entre eles haviam acabado.

— Cuidado — disse ela, e puxou o leme, fazendo o barco se inclinar. Whit agarrou a mão dela e a apertou forte demais, o pulso dele esmagando os dedos de Jo. — Ai! — gritou ela, tentando se livrar de sua mão, mas ele não a largou. Seu rosto tinha um olhar maligno que ela nunca vira antes.

— Não pense que é muita coisa para mim — rosnou ele, e puxou o pulso dela com força. Jo teve um enorme desejo de dar-lhe um tapa, mas ela estava com muito medo de que o barco virasse, então não disse nada, e Whit se afastou dela e se voltou para a vela. Não disseram mais nada durante todo o trajeto de volta.

— Minha nossa, graças a Deus — gritou Jo quando Whit empurrou o barco para perto da areia. Ela não o esperou pará-lo, já colocou as pernas para fora da lateral do barco e pulou na rebentação com a água até a cintura, livrando-se da mão dele.

Claire os estava esperando na praia com duas varas de pesca, gritando em plena glória dos 11 anos de idade. Whit levantou a quilha e puxou o barco até a areia, enquanto Claire estendia uma manta puída que trouxera consigo. Jo observou Whit se esticar sobre o xale e cruzar os tornozelos. Era evidente que ele sempre soube que seria alguém de sucesso na vida sem precisar se esforçar muito, e, por um instante, ela o invejou por isso.

Claire começou a contar a Whit algo sobre seu time da escola.

— Não é justo que Cecilia Marsh seja a capitã apenas porque consegue dar um salto mortal de costas, quando não consegue nem abrir espacato

— lamentou-se ela. Jo enfiou a isca no anzol, lançou a linha para dentro da rebentação, então ancorou a vara na areia e foi ajeitar o segundo anzol.

— Pobre Claire. — Whit lhe fez uma careta.

Ela fungou.

— É mais difícil do que parece. Aposto que não consegue abrir espacato.

Whit tirou a areia da palma da mão.

— Você tem razão, mas também não quero.

Ele tinha Claire ali. Ela se deixou cair pesadamente ao lado dele na manta — perto demais, pensou Jo, o estômago ainda revirado do passeio de barco.

— Eu também não tenho vontade de fazer isso — disse ela, balançando o pé no ar. — Mas as meninas do time são populares e é mais fácil ser popular.

Nesse momento, Jo pegou um peixe. Ela deu um grito e começou a recolher a linha, enrolando-a no carrete o mais rápido possível. Whit pulou da manta e correu para ajudá-la, mas ela fez sinal para que ele se afastasse. Ela já tinha o peixe fora do anzol, contorcendo-se na palma na mão. Whit ficou na borda da rebentação, as mãos nos bolsos, os olhos semicerrados.

— Claire — chamou Jo. — Venha me ajudar um minuto. — Ela mergulhou o peixe num balde. Claire suspirou e se esticou para fora da manta, e por um instante Jo pôde ler no rosto da irmãzinha quanto ela odiava todos aqueles elementos de sua vida: sal, peixe, mofo e areia.

— Verifique a outra linha — disse-lhe Jo. — Acho que alguma coisa a fisgou. — Mais um peixe seria bom. A mãe prepararia a carne cheia de escamas com batata, louro e caldo, e então as três abaixariam a cabeça naquela noite e agradeceriam a Deus pelo presente.

Jo viu Claire tirar a vara de pescar da areia e apoiá-la no quadril. Uma onda veio com força e quase a derrubou, mas Whit apareceu de repente e colocou os braços firmes ao redor de sua cintura, endireitando-a.

— Segure firme, bonequinha — disse ele e colocou as mãos sobre as de Claire no carrete. — Segure com firmeza e calma. — Juntos, eles pegaram uma cavala. — Quer que eu o limpe para você? — perguntou Whit. O peixe se remexeu e depois aquietou-se.

Claire pensou.

— Não, vamos jogá-lo de volta.

Whit deu de ombros.

— O que você quiser, garotinha. — Ele lhe entregou a vara, remexeu na caixa de equipamentos em busca de alicate, beliscou o final do anzol e tirou o peixe dali. Ele mergulhou a criatura de novo na água que vinha. O peixe se recuperou e começou a se mover com toda a força. — E assim ele se vai — disse Whit, abrindo as mãos.

Jo se aproximou pisando na água, observando o peixe agitar o rabo, ajeitar-se na correnteza antes de nadar para longe da costa.

— Por que fez isso, Claire? — repreendeu ela. — Mas que boba você é.

Claire se virou de costas, os olhos cheios de lágrimas, e foi então que Jo viu que, de algum jeito, ela tinha um pedaço do anzol no meio da palma da mão. Uma mancha de sangue reluzia.

— Ah, pelo amor de Deus! — exclamou Jo, pegando o pulso de Claire. Ela cortou o anzol fora da linha, para que pudesse arrancá-lo

inteiro da mão de Claire. Só podia ser a irmã mesmo para sofrer por causa de um peixe tolo, pensou Jo. Ela sempre tinha de ser o centro das atenções. Jo deu uma última puxada no anzol, e ele saiu. — Você é mais boba do que eu pensava — disse Jo, guardando o anzol estragado na caixa de equipamento.

Whit abraçou Claire.

— Ei, deixe-a em paz, Jo. Ela é sensível, só isso.

Jo resmungou. *O que um menino como Whit Turner sabia sobre a vida delas?*, pensou. Sensibilidade não punha comida no prato. Não pagava a conta de luz nem comprava as roupas caras que Claire sempre quis. O trabalho duro de Jo fazia isso, e, se Claire era delicada, bem, isso era problema dela. Enfiou outro anzol no final da linha e então arremessou a vara por cima do ombro, a jogou para a frente, para dentro da rebentação.

— Vai, Jo. — Whit se inclinou mais perto dela, o hálito dele roçava seu pescoço. — Não seja assim. Sabe que eu seria um bom partido para você. — Ele colocou as mãos nas costas dela e se aproximou ainda mais, como se estivesse tentando beijá-la de novo, mas ela o repeliu no último minuto; o coração acelerado, a boca seca, todos os pelinhos do braço arrepiados.

— Não na frente de Claire — murmurou ela, embora essa não fosse a verdadeira razão de não o beijá-lo.

Ele resmungou, frustrado, e se afastou dela.

— Preciso devolver o barco — disse ele. — Tenho uma partida de tênis e minha mãe vai me procurar para irmos ao clube. Deus, faria *qualquer coisa* para sair desta cidade sem graça no verão. Metade dos meus amigos está na Europa.

Claire acenou intensamente com o braço, ainda chupando a mão ferida, mas Whit a ignorou. Como também ignorou Jo, recusando-se a dizer qualquer coisa enquanto empurrava o barquinho através das ondas da rebentação e enchia de ar as velas, desaparecendo na outra ponta da praia. Jo não se preocupou, no entanto. Eles já haviam brigado outras vezes e sempre fizeram as pazes.

Mas ele não veio na semana seguinte, nem na semana depois dessa. Quando o via na igreja, ele parecia perturbado e mantinha o rosto voltado para o padre Flynn. Ao se levantar para ir embora, ele

ainda ajudava a mãe a sair do banco, acenando para as senhoras da pequena congregação, mas se recusava a olhar para Jo. Depois da missa, ela caminhava pela praia sozinha, melancólica, enterrando o nariz na água. *E assim que tem de ser*, dizia ela para si mesma. Eles estavam crescendo e ficando cada vez mais distantes um do outro. Todos sempre disseram que isso aconteceria, e finalmente aconteceu. A vida de Whit estava se abrindo, enquanto a dela se fechava como uma concha de molusco.

O SAL ESTAVA MAIS ESCASSO naquele ano, por isso era esperado que Ida viesse bisbilhotar o lugar com dinheiro na mão. A mãe jamais venderia a propriedade, mesmo que isso significasse viver de pão e conserva durante todo o inverno.

— Você é uma tola, Sarah Gilly — declarou Ida através da tela quebrada da porta da varanda, enquanto Jo e Claire ficavam logo atrás da mãe. — Você nunca vai ter uma vida melhor, mas e suas filhas? Elas não querem sair daqui? Talvez não ela — disse apontando um dedo adornado de joias para Jo. — Mas aquela ali parece ter potencial. — Ela moveu a mão na direção de Claire, que ficou toda cheia de orgulho com isso. Jo a beliscou. — Pense no que poderia fazer por ela com o meu dinheiro.

Nesse momento, Claire as chocou. Tinha apenas 11 anos, mas já começava a se despedir da infância. Era mal-humorada, sonhadora e tão avessa ao sal que sua pele delicada ficava cheia de urticária depois de um dia raspando-o, mesmo quando estava toda coberta e usando luvas.

— Talvez Ida esteja certa — interrompeu Claire. — Pense nisso. Poderia um dia ir para a faculdade. E Jo... — Ela fez uma pausa. — Bem, Jo poderia fazer alguma coisa — disse ela por fim. — Por que não aceitamos o dinheiro de Ida?

Naquele instante, Jo só pensava em se aproximar da irmã e dar-lhe um tapa, mas a mãe era sempre mais indulgente quando se



referia a Claire. Ela colocou o dedo sob o queixo da filha e encarou seus olhos verdes.

— Esse é o problema — disse ela. — Será sempre o dinheiro de Ida. Não se preocupe. Se você quer mesmo ir para a faculdade, vou fazer de tudo para que isso aconteça. Ida não é o único banco da cidade. — E assim, sem mais explicações, ela disse a Ida para sair da varanda e ficar bem longe da terra.

— Cadê Whit? — perguntou Claire depois de Ida sair. — Ele não apareceu neste verão — lamentou-se ela. — Ele disse que me ensinaria a jogar xadrez.

Jo dedilhou as teclas quebradas do piano, enchendo a sala de notas dissonantes.

— Você não iria gostar nada de xadrez — disse ela.

Claire colocou as mãos nos quadris.

— Gostaria mais do que de qualquer coisa aqui. — Por um momento, Jo teve pena de sua irmãzinha. Era apenas uma criança, mas nada em sua vida tolerava os caprichos de menininha. Jo olhou através da tela, para os açudes da salina. Eles pareciam um tabuleiro de xadrez, mas as regras ali eram bem diferentes daquelas que Whit Turner conhecia, com seu requintado internato e amigos mais requintados ainda, e quanto antes Claire enfiasse isso na sua cabeça dura, melhor. Jo fechou a porta da frente, ignorando o calor.

— Isso é tudo o que temos — disse ela e se virou.

Mesmo assim, foi doloroso quando Jo entrou na lanchonete no dia seguinte para entregar sal e viu Whit sentado com uma loura no balcão. Não era uma menina da cidade, mas uma turista de verão, de uma classe social bem superior à dela. Vestia uma saia xadrez, fita de gorgorão no cabelo e sapatos tão brancos que fizeram o coração de Jo disparar. Whit ficou vermelho de raiva ao vê-la e, então, envolveu a menina em seu braço, girando o banco para ficar de costas para Jo.

— Poderia trazer um pouco mais de batata frita para minha amiga, senhor? — disse ele, com a voz arrastada, mais indolente que tudo, piscando para o Sr. Hopper.

Jo largou o saco de sal que estava entregando no balcão, com a respiração como se tivesse uma bomba no peito.

— Pode me pagar da próxima vez — disse ela ao Sr. Hopper. — Preciso ir. — Mantendo os olhos baixos, saiu às pressas da lanchonete antes que Whit decidisse falar alguma coisa. Ela queria arrancar a fita do cabelo da menina, amarrotar sua saia e pisar com força naqueles sapatos brancos bestas. *Alguém, pensou, deveria dar uma lição naquela garota.* Alguém deveria lhe dizer que o amor não chega valsando até você enquanto se está sentado no balcão da lanchonete, balançando os pés; na verdade, o amor era mais como trabalhar 12 horas por dia na salina — algo que era preciso ser construído devagar antes que se pudesse tê-lo para sempre.

Mas isso não era algo fácil de dizer. E Jo disse isso a Claire, para quem mais serviria, e, depois daquela frustração, que interesse teria ela em contar isso a qualquer pessoa? Nenhum. Ninguém tinha vontade de escutar suas histórias, pensou enquanto esticava as costas e começava a pegar o caminho de volta para a fazenda. Levando em conta a sua história com Whit, talvez do jeito que estava fosse melhor.

EMBORA Jo CONTINUASSE a se deparar com Whit pela cidade — na igreja, nos estreitos corredores da loja do Sr. Upton, ou quando ele passava pela rua Bank Street no conversível da família —, os encontros eram vexativos e desconfortáveis para ela. Era evidente que Whit sempre a via, mas nunca a cumprimentava, e, quando o fazia, era de uma maneira irônica, que Jo achava desconcertante.

— Ei, menina Gilly — chamava ele —, como o sal tem se comportado? — E então, quando Jo pensava que as coisas não poderiam ficar piores, elas ficaram. Entre o segundo e o último fim de semana do verão, logo antes da data limite para Whit voltar para o internato, Ida Turner teve a graça divina de morrer e a vida para todos em Prospect parou de modo espetacular.

Os Turner nunca revelaram a verdadeira causa de sua morte, mas os rumores que corriam pela rua Bank Street e chegavam às

filas do correio e da farmácia faziam com que cabeças se virassem na lanchonete e se demorassem nos corredores da loja do Sr. Upton.

— Escutei dizer que foi um ataque cardíaco — disse Timothy Weatherly no balcão das ferragens, largando com tudo uma caixinha de pregos e um pedaço de mangueira. Dotty Friend, a mulher robusta do proprietário, resmungou e revirou os olhos.

— Isso é impossível, a mulher não tinha coração. Aposto que foi algum tipo de câncer que tinha havia muito tempo. Isso explicaria por que era tão magra.

Timothy Weatherly mastigava um naco de fumo e pensou nessa possibilidade. Seja lá o que tenha levado Ida, tinha de ser algo terrível, de fato. Pelo menos, mais terrível do que ela.

Seguindo as instruções da própria defunta, todas as bandeiras da cidade foram hasteadas a meio mastro por três dias depois de sua morte, e as janelas dos prédios municipais foram cobertas com um tecido de crepe preto. A mãe de Jo gritou, vitoriosa, ao saber da novidade, e fez questão de se apresentar no funeral enrolada num enorme xale vermelho. As três se apertaram num banco no fundo da igreja lotada.

— Além de ser uma Turner e tentar pegar toda a nossa terra para ela, por que a odiava tanto? — sussurrou Claire para a mãe. Ela respondeu que, para ser franca, ela admirava Ida. Ao menos ela tinha saído de Cape Cod e visto um mundinho, que era maior do que Claire podia desejar para o seu pobre ser. — E possível que ela não fosse assim tão terrível? — perguntou ela, quando Jo olhou para o caixão de metal e mogno coberto com coroas de rosas caras e cheirosas. Flores dignas de uma rainha, pensou. Era uma pena gastá-las num morto.

— Psiu! — repreendeu a mãe. — Preste atenção, Claire. Ida Turner veio da terra e agora está prestes a voltar para ela. Ao longo desse caminho, ela pegou tudo que pôde e se livrou de tudo que acreditava que poderia levá-la para baixo. Você não quer ser como ela.

Depois da cerimônia, elas esperaram na fila para cumprimentar Whit e o pai dele, Hamish. Quando chegou a vez delas, a igreja estava vazia.

— Sinto muito pela sua perda — disse a mãe de Claire, artificialmente, com seu xale vermelho revelando seus verdadeiros sentimentos. — Ida era... alguém que dificilmente esqueceremos.

— Minhas condolências. — Foi tudo o que disse Jo. Whit segurou a mão dela por tempo demais, deixando-a sem jeito, e por mais tempo do que ditava a convenção.

— Jo — começou ele, mas ela se afastou antes que ele conseguisse falar mais alguma coisa. Whit sempre gostou de ter a última palavra. Dessa vez, ela deixaria.

DEPOIS DA MORTE DE IDA, o céu ficou mais baixo e escuro, as fracas folhas da pereira começaram a cair lentamente dos galhos, e as nuvens carregadas ameaçaram, mas não trouxeram chuva. Os turistas começaram a fazer as malas e partir, e o vento, durante à tarde, esfriara. Jo passou a contar os dias para que Whit fosse embora de novo. Ela não esperava que tivessem nenhum tipo de despedida formal, certamente não nas atuais circunstâncias da família dele, então ficou surpresa ao vê-lo, de repente, de espreita na beira da salina na sua última manhã na cidade. Ele anotava alguma coisa num caderninho de couro, segundo ela viu.

— Tentando descobrir o xis da questão? — perguntou-lhe ela, largando a pá de madeira no estreito dique entre dois tanques de coleta.

Ele levantou o rosto, mas não sorriu.

— Algo do gênero. — Mas ela conhecia Whit bem demais para conversas casuais. Ele não parecia bem. Tinha semicírculos negros sob os olhos e a aparência doentia de alguém que não via o sol havia dias. A mão tremia ao escrever no caderno. Jo se aproximou dele e espiou o que ele escrevia. Aparentava ser uma espécie de cálculo. Símbolos do dólar e rabiscos enchiam as páginas, juntamente com muitos sinais de menos.

— Parece que anda perdendo dinheiro — brincou Jo, e recuou quando Whit chutou a terra. Ele não estava no espírito para

brincadeiras.

— Isso foi o que meu pai me disse — respondeu ele, enxugando uma lágrima do rosto. — Nós excedemos os limites. Temos muita coisa, mas nenhuma de nossas propriedades está valorizando. Nada de novos barcos para mim. Há o suficiente para minha educação e alguns extras, mas é só isso. Quando me formar na faculdade, terei de voltar para cá. — Ele olhou de soslaio e com malevolência ao redor da salina.

— E assumir o lugar de meu pai. *Espero que faça um trabalho melhor, filho*, ele me disse. *E espero que deixe de lado as bobagens de sua mãe.*

Jo empinou a cabeça. *Boba* era uma palavra que jamais usaria para descrever Ida.

— O que quer dizer com isso?

Whit fungou pelo nariz.

— Minha mãe não parava de falar deste lugar. Acho que ela imaginava que, se conseguisse ser dona disso aqui, se tivesse o sal no nome dela e fosse capaz de controlar o seu poder, os cofres da família ficariam cheios de novo. Mas ela deixou uma coisa curiosa em seu testamento. Ali diz que estou terminantemente proibido de me casar com você, e, se eu o fizer, serei imediatamente deserdado.

Jo ficou pálida.

— Isso é ridículo — respondeu ela. — E, se o sal pudesse ser controlado, você acha que teríamos uma vida tão desgraçada como esta? — Whit estava claramente perturbado pela dor, mas ela sabia que, em vez de sofrer o luto como um indivíduo comum, ele incorporara a causa de sua mãe em tentar pegar a fazenda, como se pudesse anular uma perda recente ganhando algo que Ida sempre quis desesperadamente. Mas as coisas não funcionavam bem assim na Fazenda Salt Creek. Na salina, a perda era permanente e irrevogável. — Desista — disse Jo. — O sal não vai trazer de volta o que sua família perdeu, e esta terra *jamais* estará nas mãos de um Turner. Sua mãe não precisava ter se preocupado sobre você se casar comigo por causa disso.

Whit fechou o caderninho, enfiou-o no bolso, então recuperou o sentido e a postura. Olhou Jo com desprezo, como se ela lhe tivesse

roubado no jogo de cartas. Quando eram mais jovens, pensou Jo, seu ímpeto de trapaça costumava ser charmoso e engraçado, mas agora tinha uma superioridade que era perturbadora. Ela percebeu que jamais penetraria a carcaça que se formara em volta dele naqueles anos longe — não naquele dia, não no dia seguinte, provavelmente nunca.

— Não entendo muito bem como funciona o sal, Jo — disse ele. — Mas minha mãe não era ingênua, e, se ela pensava que salvaria o legado de nossa família, então, vou ter que passar a entender. — E, sem dizer mais nada, ele se virou e saiu saracoteando pela trilha e assobiando, como se estivesse feliz, mas Jo sabia que não era bem isso.

— Haverá neve no inferno no dia em que você tiver qualquer direito sobre esta terra, Whit Turner! — gritou ela, mas ele fingiu não tê-la escutado. No fundo, Jo ficou um pouco preocupada: será que Whit estava escondendo outros planos?

A mãe lhe tirou da cabeça aquelas preocupações quando Jo entrou na cozinha e lhe contou sobre a conversa. Ela se voltou para a massa de pão, sovando-a em movimentos suaves e regulares.

— Não seja tola — disse ela. — Conspirações como as de Whit não surgem na sua frente de repente e a pegam de surpresa. O futuro se constrói tijolo a tijolo, tão devagar que você nem percebe que está acontecendo.

— Acho que a senhora tem razão.

A mãe bateu as palmas das mãos, virou o pão sobre o balcão e fez uma pausa. A massa murcha se espalhou diante dela e ela a trabalhou nas duas mãos de novo.

— Claro que tenho — disse ela, mas os dedos continuaram enfiados na massa, e Jo sabia que ela estava pensando no dia em que Henry se afogou, quando a mãe estava também na cozinha. Aquele momento deve ter sido como uma explosão, quando todas as preocupações sobre o futuro colidiram com a má sorte do seu passado, e como Jo fora a centelha daquela combustão, outro tijolo na parede da miséria diária da mãe.

— Me deixe fazer isso — disse ela, cutucando a mãe para que saísse do balcão, e colocou as próprias mãos sobre a montanha de

massa.

— Obrigada — respondeu a mãe, a voz rouca e as costas tensas.

— Na próxima vez em que eu vir Whit — disse Jo, começando a sovar o pão com os mesmos golpes da mãe —, vou lembrá-lo de que estamos presas a esta terra como cracas.

— Faça aquele homem comer cracas — disse a mãe, e Jo riu, enrolando a massa com facilidade, passando-a de uma mão a outra de maneira tão automática quanto pentear o cabelo castanho liso ou abotoar a camisa de trabalho todas as manhãs.

Era a última vez que faria alguma coisa com tanta facilidade.

## 8

AS FOLHAS HAVIAM COMEÇADO a irradiar uma cor avermelhada na tarde em que Ethan voltou de sua última viagem de barco, no verão depois da formatura de Claire, em 1967. Como sempre, eles haviam combinado se encontrar sob a pereira da cidade no pôr do sol. Claire estava vestindo uma saia nova que costurara, e suas pernas de fora começaram a sentir frio à medida que o sol desaparecia. No momento em que olhou à sua volta, certificando-se de que não havia nenhum outro casal indo na direção das moitas, ela ouviu uma voz desencarnada vinda da crescente escuridão.

— Seja lá quem ele for, essa pessoa não é para você.

Ela se virou e viu Whit Turner se enfiando na sombra da árvore. Parecia que ela se deparava com ele nas horas em que menos queria. Ele havia ficado em Prospect depois de se formar na faculdade, do jeito que todos previam, mas se mantivera distante da família de Claire. Sempre que ele e Jo se viam na cidade, ignoravam um ao outro intencionalmente, mas, sempre que ele via Claire, piscava para ela, isso quando não estava bem perto para lhe dar um puxão de cabelo, como costumava fazer quando ela era criança. Antes que pudesse detê-lo, ele se aproximava dela, da mesma forma que fez naquele momento, e ela estremeceu. Os dedos dele se demoraram na gola da camisa de Claire.

— Definitivamente, não é alguém para você — repetiu ele.

— Como você sabe? — Ela esticou as costas na árvore, desejando que Whit fosse embora, mas ele apenas abriu um largo sorriso e se aproximou ainda mais dela.

— Por que sei tudo sobre vocês, meninas Gilly. Você se lembra de quando — ele deslizou o dedo pelo pescoço dela, até o lugar onde seu pulso batia — você pegou aquele peixe e me fez jogá-lo de volta no mar, e então machucou sua mão com o anzol? Aposto que suas mãos já não são mais tão macias.



— Na verdade, são, sim — respondeu Claire, afastando o pescoço dos dedos dele, embora ele estivesse mais certo do que ela gostaria de admitir. O peixe era uma criatura linda, lembrou-se Claire, a barriga bem branquinha, as escamas sarapintadas com o verde e azul de uma sereia. As guelras haviam inchado na palma de sua mão, e os olhos eram um indicador de pânico, ao mesmo tempo em que a boca se abria e se fechava, infeliz com o seu destino, mas sem poder fazer nada quanto a isso. Um dilema que Claire entendia muito bem. Whit a ajudara a libertar o peixe e, quando o fez, o anzol lhe rasgara a palma da mão, e foi Jo quem teve de se aproximar e arrancá-lo de sua pele.

Doeu muito, mas Jo não ligara. Chamara Claire de boba por ter deixado o peixe ir embora. Ela sempre a xingava de alguma coisa quando fazia algo tolo, mas Claire sabia que a irmã estava equivocada a respeito dela, totalmente. Ela não era uma tola, tampouco era sensível. Sabia apenas do que desistir e pelo que valia a pena lutar na vida, e tinha certeza de que isso não tinha a ver com sal.

— Quem não mudou foi Jo, se lhe interessa saber.

Whit colocou as mãos de novo nos bolsos. Quando respondeu, sua voz estava fria.

— Ela sabe por que tenho me mantido distante dela. — Isso era novidade para Claire. Sempre pensara que fosse o contrário entre os dois. Mas, antes que pudesse seguir com esse raciocínio, viu Ethan se aproximando pelas sombras da noite e o seu coração começou a bater tão forte que ficou surpresa de Whit não o escutar também.

— Preciso ir — disse ela, afastando-se do tronco da árvore, e saiu correndo de debaixo do abrigo de suas folhas. Ela ainda sentia Whit ali, espreitando sob as folhas vermelhas inquietas, seu olhar grudado no cabelo dela como seiva, entrelaçando-se tanto que a única forma de tirá-la seria com uma tesoura e um bom corte. Sem se importar mais se Whit estava olhando, correu para Ethan e jogou os braços sobre os ombros largos dele, pressionando o rosto contra o peito dele e sorvendo-o. Ele ainda cheirava a mar, a lugares que Claire jamais iria, a coisas que jamais testemunharia. Ela pressionou o nariz contra a lateral do pescoço de Ethan e assoprou-o na pele,

com a esperança de introduzir nele odores mais familiares de grama, barro e peras maduras.

— Senti tanto a sua falta — disse quando ele a beijou, e caminharam até a árvore, onde ficou aliviada de ver que Whit havia partido. Ela abriu bem suas mãos sobre a pele das costas de Ethan, quentes e endurecidas pelos longos dias sob o sol. Ela esticou os dedos até a cintura do jeans e o sentiu hesitar por um segundo, antes que ele a puxasse para mais perto de si.

Beijar Ethan sempre pareceu um experimento maravilhoso que Claire estava conduzindo. Ela desabotoou a camisa dele, enquanto ele ergueu a sua, a outra mão ocupada sob a saia.

— Espere — suspirou ela, quase não acreditando ser ela quem estava interrompendo as coisas daquela vez. — Deveríamos parar. — Sem dizer uma palavra, ele a deitou no espaço entre as moitas e, quando ela fez força para se sentar, ele a deteve contra o seu corpo. — Tem certeza? — perguntou ela. Não era assim que ela tinha planejado aquele momento, sob a pereira a céu aberto, mas era excitante também.

Ethan tocou-a suavemente nos seios com o lábio.

— Preciso de você, Claire. E disso que sei.

Ela deslizou os dedos em seu cabelo volumoso e louro, e se perguntou o que acontecera com ele no Oceano Atlântico. Mas o vento ficou mais forte, e ele se deitou sobre ela, e então Claire não conseguiu pensar em mais nada. Deitou-se sobre a grama molhada e a terra arenosa, as mãos tocando de leve a casca da árvore entalhada numa profusão de desejo. Ser jovem e estar apaixonada a fez supor que superara a história.

*VOU ME CASAR*, sussurrou ela para si mesma quando acordou na manhã seguinte. Ela tirou as cobertas e caminhou até o espelho de sua penteadeira, perguntando-se se estava diferente. Levou as mãos à face, sentindo que estava quente, e tentou parar de sorrir.

Ethan não lhe pediu em casamento na noite anterior, mas o que mais poderia significar o que fizeram? Ele sempre disse que não queria ir até o fim sem estarem comprometidos. Na verdade, quando Claire refletiu sobre isso, ele não havia dito nada, mas não se preocupou. Ethan raramente falava tanto quanto ela. Mais tarde, ele a acompanhara durante todo o caminho até o começo da salina, os dedos espremendo os dela até passarem pela St. Agnes, quando, de repente, ele largou a mão de Claire, mas ela não a pegara de volta. Poderia fazer isso agora, concluiu.

— Não vou contar ao padre Flynn se você não o fizer — sussurrou ela, mas ele não riu. Ele nunca ria quando o assunto era de cunho religioso. Claire não podia nem contar piadas de padre na frente dele. Ela se perguntou se a devoção de Ethan diminuiria ao longo da vida de casado ou se a dela ficaria mais forte. Eles viraram a curva, e a salina surgiu diante deles, alguns dos tanques brilhando e outros uns buracos vazios. Sob a luz da lua, o lugar parecia mais assombrado ainda. Exaurido, sem graça demais até para os fantasmas. Claire se virou para dar um beijo de boa-noite em Ethan, mas viu que ele já havia se adiantado.

— Claire, vamos conversar amanhã — murmurou ele, o dedo traçando o contorno do queixo dela.

Ela tentou esconder o sorriso. Queria um lindo vestido de casamento, ela sabia, mas supôs que agora teria de ser da cor marfim.

— Tudo bem — respondeu ela, feliz demais para dizer qualquer outra coisa. Ele se foi sem lhe dar um último beijo, como ela queria, mas o perdoava por isso. Afinal, eles teriam uma vida toda de abraços pela frente.

Ela o estava esperando nas dunas na tarde do dia seguinte. Claire mordida os lábios na tentativa de lhes conferir cor para que, quando Ethan se inclinasse para beijá-la, eles estivessem rosados. Tinha esperanças de que fosse gostar do anel.

Mas havia algo de errado. Ethan apenas encostou seus lábios na face dela, e rápido, não como de costume. Ele não se inclinou sobre ela e deslizou os dedos em sua nuca, nem a puxou bem para perto

de si. Na verdade, ele a beijou como um irmão faz com a irmã. Claire se sentou ao seu lado na areia, confusa.

— Antes que eu diga qualquer coisa, gostaria que soubesse que a noite passada foi maravilhosa — começou ele. — Foi tudo o que pensei que seria. Mais até. Se estava em busca de um sinal, Claire, juro, diria que a noite passada foi isso.

Ela corou e olhou para baixo, para os tênis. Na luz do dia, não podia acreditar em alguns dos lugares que ela permitira que ele colocasse a boca, e onde ela colocara a dela. Estendeu o braço e acariciou o cabelo dele, perguntando-se quando estariam juntos outra vez.

— Te amo — disse ela.

Ele tirou as mãos dela.

— Me deixe terminar. Tenho algo muito difícil para lhe dizer.

Seu coração parou de bater. Parou de tudo. Era uma sensação aterrorizante de fato, como morrer no lugar sem sair para lado nenhum. Acima dela, observou nuvens se reorganizarem no céu.

Ethan se inclinou para a frente e apoiou a cabeça nos joelhos.

— Você sabe quão importante a igreja sempre foi para mim, mas o que não sabe é que há meses venho me questionando sobre fazer parte do sacerdócio. A única coisa que me detinha era o pensamento de perder você. Cheguei mesmo a me inscrever num seminário, mas nunca obtive resposta e, então, durante toda essa temporada que estive no mar, só conseguia pensar em você, e achei que isso era um sinal. Na noite passada, achei que soubesse exatamente o que iria fazer: pedir você em casamento hoje. Mas, depois de ter lhe deixado aqui, parei na St. Agnes para ver o padre Flynn, e ele me deu isto.

Ele mostrou uma carta dobrada, cheia de selos e com um timbre. Claire a pegou e então percebeu que estava tentando lê-la de ponta cabeça. Ethan a virou para ela. Tratava-se de uma carta de aceitação do seminário. Ethan havia se inscrito em fevereiro, perto do Dia dos Namorados.

— Não compreendo — murmurou ela, por entre os lábios entorpecidos, ignorando o papel à sua frente.

Ethan suspirou.

— Claire, estar com você sempre foi tão maravilhoso quanto achei que seria. Era quase como rezar, mas, quando o padre Flynn me entregou esta carta, percebi que não era bem isso, e acho mesmo que esse é o caminho que devo seguir.

Ela enterrou a mão na areia.

— Acha ou tem certeza?

— Tenho certeza. acredite em mim, Claire, é tão difícil para mim quanto é para você.

Ela segurou um soluço.

— Duvido.

Ethan baixou a cabeça.

— Se eu for, terei que partir na semana que vem. — Os dedos marcavam uma frase na carta. — Eles estão dispostos a me dar uma bolsa completa. E uma oportunidade única na vida.

Não havia nada em que se apoiar nas dunas. Nenhuma pedra grande enterrada na areia, nada de toras empilhadas. Somente areia e grama cheia de espinhos. Claire abraçou as próprias pernas. Ela precisava perguntar.

— Para onde?

Ethan respirou fundo.

— Califórnia. — Soou tão longe que pareceu definitivo. A voz dele ficou mais suave. — Seja honesta. Você não seria feliz se eu ficasse aqui e fosse nos barcos todos os anos com meu pai e tio. Você combina com uma vida de peixes, Claire, quase tanto quanto com uma de sal.

Ela abria e fechava a mão sem parar, na tentativa de fazer o sangue circular, mas não adiantou. Seus dedos estavam se congelando. *Todo esse tempo*, pensou ela, *nunca vim em primeiro lugar para ele*. Isso era o que mais doía. Ela passara a vida toda seguindo os passos de lama de outra pessoa, percebeu: de sua mãe, de seu irmão morto e de Jo. Sem falar em toda a linhagem irregular de mulheres Gilly antes dela. Até os poemas que Ethan tanto amava não passavam de palavras de outra pessoa. Ela se levantou e limpou a areia da roupa.

— Preciso ir. — Ela gostaria de ter dito isso do jeito que sentia. Gostaria de ter dito com raiva. Mas saiu como um lamento. Queria

odiar Ethan, mas não conseguia, e isso fez com que quisesse odiá-lo ainda mais.

Ele dobrou a carta, enfiou-a de novo no bolso e, então, levantou-se também.

— Posso voltar mais tarde.

— Para quê?

Os olhos de Ethan estavam rasos d'água.

— Puxa vida, Claire. Deveríamos conversar mais sobre isso. Só porque estou escolhendo esse caminho, não significa que não possamos ser amigos.

Ela rangeu os dentes.

— E isso mesmo o que significa, Ethan Stone. — Seu sangue corria intensamente de novo, uma maré tranquilizadora que jorrava para cima e para fora dela. — Você não tem ideia do que acabou de fazer. — Lágrimas já lhe escorriam pela face. Antes que mais delas pudessem cair, ela se virou e saiu correndo.

Quando chegou ao celeiro de sal, todos os elementos estavam colidindo dentro dela: pedra e madeira, água e cinza. E a única com que desejava lidar era com o fogo. Ela abriu a porta do celeiro num chute, formando um redemoinho, e entrou na escuridão do lugar, revirando uma carriola em busca do maço de cigarros que escondera.

A voz de Jo se materializou em meio à escuridão.

— Que droga, Claire. Onde esteve? Os açudes precisam ser raspados.

O primeiro fósforo não pegou. As mãos estavam muito trêmulas.

O mesmo ocorreu com o segundo, mas o terceiro deu certo. Talvez certo demais. O ar diante de Claire chamejou com enxofre e nicotina e, em seguida, mais chamas foram lançadas, maiores do que a primeira, onde ela jogara o fósforo em brasa. A poeira no celeiro começou a dançar.

— O que é aquilo? — Ela tentou dizer, e então percebeu que era fumaça. Ela se virou e viu um jato de chamas rasgando o chão, bloqueando a porta, prendendo-a no fundo do celeiro. Ela tentou respirar, mas seus pulmões pareciam estar pegando fogo também. De repente, ela se deu conta de que ainda tinha o cigarro aceso na

mão e, estupidamente, largou-o, dando início a uma nova linha de pequenas chamas.

Ela tentou chamar Jo, mas seus pulmões estavam se fechando e não conseguiu colocar a voz para fora. Em seguida, pensou ter escutado Jo gritar alguma coisa. O que era? Sua visão começou a ficar turva. Provavelmente incluíam as palavras, "*Eu avisei*", pensou Claire. Seria típico de Jo, que passava os dias patrulhando os buracos da Fazenda Salt Creek, querer enfatizar os limites num momento como aquele. Seus joelhos começaram a se dobrar. Era evidente que as regras de Jo eram uma linha que Claire jamais respeitaria, assim como não faria várias outras coisas: sair daquela estúpida salina, casar-se com Ethan, escapar daquele celeiro em chamas.

— Claire! — Ela ouviu seu nome outra vez no momento em que as primeiras chamas estrondearam em sua direção. Suas pernas desistiram completamente, mas, pela primeira vez na vida, ela viu que não estava presa aos passos de Jo. Ao contrário, fora acolhida pelos braços da irmã e, então, arremessada ao ar, livre.

— Jo — tentou gritar ela, mas houve um estrondo enorme, um manancial de brasa foi jorrado, e ela ficou sem oxigênio. Ao longe, Claire escutou uma sirene e, em seguida, virou a cabeça quando o celeiro veio abaixo, levando as mãos aos olhos, sem vontade de ver mais nada do que seu coração ferido havia provocado.

# 9

A PRINCÍPIO, JO PENSOU que Claire tivesse tentado matá-la quando colocou fogo no celeiro, porém, mais tarde, depois de descobrir que Ethan havia ido embora para se juntar ao maldito sacerdócio, ela percebeu que talvez Claire estivesse simplesmente tentando se matar e que ela, Jo, cruzara seu caminho. Isso seria mais típico de Claire, pensou, que costumava conduzir seus assuntos como um cão desvairado à caça. Ela ia para onde o instinto a mandasse, sem jamais considerar as pobres criaturas que porventura arrastaria consigo.

Claire estivera uma amolação só ao longo de todo o verão, não fazendo muito mais do que sofrer por causa de Ethan. A mãe não vinha passando muito bem, e mais uma parte da sobrecarga da salina recaía nos ombros de Jo, que eram robustos, mas tinham seus limites.

O fogo que Claire iniciou naquele dia fez mais do que apenas rachar ao meio o corpo de Jo. Acabou por dividir a sua memória também, pois, sempre que tentava imaginar todo o cenário daquela noite, tudo que lhe vinha à cabeça eram fragmentos derretidos, com os quais não conseguia fazer muita coisa senão recolhê-los e devolvê-los às chamas. O fato que mais a marcou foi o rápido desaparecimento de Claire atrás das labaredas. Num instante, Jo estava dizendo a Claire para não acender o maldito cigarro; no outro, Claire era apenas o contorno de uma menina consumida por faíscas e uma parede de fumaça. Parecia um truque de mágica que dera errado, e a única coisa que passou por sua cabeça foi que, se não tirasse a irmã do celeiro, Claire desapareceria para sempre, e ela já estava cansada de ter pessoas sumindo de sua vida.

Jo acabou sofrendo queimaduras em 40% de seu corpo, tudo no lado direito. Por semanas, ela ficou isolada numa unidade especial de queimados em Boston, com bandagens úmidas cobrindo-lhe a pele ferida e os olhos, e oscilando entre estar ou não consciente.



Embora não se lembrasse do fato de ter salvado Claire, ela tinha uma lembrança do pulso fininho da irmã preso na palma de sua mão, e do peso dos ossos dela. Mas os detalhes — se carregou ou arrastou Claire, se escaparam por uma janela ou pelas portas em chama — eram confusos. Segundo a mãe, Jo arremessara Claire da porta do celeiro e então ficara presa quando as vigas caíram. Mas queria perguntar isso para a própria irmã. No entanto, sempre que conseguia despertar de seu estado de torpor causado pelos remédios e pela dor, Claire nunca estava lá. Então, numa tarde, ela apareceu de repente, sua voz gorjeando e tão aguda quanto a de um pássaro agonizado.

— Não — suplicou ela. — Por favor, não me obrigue a fazer isso. Sei o que ela fez por mim, mas Jo é tão forte, e eu não sou como ela. Por favor.

— Mas sua irmã já passou por tanto trauma — respondeu outra voz feminina, mais baixa e exausta, com um tom de impaciência por trás. Era da Dra. Meyer, a única médica que Jo conhecera na vida. — Ainda é um procedimento experimental, mas já obtivemos resultados maravilhosos. Tiraríamos a pele de suas nádegas — explicou ela — e a enxertaríamos na sua irmã. Normalmente, preferimos usar a pele do próprio paciente, mas, neste caso, achamos que você será a melhor opção para evitarmos rejeição do doador.

Ninguém disse nada. Para Jo, era como se o ar esterilizado do hospital tivesse se tornado uma nuvem de fumaça oleosa. *Quão grave era?*, perguntou-se. Não havia conseguido ainda abrir os olhos ou ver a si mesma, mas tudo nela doía.

A Dra. Meyer falou outra vez.

— Você não tem de decidir hoje, mas precisamos saber logo. Isso poderia fazer uma diferença enorme para sua irmã.

Fez-se silêncio no quarto de novo, mas dessa vez era um silêncio espesso, como um travesseiro sendo pressionado contra o rosto adormecido de alguém. Em seguida, Jo escutou a mãe puxar a médica para o canto e começar a sussurrar. Ficar deitada por vários dias, cega, fez com que ela ficasse absurdamente atenta ao mais silencioso dos barulhos. Mesmo com o torpor causado pelos

remédios, ela tentou acompanhar o discurso sussurrado da mãe. *Tempestade violenta. Dois, não um. Nossa Senhora.* Ela parou de ouvir. Era uma história que já conhecia.

*Entendo,* Jo escutou a médica dizer. Agora, a Dra. Meyer também sabia. Jo enrolou a língua inchada dentro da boca e tentou apertar as paredes da garganta para emitir um som, mas só conseguiu gemer.

— Joanna? — A roupa da médica farfalhou ao se aproximar da cama e se inclinar sobre Jo, checando equipamentos e abrindo o prontuário. Jo gemeu de novo e tentou mexer a cabeça, mas as abelhas de dentro dela fugiram para a pele, picando-a com tanto veneno que ela ficou sem ar.

— Não se mexa — ordenou a médica, e chamou uma enfermeira.

Jo ouviu Claire caminhar para o outro lado dela, as longas pontas de

seu cabelo vermelho raspavam no lençol. Mesmo sem ver, ela podia imaginar o rosto da irmã, tão branco e liso quanto pedras do mar. O fogo não a havia atingido nem um centímetro, imaginava Jo. Ela se certificara disso. Mas, claro, Claire estava cuidando de suas próprias feridas.

— Ela não falou com Ethan nenhuma vez — dissera a mãe a Jo numa das longas horas em que havia ficado de vigília ao lado da cama da filha.

— Ela não quer vê-lo, e ele vai embora daqui a poucos dias. Ela mal fala.

Claire estava falando agora, porém.

— Liguei para Whit por você — sussurrou ela ao ouvido de Jo. Seu hálito, mesmo depois de tudo, tinha traços de cigarro. — Achei que gostaria que eu contasse. Ele diz... — Ela hesitou e Jo notou na sua voz um toque de inveja que nunca notara antes. — Ele diz que envia a você os melhores cumprimentos e me pediu para que os desse em nome dele. Então, aqui estão. — Claire se inclinou ainda mais, tomando cuidado para não tocar em nenhuma parte de Jo, apenas no lado esquerdo, e lhe deu um rápido beijo na face com lábios com aroma de cereja. Jo se perguntou se Claire estava sendo cautelosa ou interesseira, pois escolhera o lado bom dela, a parte

que ainda poderia ser ferida. Ela ouviu os passinhos leves da irmã saírem pelo corredor como a chuva que escorre pelo telhado e, apesar de estar daquele jeito, começou a pensar em todas as coisas que Claire não dissera. *Me perdoe, por exemplo, obrigada, eu te amo.* Os passos dela desapareceram e Jo ficou deitada ali, presa dentro de uma pele chamuscada, questionando-se como chamar alguém que era parente, sim, mas também a melhor parte de sua carne, capaz de andar e atravessar todos os caminhos nos quais Jo sabia agora que jamais chegaria.

A PRINCÍPIO, os funcionários do hospital pareciam preocupados com as faculdades mentais de Jo. Não paravam de lhe perguntar se sabia em que ano estavam e quem era o presidente.

— Lyndon B. Johnson — respondia numa voz baixa e rouca, querendo acrescentar que ele tinha o rosto de uma boneca de maçã murcha e uma personalidade igual. Porém, estava sem energia para fazer isso. Suas cordas vocais doíam só de respirar.

Os médicos e enfermeiros gostavam de alertá-la sobre seu futuro.

— Sua vida não será como antes — contou-lhe a Dra. Meyer, de modo inexpressivo, virando os prontuários e anotando ao mesmo tempo. — Não de imediato. Mas, depois de um tempo, você começará a se sentir como antes por dentro.

— Nova pele para uma nova alma — tagarelava sua enfermeira favorita. — Agora é sua chance de se tornar quem sempre quis ser, querida. Corra atrás disso.

— Viva um dia de cada vez. — Esse era Raymond, o assistente noturno. — Bem devagar. E melhor assim. — Jo pensava que talvez por essa razão ele tenha escolhido trabalhar no turno da noite, porque gostava de ficar no escuro.

Três meses depois, quando as enfermeiras finalmente tiraram as bandagens e máscaras, e ela colocou as mãos num espelho, Jo percebeu por que se tornaria um para-raios para a preocupação das

outras pessoas. Seu rosto havia se fundido numa desarmonia; estava destruído e queimado no lado direito, e perfeitamente conservado no esquerdo. Ninguém sabia para que lado olhar quando conversava com ela, descobriu Jo, e ela tampouco podia ajudá-los, pois não se conhecia ainda e não sabia qual dos lados queria mostrar ao mundo.

Ela recebeu um novo olho, de vidro, que podia tirar da órbita e rolar na palma de sua mão como um ovo se quisesse.

— Terá de desenvolver estratégias para compensar a perda de visão — comentou o Dr. Wynn, seu rechonchudo oftalmologista, com um sotaque britânico que ora a irritava, ora a acalmava. — Guiar será um desafio. Precisarás tomar muito cuidado quando estiver em escadas ou terrenos desconhecidos, mas, no geral, acho que se saíra bem. Você trabalha com o quê?

Jo acomodou a cabeça na faixa de metal da complicada máquina à sua frente, apoiando o queixo no tecido esponjoso. Ela tentou repelir a imagem de vacas enfileiradas no abatedouro.

— Sal — murmurou, correndo a língua sobre os dentes, sentindo falta do ruído do sal cinza entre eles. A comida do hospital era tão sem graça. — Minha família produz e vende sal. — Dr. Wynn ajustou um indicador, e um sol em miniatura pareceu pegar fogo no seu outro olho. Ela fez força para não piscar.

— É mesmo? Isso é fascinante. Já assou um peixe com crosta de sal? — Como Jo não respondeu, ele prosseguiu, ajustando botões e indicadores do seu lado do aparelho de exame. — Pega um peixe inteiro

— riu ele, dissimuladamente —, mergulha-o num montículo de sal com clara de ovo e então coloca-o no forno por algumas horas. — Ele desligou a luz que brilhava em seus olhos. — Parece horrível, mas é muito agradável ao paladar. Experimente.

Ela piscou, ainda chocada pelo jeito como sua pálpebra envolvia o olho de vidro, parecia uma língua deslizando sobre o dente. Era a única coisa lisa naquele lado de seu corpo. Jo sentiu seu olho normal ficar pesado e se perguntou se choraria agora apenas pela metade, ou se seu corpo mandaria toda a sua angústia para aquele olho. Não lhe pareceu uma divisão justa ter duas vezes mais tristeza

comprimida numa única saída, mas Jo não se surpreenderia em descobrir que era assim que as coisas aconteceriam dali para a frente.

— Tome. — O Dr. Wynn se virou no banquinho de metal e lhe entregou a receita médica para o colírio. Ele não era nem de perto tão velho quanto sua fala o fazia parecer. Sob certo aspecto, chegava a ser bonito, mesmo sendo calvo e um pouco barrigudo. Mas ele compensava esses defeitinhos com o olhar gentil.

— Como sua família está encarando tudo isso? — perguntou ele, mas Jo não respondeu. A mãe vinha sendo uma fortaleza, mas Claire visitara Jo apenas três vezes: a primeira, quando se recusara a doar a pele para o enxerto; a segunda, quando Jo fez a primeira cirurgia no rosto; e a última, quando Jo teve uma febre tão alta que os demônios podiam ter dançado no teto e ela os teria chamado de anjos.

— Claire não gosta de hospitais — tentava explicar a mãe. — Você sabe disso. Ela é ainda tão nova, e você sabe como são os adolescentes, estão preocupados com a própria vida.

*Não, queria vociferar Jo. Não tenho a menor ideia de como são os adolescentes. Nunca tive a chance de ser uma.*

A voz do Dr. Wynn interrompeu seus pensamentos.

— Você precisará usar isso durante as primeiras semanas, até estar completamente curada. A dosagem está escrita no topo da folha. — Seu dedo indicador gorducho sublinhou uma linha escrita em letra ilegível, a qual Jo fingiu ter decifrado.

Ela estendeu o braço e recebeu o papel.

— Obrigada.

Era chegada a hora de ela se levantar, o que ainda ocorria em etapas: primeiro, colocava no chão as solas dormentes dos pés; em seguida, levantava, sem firmeza, os joelhos, quadris, ombros e, por último, a cabeça. Nenhuma parte de seu corpo parecia se mover coordenadamente, como costumava ser.

Dr. Wynn limpou a garganta.

— Cuide bem desse olho — recomendou ele, e Jo se perguntou se ele se referia ao olho verdadeiro ou ao falso. — Ligue se houver

qualquer problema e, lembre-se, um salto no escuro é mais do que apenas uma expressão.

Ele fechou a porta do escritório, deixando que ela arrastasse os pés e andasse às apalpadelas até o assistente hospitalar, e enquanto se questionava se era considerado salto quando o seu pé não saía do chão.

Na manhã seguinte, a mãe a levou para casa e parou quando se aproximaram da longa trilha de areia para abrir as janelas do carro. Era o final do inverno, e o ar congelado revolvía as pontas do que havia sobrado do cabelo de Jo. Ela perdera o outono e grande parte do inverno. Duas estações se haviam ido.

— Assim é melhor — disse a mãe, sentando-se de novo no banco do motorista. Ela havia emagrecido tanto nos últimos meses que até Jo notou. A preocupação com a saúde da filha e a sobrecarga com as contas médicas estavam trazendo conseqüências, mas a mãe ainda se sentava ereta como um sargento, as duas mãos firmes no volante. — Um ar cheio de sal, isso é bom — comentou ela. — Completamente diferente do ar do hospital. Completamente.

Mesmo com apenas um olho, Jo pôde ver que nada na Fazenda Salt Creek havia mudado, apenas a estação. Ao virarem a última esquina, ela viu a mancha negra onde o celeiro costuma ficar. Já era cadavérico antes do acidente, mas, agora, havia apenas uma sugestão de estrutura. Uma viga chamuscada ainda resistia, apontada para o céu como um anular esquelético.

— E o sal? — perguntou ela.

A mãe fechou os lábios e pisou no acelerador.

— Foi tudo embora. Mas há mais de onde ele veio.

Jo não podia argumentar e tocou a nova geografia de seu rosto. Os nervos que não morreram estavam em plena revolta. Gritaram ao contato de seus dedos, mas ela cerrou os dentes e respirou profunda e regularmente. A mãe estava se esforçando tanto, Jo via isso, que ela não queria estragar aquele momento por nada, mas não conseguiu deixar de fazer a única pergunta que certamente agravaria sua dor.

— Onde está Claire?

A voz da mãe não revelava seus sentimentos.

— Claire está num curso de estenografia em Hyannis. Estará em casa mais tarde.

Jo virou o rosto de novo para a paisagem que tanto conhecia. Ali estava ela, finalmente em casa, e sua irmã ainda buscava maneiras de ir embora. Nada havia mudado afinal.

COMO SEMPRE, Jo escutou Claire chegando antes de vê-la. Claire tinha o costume de irromper pela casa como uma rajada de vento gelado, cheia de fúria e impaciência. Escutou a irmã jogar os livros sobre o velho piano da entrada, um dos volumes bateu na chave empenada, e ouviu o baque dos sapatos atingindo o chão quando Claire os tirou. Jo espiou do canto da porta da cozinha com seu olho bom e observou a irmã parar para fazer um rabo de cavalo bagunçado no topo da cabeça. Com os pés plantados e os braços erguidos daquele jeito, ela parecia um espantalho pela metade. Ao erguer os olhos, deparou-se com Jo e congelou. O instinto de Jo a teria enfiado atrás da porta de novo, mas ela lutou contra esse ímpeto e pisou no corredor, ainda arrastando um pouco a perna direita, observando Claire olhá-la pela primeira vez desde o hospital.

Jo ainda tinha bandagens cobrindo grande parte de seu busto, mas a roupa larga que a mãe pegou do próprio guarda-roupa disfarçava um pouco. Seu cabelo estava crescendo novamente, mas não muito. Tinha apenas alguns tufo do lado direito do couro cabeludo, ralos e rebeldes como os de um bebê. Os médicos disseram que cresceriam de novo, mas por enquanto Jo ainda tinha uma aparência delicada. E, claro, havia o olhar vazio de seu novo olho de vidro.

Claire deixou escapar um grito e cambaleou até a porta.

— Não sabia que já estaria aqui — disse ela com a mão no peito.  
— Pensei que você e mamãe fossem chegar amanhã.

Jo deu de ombros.

— Deixaram eu sair um dia antes.

Claire respirou, hesitante.

— Isso é bom, não é?

— Parece bom para você?

— Não, acho que não. — Claire baixou a cabeça e bateu de leve os dedos na porta. Jo podia dizer o quanto a irmã desejava abri-la e sair correndo.

Só para perturbá-la, Jo se aproximou mais dela.

— Você nunca foi me visitar.

Claire piscou.

— Isso não é verdade. Eu fui.

— Quase nunca.

Claire olhou para os próprios dedos, brancos e delicados como pétalas de lírio. Mesmo antes do fogo, as mãos de Jo nunca havia sido assim.

— Estou fazendo um curso — disse ela, meio encabulada, meio orgulhosa. Jo sentiu uma pontada de sua própria culpa. Qualquer chance que Claire tinha de ir à faculdade se acabara juntamente com o fogo. Terapia para queimadura não era algo barato.

Ela tirou os olhos das mãos alvas da irmã.

— Mamãe me contou. Estenografia, não é?

Claire respondeu que sim com a cabeça, e, pela primeira vez, Jo notou os semicírculos de tristeza anelados sob os olhos da irmã. A pele tinha uma aparência pálida, os ossos do rosto estavam mais saltados, e, pela primeira vez desde o colégio, ela não havia se preocupado com o que vestir. Estava usando um casaco comido por traças que era de Jo, jeans com as barras viradas para cima e nenhuma maquiagem. Levou as mãos ao rosto, e Jo sabia que ela ia tentar se desculpar.

— Ai, meu Deus, Jo, sinto muito — disse Claire. — Você sempre me disse para não fumar no celeiro, e eu não dei ouvidos. Sou tão estúpida.

Jo teve vontade de concordar. Claire ergueu os olhos, sua face marcada pelas lágrimas e entristecida.

— Será que um dia conseguirá me perdoar?

Jo hesitou. Ela sabia qual deveria ser a resposta certa e pensou que estivesse preparada para dá-la, mas seu coração não conseguiu



obrigar sua boca a proferir aquelas palavras. Não ferido como estava. Não naquele momento.

— Não sei — admitiu ela, e imediatamente se arrependeu.

Claire concordou com um lento aceno de cabeça e cruzou os braços em volta do corpo.

— Tudo bem — sussurrou ela. Virou-se e subiu as escadas devagar, sem dizer mais nada, enquanto Jo permanecia na sala, seu novo olho pesado na órbita, várias palavras desusadas tomando todo o espaço extra de sua boca, esmagando a língua até parecer uma polpa mole.

Na manhã seguinte, a mãe sugeriu que as duas fossem andando até a Igreja St. Agnes.

— Você precisa se exercitar depois de ter ficado confinada por tanto tempo — disse ela. — E será bom para você ver rostos conhecidos.

Jo resmungou, incerta acerca de já querer ver alguém além de sua família, mas se opor à mãe era algo quase tão inútil quanto nadar contra a maré.

Para Jo, desacostumada a fazer exercícios, o passeio foi uma distensão dolorosa da pele e do desejo, mas reclamar não teria adiantado nada. A mãe a teria calado. As únicas criaturas fora de casa aquela manhã, além delas, eram as gaivotas que só se preocupavam com as necessidades da própria espécie.

Jo ficou aliviada quando chegaram à St. Agnes. Ela respirou fundo aquele ar familiar com cheiro forte de cera de abelha e lustre-móveis de limão, e se ajoelhou ao lado da mãe, aos pés da Nossa Senhora, mas sua mente não se tranquilizou. *O que lhe sobrara? Por que rezar?*, perguntou-se. A única coisa que desejava era que o tempo voltasse atrás, mas nem mesmo a Virgem poderia lhe dar isso.

Acendeu uma vela para Henry e, em seguida, o padre Flynn entrou no santuário. A mãe enfiou a mão na bolsa e tirou de dentro um saquinho de sal.

— Dê isto ao padre — disse ela, entregando-o a Jo, que o pegou com um olhar zangado. Ela sabia o que a mãe estava fazendo. Desde o primeiro dia no hospital, a mãe lhe havia dito que não

permitiria que ela se escondesse por trás das feridas, e estava cumprindo sua palavra.

— Vá — mandou ela, cutucando Jo. — Você ainda vai ter de olhar as pessoas nos olhos. Agora é a sua primeira oportunidade.

O padre Flynn pegou o saco de sal com cuidado e então correu as mãos de leve sobre o rosto de Jo, como se quisesse tocá-lo, mas desistiu.

— Deus age por razões peculiares, minha filha — disse ele por fim.

— Seus métodos nem sempre nos são conhecidos. — Ele fez uma pausa. Jo ficou olhando atentamente para o rosto dele, que estava virado para a imagem de Nossa Senhora. — Não direi que foi para o bem — suspirou ele finalmente, piscando os olhos de novo para ela. — Certamente jamais direi isso. Mas você sabe, ao longo de sua vida, passe a ver essa dor como algo que pode lhe trazer o bem.

Jo tinha suas dúvidas a respeito da veracidade daquilo, mas, em vez de ofender o padre com sua atitude, ela olhou para a Virgem.

— Acho que sou como ela agora — disse. — Uma mulher que se foi e perdeu a fisionomia.

Padre Flynn parou. Ele nunca foi um admirador daquela pintura, Jo sabia, então sua resposta a surpreendeu.

— Ora, há um pouquinho da Virgem em todas as mulheres, minha filha. Sua própria mãe sabe disso melhor do que ninguém.

Jo olhou para a mãe, que ainda estava ajoelhada diante das velas com as mãos cruzadas e os lábios tremulando uma oração silenciosa.

— Não comece a trazer à tona histórias que o senhor não está preparado para contar, padre — disse Jo, ríspida, e o velho padre empalideceu.

— Jo, o que está querendo dizer? — A dor nos olhos dele o fez parecer um menino que acabara de perder a bola favorita.

— *Magna est veritas, et praevallet* — respondeu Jo, encarando-o firme com o seu olho bom. — O que isso significa?

Padre Flynn gaguejou.

— Ora, é da Vulgata, antiga tradução latina da Bíblia. Significa: a verdade é poderosa e prevalece. Que coisa curiosa de se perguntar.

Por que está falando isso, minha filha?

Jo deu de ombros. Era uma citação que estava na carta de Ida. Queria ver a reação do padre Flynn quando a pronunciasse. Nunca antes fora tão má com ele, percebeu isso, mas era outra pessoa agora, não era? Possuía camadas de si mesma que nem ela reconhecia. Pela primeira vez na vida, pôde compreender por que as pessoas se sentiam atraídas pela crueldade. Havia uma vibração eletrizante nela.

— Por nada — disse ela e, então, virou-se de costas para o padre e saiu da St. Agnes, deixando a mãe para trás. Pouco antes de as portas baterem, entretanto, ela notou algo curioso. Apesar da profunda aversão que o padre tinha à Nossa Senhora e da adoração que havia em torno dela, Jo podia jurar que o vira colocando o saquinho de sal, que a mãe lhe trouxera, nos pés marcados da Virgem, e baixar a cabeça em uma oração ou em um pedido de desculpas; Jo não sabia dizer qual dos dois e tampouco tinha certeza de que se importava com isso, pois eram muito similares, segundo começava a acreditar, e ela não queria ter nada a ver com aquilo.

O SAL NÃO ERA UMA substância que tolerava ser ignorada, e, embora o hospital em Boston tivesse recomendado seus métodos particulares de cura, Jo criou suas próprias regras de recuperação assim que chegou em casa. Ela respeitou o seu ritmo e fez tudo devagar, optando por voltar ao sal por etapas: primeiro, o observando; depois, o saboreando e, por fim, o mais difícil de todos, tocando-o.

Ela mergulhou trapos de pano numa solução de óleo de lavanda e camomila e os colocou sobre as marcas de bolha em sua pele. A princípio, o contato ardia, mas aos poucos seus nervos aprenderam a tolerar a fúria antisséptica. Em seguida, ela despejou um pouco de sal durante o banho e ficou observando o último pedaço de tecido se soltar das feridas e ir embora com a água que escorria. Por fim, ela

fez a pasta de sal e água e a aplicou diretamente na pele, permitindo que a salmoura calejasse as feridas.

Ela e Claire encontraram um jeito de se evitar, exceto para interações necessárias durante as refeições, ou os desconcertantes segundos quando se trombavam no corredor, pois as duas queriam usar o banheiro primeiro. Desde a volta de Jo, Claire ficara mais quieta, debruçava-se sobre os livros de estenografia com os cabelos tão puxados para trás que o canto dos olhos ficava para cima. Ou ela desaparecia por longas e misteriosas horas. Certa vez, Jo a viu entrar de mansinho à meia-noite e, ao vê-la, Claire deu um pulo e levou a mão ao pescoço, do jeito que costumava fazer quando estava escondendo mordidas de amor de Ethan. Suas antigas amigas de colégio, as animadoras de torcida e as do livro de formatura, sempre ligavam para ela, mas Claire nunca retornava suas ligações, optando por deixar as amigas desistirem até o telefone não tocar mais. E se recusou terminantemente a ir à igreja.

— Se Deus pode ter Ethan — disse ela, ríspida, quando a mãe sugeriu que fosse à missa —, então Satã pode me ter.

A mãe deu-lhe um tapa na boca por isso, mas Claire apenas passou as costas da mão nos lábios e esboçou um sorriso de escárnio. Naquele domingo, ela não desceu até o meio-dia, duas horas depois de a missa ter acabado. O padre Flynn não se deu ao trabalho de perguntar onde ela estava e a mãe tampouco explicou.

Mas a desobediência de Claire não parou com a missa. Assim como estava desistindo de Deus, rejeitava qualquer ligação com o sal. Não o colocava em sua comida, recusou-se a ensacar o estoque de inverno, torceu o nariz diante da ideia de ajudar a consertar as eclusas e absteve-se de se aproximar da ruína do celeiro.

Por outro lado, Jo passava cada vez mais tempo na produção, apreciando o odor úmido e a profusão de insetos saindo depois de um longo inverno. Certa noite, Jo se deparou com Whit rondando a salina. Atrás dele, os contornos do celeiro estavam tomando forma, as madeiras ainda sem tinta e as tábuas tão frescas que se podiam ver nelas gotículas de seiva. Os açudes estavam cheios de novo e, até então, todos os presságios para aquele ano caminhavam bem. A água do mar estava espumando na temperatura certa. As nuvens se

agregavam em casulos, e o açude de Henry ficava cada vez mais rosado.

Whit ergueu a cabeça ao ouvi-la se aproximar e ficou chocado com o estrago no rosto de Jo, mas não o demonstrou. Em vez disso, parecia interessado apenas nos negócios.

— Parece que voces estão falidas — disse ele, apontando com o braço o celeiro pela metade.

Jo enfiou um dedo na lama.

— Eu não diria isso. O sal está se formando. Apenas não temos um lugar para armazená-lo.

Whit enfiou as mãos no bolso e tirou um talão de cheque.

— Eu poderia mudar isso. Poderia lhe fazer uma oferta neste instante. Voce e sua família me deixam ser dono desta salina que eu deixo voces ficarem. Seria possível pagar um novo celeiro num piscar de olhos e também cobrir suas despesas médicas. — Os olhos dele percorreram as cicatrizes no rosto de Jo.

Ela prendeu a respirao, pensativa. Ida nunca lhes dera a opo de ficar na fazenda, mas Jo sabia que só se nevasse no inferno ela entregaria a sua vida a um Turner, por mais quebrada que estivesse.

— V embora, Whit — disse ela por fim, cansada de tudo aquilo. Ela se virou e começou a caminhar de volta para a casa, beirando as sepulturas. O que acontecia com a terra de sua família, perguntou-se, que tornava o passado tão oneroso, e por que os Turner, com todos os hectares que possuíam, não tinham o mesmo problema?

Naquela primavera, enquanto as feridas de Jo acabavam de cicatrizar e o celeiro era erguido das cinzas a partir da antiga estrutura, Jo começou a acreditar que talvez tivesse finalmente exorcizado os fantasmas da família. O pior havia acontecido, mas ela, a mãe e Claire haviam sobrevivido, e o sal ainda era delas. Talvez, pensou Jo, ao raspar as laterais de outro dique cheio de flocos, tenha sido melhor Ethan ter abandonado Claire. Claire pagara um preço terrível por aquela perda, mas Jo ainda tinha a irmã. Envelheceriam juntas na salina, com a irmã, quem sabe, cooperando um pouco com um rendimento extra do trabalho de secretária, solteironas até o fim, as últimas da linhagem Gilly. Agora que Ethan se fora, Claire certamente voltaria para Jo, e ao seguirem juntas o

futuro, também retornariam ao tempo em que as duas amavam a Nossa Senhora, Claire ainda concordava em trabalhar o sal, e Jo não era lembrada todas as vezes que se olhava no espelho de que tinha um lado bastante disforme.

# 10

DEE MANTIVERA OS OLHOS bem abertos à espera de legítimos sinais de outono — folhas vermelhas secas, as glórias de um verão indiano, maçãs duras vendidas aos sacos na estrada —, mas suspeitava estar procurando pelos sinais errados, porque o clima ficava cada vez mais desagradável e molhado, o céu acima tão atraente quanto um nariz escorrendo.

Como se para compensar tudo aquilo, os negócios da lanchonete aumentaram quando os últimos barcos de pesca ancoraram e os bares na região do porto fecharam para a estação de inverno. De repente, a Lighthouse ficou agitada e com um ambiente amigável. Todos os dias, as lanternas foscas que Cutt comprara lançavam um brilho alegre sobre o linóleo quadriculado, e o forte vermelho dos assentos conferia uma sensação de calor perante a chuva lá fora. Cutt começou a acrescentar um tanto a mais de manteiga nos refogados de legumes e ensopados de carne, e mesmo eles passaram a ter uma aparência melhor.

Pela primeira vez desde a morte da mãe, Dee sentiu as faixas apertadas entre suas costelas relaxarem um pouco e começou a se sentir como se pudesse respirar profundamente de novo, e que, ao fazer isso, não estava tirando nada da memória da mãe. O pai se sentia da mesma forma, ela percebeu. Ele começou a assobiar ao varrer o chão da cozinha no final do dia e, de quando em quando, contava piadas quando estava na chapa, embora fossem coisas que se dissesse a uma criança de cinco anos e que não tinham graça: brincadeiras infantis e charadas de animais. A mãe de Dee era quem tinha o senso de humor melhor, mas nenhum dos dois pegou isso dela, e ambos sabiam disso. Mesmo assim, Dee ria apenas para mostrar ao pai que notara o esforço que ele vinha fazendo, e, em resposta, ele parou de berrar com ela quando se esquecia de completar os porta-guardanapos e os potes de mostarda.

Dee achou que a chuva incessante faria com que Claire desistisse de suas cavalgadas matinais, mas seu enorme cavalo branco não pareceu se incomodar com a neve derretida, Claire tampouco. A única diferença que Dee notou foi que a dona não amarrava mais o animal do lado de fora da lanchonete, com medo de que ele ficasse com frio. Em vez disso, depois de cavalgar, ela chegava com seu carro esportivo vermelho, com o teto conversível aberto ao vento, borrifando água ao estacioná-lo em qualquer vaga que escolhesse. Ninguém, ao que parecia, iria multar Claire Turner.

O Sr. Weatherly reparou quão impaciente Dee ficava toda vez que Claire entrava assobiando na lanchonete para comer um ovo e tomar uma xícara de café.

— Ei — murmurou ele, balançando a cabeça enquanto tomava um gole de café, os olhos seguindo Dee pela lanchonete até onde Claire estava debruçada sobre o jornal. — E bom você tomar cuidado com aquela ali. Bela como a flor de jacinto, mas com veneno nas veias.

Dee largou a xícara de café e se apoiou nos cotovelos sobre o balcão, baixando a voz.

— Ela não quer que sirvamos o sal de Jo, sabe? Por isso não o temos sobre as mesas. Levo apenas para os poucos clientes que o querem. E verdade que Jo e Claire se odeiam tanto assim?

O Sr. Weatherly a encarou com olhos sombrios. Dee ficava impressionada que uma pessoa tão pálida e frágil como Timothy Weatherly ainda conseguisse manusear um martelo, mas ele o fazia e, toda vez que batia o prego com destreza, pegava um lenço e enxugava a testa. Ele fez um beijo e engoliu o café.

— Quantos anos você tem? — perguntou ele, dando tapinhas de leve no queixo com um guardanapo.

— Dezessete — respondeu Dee. — Farei dezoito em janeiro.

Um leve sorriso se esboçou nos finos lábios do Sr. Weatherly, e Dee de repente se perguntou como ele teria sido na idade dela. Cuthbert havia contado que no passado o Sr. Weatherly era o bonitão da cidade. Ele e o irmão costumavam dar vida aos carros e eram famosos por isso em toda Cape Cod. Ela tentou imaginar aquele homem de andar curvado à sua frente musculoso, com cabelos



negros e um topete, mas não conseguiu. Isso não era nenhuma novidade. Dee nunca conseguiu imaginar muito além do que estava na sua frente.

— Você é ainda tão nova — disse o Sr. Weatherly, colocando umas moedas sobre o balcão. Faltavam dez centavos, mas Dee não disse nada. Ele a fitava com os olhos de um frango em cima da comida. — Nova e ingênua, mas acima de tudo nova. E essa é a questão. Claire não é nova.

Dee olhou sorrateiramente para Claire.

— Bem, ela não é tão velha assim.

O Sr. Weatherly passou a língua pela gengiva.

— Não muito velha não é o mesmo que nova. O fato de você não saber isso comprova minha teoria. — Ele tirou do bolso um nó de barbante e o colocou sobre o balcão ao lado de suas moedas. — Tome — disse. — E para você.

Dee franziu a testa. O barbante era amarelo e sujo. Não queria tocá-lo.

— O que é isso?

— Um nó da sorte. Vamos. Pegue-o. Posso fazer outro.

Dee pegou do balcão o emaranhado de fio de barbante e o colocou no bolso.

— Obrigada. Para que serve?

O Sr. Weatherly ficou sério.

— Enlaça os problemas antes que cheguem até você. Os pescadores da região o usam.

Dee tentou esconder o sorriso.

— Eu realmente não acredito que haja muito com que me preocupar numa cidadezinha como Prospect — respondeu ela. — Especialmente em pleno inverno. — Qualquer dia desses, pensou ela, olhando para fora da janela, a gélida chuva irá se transformar em neve e tudo ficará em silêncio até a primavera.

O Sr. Weatherly balançou a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse espantando moscas.

— É quando mais se precisa dele — insistiu ele, descruzando suas longas pernas e levantando-se do banquinho. — E nessa hora que os problemas desta cidade sempre começam.

— Do que está falando? — perguntou Dee, e o Sr. Weatherly a olhou como se fosse uma tola.

— Ora, a fogueira da véspera de dezembro, menina. Nada atrai mais problemas do que isso. — E, sem dizer mais nada, ele saiu mancando pela porta e cumprimentou Claire tirando o chapéu.

Dee levou, ligeira, os pratos para a cozinha e os mergulhou na pia. Talvez o Sr. Weatherly estivesse totalmente certo sobre ela, pensou. Era ingênua e nova. Ali estava ela tentando ficar dos dois lados do sal, quando nem mesmo as irmãs Gilly conseguiram fazer isso. Era um objeto tão insignificante. Mesmo assim, o Sr. Weatherly foi gentil em se preocupar com a possibilidade de os problemas a encontrarem, pensou Dee, especialmente quando, segundo sua experiência, acontecia o contrário.

NAQUELE DOMINGO, como de costume Dee se ajoelhou ao lado de seu pai na St. Agnes. A minúscula igreja estava quase vazia: havia apenas o Sr. Weatherly, a agente de correio e algumas outras almas que Dee não conhecia. E, claro, Whit e Claire. Eles chegaram por último, como sempre, querendo chamar a atenção ao entrar, mas todos estavam tão acostumados com eles que nem se impressionavam mais.

Ao longo do último mês, Whit tomara mais liberdade com ela. Seus flertes haviam se transformado em insinuações descaradas.

— O café não é a única coisa que está gostosa hoje — dizia ele, tirando a xícara da bandeja dela. Ou ele fazia o pedido com uma piscadela. — O que mais posso pedir de acompanhamento? — Normalmente, insinuações assim imoderadas soariam desagradáveis, pensou Dee, mas havia algo no jeito como Whit dizia, rindo de si mesmo quando olhava de soslaio, que a fazia querer levar a brincadeira adiante. E, além disso, ele dava ótimas gorjetas.

O pai dela, claro, o adorava. Os dois torciam para o mesmo time de beisebol de Boston, o Red Sox, e, todas as vezes em que Whit ia

ao Lighthouse, ele fazia questão de trocar ideia com Cutt antes de se sentar e fazer seu pedido.

— Ele não é o homem mais importante nesta cidade por nada — dizia Cutt, observando Whit entrar no carro depois de uma refeição rápida. — O Senhor Friend, da loja de ferramentas, disse que Whit organiza um bolão para a cidade todos os anos durante a Série Mundial. Isso sim é o tipo de dever cívico que gosto de ver. Ele tem cérebro e dinheiro, com certeza, mas não tem medo de conversar trivialidades como um cara comum.

Dee se perguntou o que o pai diria se soubesse o que mais Whit não tinha medo de fazer. Mas manteve em segredo seus flertes por uma única razão: Cutt diria que a culpa era toda dela. E, na verdade, ela estava gostando daquela atenção.

Ela se chacoalhou e piscou os olhos. A missa estava acabando, então fez o sinal da cruz uma última vez, tocando o dedo na cabeça e no coração, no ombro esquerdo e depois no direito, dando-se conta de que seus pés estavam congelando naqueles sapatos finos. Estava prestes a se levantar quando o padre Flynn a surpreendeu ao estender o braço e pedir para que ficassem sentados um pouco mais.

— Tenho um anúncio a fazer — disse ele, a voz trêmula. Dee suspirou e se recostou no banco. — Como todos vocês sabem — falou o velho padre, com os olhos rasos d'água —, tenho servido esta paróquia fielmente ao longo dessas últimas décadas e, por sinal, por grande parte da minha vida adulta. — Ele olhou para os rostos nos bancos, como se se lembrando de dias melhores, então suspirou e prosseguiu. — Bem, para citar Eclesiastes, há tempo para todo propósito sob o sol, e o meu acho que chegou. Sinto informar-lhes que em fevereiro entregarei as rédeas desta paróquia.

As pessoas respiraram fundo, e o padre Flynn ergueu os braços um pouco mais.

— Não se preocupem — disse ele. — Vocês estarão em boas mãos. Em mãos conhecidas, por sinal. Meu sucedâneo é alguém que todos conhecem muito bem. É o jovem Ethan Stone, agora padre Stone.

O ar gélido da igreja parou; Dee não se surpreenderia se ele de fato rachasse no meio como um bloco de gelo. Ninguém se mexeu, nem o padre Flynn. Por fim, ele desceu os braços, baixou a cabeça e caminhou até os fundos da igreja, onde costumava se posicionar perto da porta para se despedir de seus fiéis, que enfrentariam o tempo terrível lá fora, com bênçãos e súplicas para que retornassem na semana seguinte.

Cutt falou com Dee, a testa franzida.

— Esse Ethan Stone não é aquele cara que namorou a mulher de Whit quando ela era jovem? — Dee concordou, observando Claire andar, tensa, pelo corredor, de braços dados com Whit, seus olhos verdes e duros como martelo.

— Bem — disse Cutt, a boca se curvando de deleite. — Isso vai gerar comentários entre as pessoas. Acho que sabemos qual será o tema das conversas no balcão pelas próximas semanas.

O DIA ESTAVA GELADO fora da igreja St. Agnes e o céu, tão nublado quanto uma esponja velha, mas Dee se sentia tão inquieta que decidiu fazer a sua caminhada de costume. Sabia que a praia estaria vazia, mas por uma boa razão. Estava ventando tanto lá embaixo que seria atingida por rajadas de vento cheias de areia. Parou por um instante, ponderando suas opções, e, por fim, enrolou mais forte o lenço no pescoço, enfiou o queixo no peito e começou a perambular pela trilha, deixando o frio atingir o canto de sua boca e dos olhos.

Uma enorme rajada de vento varreu as dunas e quase a derrubou de lado, ao mesmo tempo em que o céu começou a formar uma forte névoa. Ela cambaleou um pouco ao abotoar o último botão da gola de seu casaco, seus dedos desprotegidos formigando de frio. Ao se aproximar da salina, parou no meio da trilha vazia, o vento incitando-a a andar, a pisar sobre a grama em direção à Fazenda Salt Creek, mesmo quando seu melhor julgamento gritava para que ela parasse e cuidasse da própria vida. Deu mais um passo

adiante. Joanna não estaria fora num tempo como aquele, pensou. Teria o lugar só para ela. Talvez pudesse até bisbilhotar o celeiro.

Mas havia se enganado. Não estava tão sozinha como pensara. Um carro escuro e lustroso parou ao seu lado, jogando areia sobre seus sapatos, o motor resfolegou. Dee olhou com os olhos meio fechados, secando a chuva de sua testa, mas não precisava olhar duas vezes para saber de quem se tratava. Apenas um homem em Prospect dirigia um carro tão lustroso. Ela lançou os olhos para dentro do carro, mas o banco do passageiro estava vazio. Whit estava sozinho. Ele se debruçou sobre o banco e abriu a porta de passageiro para Dee, deixando escapar uma lufada de calor.

— Entre — disse ele. — Você parece um rato encharcado. O que está fazendo aqui fora?

Ela hesitou por alguns segundos, porém a tentação do couro quentinho e do silencioso ruído do motor a seduziu demais, então entrou devagar no banco da frente quando uma rajada de chuva forte atingiu o para-brisa.

— Caminhando um pouco — respondeu ela. — E você, o que faz aqui?

Whit colocou o carro em movimento de novo e continuou a dirigir devagar pela trilha sulcada.

— Larguei Claire em casa e estou a caminho de ver Jo.

Dee foi arremessada para a frente no banco quando passaram por um buraco e mordeu o canto de sua boca acidentalmente.

— Jo? — ecoou ela, tocando de leve o canto do lábio. — Por quê?  
— Whit olhou de esguelha, e o seu pulso acelerou. Ela respirou fundo e alisou a saia sobre os joelhos. Depois de Claire e seu pai, Dee achava que Whit talvez fosse a próxima pessoa em sua lista de quem gostaria de esconder suas visitas à salina. — Quero dizer, você sempre visita Jo?

— perguntou ela, cruzando as mãos de modo afetado sobre o colo.

Whit não parecia convencido.

— Apenas quando há negócios por terminar — respondeu ele, entre os dentes bem fechados, parando o carro perto do celeiro e se virando para Dee. Ele a esquadrinhou com os olhos, arrastando o

olhar dos seios até o rosto de novo, até ela não suportar mais e desviar os olhos, corando. Ele ergueu a mão e, por um instante, ela pensou que ele fosse lhe bater no rosto, mas, em vez disso, colocou as chaves do carro na palma de sua mão. — Não vai demorar — disse ele, fechando os dedos dela sobre o metal. — Gostaria muito de lhe dar uma carona até a cidade. Se sentir frio, dê a partida.

Em seguida, ele saiu pulando pela lamacenta salina com o casaco cobrindo metade de sua cabeça, fechando um pouco os olhos para se proteger da chuva que o açoitava. Dee o observou e então se recostou no assento, passando as mãos sobre o belo couro. O carro era tão luxuoso que desejou dormir ali. Whit deve ter ido visitar Joanna com alguma proposta de negócios, pensou, e ela queria saber como se daria aquilo. Jo não aparentava ser muito cordata quando o assunto eram os negócios. Jo, na verdade, não parecia muito cordata com quase nada.

Dee fechou os olhos e ficou escutando a chuva cair sobre o capô do carro. Aquele barulho a envolveu, fazendo com que tudo parecesse um sonho. Bem, até certo ponto era mesmo. Afinal, ali estava ela esperando no carro de Whit Turner — num domingo —, estacionado num lugar que poderia muito bem ser o fim do mundo. Cerrou o punho com as chaves na mão, gostando da sensação do metal cutucando sua pele, ao mesmo tempo quente e fria. Combinava com o que estava se passando dentro dela.

Whit a assustou, ressurgindo sem que ela o tivesse visto, e abriu a porta tão de repente que Dee sentiu muito frio de novo. Ele estava encharcado, o cabelo pingando na gola, as bochechas escorrendo, e uma fera, Dee percebeu. Ele pegou as chaves da mão dela sem dizer palavra e deu marcha à ré no carro com tanta velocidade que a cabeça de Dee foi jogada para trás.

— Parece que não deu muito certo — arriscou ela, espreitando Whit por entre as pestanas e desejando ter uma toalha para lhe oferecer. Ele não respondeu, apenas fechou a boca com força e arremessou o carro com violência sobre os buracos da trilha.

Passaram pela igreja St. Agnes e chegaram à última curva antes da cidade. Dee se ajeitou no banco, arrumando o casaco, que havia aberto, sentindo-se uma tola de repente. *Para ele, não passo de*

*uma criança, pensou ela. Ele está apenas sendo gentil.* Ela enfiou a mão no bolso e tocou o nó da sorte que o Sr. Weatherly lhe havia dado. Talvez esse nó estivesse funcionando, afinal, quando ela menos esperava.

Eles estavam do lado errado da Tapperfs Green. Um pouco mais e entrariam na Bank Street. De volta à lanchonete. De volta ao seu quarto com teto de sótão, uma cama que rangia e um pai que murmurava sozinho do outro lado da parede. Dee suspirou, e Whit olhou-a, e então, sem avisar, ele estacionou o carro na lateral da rua e desligou o motor.

— Me desculpe — disse ele, os olhos enrugando nos cantos de novo, os lábios se curvando de um jeito bastante amável. — Tenho aqui uma companhia adorável ao meu lado e o que faço além de ignorá-la? — Dee corou, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Whit se inclinou sobre o console e colocou a mão em seu rosto. — O que eu não faria — murmurou ele, aproximando-se ainda mais dela. Dee prendeu a respiração por um instante e fechou um pouco os olhos. Aquela era a sua última chance, ela sabia, de afastá-lo dela, de dizer-lhe que ele estava enganado. Em vez disso, ela se reclinou sobre ele, quando ele a tocou no pescoço com os lábios e abriu os lábios dela para a sua boca, deixando a ponta quente da língua tocar a dela. Ele se afastou um pouco e tomou fôlego.

— Caramba — suspirou ele —, você é mais saborosa do que qualquer coisa da lanchonete do seu pai. Quis fazer isso desde o primeiro instante em que a vi.

Dee escondeu o sorriso. Ela sabia que deveria sair do carro naquele momento, mas havia algo excitante em tudo aquilo. Levou as mãos ao rosto de Whit, sentindo como se elas estivessem acariciando um gato grande, e começou a beijá-lo de novo, deixando toda a dor e aborrecimento dos últimos meses desaparecerem quando Whit desabotoou-lhe o casaco e colocou as mãos sob sua blusa.

— Você gosta disso, não é mesmo? — perguntou ele, os dedos fazendo suaves círculos sobre os seios de Dee.

E ela gostava. Whit não era nem um pouco parecido com os meninos abobados com quem se relacionara antes, com toda aquela

respiração ofegante e impaciência exagerada. Ele sabia exatamente o que estava fazendo e por quê. Na verdade, pensou, ele provavelmente a conhecia mais do que ela própria.

Eles se entrelaçaram um no outro, arrumando-se em meio às divisões desajeitadas do carro, a saia de Dee subia cada vez mais à medida que a mão de Whit a explorava, e, quando ela estava pronta para se deitar e deixar que ele a possuísse, ele limpou a garganta e se afastou.

— A chuva parou — disse ele, afastando a cabeça do pescoço dela. — O tempo está limpando. — Ele arrumou a camisa molhada e passou a mão no cabelo. — Você é nova — prosseguiu, levantando a sobancelha para Dee —, mas não tão inocente, parece. — Ela corou e tentou parecer pecaminosa, mas então parou, preocupada em parecer atormentada.

Whit envolveu o pulso dela com seus dedos, pressionando o tendão com força.

— Não podemos fazer assim — falou ele. — E melhor você sair agora. — Dee fez um beijo, e ele riu. — Não se preocupe. Digo para você quando e onde podemos nos encontrar. — Ele a observou sair do carro naquele tempo frio e molhado. — Vou à lanchonete amanhã, depois de minha esposa, claro. Pode me servir tudo quente.

E, com um delicioso sorriso, ele bateu a porta e fez a última curva rumo à cidade, deixando Dee caminhar sozinha até a Bank Street, com a lembrança dos cabelos ruivos de Claire se misturando com a pressão dos lábios de Whit, até tudo ficar confuso para ela. Será que desejava o marido de Claire ou apenas Claire?, perguntou-se Dee. Qual dos Turner ela atenderia no dia seguinte na Lighthouse, marido ou mulher, e onde estava a linha divisória entre os dois?

Ela chegou à lanchonete e olhou para uma das janelas da frente, escurecida no final da tarde, e seu reflexo a pegou desprevenida. Dee olhou fixamente para o próprio rosto, mais fino no vidro do que na vida real, cheio de gotas d'água, e lhe ocorreu que talvez ela fosse a linha. Antes que pudesse refletir mais sobre isso, entretanto, ela saiu dali, destruindo a imagem e espalhando a parte duvidosa de



suas costas na chuva, deixando para trás apenas uma solitária janela, sem reflexo, no breu do outono.

# 11

*Cave rápido aos domingos*, a mãe de Jo costumava dizer quando ela estava crescendo e o ano ficando frio o suficiente para arrastar o sal dos açudes até o celeiro. *Lúcifer tinha tempo de sobra, mas nós não*. Nessa época, a primeira ameaça de estação de chuva começava a dar sinais no horizonte, quando os gansos atravessavam o céu formando um V, com seus gritos melancólicos e asas frenéticas.

Naquele ano em particular, Jo tinha sal acumulado até a cintura apenas. Mal daria para atender os pescadores durante o inverno, e certamente não seria o bastante para manter o banco a distância. Com a chegada da primavera, ela sabia, o Harbor Bank ia querer extrair mais da terra do que ela seria capaz de lhe dar.

Jo havia sacado todas as economias de uma vida, e se assustou ao descobrir que mal daria para cobrir os três meses de empréstimos atrasados e mais dois meses extras. Ela tentou fazer as contas incluindo tudo, mas não conseguiu. De alguma forma, o banco ganhara a partida. Ela lhes havia apresentado uma vida de trabalho, e eles responderam com míseros cinco meses. *Bem*, pensou Jo, tentando tirar aquelas preocupações da cabeça da mesma forma que raspava as pilhas de sal. *Tenho mais uma estação para recuperar tudo*. Inverno. Os meses mais longos com os dias mais curtos. Um tempo em que a salina congelava e tudo ficava suspenso. Ao longe na trilha, ela podia ouvir o sino da St. Agnes ressoar uma versão menor de música. Em poucas semanas, até aquilo iria congelar, soterrando a salina num silêncio glacial e profundo.

Ela abriu com força as portas do celeiro e empurrou a carriola pela soleira no momento em que as primeiras gotas de chuva forte começaram a estatelar, barulhentas como gaivotas voando. Ela se precipitou porta adentro e observou o céu mudar e, em seguida, prosseguiu com seu trabalho: inclinando a carriola, descarregando o

sal para dentro de uma caixa vazia de madeira, recolhendo os grãos espalhados que haviam caído para o lado.

Jo tampou a caixa de armazenagem e limpou as duas mãos juntas, uma palma enrugada suavizando a outra. Geralmente ela usava luvas, mas as esquecera naquele dia e já era tarde demais. Se não tomasse cuidado, sabia ela, a sujeira mais a poeira se alojariam nas dobras de suas cicatrizes e manchariam suas mãos. Um barulho do lado de fora do celeiro interrompeu seus pensamentos e, então, atravessando o ruído da chuva e do vento, a voz de Whit Turner chegou até a viga, onde pairou e ficou suspensa à espera de ser discernida.

— Sei que está aí dentro, Joanna — gritou ele através das rachaduras da porta do celeiro, raspando os sapatos na argila molhada do lado de fora. — Abra logo.

O que será que ele quer? Hesitou, com o coração acelerado, então respirou fundo e abriu a porta, piscando os olhos na chuva.

— Não se aproxime nem mais um passo — disse. Ela havia pegado uma velha foice de um de seus antepassados condenados, mas a lâmina estava enferrujada e tinha uma aparência duvidosa. Whit apenas olhou rapidamente para ela, e Jo baixou a ferramenta e se apoiou na soleira lascada, com a esperança de que a parte de trás de seus joelhos ficasse mais dura do que a geleia que estava. — A que devo a honra? — perguntou ela.

Todas as vezes que se aproximava de Whit, ela sempre se surpreendia ao notar como os anos estavam encolhendo a pele ao redor de seus olhos e de seu queixo, e como os cabelos estavam ficando grisalhos nas têmporas. Ele deve ter acabado de sair da missa, pensou, pois vestia um belo blazer de lã e calça justa, roupas que a irmã dela, sem dúvida, havia escolhido para ele com cuidado. Ela procurou por um sinal do menino a quem Ihe havia ensinado assobiar uma música, que podia colocar na mão o ás de copas e fazê-lo reaparecer na manga dela, mas não conseguiu encontrar nem um vislumbre dele. Em vez disso, viu Ida incorporada à vida de seu único filho, e, por um breve instante, quase se viu agradecida pelas cicatrizes que cobriam sua face, testa e queixo. Ninguém

jamais conseguiria invadir seu rosto, concluiu. Ela sempre seria ela mesma, gostando disso ou não.

— É você quem está por trás dessas bobagens que venho escutando sobre o retorno de Ethan Stone? — perguntou Whit, com os lábios brancos de raiva.

Ela suspirou com cuidado, tentando não demonstrar seu espanto. Na verdade, ela não sabia muito bem como responder àquela pergunta. Era verdade que, duas semanas atrás, o padre Flynn havia se sentado em sua sala de visitas e lhe contado que a alma dele estava pesada. Ela lhe servira uma xícara de chá.

— Então, deveria aliviá-la — respondera ela, e lhe dera a bebida.

O padre dera repetidos goles, o rosto ficando cada vez mais pensativo.

— Qual a única maneira de consertar um buraco, minha filha? — perguntou ele.

Jo sorvera o chá de sua xícara.

— Ora, tapando-o, acho. — Sua resposta parecia ter feito sentido para ele.

— Exatamente — respondera o padre, concordando com a cabeça —, era bem nisso que estava pensando. — Ele se reclinara sobre ela e lhe dera um beijo na face lisa. — Obrigado. Você sempre diz a coisa certa.

Naquele momento, Jo registrara o comportamento dele como fruto de divagações de um homem solitário, mas agora tudo estava fazendo sentido e ela começava a ver que talvez o padre Flynn fosse mais cuidadoso do que pensara. Ele devia estar planejando como trazer Ethan Stone de volta, concluiu Jo. Não que fosse mudar alguma coisa contar isso a Whit. Ela mexeu a língua no céu da boca.

— Gostaria de ter alguma responsabilidade nisso — disse ela, encarando-o nos olhos —, mas as ações de Deus estão acima de mim.

Whit nem piscou, e Jo se lembrava desse traço nele; sempre ganhava todas as competições para ver quem piscava primeiro, todos os jogos de carta, e sempre, sem falhar, as melhores bolinhas de gude.

— Mas você sabia.

Ela olhou para as botas.

— Sim — admitiu ela. — Acho que sim.

Whit tirou do bolso de dentro do casaco um par de luvas e começou a calçá-las. Jo reparou que a pele das mãos dele ainda eram manchadas de pintas fracas, do jeito que as suas costumavam ser. Ela se perguntou como Ethan Stone estaria depois de todos aqueles anos. Ele retornara a Prospect uma vez apenas, para o funeral da mãe, mas isso fora dez anos antes, e estava tão abatido de tristeza que não parecia ser ele mesmo. Quando o pai morreu, ele ficou longe e ninguém o culpou por isso, dado o temperamento sórdido do homem. De todo modo, Merrett sempre pareceu ter um pé plantado no juízo final.

Os lábios de Whit se curvaram num riso de escárnio. Ele se inclinou para a frente, e Jo sentiu o cheiro de sua colônia, um aroma interessante que lembrava a ela tinta molhada. Ele deu uma olhada no celeiro empoeirado e viu a lamentável pilha de sal.

— Não parece que você está indo muito bem — disse ele. Jo não respondeu, apenas empinou ainda mais o queixo. — Você sabe — prosseguiu Whit, cruzando os dedos, as luvas encharcadas agora —, nada mudou. Me deixe tomar este lugar de suas mãos. Você está em uma batalha perdida aqui, Jo.

Isso era verdade. As insinuações de Claire e os rumores sobre o sal haviam acabado com quase todos os seus clientes ao longo dos anos. Para realizar uma venda, ela tinha de dirigir até cada vez para mais longe, e nem sempre era uma empreitada segura em sua caminhonete. Na verdade, se não fosse pelos amigos de Chet Stone e do restante dos pescadores, cujos negócios eram estáveis, pensou, ela talvez não tivesse opção senão aceitar o dinheiro de Whit.

No começo, a queda nos negócios fora suportável, mas então Claire fez a pior coisa que se podia imaginar. Proibiu o sal na fogueira da véspera de dezembro. Algo sobre violar uma lei municipal relativa a queimar substâncias químicas em público, o policial contou a Jo, mas ela sabia que eram exageros sem sentido. Claire sempre odiara todo o ritual e, agora que era a Sra. Whittington Turner, decidira que estava livre para viver sem ele e que o resto de Prospect fosse condenado às penas eternas.

— Mas o que você dirá à população da cidade? — perguntou Jo ao policial que estava parado, arrastando suas botas pretas engraxadas na varanda, segurando nas mãos grossas o chapéu. — Como vai dar a notícia de que este ano a cidade não terá um futuro?

Ele apenas fez que não com a cabeça.

— Acho que este ano terá que guardar para si o que sabe — respondeu ele, que também não parecia nem um pouco arrependido.

Whit estava de pé na entrada do celeiro quase do mesmo jeito que o policial se apossara de sua varanda, pensou Jo, pronto para cuspir notícias ruins em sua direção. O fato era que ela não estava pronta para lhe permitir fazer isso. Ela deu um passo para fora, enfrentando o tempo ruim.

— Por que ainda está lutando a batalha de sua mãe? — perguntou ela, estranhamente tentada a estender a mão e acariciá-lo no rosto, mesmo quando deveria xingá-lo. — Quando finalmente será um homem, Whit? Este lugar não vai ajudá-lo a reconstruir o seu negócio.

— Ela apontou para as ruínas dos açudes de outono. — Olhe para isto. É um pântano amaldiçoado. E minha irmã tampouco o quer. Você deveria ter enterrado com sua mãe todos os problemas que ela tinha com esta terra. — *Além disso*, ela quis acrescentar, *você já ganhou, sabe disso. Levou Claire embora.*

Whit abotoou o casaco devagar. Mesmo na chuva, ele conseguia se manter perfeitamente elegante. Quando crianças, ao final de um dia de brincadeiras, toda a sujeira e lama estavam grudadas nela, e ele estava tão imaculado quanto uma louça lavada com bicarbonato de sódio. Entretanto, isso nunca a incomodou. Na verdade, ela ficava feliz por ter uma prova visível da amizade deles nos joelhos e nos cotovelos. Ela não sabia então que algumas manchas não saem.

— Claire deseja o que eu desejo — respondeu ele. — É uma Turner. E o que queremos é terminar o trabalho que minha mãe começou. Meu único arrependimento é que ela não presenciará ele tomar vida.

— Ele se inclinou mais para a frente de Jo e, pela primeira vez naquele dia, ela sentiu o ar congelar. — Mas você vai — prosseguiu

ele. — Farei questão disso. — Sua voz saiu quase como um sussurro. — Conheço pessoas no Harbor Bank, Jo. Seu prazo com eles está acabando, estou vindo aqui amigavelmente. Venda a salina para mim agora por um preço razoável, e ambos seremos felizes. Se quiser ir à bancarrota, isso é problema seu. Vou esperar, então, e comprar as terras do banco. De um jeito ou de outro, este lugar será meu.

Jo o observou ir embora debaixo de chuva, direcionando-se para o mesmo lugar na trilha onde sempre estacionava o carro — o lugar onde ele havia esperado por Claire antes de arremessá-la para seu novo futuro como uma Turner. Na época, Whit só pensava no futuro. Jo se questionou por que ele ficou tão preso ao passado.

Mas isso não tinha importância. Claire não voltaria mais; mas Ethan Stone sim, e Whit não podia fazer nada quanto a isso. Ele também não iria colocar as mãos em sua terra. Mas e se ele conseguisse? Ela sentiu um nó no estômago. Para onde ela iria?

PREOCUPAVA JO QUE WHIT só colocasse os pés na salina quando queria roubar-lhe alguma coisa: o título da terra, o segredo do sal, sua irmã. Mas ela só vinha a saber do que se tratava quando já era tarde demais. Como, por exemplo, no dia em que ele veio atrás de Claire.

Era um começo de noite de junho, muito agradável, se Jo se recordava ao certo, exceto pela visão de Whit rondando o celeiro. Assim que Jo atravessou com passos pesados a salina para ver o que ele queria, uma borboleta azul em miniatura subiu da lama e pousou em seu braço. Ela a espantou. A maioria das pessoas diria que eram bonitas, mas Jo as via como uma praga. A mãe sempre dizia que traziam má sorte, mas então, para a mãe, muitas coisas davam azar. Jo se aproximou do celeiro, mas parou ao perceber que Whit não estava sozinho. Prendeu a respiração, tentando entender o que estava vendo.

Era Claire, os cabelos ruivos puxados para trás, os ossos tão delicados que parecia que iriam dobrar a um vento forte, mas Jo sabia que, na essência, eram revestidos de ferro. Claire estava envolta no casaco de Whit. Havia um movimento entre eles, um rearranjo de braços e pernas, e o sangue de Jo gelou. Claire e Whit tinham os braços entrelaçados, e as cabeças inclinadas — uma posição de tirar o fôlego, que não conseguiriam sustentar por muito tempo, mas não precisariam, pois, antes que Jo pensasse duas vezes, ela disparou na direção deles para impedir Claire de cometer um terrível engano. Assim que chegou, Whit tirou uma de suas mãos e a colocou no rosto corado de Claire, encarando-a. Ele abriu os lábios como para dizer algo, mas, nesse momento, Claire viu Jo e fez um terrível barulho de surpresa.

Whit virou um pouco o rosto de lado, como se suspeitasse que Jo estava ali o tempo todo, mas não se deu ao trabalho de olhar para ela. Ele envolveu Claire em seu corpo, enfiando a cabeça dela sob seu braço como um pássaro faz com a asa, e então disse a ela a pior coisa que Jo poderia imaginar. *Seja minha esposa.*

Jo esperou Claire fazer algo — qualquer coisa. Dar um tapa em Whit talvez, ou sair correndo, ou cair de joelhos. Mas Claire não fez nada. Apenas sorriu. Não um sorriso largo, somente com os cantos da boca, reajustando-a um pouco numa tentativa de se acostumar à sua nova posição no mundo, experimentando como seria se sentir uma Turner. Uma borboleta pousou no centro da cabeça de Claire, e embora Jo tenha sentido um ímpeto de espantá-la, ela não o fez. Já havia salvado Claire o suficiente, decidiu. Deu um passo para trás. Os olhos de Whit esquadriharam o lado feio de sua face, mal dissimulando uma expressão de desgosto.

— Claire — disse ele, os olhos fixos em Jo. — Vá pegar suas coisas.

— Sem olhar para a irmã, Claire saiu correndo, e Jo esperou até que ela tivesse se distanciado um pouco para o outro lado da salina antes de falar. Mesmo num turbilhão de fúria, ela ainda tinha o instinto de proteger a irmã.

— Não vai dar certo — disse ela. — Você não vai se apoderar de nossa terra desse jeito. As mulheres Gilly não prosperam fora do sal.



Whit deu um passo na direção dela. Com uma lógica implacável, respondeu:

— Então suponho que seja auspicioso para todos nós que Claire tenha decidido se tornar uma Turner. — Ele sorriu de modo afetado.

— No testamento de minha mãe, estava determinado que eu não poderia me casar com você. Não havia nada sobre Claire.

— Como vai sustentá-la? — perguntou Jo. — Claire pensa que você é mais rico que Midas, mas eu sei que não é bem assim. O que vai fazer quando ela descobrir que o cofre dos Turner não está tão cheio quanto ela pensava?

Whit parecia aborrecido.

— Claire vai pensar que está em Shangri-lá — respondeu ele, correndo os olhos pela salina. — Especialmente se compararmos minha casa a este lugar. Uma garota como ela merece mais, e eu posso lhe dar.

O que Jo podia responder? De uma forma ou de outra, Claire sempre quis ir embora e, já que não pôde fazer isso com Ethan, ela o faria com Whit, o único homem na cidade imprudente o suficiente para se casar com uma Gilly. Jo tinha dúvidas sobre se Claire seria feliz no futuro ou se, depois de alguns anos vivendo na casa de Ida e dormindo na sua cama, ela também começaria a usar muita maquiagem, muitas joias, e pensar somente naquilo que não tinha.

Jo tentou imaginar Claire perambulando pelo casarão de Plover Hill, trancada atrás dos portões de ferro, o gosto de sal sendo apenas uma memória em seus lábios, mas essa imagem lhe pareceu um pouco incongruente e ela suspirou.

— Claire não ama você — disse ela. — E duvido que um dia irá amar.

A cara de Whit se fechou diante daquilo, como uma porta que bate com o vento. Mesmo assim, ele não gostava que ninguém tivesse a última palavra. Ele a encarou, em meio a toda a tristeza, e por um instante ela viu o menino preso naquele tanque de vidro que era o corpo de Whit.

— Acho que o amor vai e vem — respondeu ele por fim. — Diga a Claire que a estou esperando no carro no final da trilha. Diga-lhe que não a esperarei para sempre. — E, com isso, ele se foi, a lama

da salina escurecendo as elegantes solas de seus sapatos, dificultando seus passos.

CLAIRE E WHIT NÃO perderam tempo num noivado longo. Algumas semanas depois de sua partida, Claire enviou um convite impresso em letras douradas para a salina, e Jo abriu o papel de seda e as camadas de papel de linho, os cartões, envelopes, tudo na tentativa de encontrar um pedaço de Claire naquilo, mas não encontrou.

— Olhe, mamãe. — Jo mostrou-lhe o convite. Desde a rápida partida de Claire, a saúde da mãe havia piorado, e ela quase não saía mais da cama. — Eles vão se casar na St. Agnes. Pensei que escolheriam algo mais luxuoso. — Mas a mãe apenas virou a cabeça, sem dizer nada, então Jo enviou o envelope de resposta sem nada escrito nele, mas cheio de sal. Só porque não planejava ir ao casamento da irmã, não significava que o ignoraria. Certamente não. Ela lhe havia reservado uma surpresa especial.

Na manhã do casamento, Jo saiu furtivamente da salina e foi até a igreja bem cedo, muito antes de o sol nascer e muito antes até de o padre Flynn ter se levantado para rezar. Escondidos dentro de um saco de juta, ela carregou um pote de cinzas, uma lata de tinta e um pincel.

Não era difícil abrir a fechadura da gasta porta dupla da igreja — era velha e estava ali apenas de enfeite, era útil mais para evitar que o vento escancarasse as portas durante as tempestades. Uma virada com um grampo de cabelo, um puxão com o pulso, e a antiga fechadura cedeu, abrindo-se. Jo tirou o grampo, enfiou-o de novo no bolso e entrou no escuro santuário.

Mesmo que ela conhecesse todos os detalhes daquele antigo piso — tanto quanto a lama da salina —, mesmo que pudesse ter se movido até o meio do minúsculo corredor de olhos fechados, ela andou devagar; primeiro, para não acordar o padre Flynn, que dormia na pequena residência paroquial ao lado, e, segundo,

porque, no escuro, a superfície branca no lugar do rosto da Nossa Senhora parecia flutuar.

— Olá — sussurrou Jo para a Virgem, abrindo o pote de cinzas e tirando o pincel do saco. Ela sentiu prazer em imaginar Claire entrando na St. Agnes outra vez, para se casar, pois sabia que a irmã odiava o lugar. Tinha esperanças de que a memória de Ethan atormentasse Claire todos os domingos a partir do momento em que ela se ajoelhasse ao lado de Whit, mas, caso isso não acontecesse, Jo tinha um plano para fazer isso se concretizar.

Ela abriu a tampa da lata de tinta que havia encontrado no novo celeiro, perto dos irmãos Weatherly, durante a reforma. Era uma tinta cinza e grossa, usada para selar o vigamento das portas, que depois foi abandonada, mas, para o seu propósito, era perfeita. Mergulhou as cerdas do pincel na tinta, deixou o excesso de cor escorrer um pouco e levou a mão à parede.

Jo trabalhou rápido, sem se permitir pensar em nada. Movendo o pulso o mais suavemente possível, desenhou seis anzóis na bainha do vestido da Virgem, as linhas tão fortes e nítidas quanto qualquer palavra que pudesse ter escrito. Com a respiração ofegante, ela se afastou da parede e ficou olhando para o seu trabalho. Seria suficiente para fazer com que Claire se lembrasse? Será que Claire veria as iscas e se lembraria do dia na praia, quando espetou o anzol em sua mão e Jo o tirou para ela? *Não compensa ser delicada quando se trabalha no sal*, Jo lhe havia vociferado, mas Claire não quis escutá-la. Desta vez, Jo a obrigaria.

Ela mordeu o lábio e mergulhou o pincel de novo. Desenhou um olho na palma da mão aberta da Nossa Senhora, no mesmo lugar onde o anzol havia cravado a pele de Claire. *Olho por olho*, pensou, delineando a íris e depois os cílios. Não tinha importância se Claire estava abandonando a salina, Jo queria que ela soubesse disso. Independentemente do que ela fizesse ou de para onde fosse, os olhos de Jo estariam sempre nela, os dois, aquele que fora derretido no celeiro e aquele ainda estava vivo em seu rosto.

Por fim, ela abriu o pote de cinzas e as espalhou na frente da Virgem. Quando Claire se ajoelhasse diante da Nossa Senhora para acender sua vela nupcial, a cauda de cetim de seu vestido a

envolveria como pétalas de lírios e ela se levantaria com os joelhos sujos, manchados com as marcas do incêndio.

Durante o restante da manhã, Jo vasculhou a casa, fuçou pilhas de coisas velhas e fez tanto alarde quanto um telefone antigo. Por fim, a mãe se cansou.

— Vá — disse ela, ríspida, arrancando da mão de Jo uma lanterna amassada. — Vá ver sua irmã se casar.

Jo apertou os ombros finos da mãe.

— Vou contar à senhora o que ela estava vestindo — disse-lhe Jo, e a mãe concordou.

— Seria bom.

O casamento já havia começado quando Jo se enfiou atrás das escuras janelas em forma de arco e ficou espiando de uma delas. Claire estava de pé no altar, coberta de cetim e rendas, com a cabeça abaixada. Desde seu noivado com Whit, que era devoto, ela passara a ir à missa de novo, ainda assim era um choque vê-la na frente do pequeno altar da St. Agnes, noiva de alguém que não era Ethan, a boca pronunciando votos que Jo sabia que a irmã menosprezava.

Suas colegas de escola, Cecilia Marsh e Katy Diamon, estavam de pé ao lado dela, sorridentes em horrendos vestidos de cetim, e nos bancos estavam os rostos de todos aqueles que Jo conhecia: o Sr. Upton, o Sr. Hopper da lanchonete, mesmo a terrível Agnes Greene, que costumava importunar Claire por causa das roupas na escola. Ela sorria afetadamente agora, impressionada com o tamanho do diamante no anel que deslizava no dedo de Claire. Claire não parecia muito radiante. Ao contrário, movia-se devagar, dura, como se o fato de estar na igreja St. Agnes estivesse congelando o seu sangue — e Jo esperava que realmente estivesse.

Claire não olhou para Whit quando ele colocou o anel em seu dedo, tampouco o fez quando o padre Flynn os declarou marido e mulher. E, quando Whit jogou o seu véu para trás e a beijou, ela manteve os olhos fechados. Jo sabia que Claire deveria estar imaginando ali a boca de Ethan. Ela viu Claire olhar para a recém-melhorada Nossa Senhora uma vez, uma expressão de preocupação tomou conta de seu rosto, e ela escondeu o sorriso.

Quando a cerimônia acabou, Claire saiu da igreja tão pálida quanto entrou. Ninguém jogou arroz nos noivos. Nenhum dos convidados comemorou e não houve música, apenas o forte ruído do vento do Atlântico. Antes que alguém a visse, Jo se enfiou atrás da igreja e seguiu para a praia Drake, onde caminhou na beira da água, lembrando-se do dia em que Whit a encontrara catando moluscos e perguntara de onde eles vinham. Para onde foram todos aqueles anos? Logo em seguida, ela escutou passos se aproximando dela.

— Cinzas às cinzas — disse padre Flynn, emparelhando-se com ela.

Ela franziu a testa. Não queria companhia.

— O quê?

— Reparei que sua irmã estragou o vestido de noiva — explicou ele, sem se incomodar com uma onda intrusa que ensopava a bainha da sua calça.

Jo saiu do caminho e chutou a areia.

— Minha irmã estragou muita coisa.

Padre Flynn a acompanhou num terreno mais alto. Uma pergunta pairava em seus olhos, mas ele não teve coragem de fazê-la. Em vez disso, cruzou as mãos e suspirou.

— Da mesma forma que alguém, nesta manhã, estragou a Nossa Senhora. — Jo não respondeu nada, e o padre a surpreendeu deixando o assunto de lado. *Ele deve gostar da Nossa Senhora ainda menos do que eu*, pensou Jo, o que significava muito. Ele limpou a garganta e desacelerou o passo para acompanhar o dela. — Não falar com sua irmã não vai mudar nada, nem o incêndio, nem o casamento dela com Whit. Não cogitaria perdoá-la?

Jo piscou os olhos na direção das ondas. Sua visão estava melhorando, mas tinha só o olho esquerdo para se apoiar.

— Acho que não. Não agora. Não.

Os ombros do padre Flynn arquearam ainda mais. Ele chacoalhou um par de pedras no bolso, como se fossem palavras que ele estivesse ponderando.

— Você está tendo de lidar com ventos bastante fortes ultimamente — disse ele por fim. — Sei disso. Mas tente lembrar que os braços de Deus são maiores e mais fortes do que você jamais

saberá, mesmo que não consiga senti-los em sua volta. — Ele estendeu a mão e segurou o queixo de Jo. Até aquele momento, de todas as pessoas da cidade, o padre era o único que parecia não se impressionar com suas cicatrizes. Naquele instante, ele a olhou profundamente. — Sempre tenho você no meu coração, Jo. Saiba disso. Não fique furiosa.

Ela baixou a cabeça, sentindo uma onda de culpa pelo que fizera à Virgem.

— *Raiva* é a única coisa que não sinto — confessou ela.

Padre Flynn lhe bateu gentilmente nas costas.

— Apesar disso, tente não perder contato com o Senhor, seja lá como se dê isso. — Ele a deixou seguir seu rumo sozinha pelas dunas, perguntando-se quem a controlava mais, Deus ou o demônio, porque parecia que um dos dois estava destruindo com seu todopoderoso punho o que havia restado dela.

DEPOIS DE CLAIRE se casar com Whit, a mãe de Jo emagreceu e ficou cada dia mais fraca. Ela sabia que lhes restava pouco tempo juntas. Após terminar suas tarefas da manhã na salina, Jo subia até o quarto da mãe e a abraçava enquanto ela dormia, tentando se lembrar de como eram seus músculos e ossos.

— Não é um fim de verdade — sussurrou a mãe quando ficou mais fraca. — E apenas uma reorganização da alma. Não perca seu tempo sofrendo. — Ela respirou fundo e fez sinal para que Jo se aproximasse.

— Me prometa que ficará no sal — pediu. — Me prometa que cuidará de Claire.

Diante da menção do nome de sua irmã, Jo pareceu determinada.

— Whit já está fazendo isso, mamãe — respondeu ela. — Não precisa se preocupar.

A mãe a encarou com olhos reumosos.

— Não mesmo? — Então, ela deu um suspiro e caiu num sono desassossegado.

Ela morreu um mês depois e foi enterrada na cova cheia de ervas dos Gilly, no final do cemitério da cidade. Nenhuma mulher jamais fora enterrada na salina — apenas os desafortunados homens. Jo tentou honrar os desejos da mãe e não sofrer, mas era uma tarefa árdua. Estava sozinha pela primeira vez na vida, e a ausência da mãe era difícil de ignorar, pois seu avental ainda estava pendurado no celeiro, suas roupas, ainda no armário, e os copos e pratos desemparelhados, ainda no guarda-louça. Todas as manhãs, quando Jo acordava, o silêncio da casa era quase vivo, como insetos que tinham rastejado para dentro dos espaços nas paredes e vibravam milhares de asas. Ela costumava pensar em Claire nessas horas. Será que ela estava experimentando o mesmo desconforto atrás das paredes de Ida?

Jo se sentou e tentou escrever um bilhete para a irmã, mas não conseguiu pensar no que dizer, então acabou guardando o lápis e o papel na escrivaninha da sala. Prospect era bem pequena, concluiu. Claire saberia das notícias e tomaria uma decisão sobre o que fazer, embora Jo suspeitasse que ela não faria quase nada. Quando Claire dava as costas a alguma coisa, geralmente era definitivo.

Quando a manhã do funeral da mãe chegou, Jo entrou sozinha na St. Agnes. Estava bem apresentável num *chemisier* preto e com o cabelo o mais arrumado possível. Saiu para o enterro com um saco de sal na mão e determinação no peito. Claire estaria lá, ela sabia, e Jo acreditava que conseguiria encará-la. Nossa Senhora lhe daria forças com seu arsenal de anzóis.

Jo acabara de subir os três degraus inclinados da igreja e estava prestes a entrar quando viu sua irmã. Ela e Whit estavam ajoelhados, um ao lado do outro, no banco da família dele, a trança vermelha do cabelo de Claire tão brilhante quanto fogos de artifício. Sobre o sóbrio caixão da mãe, havia um vistoso ramo de lírios laranja, a única flor que Jo sabia que a mãe detestava, mas de que Claire sempre gostou. Além de Whit e Claire, havia um punhado de outros pranteadores: o Sr. Upton, o Sr. Hopper da lanchonete e os Friend da loja de ferramentas, além dos irmãos Stone e as

respectivas esposas. A maioria das pessoas para quem Jo vendia sal. Padre Flynn a viu parada na entrada da igreja.

— Jo — disse ele, com alívio na face —, estávamos esperando por você. — Dito isso, Claire e Whit se viraram juntos, de mãos dadas. Era a primeira vez que ela encarava a irmã de frente desde antes do casamento, e meses da vida de casada pareciam ter envelhecido muito Claire. Usava um batom vermelho-vivo que era forte demais para seus finos lábios. Jo ficou chocada ao ver a pérola de Ida em seu pescoço, aquela que havia roubado e retornado anos atrás.

O ar em volta dela pareceu mais rarefeito, e sua visão se focou no único ponto claro da pérola. Quanto engano, pensou ela, que fosse Claire a escolhida para se sentar naquele lugar, ao lado do corpo da mãe, ao lado de Whit, enquanto ela ficava parada na porta como um fantasma banido. Olhou de novo para a Nossa Senhora, um fantasma sem rosto com remendos vazios raspados na saia, uma senhora com um coração de pedra.

— Você não vai entrar, minha filha? — perguntou o padre, com a expressão o mais paciente possível. Sem dizer palavra ao padre Flynn e sem tirar os olhos da Nossa Senhora, Jo caminhou devagar pelo pequeno corredor da igreja até os pés da Virgem e, gentilmente, colocou ali seu saco de sal. Então, ela se sentou no final do banco, do outro lado de Whit e Claire, e baixou a cabeça. Durante a curta cerimônia, Jo podia sentir os olhos de Whit cravados nela. Ele estava inquieto, batia sem parar a ponta de seu caro mocassim no chão, e alisava a gravata de seda repetidas vezes.

Ele esperou todas as pessoas irem embora para se aproximar dela, abordou-a bem quando ela estava se ajeitando para sair.

— Quando vai ser lido o testamento? — perguntou ele, dispensando qualquer delicadeza. Jo olhou para Claire, que aguardava perto do altar, dois pontos brilhantes coraram suas bochechas. *Ele é mais ganancioso do que eu achava*, pensou Jo. *Mamãe ainda nem foi enterrada e aqui está ele, louco para pegar o que nem lhe pertence.*

Jo correu a língua pela boca, saboreando o que estava prestes a dizer. Ela murchou o estômago.



— Eu não ficaria tão animado, Whit. Claire não vai receber nada. Do outro lado da igreja, Claire deu um pequeno grito de espanto e

Whit segurou Jo pelo braço.

— O que quer dizer com nada? Como isso é possível? A Fazenda Salt Creek é metade dela, droga!

Jo o encarou com frieza.

— *Foi* metade dela. Mas ela abandonou tudo. Foi a escolha da sua esposa. De toda forma, parece que ela está bem provida. — Jo olhou para o brilho dos sapatos novos de Claire e para o clarão do diamante do anel de casamento.

O rosto de Whit estava branco.

— Vocês, Gilly, estragam tudo — vociferou ele.

Antes que ele pudesse dizer outra coisa, Jo se virou e saiu correndo, deixando abertas as portas da igreja e movendo-se rapidamente pela trilha. Sua pele ainda estava repuxada, desconfortável e dificultava seus movimentos. Ela pensou em tudo de que estava correndo — Claire, Whit, o rosto acusatório da Nossa Senhora, seus aborrecimentos — e sabia que, se não voltasse ao sal, ela se desmancharia para sempre como uma colher de bicarbonato de sódio dentro de uma caldeira de lixívia.

Gostando ou não, o futuro de Jo já estava selado. Ela fora entregue ao sal, como um casal, ela sabia, e era tarde demais para abandoná-lo, pois devia à Fazenda Salt Creek mais do que apenas seu sustento. Devia a própria vida.

# 12

COM O ANÚNCIO DO PADRE Flynn de que Ethan Stone estava voltando para Prospect e para a St. Agnes, tudo para Claire mudou num instante: o clima, o modo como ela e Whit conversavam à mesa de jantar — ou não conversavam, como era mais comum —, até mesmo sua aversão ao sal.

Com a aproximação da fogueira da véspera de dezembro, o vento varreu a cidade, bravo e forte. Era o tipo de clima que gerava o arrependimento de todas as coisas de que se sentia falta, e Claire não era nenhuma exceção. O frio se instalou nos quartos sem uso da Casa Turner, à espreita nos corredores sombrios, esperando atingir seus pés quando ela os colocava para fora das cobertas de manhã. Whit estava preocupado com as contas de luz e não gostava de ligar o termostato. Claire começou a ficar cada vez mais na cama, olhando para a neve do lado de fora da janela de seu quarto, enquanto revirava a carcaça de gelo de seu passado, tentando determinar quando foi que ele se congelou, embora soubesse que certamente foi no dia do incêndio no celeiro, quando Whit Turner a encontrou chorando sob a pereira e lhe ofereceu o lenço.

Sua mãe ficava no hospital com Jo, e Claire era deixada sozinha. Largada, podia fazer o que quisesse, e, como Claire não tinha objetivo, sentia-se desorientada. Em busca de uma companhia, ela vagueou até a cidade, mas então percebeu que não conseguia ficar perto das pessoas e se recolheu sob a pereira, sofrendo a perda de Ethan e maldizendo sua sorte.

Ela não viu Whit se aproximar.

— Parece que está precisando disto — disse ele, tirando um lenço de algodão do bolso da jaqueta. Ela sabia que ele deveria ter escutado sobre o incêndio, mas, em vez de lhe puxar o cabelo, ou de xingá-la, ele a ajudou a se levantar, tirou com cuidado a poeira de sua saia e a levou para tomar um café.

Foi ela quem puxou primeiro o assunto.

— Acho que você sabe o que eu fiz — disse ela, fungando, mas percebeu que Whit era um homem de poucas palavras com relação ao redemoinho de fofocas da cidade, talvez porque a mãe sempre estivesse no centro dele.

— Fiquei sabendo, sim — foi tudo o que respondeu, o tom de voz lhe dizia que ele não desejava estender o assunto, o que foi um alívio para Claire, pois ela também não.

Sentiu-se estranha por se sentar ao balcão da lanchonete — um lugar em que havia estado com Ethan várias vezes — e tomar café ao lado de Whit. Bebeu devagar, tomando cuidado para não derrubar nada em sua blusa, e se perguntou se as pessoas ricas tinham regras diferentes para segurar a xícara. Olhou de soslaio para Whit, que segurava a sua do mesmo jeito que ela. Ele sorriu, correndo os olhos sobre o cabelo dela, então os baixou até o peito e a cintura de Claire. Ela corou e se virou no banquinho, mas isso não deteve Whit. Ele continuou a encará-la. Então, ele inclinou-se para a frente e fez um sinal para que ela fizesse o mesmo. Quando falou, seu hálito fez cócegas em sua orelha.

— Aquele Ethan Stone vai acordar um dia e se arrepender de ter largado você — disse ele.

Claire largou a xícara e fungou. Só de escutar o nome de Ethan, tinha vontade de começar a chorar, mas algo lhe disse que, se Whit não era um homem de fofocas, tampouco era de lágrimas. Ela se obrigou a se sentar direito e a encará-lo.

— Como sabe?

Whit sorriu e cobriu a mão dela com a sua.

— Porque vou fazê-lo se arrepender — respondeu ele.

Claire corou e olhou para as mãos deles, juntas sobre o balcão, notando que Whit a observava.

— Preciso ir — sussurrou ela. — Muito obrigada pelo café. — E tirou os dedos de debaixo da mão dele, falando a si mesma que aquele encontro não se repetiria, que ele sentia pena dela, que, para ele, ela ainda era uma menina com sardas e joelhos sujos e com dois dentes faltando. Lembrava-se também que ele nutrira sentimentos por Jo, assim como ela por Ethan. Ela acabara de queimar o coração da irmã. Não queria destruí-lo também.

E, mesmo assim, quando Whit a viu na semana seguinte empacotando as compras do mercado, Claire não recusou o convite para uma caminhada.

— Vamos — insistiu ele, tirando a sacola de suas mãos. — O pôr do sol vai ser maravilhoso. — Ela o deixou conduzi-la para fora do estabelecimento do Sr. Upton e pela Bank Street, e, quando ele envolveu sua cintura com o braço, puxando-a mais para perto de si, ela não se opôs. Ele não era como Ethan, mas isso era bom também. Era agradável ser abraçada por alguém que a desejava mais do que ela a ele.

Depois disso, eles começaram a se cortejar discretamente quase todos os dias. Whit foi quem sugeriu que Claire fizesse o curso de estenografia — ele a inscreveu no curso —, alegando que precisava de algo em que focar enquanto a mãe e a irmã estivessem fora. Foi ele quem comentou que ela deveria usar roupas mais sóbrias, para realçar mais o cabelo e os olhos, e também quem a ensinou a cruzar garfo e faca sobre o prato no restaurante para sinalizar que já havia acabado de comer.

Mas ele nunca tentou beijá-la, nem uma vez, e por isso Claire se viu num misto de contentamento e irritação. Ela se perguntava se a reserva de Whit era em função da história dele com Jo, mas ela jamais seria capaz de fazer essa pergunta. Ele se importava muito ou pouco com Jo?, questionou-se Claire. Ela não sabia dizer. Por fim, isolou esses pensamentos num canto escuro de sua mente. Não gostava de se prender no que talvez ainda existisse entre Whit e Jo. Ela não gostava de pensar em nada que se relacionasse a Jo, na verdade.

Mas Whit a fez confrontar isso também.

— Você precisa visitá-la — insistiu ele, um mês depois de começarem a se ver, um ao lado do outro nas dunas. — A única forma de se livrar de uma coisa é encarando-a de frente.

Claire queria esclarecer que sua irmã, deitada num hospital com queimaduras em todo o corpo por sua causa, não era qualquer coisa, mas não o fez. Ademais, Whit tinha razão.

— E se eu não quiser me livrar? — perguntou ela, colocando o cabelo na frente do rosto.

Whit o colocou de lado.

— Acho que quer, sim — respondeu ele, fazendo Claire se lembrar do sonho de fugir com Ethan para um lugar sombreado, onde o sal nunca se formaria, mas que fosse repleto de peixes.

Ela virou o rosto.

— Bom, isso não vai acontecer agora.

Whit se inclinou para ainda mais perto dela e sentiu seu hálito, dando a entender que finalmente tinha a intenção de beijá-la, mas simplesmente correu o dedo em volta da face e do queixo de Claire, como faziam as mulheres da cidade no rosto da Nossa Senhora antes de se confessar.

— Não tenha tanta certeza disso — disse ele. — Talvez você não tenha conseguido o que queria — Claire corou por saber que ele se referia a Ethan —, mas eu sempre consigo.

Ele deslizou o olhar para a coxa dela, à mostra no lugar que seu vestido havia subido, e ela puxou um pouco a barra para baixo. Escondeu a perna, mas não ajudou muito. Ela ainda podia ver o contorno de sua pele sob o fino tecido do vestido e suspirou, tirando areia do colo, sem saber se melhorara ou piorara a situação ao cobrir o que estava prestes a aparecer.

Sempre que Claire olhava para trás, para aquela tarde em que trocou a Fazenda Salt Creek pela Plover Hill, não conseguia deixar de se questionar se toda a situação não fora talvez um grave erro ou um mal-entendido de sua parte. Afinal, Whit não carregava um anel no dia em que a pediu em casamento. Não caiu de joelhos do jeito que Claire sempre sonhou que um dia Ethan faria. Não estava nervoso quando lhe perguntou se queria ser sua esposa, nem tinha a respiração trêmula e intensa, e certamente nunca lhe colocou o assunto do matrimônio na forma de pergunta. Em vez disso, ele fez o que melhor fazia, tomou uma decisão executiva, e Claire, boa aluna de estenografia que era, levou-o a sério.

Naquele dia, ela estava recolhendo lama de um dos tanques vazios de evaporação. Whit nunca antes havia colocado os pés na fazenda para vê-la. Mas ali estava ele, mais lindo do que nunca, pisando na beirada da salina como se a possuísse. Agitada, Claire imediatamente alisou os cabelos e tentou limpar um pouco da sujeira das mãos, mas não adiantou muito. Ela ainda se sentia como um mendigo cumprimentando o rei.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ela quando ele se aproximou. — Não acho que seja uma boa ideia nos encontrarmos na salina. Você sabe, depois de tudo o que aconteceu.

Mas Whit apenas colocou as mãos sobre os ombros de Claire.

— Também acho.

Seu coração bateu mais rápido, e ela olhou em volta para ver se Jo estava por perto.

— O que você quer? — perguntou ela, a voz baixa e cautelosa.

Os olhos escuros dele a observavam como se estivesse acompanhando um relógio.

— Você.

Claire grunhiu.

— Não seja ridículo.

Whit abriu bem os braços.

— O que um lugar como este pode oferecer a uma garota como você?

Claire parou. Era a mesma pergunta que vinha fazendo a si própria a vida toda, mas mudar de vida era mais fácil de ser dito do que feito. *Preciso de um sinal*, pensou ela, *apenas de algo pequeno*, e, naquele momento, uma daquelas desagradáveis borboletas azuis, aquelas que sua mãe sempre disse que eram agourentas, pousou em seu ombro seguida de duas mais. Claire estremeceu e tentou espantá-las, mas, antes que conseguisse, Whit jogou o casaco em volta dela. Isso só fez a situação piorar. Claire imaginou os corpos esmagados dos insetos escorrendo pelo forro do casaco e se controlou para não atirar o casaco de Whit na lama.

Whit ficara em silêncio, e Claire percebeu que ele lhe fizera uma pergunta. Ela ergueu os olhos e se viu quase de nariz colado com o dele, encarando-o nos olhos. Assim de perto, ele tinha um cheiro

delicioso, como de iguarias e couro legítimo, e a pele tinha tanto brilho que Claire ficou com vontade de esfregá-la para ver se ele chiava ou, melhor ainda, atendia-lhe um desejo. Como em êxtase, ela se inclinou até ele, preparando-se para beijá-lo bem ali, naquele instante, mas foi então que viu Jo. Ela fez um barulho esquisito, pensando que, mesmo que o tenha feito, não tinha do que sentir culpa e, então, antes que pudesse impedi-lo, Whit a estava apertando para o seu lado e a declarando sua futura esposa.

O mundo à sua volta pareceu parar por um instante: as nuvens, a água que escorria sobre a represa, o sal que se dissolvia sob os pés de Claire. *Esposa*. Era uma palavra que queria incorporar havia tanto tempo e pensou que jamais o faria. Já que não podia ser a mulher de Ethan, argumentou consigo mesma, seria tão ruim assim se casar com Whit? Ele era rico afinal, e lindo, e havia aquela atração velada entre eles que chegava a borbulhar, como as fortes correntezas da Praia Drake, repuxando apenas sob a superfície da água. Claire permitiu-se relaxar o ombro e, em seguida, o quadril em Whit, sentindo seu exato comprimento, e pensou que seria agradável viver com um homem que se preocupava pura e simplesmente com os assuntos do aqui e agora, em vez de se preocupar com uma estúpida alma.

— Sim — sussurrou ela, tão baixo que não tinha certeza do que estava dizendo, então ele lhe apertou o corpo.

— Vá pegar suas coisas. Vou esperá-la na trilha, com o motor ligado.

Quando entrou na casa, ela foi confrontada com a triste verdade de que não havia nada que quisesse levar. Certamente, ela não levaria nada que lembrasse Ethan — nada de livros, fotos de formatura, e nenhum dos poemas que ele havia copiado para ela. Se não fosse por essas poucas recordações do passado, seu quarto pareceria mais o quarto de uma freira. Ela jogou dentro de uma sacola de lona duas calças jeans, três blusas e calcinhas para uma semana, reconhecendo, mesmo então, que aquilo era uma formalidade apenas. Whit lhe dissera para pegar suas coisas, mas sabia que nada de seu antigo ser sobreviveria depois que saísse da

Fazenda Salt Creek, e isso, para Claire, era o que importava. Nada mais a faria sofrer, nada.

Antes de partir, ela parou, por um momento, perto da janela que dava para a salina. Sua mãe viajara até Hyannis — não havia por que procurar por ela —, mas ao longe Claire podia ver as costas curvadas de Jo enquanto ela se inclinava sobre as barragens. Ela ainda não se acostumara com a forma arqueada do corpo da irmã e não tinha certeza de se algum dia se acostumaria. Para Claire, ter de olhar para o que havia feito a Jo era como encarar um espelho que lhe mostrava todas as partes horríveis de si mesma. Ela ergueu um pouco a mão na direção da vidraça, como numa despedida, mas Jo não conseguia vê-la, e não teria acenado de volta mesmo que conseguisse. Claire baixou o braço. As duas haviam trocado cerca de seis palavras desde o acidente de Jo. Claramente, *adeus* não seria uma delas.

Claire se afastou do vidro e pegou sua pequena sacola. Whit só esperaria muito tempo na trilha se o seu conversível estivesse com o motor desligado, ela sabia. Se ficasse sentada na cama até o sol se pôr um pouco no céu, ele iria embora antes que ela chegasse. Pensou nisso por um momento, então fechou as cortinas para Jo e a salina, apagou a luz e saiu correndo, primeiro pelos degraus, depois pela varanda, salina e, por fim, pela trilha, o mais rápido possível e depois mais rápido ainda — um arco em chamas disparado para um voo incerto.

Jo TENTARA DIFICULTAR a vida de Claire com seus desenhos na Virgem — aqueles anzóis horríveis presos por toda a bainha da Nossa Senhora, além do olho com tom acusatório. Foram as primeiras coisas que Claire viu ao entrar na igreja antes de se casar, o véu grosso sobre os olhos, as mãos tremendo nas luvas de renda. Sem dizer nada, Claire sabia exatamente qual era a mensagem que sua irmã queria lhe dar. Jo estava colocando o peso do olho que perdera no incêndio na mão aberta de Claire, onde de fato ardia e



picava como aqueles anzóis pintados. Sob seu véu, Claire estava pálida.

Mesmo assim, nem a morte da mãe (repentina, mas não inesperada) foi capaz de desanimar a nova sensação de contentamento de Claire. Tudo bem, talvez a Casa Turner estivesse um pouco malcuidada por dentro, mais do que ela esperava, muitos dos itens tão gastos que estavam lascados e furados, mas a mobília, claramente, foi bonita um dia e, para Claire, eram mais extravagantes do que qualquer coisa que ela já tivera.

Além disso, o nome Turner ainda tinha peso de ouro. Claire fez amizade com o tipo de pessoa que preferia comer lama a comprar o sal de sua família, não apenas meninas como Agnes Greene, mas senhoras de Boston e de grandes propriedades de Connecticut. Whit mostrou a ela o clube de campo, de onde ele ainda era sócio. Ela dirigia rápido na cidade com o conversível vermelho da família Turner e estacionava onde quisesse por saber que jamais seria multada. Quando disse ao Sr. Upton que ele precisava acrescentar caviar em seu negócio, ele não conseguiu preencher o pedido de compra rápido o suficiente. As partes boas de sua nova vida eram agradáveis ao paladar.

A princípio, ao usar os talheres de prata e a porcelana de ossos, ou se sentar à penteadeira barroca de Ida, Claire se sentia uma impostora, mas logo se viu com os dedos em volta de canetas tinteiro e garfos para peixe. Acostumou-se com tigelas de lavanda e aprendeu a dar nó na gravata do smoking de Whit. Todas as manhãs, ela descia a escada principal da casa, passava pelo retrato de Ida no final dela e, automaticamente, acariciava o cabelo da pintura como se esta pudesse vê-la. Era tolo, mas ela achava que podia sentir o espírito de Ida rondando o beirai da casa, à espera de ver quem seria banido dali primeiro: o fantasma da sogra ou os ossos fracos da nora usurpadora. Os lençóis ainda cheiravam a sachês de lavanda e essência de rosa da mãe de Whit. Claire encomendara novos de Boston, mas, ao abrir o pacote, o mesmo odor de rosas emanou do tecido, e ela correu para a pia mais próxima e vomitou.

Quando a mesma coisa aconteceu dois dias seguidos, Claire começou a suspeitar que talvez o problema não fossem os lençóis. Ao contrário, era mais orgânico. Ela estava grávida.

— Espero que seja um menino — disse Whit, levantando-a e a colocando gentilmente no meio dos lençóis que ela tanto odiava. — Um Turner com olhos pretos como os meus e cabelos vermelhos como os seus, e um temperamento mais forte que o vento. — Claire prendeu a respiração. *Um menino*, pensou. Que não seria louro, não teria os olhos azuis de Ethan, mas também não nasceria na salina, onde o dique tinha dentes e sepulturas, antigas recordações.

Entretanto, e se a má sorte dos Gilly a encontrasse afinal, no alto de Plover Hill? Melhor estar segura do que arrependida, pensou. Melhor fazer alguma coisa do que deixar o passado, que ela libertara, voltar para dançar na cova de seu futuro filho. E se os boatos que vinham se espalhando a respeito do sal fossem verdadeiros? Talvez o *negócio* fosse venenoso. Talvez por isso todos os meninos morriam na sua terra.

Ela intensificou a tentativa de difamar o sal pela cidade. Lembrou o Sr. Upton de que ele não era submetido a nenhum tipo de controle adequado e deu a entender ao Sr. Hopper que uma epidemia por intoxicação alimentar seria catastrófica para a lanchonete. Foi suficiente lembrar suas amigas de que o excesso de sal causava acúmulo de gordura nos quadris. As únicas pessoas com quem não obteve nenhum avanço foram os pescadores do porto, e isso em grande parte porque Claire não suportaria se aproximar do tio de Ethan, Chet, que tinha os mesmos olhos e a mesma voz do sobrinho, e uma opinião pouco lisonjeira a respeito do casamento por interesse de Claire, a qual ele não tinha medo de comunicar.

Por um tempo, Claire acreditou que seu plano estava dando certo. Pensou ter se esquivado do destino, que estava segura, mas não era bem assim. Quando estava no quarto mês de gravidez, ela começou a sangrar, primeiro um pouco, depois um fluxo intenso, até que tudo tinha saído de dentro dela e ela voltou a ser como antes, mas ainda mais vazia. Para compensar o fato de ter tirado o sal de Prospect, ela levou uma oferenda de mel para a Virgem. Normalmente, era algo que apenas mulheres que acabaram de se

tornar mães fariam, mas Claire estava tentando agradar a Nossa Senhora para que ela lhe desse uma nova chance de ser mãe. Imaginou as sepulturas — tanto as velhas como as recentes — tombadas na salina. Se tivesse um filho, não gostaria que ele se juntasse aos seus parentes profanos. Mergulhou o dedo no mel e, com ele, lambuzou os remendos da saia da Virgem, então encostou a testa neles.

— Se um dia eu tiver um menino — sussurrou ela para a pintura —, lhe darei novamente um rosto. — Esperou, mas não houve nenhum sinal de que a Virgem a tivesse escutado. Claire estava sozinha, falando com uma parede.

Um MÊS DEPOIS de ter perdido o bebê, Whit disse que tinha um presente para ela e cobriu-lhe os olhos com um lenço extravagantemente caro. Ela, a princípio, pensou que aquele era o presente, mas, quando disse isso a Whit, ele riu e a conduziu pela enorme cozinha dos Turner, pela varanda dos fundos, até um pequeno pasto atrás da casa.

— Coloque suas mãos aqui — disse ele, apertando os dedos dela com força em volta do Mourão da cerca. — Não vale espiar. — Claire lambeu os lábios e cheirou o ar. Ela vinha passando grande parte de seu tempo dentro de casa, e era agradável estar fora de novo. Sentia o cheiro de grama e um odor de mofo que não era capaz de identificar. Fez-se um ruído e, então, Whit desamarrou o lenço e deixou as mãos repousarem sobre a trança de Claire por um longo tempo. Ela abriu os olhos e viu que Whit lhe havia comprado um cavalo branco.

— E um animal albino — disse ele. — Não é perfeito, mas é bom o bastante. Filho de um árabe. Uma pessoa me devia um favor, então aceitei a permuta. — Ele acariciou o pescoço do cavalo, impressionado com seu próprio comando, que conseguia chamar o bicho por puro desejo. — Eu o batizei de Icycle.

Claire ficou olhando o animal e, então, ele esticou o pescoço para a frente e enfiou o focinho felpudo nas mãos abertas dela. Seu coração imediatamente se derreteu. Seria o amor assim tão fácil, perguntou--se, como a maré cheia avançando nos canais de sal? Era isso que Ethan tinha encontrado em Deus, o que ela teria sentido por uma criança? Claire olhou zangada e afastou o focinho de Icicle.

— Eu não sei cavalgar.

Whit riu.

— Não se preocupe, meu amor, vamos dar um jeito nisso. — Ele estava amarrando o lenço azul em volta do pescoço dela, um pouco apertado demais. Deu um passo para trás e examinou o nó. — Você não sabe? — perguntou ele. — Não há nada em você que não possamos mudar. — E, mesmo estando do lado de fora, bem longe da argamassa e do reboco mofado da casa dos Turner, Claire pensou ter escutado uma suave risada espectral.

NA NOITE EM QUE ELA e Whit voltaram da lua de mel, Claire estava penteando o cabelo antes de se deitar quando Whit surgiu de repente atrás dela e sussurrou em seu pescoço:

— Jamais o corte.

Ela largou a escova de prata, incerta se devia sorrir ou suspirar. Os homens eram tão fáceis de serem levados, puxados por linhas tão finas quanto um fio de cabelo vermelho, e Whit não era exceção. O único homem cujo coração ela não fora capaz de segurar era Ethan. Ela trouxe o queixo para a frente e observou seu reflexo no espelho, e viu as novas depressões e novos ângulos que já haviam se formado nela desde que experimentara os mistérios do matrimônio.

— O que faria se eu o cortasse bem curto? — perguntou.

Atrás de Claire, o rosto de Whit ficou sério.

— Espero que nunca me contrarie, Claire. — Suas palavras percorreram desde a espinha até o estômago de Claire, que baixou a cabeça e olhou para as mãos e para o enorme anel de diamante que

um dia fora de Ida. Ao erguer os olhos de novo, viu que Whit estava segurando um colar para ela, não um pingente com safiras ou uma joia em cruz, como Claire teria esperado, mas uma única pérola numa corrente de prata.

De modo solene, ele a colocou em volta do pescoço de Claire, e então seus dedos se desviaram para os ombros dela, fincando-se na pele como uma enxada que escava uma nascente na terra. Claire estendeu a mão e acariciou a pérola, pensando que se parecia mais com algo que Ethan lhe teria comprado, e desejou que pudesse comprimir seu tempo com ele dentro de uma bola, que fosse igualmente brilhante e lisa, para usá-la no lugar. *Não*, disse a si mesma. Melhor deixar o passado sem adereços. Sem querer, uma frase de um dos poemas favoritos de Ethan saltou-lhe à lembrança: *Dormindo! Ah, durma um pouco mais, minha pérola branca! E deixe-me ajoelhar, deixe-me rezar por ti.* Claire levou a mão fechada à boca. As orações de Ethan eram para um Deus diferente agora.

— Era de minha mãe — disse Whit, arrumando o colar em volta do pescoço dela, e o modo como o fazia, com os pulsos pesados sobre a clavícula dela, deixou claro que ele estava selando um pacto entre eles. Whit tinha essa tendência, Claire estava aprendendo, de querer lembrá-la de que ela pertencia a ele, mas o fazia de maneiras dissimuladas: com bugigangas e beijos inesperadamente apaixonados em momentos inapropriados. Nenhuma das mulheres na sociedade percebia esse traço nele.

— Ele é o Rhett da Scarlet — suspiravam as moças no clube de campo quando ele inclinava Claire até quase o chão na pista de dança. — O Heathcliff da Cathy. — Claire nunca comentou com elas que nenhum desses casais teve um final feliz. As moças de seu novo meio não eram grandes leitoras.

— Ela ia gostar que a tivesse — disse Whitt, e Claire teve de controlar um grunhido. O anel de casamento, o belo perfil de Icycle, a pérola eram as *últimas* coisas que Ida gostaria de ver uma Gilly possuir. Claire tremeu quando um prematuro vento frio de outono atravessou as cortinas e fez as janelas chacoalharem, mas ela aceitou o presente. Essa era uma das vantagens que os vivos tinham sobre os mortos, pensou. Eles ainda podiam dizer *sim* a tais coisas.

— Obrigada. — Algo duro, um galho que caiu da árvore talvez, golpeou a janela. Whit olhou zangado e fechou mais as cortinas, então se voltou para ela, envolvendo-a pela cintura com as mãos.

— Venha para a cama — disse ele, o que soou como uma ordem e uma provocação ao mesmo tempo. Claire o deixou conduzi-la pela cintura até o colchão. Ele prendeu os braços dela com os joelhos e se inclinou sobre ela, acariciando-lhe o pescoço com a própria respiração. Sexo com Whit podia ser violento, algumas vezes chegava quase a doer, mas era excitante de um jeito que Claire nunca imaginou ser possível. Todas as vezes em que ela cedia aos desejos dele, sentia como se tivesse sobrevivido a algo perigoso, o que a fazia querer mais, e ela sucumbiu mais dessa vez — relaxou os braços sob o peso dos joelhos dele e sua cabeça caiu para trás de tanto prazer.

Depois de Whit ter caído no sono, ela saiu furtivamente da cama e se moveu com cuidado até a penteadeira de Ida. Claire correu os dedos de leve sobre os puxadores rebuscados das gavetas. Até então, ela evitara olhar para eles, como se Ida pudesse ressuscitar, atravessar a parede e cortar a mão de Claire pelo crime. Claire se maquiava sozinha no banheiro, onde tinha seu pequeno estoque de cosméticos numa gaveta. Lançou um rápido olhar para Whit, mas ele estava num sono profundo, deitado de costas e roncando. Respirando fundo, ela esticou o braço para abrir a gaveta do meio.

Claire teve de sacudi-la para a frente e para trás para que abrisse. Algo estava preso no fundo. Puxou com mais força e a gaveta abriu de uma vez, e sua mão golpeou o próprio estômago. Prendendo a respiração, ela se inclinou para a frente. Dentro, encontrou uma tesoura de unhas de prata, um pó compacto com tampa de casco de tartaruga rachada, uma corrente *cloisonnée* e, o que foi bizarro, um saquinho de linho com cristais de sal dentro. Estava um pouco rasgado onde a gaveta encostou e raspou. Talvez fosse isso que estivesse fazendo a gaveta emperrar. Claire franziu o cenho e esticou o braço para pegá-lo. O tecido estava frágil e gasto. Ela o abriu, sem querer rasgar ainda mais o saco. Entretanto, alguns dos cristais caíram em sua mão, onde reluziram sob a luz da lua, a fonte de todos os problemas. Lambeu o dedo e o levou aos lábios,

fazendo uma careta diante do gosto familiar — o gosto da casa que fizera de tudo para esquecer.

Por que Ida, entre todas as pessoas, manteria um saco de sal na gaveta?, perguntou-se Claire. Ela sabia que a sogra odiava tudo que se relacionasse com a salina, mesmo quando tentava comprá-la de sua mãe. Talvez para Ida, refletiu Claire, o sal fosse como os grânulos numa casca de ostra. Foi o que a impeliu a produzir algo inesperado e maravilhoso. O ar no quarto havia ficado tão quieto que, ao respirar, Claire temia que pudesse despedaçá-lo. Tentou escutar um estrondo na janela, um ruído nas paredes, mas não havia nada, e isso era mais assustador para ela do que qualquer barulho macabro que a casa pudesse fazer, pois Ida não tinha ido embora, isso Claire sabia. Ela jamais iria. Estava simplesmente esperando para ver o que Claire faria em seu lugar. Sentada ali, no banco de Ida, usando seu anel de diamante e seu antigo colar, Claire estava assumindo o lugar de Ida, e não tinha certeza se queria isso. Ela tirou a pérola do pescoço, largou-a no canto da penteadeira e se virou para se deitar ao lado do marido na cama que arrumara para ela.

A QUARTA VEZ que Claire perdeu o bebê foi a mais rápida, e a última — um intenso volume de sangue escorreu-lhe pelas coxas, ela sentiu uma tontura e, então, tudo acabou, como o Gênesis ao contrário. Em vez de começar coberta com um enorme manto de nada, Claire acabou com os joelhos presos ao peito na cama, vazia como uma tigela de mendigo em época de penúria. Tirou todas as joias — a pérola de Ida que sempre usava, os brincos e o anel de casamento — e guardou tudo na penteadeira. Daquele dia em diante, prometeu a si mesma que se enfeitaria o mínimo possível. Ela enfrentaria o mundo sozinha, sem adereços.

Whit a levou a um especialista em Boston e então a outro médico, para uma segunda opinião, mas o diagnóstico era sempre o

mesmo. Nada parecia estar errado, mas ao mesmo tempo tudo estava.

— E adoção? — perguntou ela numa voz baixa e rouca para Whit, depois de cinco dias sem falar nada.

Ele se sentou ao seu lado na cama, cheio de preconceito.

— Absolutamente fora de questão. Preciso de um filho de verdade, um herdeiro, uma criança de sangue Turner, não um ser desprezível que ninguém quer. — Ele se debruçou sobre ela e lhe fez um discurso de encorajamento. — Claire, não pode deixar esses incidentes derrotarem você. Vamos continuar tentando. O nome Turner não pode morrer. — Ele estendeu o braço e apertou-lhe a coxa sob a coberta, então subiu a mão em seu corpo. Ela fechou todas as juntas que ele elegeu para tocar: ombro, cotovelo, punho, mas Whit não parecia reparar nem se importar. — De toda forma, você tem várias outras responsabilidades. E o seu trabalho no comitê? Além disso, Icycle precisa de uma boa corrida.

Isso era verdade. Agora que Claire tinha aprendido a cavalgá-lo, Icycle era um consolo, um milagre de músculo e intuição. Mas ficava agitado quando não fazia seu exercício diário, Claire sabia. Ela se sentou e suspirou. Não estava muito certa do que dizer sobre um casamento em que um cavalo conseguia tirá-la da cama, mas o marido não. Suspeitava que não fosse algo positivo.

Ela se levantou, colocou o anel de casamento no dedo de novo, os brincos, o broche e o colar de pérola, e realizou várias tarefas. Numa única semana, reorganizou a biblioteca em ordem temática e alfabética e levou a coleção de livros antigos com as lombadas danificadas para o encadernador consertar. Arrumou a porcelana do armário na sala de jantar, descartou a molheira lascada e os pratos rachados. Enrolou o tapete persa todo puído do corredor de baixo e o substituiu por um novo, de sisal e couro.

— Como emagreceu assim? — perguntou-lhe Cecilia Marsh durante um almoço em Wellfleet. — Você parece mais magra e tem estado tão quieta ultimamente.

Katy Diamond, a terceira do grupo, olhou-a de modo crítico.

— E verdade — concordou —, está bem magra.



— Tive um problema de estômago — respondeu Claire, abrindo o guardanapo sobre o colo e tirando o sal da sua frente. Tinha vontade de pegá-lo e destruí-lo.

— Problemas femininos? — perguntou Cecilia, antes que Claire conseguisse negá-lo.

Katy colocou a mão sobre o braço de Claire e demonstrou sua compaixão.

— Fiquei sabendo que na Europa as mulheres bebem água com cevada para essas coisas — disse Katy. Claire a olhou com frieza e balançou o braço para tirar os dedos de cima dele. Katy tinha um bebê gorducho em casa e um segundo a caminho. Ela podia beber qualquer tipo de água que quisesse, ao que parecia.

Claire trouxe o queixo para a frente e aceitou o cardápio do garçom.

— Bom, pelo menos vou conseguir caber no meu novo maiô nesse próximo verão — disse ela, olhando o corpo volumoso de Katy, e folheou o cardápio. — A menos, claro, que eu perca ainda mais quilos e ele acabe ficando grande demais. Talvez você o queira se isso acontecer.

Katy corou, furiosa, e olhou para o prato.

— Onde esteve? — gritou Agnes Greene quando Claire voltou ao comitê da biblioteca. — Ficamos perdidas sem suas sugestões sobre os coquetéis para o evento de angariação de fundos de agosto. O que acha? Deveríamos servir o drinque sidecar ou não?

Claire queria dizer a Agnes que esta podia se jogar na água de cevada de Katy Diamond que ela estava pouco se importando, mas a mulher não parava de falar, então, Claire se viu mergulhar em uma onda de amostras de tecidos de toalha de algodão estampados, planos de viagens de compras a Boston e discussões sobre se mulheres casadas deveriam ter coragem de usar minissaias. Claire fechou os olhos. Em outros lugares do país, estavam ocorrendo protestos contra a Guerra do Vietnã, e o homem pisava na lua, mas, em Prospect, parecia que aquela vida provinciana jamais mudaria.

Naquele ano, enquanto Claire assistia à fogueira anual ficar cada vez maior em Tapperts Green, ela se sentiu tão frágil quanto os gravetos, empilhados um sobre o outro. Todas as manhãs, quando

cavalgava perto da estrutura com Icycle, ela notava seu progresso: primeiro, subiu até os seus quadris; depois, até a cintura; então, até seus ombros e acima deles. Icycle se assustou com a algazarra cada vez maior em volta da fogueira e quase a arremessou de cima dele. Claire teve de puxar com força o arreio para controlá-lo. Ela o levou de volta para casa, irritada.

Nada em sua vida estava dando certo do jeito que esperava. Ela saíra da salina totalmente preparada para se deslumbrar com a riqueza da Casa Turner, mas descobriu que dentro dela não havia tanta elegância como pensara. Ultimamente, notara a falta de certos objetos interessantes. Primeiro, foi o retrato de Armistead Turner, o fundador da família, que costumava ficar no final do corredor do andar de cima. Claire acordou certa manhã e se deparou com um quadrado escuro e vazio no lugar do quadro. Depois, foi um conjunto de porcelana que ela usava todos os Natais e, por fim, um colar de diamantes de Ida, o qual nunca lhe fora permitido usar. A princípio, pensou que os itens tivessem sido mandados para conserto ou restauração, mas, depois de passados meses sem que eles retornassem, ela começou a mudar de ideia.

Era verdade que Whit tinha seus momentos de generosidade — como quando a presenteou com Icycle, por exemplo —, mas na maioria das vezes ele mantinha as finanças da casa sob controle ferrenho. Cedeu com relutância aos pedidos de Claire para fazer aulas de tênis ou para viajar para a Europa como as amigas mais ricas. Nesses momentos, ele chegava a ficar enfurecido.

— Meu Deus, Claire. O que você pensa? Que sou feito de dinheiro?

— Na verdade, *era isso mesmo* que ela pensava. Ele nasceu de Ida. Não era ele carne de sua carne, com todos os genes dos Turner? O dinheiro formou Whit. Consequentemente, seria natural que ele fizesse dinheiro. Claire não podia entender por que ele se preocupava com a Fazenda Salt Creek. Ele crescera com ela e Jo e vira com os próprios olhos como era a vida na salina. Não havia possibilidade alguma de ela voltar para lá.

Enquanto Claire observava os últimos retoques sendo feitos na fogueira, uma ideia lhe passou pela cabeça. Se Whit visse quão sem

sentido era a crença das pessoas no sal, talvez ele desistisse de ser proprietário da salina. Estava claro que dizer às pessoas sobre os efeitos tóxicos do sal não havia quebrado a atração que este exercia sobre a cidade. Chet Stone e seus amigos ignoraram completamente os avisos e as insinuações de Claire, e ela sabia muito bem que pessoas como o Sr. Upton tinham pilhas do produto à mão. Era hora de medidas mais drásticas.

— Não quero ninguém queimando sal na fogueira este ano — disse ela a Whit naquela noite durante o jantar.

Whit a olhou, imperturbável. Se Claire havia mudado ao longo dos anos de casamento — os ossos diminuindo, os cabelos com um vermelho menos brilhante —, ele também. Fios grisalhos lhe marcavam as têmporas, e seus olhos estavam cada vez mais fundos. Ao olhar para ele, Claire se deu conta de que não conseguia se lembrar da última vez em que haviam feito amor. Bem antes de seu último aborto, isso ela tinha certeza, mas quando? Sentiu um calor se espalhar pela barriga e coxas, e uma excitação tomou conta de seu peito, mas Whit se mostrou indiferente à sua animação. Ele cortava o bife com um olho no relógio de mesa.

— Boa ideia — respondeu ele. — Quanto menos gente estiver envolvida com o sal, melhor. Vou falar com o policial. Sal é um produto químico, não é? Deve haver uma lei nos registros que proíba a queima de produtos químicos em áreas públicas. — Ele dobrou o guardanapo em três partes iguais e o colocou próximo ao prato, o bife pela metade parecia uma mistura suculenta sobre a porcelana branca. Claire desviou os olhos. Whit não ia à festa da véspera de dezembro desde que se casaram, havia seis anos. Claire sabia, no entanto, que, diferentemente dela, ele teria sido recebido de braços abertos pela cidade. Mas Whit não era homem que precisasse ser adorado, nem mesmo por sua própria mulher, como percebeu Claire quando ele saiu da sala a passos largos, sem lhe dar um rápido beijo na face, ou mesmo uma única olhada para trás.

Na noite da fogueira, Claire deixou a janela do quarto aberta para o vento de inverno, enquanto penteava o cabelo antes de ir para a cama e esperava Whit subir para o quarto — cem escovadas cruéis com as ásperas cerdas de porco, um preço a ser pago pela beleza.

Através da abertura na janela, ela podia sentir o cheiro da eletrizante fumaça se formando e, em seguida, tons mais inebriantes de resina de pinheiro e madeira sendo transformadas em cinza.

Ela se sentou bem calma à penteadeira de Ida, tremendo em sua camisola sem mangas, seu cabelo armado se espalhava pelas costas, e ela esperou, mas não ouviu nada dos conhecidos trilos da flauta, ou gritos alegres dos adolescentes, ou as explosões de risadas cheias de prazer, tão comuns quando Jo arremessava o pacote de sal nas chamas e surgia um clarão de um azul cheio de paz. Ao contrário, Claire ouviu murmúrios indistintos e o som de passos sobre a grama congelada à medida que pequenos grupos de pessoas se formavam, se dispersavam e voltavam a se formar, sem nenhum centro para mantê-los unidos. Quando eram crianças, ela e Jo costumavam ficar encolhidas na cama em noites como essas, com uma garrafa de água quente entre elas e os braços envolvendo a cintura uma da outra, em busca de conforto.

Claire esperou pelos conhecidos sons da celebração da fogueira começarem, mas o ar noturno parecia morto e denso, como a atmosfera venenosa de uma redoma de vidro. Sem o sal, a fogueira deixara de ser atraente para as pessoas. Um a um, ela escutou os cidadãos de Prospect começarem a partir, separando-se um dos outros em desconsolados pares ou trios, arrastando os pés sobre a grama coberta de gelo da Tapperfs Green, buscando nos bolsos o ruído das chaves de casa, resignados de voltar para casa sem a mínima ideia do que o ano lhes reservava.

Claire fechou a janela e deitou-se na cama, esperando Whit chegar e se juntar a ela, e, quando ele o fez, ela rolou para o seu lado com a camisola toda na cintura, os lábios abertos, mas ele simplesmente apagou a luz, cobriu-se com os cobertores e deu-lhe uns tapinhas no braço, distante.

— Hoje não — disse ele. — Tenho uma reunião bem cedo amanhã sobre uma propriedade perto de Hyannis. — Claire sentiu um nó no estômago, mas Whit era seu marido, a escolha que ela fizera, então apagou sua própria lâmpada com um tapa e se esticou como uma morta ao lado dele.

Ela se levantou antes de o sol nascer, arrancada do sono por uma sensação de sufocamento — sua antiga asma. Sua mãe costumava lhe trazer uma vasilha bem quente com água salgada e cobria sua cabeça com a toalha quando estava assim, lembrou-se Claire, obrigando-a a respirar o sal, mas agora tateou em busca de seu inalador, tentando não acordar Whit.

Quando conseguiu respirar de novo, saiu da cama, vestiu-se depressa e, na ponta dos pés, caminhou até o estábulo atrás da casa para selar Icycle. O céu brilhava à meia-luz, entre a noite e o amanhecer, e, antes que pudesse se deter, Claire cruzou a cidade cavalcando, atravessou a trilha e foi até a salina. Ela reduziu a velocidade de Icycle a passos de caminhada e desceu na cerca de juncos, entre a trilha e a Fazenda Salt Creek; arrastada de volta ao lugar onde não queria estar.

Chiando um pouco, caminhou pelos juncos e passou em frente ao novo celeiro. Baixou a cabeça e olhou para o chão, próximo da base da estrutura, mas a terra da salina havia se curado mais rápido do que seus habitantes. Qualquer sinal de incêndio — queimadura ou restos de cinza — já não existia havia muito tempo, fora absorvido pela lama fecunda da terra.

Ela se dirigiu às sepulturas. Pedra era o único material que perdurava ali. Todo o resto, madeira, terra, brasa e ossos humanos, era um alimento indiferente ao sal. Por puro hábito, Claire caminhou até o dique onde seu irmão se afogara havia tantos anos e viu que Jo enchera os tanques para o inverno. Nada sobrara deles, apenas uma superfície escura de água.

Claire voltou às sepulturas e se sentou ali, arrependida de não ter nada para oferecer aos seus parentes, vivos ou mortos. Por um breve momento, pensou em deixar algum tipo de recordação para Jo, mas viera à Fazenda Salt Creek sem nada, nem mesmo uma moeda suja, e, ademais, o que ela poderia oferecer à irmã? Nada parecia adequado. Uma flor ou uma folha? O outono havia levado todas elas. Uma mensagem escrita na lama? Mas dizendo o quê? Quanto mais Claire desejava dizer, menos ela conseguia.

Por fim, o sol começou a aparecer no horizonte, quebrando o encanto da manhã, e Claire não tinha mais tempo a perder. Jo se

levantaria logo e, se ela não tomasse cuidado, sabia que a irmã a espiaria pela janela da cozinha. Antes que clareasse, ela retornou à trilha e montou depressa em Icicle, retirando-se do mesmo jeito que viera: de mãos vazias, coração apertado, deixando apenas um rastro de casco na areia atrás de si, sem nunca imaginar que um dia ele a levaria de volta para casa.

# 13

DESDE O INÍCIO, Whit Turner parecia gostar de presentear Dee, o que era maravilhoso, pois ela tinha imenso prazer em receber. Ela não se sentia nem um pouco constrangida pelo tipo de relação que tinham. Na verdade, o contrário era verdadeiro. Quanto mais ela recebia de Whit, mais ela queria, e, como resultado, o romance deles evoluiu mais rápido do que talvez tivesse se assim não fosse, o que era perfeito para ela. Não que tivesse encontrado algo melhor para fazer logo que chegou à cidade.

Dee aprendeu sobre as peculiaridades e preferências de Whit quanto a manter tudo em segredo. Eles se encontravam algumas vezes na semana e em lugares bem escondidos: na praia, abraçados nas dunas de areia, ou a uma mesa de piquenique atrás da barraca de pesca, que estava fechada para a estação. Sempre à noite e em segredo, mas isso só deixava mais excitante as vezes em que Whit entrava na lanchonete, pedia um pouco de café e ovos e piscava para ela quando o pai não estava olhando.

Em meados de novembro, Dee começara a antegozar os presentes de Whit com uma ganância que não sabia ter. Controlava-se para não apanhar com os dentes os presentes que ele lhe trazia nas mãos e depois mordê-los. Em um curto espaço de tempo, ele lhe deu meias de seda com costuras na parte de trás, um batom num estojo luxuoso e uma caixa de chocolates bonitos demais para se comer.

Na primeira noite de neve, ele mordiscou a lateral de seu pescoço e lhe perguntou:

— O que você prefere, cetim ou seda? — Antes que pudesse responder, ele pegou uma calcinha preta francesa. Dee nem se deu ao trabalho de comentar que não sabia distinguir entre os dois tipos de tecido. Todas as texturas de sua vida eram exatamente iguais: ásperas.

— E tão macia — suspirou ela, esfregando um pouco a renda entre os dedos. Mal podia esperar para vesti-la, ou melhor, pedir para que Whit o fizesse. Ela se recostou no banco do passageiro do carro dele e tirou a calcinha de algodão que estava vestindo, escorregando de propósito a cabeça no assento, para ver se Whit estava olhando. Ele estava.

— Não se preocupe — resmungou ele, estendendo o braço pelo banco para segurá-la sobre o couro.

Na próxima vez que se encontraram, ele lhe deu um minúsculo frasco de perfume. Na verdade, não tinha um aroma muito agradável para Dee, mas ela teria o cheiro que Whit desejasse que ela tivesse, se isso significava continuar andando em seu carro e estacionando em lugares onde podiam ver as estrelas.

— E muito caro — disse ele. — Aqui, experimente. — Ele colocou uma gota atrás da orelha de Dee, e ela inalou e quase ficou zozza. Nunca antes usara perfume de verdade. Tampou o frasco e se virou para encarar Whit.

— Claire usa isso? — perguntou ela. Ela se imaginou servindo o café de Claire na manhã seguinte e observando o nariz impertinente dela enrugar. “Que cheiro é esse?” perguntaria Claire, sem acreditar no que lhe diziam suas narinas. “É familiar.” E Dee sairia rapidamente sem dizer palavra.

Diante da menção do nome de sua mulher, o rosto de Whit ficou sério e imóvel. Ele tirou os dedos do cabelo de Dee.

— Ela não gosta de perfume e ficaria furiosa se descobrisse sobre nossos encontros, então é melhor não dizer nada.

Dee fechou os dedos com força em volta do frasco. Whit não precisava lembrá-la do temperamento de Claire, ela o conhecera por experiência própria na lanchonete, na única vez que não atendeu direito o pedido dela. Se a mulher de Whit nunca levantava a voz, pensou Dee, é porque ela não precisava. Seu silêncio era muito mais apavorante.

— Não vou dizer nada — prometeu Dee, e Whit se debruçou sobre ela e enterrou o nariz na base de seu pescoço.

— De vez em quando é bom ter uma mulher cheirando do jeito que eu quero — disse ele.



Dee colocou a mão na face dele, lisonjeada por ele tê-la chamado de mulher e não de criança gorducha, que era como se via quando se olhava no espelho, com ou sem uma calcinha francesa de seda. Ela se lembrou do Sr. Weatherly ter lhe contado que Claire tinha quase a idade dela quando se casou, e Dee se perguntou se foi então que ela deixou de ser uma menina deselegante e se tornou uma mulher com sobancelhas arqueadas e olhar que fazia parar um caminhão em alta velocidade. Agora, mais do que nunca, Dee se perguntava qual a ligação que as duas teriam. O único fator que tinham em comum era a falta de um fator em comum. Whit provavelmente gostava dela, pensou, não porque lembrasse Claire, mas porque era fundamentalmente o oposto desta. Ela colocou mais perfume no pulso e deu outra fungada antes de se dirigir a Whit.

— Qual é o cheiro de Claire, então? — perguntou.

Whit pensou por um instante.

— Sabão neutro de sela — respondeu ele por fim. — Algumas vezes, feno. E coloca talco de bebê antes de se deitar.

*Não é de admirar que esteja estacionado aqui nas moitas da trilha, agarrando-se com alguém como eu,* pensou Dee. Ela ainda nem havia chegado aos 20 anos, mas já tinha experiência suficiente com homens de todas as idades para saber que eram volúveis como um bando de corvos. A menos que tivesse algo brilhante ou chamativo, passavam reto por você.

— Chega de conversa — disse Whit, puxando-a para cima dele e abrindo a blusa de Dee. — Precisamos nos apressar, e tenho de levá-la para casa antes que seu pai comece a se preocupar. O que disse a ele, afinal?

— Que encontrei um bom menino. — Mentiu Dee. Na verdade, não havia dito nada a Cutt. A curiosidade dele parava na boca de uma garrafa ao final do dia. Depois que ele perdia a consciência, nada na Terra podia despertá-lo, nem mesmo a chegada barulhenta de uma menina embriagada de amor. Whit colocou os dedos nos mamilos de Dee e uma corrente elétrica correu do peito dela até a virilha. Ela esfregou os quadris contra os dele.

— Um bom menino — riu ele, puxando o sutiã dela para baixo e colocando a boca no lugar. — Você não sabe nada. Nunca fui um.

— Não acredito em você — sussurrou Dee, e não falaram mais nada.

O Sr. WEATHERLY TINHA a maneira mais bizarra de responder às perguntas, pensou Dee. Ela lhe perguntou sobre a fogueira da véspera de dezembro, que se aproximava, e ficou confusa com a resposta vaga, mas, ao prestar mais atenção, percebeu que ele estava contando duas coisas ao mesmo tempo. O Sr. Weatherly era sorrateiro assim, concluiu Dee. Ele nunca expunha sua própria opinião ou falava em tom professoral, mas algumas vezes, depois de terminar de conversar com ele, ou depois de observá-lo suspender a calça e sair arrastando os pés, percebia que ele acabara de lhe dar uma bela lição de moral, mesmo que ela nunca fosse descobrir do que se tratava.

O final de novembro estava perto, e a fogueira havia começado a crescer na Tapperfs Green de maneira mais organizada do que Dee esperara — as pranchas na base, umas sobre as outras de atravessado, e, apoiado nelas, os pedaços maiores de madeira formando uma sólida fileira. Aparentemente, os cidadãos mais velhos da cidade haviam decidido mudar o formato da pira, deixando-a quadrada em vez de redonda. A organização inesperada da estrutura não tranquilizou Dee, apenas tornou a visão da fogueira ainda mais assustadora para ela. Incêndios nem sempre começavam espontaneamente. Nunca antes ela havia refletido a respeito desse fato simples.

— Sempre, todos os anos, ela fica um pouco maior — murmurou o Sr. Weatherly por sobre seu prato de peru e purê de batata no balcão, encarando Dee sombriamente. — E a cada ano ela queima um pouco mais rápido. Antes, costumávamos ficar um tempão sobre a brasa, pensando no futuro, mas Claire botou um ponto final nisso com sua série de crianças não nascidas.

Diante da menção do nome de Claire, Dee sentiu um zumbido familiar atrás do pescoço, mas agora um leve calafrio de

preocupação também fazia parte daquele excitação. Ultimamente, ela havia parado de importunar o Sr. Weatherly com perguntas sobre as irmãs Gilly, principalmente Claire, mas ela ainda acordava no cinzento crepúsculo da manhã e aguardava o casco do cavalo soar sob sua janela. Ainda ficava analisando Claire durante a missa, memorizando a cor exata de seu conjunto de malha, tentando decidir qual o nome do tom de batom que ela usava, embora não ousasse citar o nome de Claire em nenhum outro lugar senão na lanchonete. Havia parado de conversar com a agente de correio sobre seus antigos amores e de perguntar ao Sr. Upton, em sua claustrofóbica lojinha, sobre as comidas favoritas dela.

Cutt mandara Dee perguntar ao Sr. Weatherly se deviam se dar ao trabalho de abrir a lanchonete na noite da fogueira, na esperança de lucrar um extra. Talvez as pessoas fossem querer algo quente para tomar, pensou ele, e algo doce na língua. Mas o Sr. Weatherly apenas balançou a cabeça.

— Provavelmente não — disse ele, seu rosto abatido de um jeito que Dee nunca vira num homem. — Não depois do que Claire fez em nome de todos os seus filhos que não nasceram.

Nervosa, ela deu uma espiada em volta da lanchonete. Como estavam entre o almoço e o jantar, o único cliente presente no momento era a velha Sra. Butler, espremida num assento com sua antiga amiga, e nenhuma das duas conseguia ouvir nada. Dee pegou um paninho de limpeza e começou a lustrar o balcão, tentando disfarçar o seu interesse.

— O que o senhor quer dizer com os bebês não nascidos de Claire? — perguntou ela, movendo o pano em pequenos e precisos círculos, na esperança de que ele se distraísse com o movimento e não parasse de falar. O truque deu certo. Ele se debruçou sobre o prato e piscou para ela.

— Você é um pouco nova para contar esse tipo de coisa — declarou.

— Ainda tem aquela gordurinha na região da cintura, não tem? Minha filha Doreen tinha na sua idade, mas agora é magra como um palito.

Dee corou e teve de esconder o sorriso atrás das mãos. Se o Sr. Weatherly soubesse as posições em que ela punha aquela gordurinha, talvez não chamasse a atenção para aquilo tão rápido. Ela começou a passar o paninho sobre o balcão em círculos de novo.

O Sr. Weatherly deu uma grande garfada no purê de batata.

— Eu entreguei um berço na casa deles certa vez e, seis semanas depois, fui chamado para levá-lo de volta. Então, notei que o sal das pessoas na cidade estava acabando. Herman Upton ainda o estava vendendo por debaixo dos panos, mas ficava tenso com isso. Harlan Friend, da loja de ferramentas, disse que a mulher havia trocado o sal Gilly por sal em caixa. Alegou que era mais gostoso também. — Ele deu outra garfada no purê. — Todas as vezes que Claire ficava furiosa e começava a espalhar por aí que o sal da família era venenoso, eu suspeitava que ela devia ter perdido um bebê. E então, por fim — ele empurrou o prato na direção de Dee, que rapidamente o pegou e o mergulhou dentro da bacia de plástico sob o balcão —, não havia mais sal para se livrar, apenas aquele usado pelos pescadores, que até Claire sabia se tratar de uma causa perdida, e o sal da fogueira.

Dee franziu a testa.

— O que o senhor quer dizer com isso?

O Sr. Weatherly a encarou com um olhar fixo.

— Por que acha que temos essa maldita coisa, para começo de conversa? — perguntou ele. — Não é para nos divertirmos apenas. Desde que começaram a existir as Gilly nesta cidade, elas jogavam sal na fogueira para ver o que o futuro nos reservava. Se a fumaça saía azul, isso era bom. Vermelho queria dizer que alguém ia se apaixonar; amarelo, um aviso; e preto, bem, preto não... era bom. — A voz dele falhou, e os olhos pareceram molhados nos cantos. Em seguida, ele tirou a carteira do bolso. — Claire nos obrigou a parar. Fez com que o policial dissesse a todos que estávamos violando alguma lei e ameaçasse prender aquele que jogasse substâncias químicas no fogo. Ela meio que tirou a festividade da noite. Claire nunca disse nada sobre isso, mas todos sabemos que foi coisa dela. Fico só pensando quanto lhe custou em doações para que os governantes locais colocassem a lei em prática.

— Então, por que continuar com a fogueira? — perguntou Dee.  
O Sr. Weatherly amarrotou o boné nas mãos.

— Algumas vezes, não é o que fazemos que tem tanta importância, mas o fato de nos reunirmos. Além disso, é tarde demais para mudar nossos costumes. Apenas seguimos em frente da melhor maneira possível. — Dee o observou sair no frio da tarde, uma neve intensa envolvendo-o como diabos com más intenções, e ela se questionou se, mais do que apenas a fogueira, ele não estaria se referindo a toda a maldita cidade, privada do sal, congelada até as entranhas, sobrecarregada com o peso dos bebês não nascidos de Claire. Ela pegou o paninho de novo e o torceu, tentando aliviar pelo menos uma coisa naquele lugar, da melhor maneira que suas mãos conseguiam fazer.

No FINAL, Dee se acalmou ao descobrir que a fogueira era justamente como o Sr. Weatherly dissera que seria. A noite estava límpida e quase clinicamente fria. As estrelas zuniam como pequenos insetos e, como num protesto, a madeira da nova pira quadrada vergou e crepitou ao pegar fogo. Dee observou os rostos das pessoas se contorcerem e dançarem à luz laranja das chamas. As pessoas de Prospect se juntaram em pequenos grupos, as mãos enfiadas nos bolsos. Algumas almas deram longas tragadas de garrafas e discutiram seus planos para o verão vindouro, mesmo que para Dee parecesse impossível que o mundo fosse derreter e ela fosse contemplar uma grama verdinha de novo.

Ela estava sozinha. Seu pai optara por manter aberta a lanchonete, e, embora as pessoas a reconhecessem, não a conheciam o suficiente para convidá-la a fazer parte de seus grupos. Ela observou algumas colegas de sua idade rirem para um menino de que gostavam, mas, quando a viram olhando para elas, ficaram sérias e o rosto delas se cobriu com uma máscara branca, e Dee rapidamente seguiu para o outro lado da fogueira, pensando em como, apenas alguns meses atrás, ela podia fazer parte daqueles

truques e planos de meninas. Ela chegou um pouco mais perto do calor da chama e se permitiu, por um breve momento, arrepende-se da morte da mãe e se perguntar o que ela teria feito nessa celebração, mas, antes que conseguisse chafurdar em suas próprias perdas, sentiu uma mão agarrar seu ombro e percebeu que Whit a encontrara, como haviam planejado.

— Vamos embora — disse ele — antes que as pessoas percebam que estou aqui. — Dee quase não o reconheceu. Ele estava usando um boné de vigia, como muitos dos outros homens, e um casaco escuro com capuz forrado de pele. Ele parecia tão pouco confortável que ela quase explodiu numa risada, mas seu estômago revirou só de pensar no esforço que ele fizera para estar ao seu lado. Ela se questionou de onde tinham vindo aquelas roupas, mas decidiu não perguntar nada. Com Whit, era melhor não saber os detalhes de um esquema maior.

Ele deixou-a colocar o braço em volta de sua cintura quando já estavam bem longe da fogueira e escondidos pelas sombras. Se alguém estivesse olhando, os dois poderiam ser qualquer casal. Tudo o que veriam seria a postura deles juntos e nada das coisas que os mantinham separados: a posição diferente na vida, o casamento dele, a diferença de idade. Eles caminharam pela beira do gramado sem falar nada e saltitaram até o pé de Plover Hill, para a pereira, seguros na escuridão. De quando em quando, uma faísca solta os sobrevoava, cintilando forte no início, para depois se tornar uma fraca cinza sem utilidade. Sem preâmbulos, Whit apoiou Dee contra o tronco da árvore e começou a desabotoar-lhe a calça.

— Abra um pouco mais as pernas. — Sua voz soou como um sussurro excitado na orelha dela e, por um instante, pareceu-lhe que ele lhe pedia para que abrisse o coração, então ela se esticou nas pontas dos pés e o deixou erguer sua coxa.

— Espere. — Ela tentou arrancar a mão dele de debaixo de sua perna, mas as coisas já tinham avançado demais entre eles, e Whit entendeu esse movimento como um convite para selarem o ato. Não foi desagradável, mesmo com a casca do tronco da pereira escoriando o traseiro dela num rosa profano, o que ele não via no escuro, mas que provavelmente teria gostado. Agradavam-lhe

resultados tangíveis, Dee estava aprendendo, fosse um vermelhão de amor no pescoço ou uma marca de dentes tatuada em sua macia barriga. Dee podia imaginá-lo desejando entalhar suas iniciais na pele dela como faziam na antiga pereira, chanfrando um coração em volta das letras e o cravando com uma flecha. O que era mais doentio é que ela provavelmente o teria deixado fazer isso.

Ela começava a desconfiar de que talvez estivesse envolvida um pouco demais. Recostou-se na casca da pereira, de olhos fechados, enquanto Whit arrumava a própria calça, e se imaginou guiando o pequeno carro esporte de Claire, as mãos cobertas numa luva de couro cara, o cabelo amarrado num enorme lenço de seda, exatamente como uma antiga estrela de cinema. Claire nunca usava o lenço daquele jeito, mas Dee, se tivesse um cabelo em chamas como o dela, tampouco o faria.

— Você ainda não contou a ninguém, não é mesmo? — A voz de Whit atingiu-a como uma pá pontuda que rompe a tranqüilidade da água. Dee abriu os olhos e fechou a camisa. Sob a luz da lua, o perfil do queixo de Whit era tão duro quanto a madeira atrás de suas costas, talvez ainda mais.

— Não. — *Sério*, ela teve vontade de perguntar, *a quem eu contaria?* Whit Turner talvez fosse mais rico, mais velho e bem mais educado do que ela, mas ainda era um homem e, como todos, segundo Dee, ele ainda pensava com o seu pênis.

— Ótimo. — Ele se inclinou mais perto dela e pressionou o lábio todo na base do pescoço de Dee. — Tenho algo especial para você — disse ele. Não tinham mais muito tempo sobrando, Dee sabia. Ela devia voltar depressa para casa e ajudar o pai na lanchonete. Whit abriu a mão dela e colocou algo ali, e, quando Dee baixou a cabeça, viu um medalhão de prata sem brilho na forma de coração. Ela o virou e atrás, em letras vistosas, havia um único W.

— Assim você não me esquece. — Ele riu. Dee franziu a testa. Comparada às outras coisas que ele havia balançado na sua frente ao longo das últimas semanas, aquele berloque parecia bastante miserável, como algo com que aqueles meninos da escola em Vermont a teriam presenteado, convencidos de ser tão valioso quando o chá na China. Por outro lado, nenhum deles nunca lhe

dera uma joia antes. Ela pegaria o que lhe fosse dado, pensou, e permitiu que Whit colocasse o colar em seu pescoço.

— Não faça essa cara — disse ele, levando um dedo ao queixo de Dee. — Este medalhão existe há mais tempo do que você e encontrei-o por acaso um dia desses. Tem significado para mim. Se eu a vir sem ele — a expressão dele ficou perversa —, serei obrigado a dar-lhe uma surra. Mas — ficou sério de novo — talvez fosse bom escondê-lo sob o uniforme durante o dia. Não gostaria que Claire o visse. — Isso fez com que Dee desse uma risadinha, mas Whit não riu com ela, em vez disso, pressionou com força o medalhão em seu peito. — Não estou brincando — disse ele. — Não o perca. E antigo.

Dee deu de ombros. Honestamente, não estava interessada nas velhas coisas com Whit, ela queria o novo.

— Achei que esta noite seria sobre o futuro — disse ela, num lamento. E de imediato percebeu que dissera algo errado.

O rosto de Whit se fechou como um punho cerrado.

— Quem lhe disse isso?

Ela engoliu em seco e tirou do rosto um fio de cabelo. Começava a tremer.

— O Sr. Weatherly — disse ela, vagamente. — Ele me contou que as Gilly costumavam queimar o sal para prever o futuro de todo mundo. — E ficou em silêncio; o segredo dos bebês que Claire não conseguiu gerar era um peso de difícil controle sobre sua língua. Whit a esperou terminar. — E agora não fazem mais isso — disse ela, pouco convincente.

Whit se afastou para que ela não visse o seu rosto.

— Você não sabe nada sobre o meu passado, Dee.

Em seguida, ele partiu, misturando-se com a noite. Mas não exatamente. Na verdade, ele não era tão cheio de truques quanto parecia. Primeiro, dava para ouvir o ruído de seus passos na neve, voltando para a colina junto de Claire; segundo, dava para ver o fraco brilho de suas mãos sem luvas sob a lua. E, por fim, o cheiro dele, saindo de Dee em longas e vagarosas camadas, como pedaços de papel que ela arrancara de um presente e que gostaria que durasse o máximo possível.



Ela limpou a calça jeans e se pôs a caminhar o longo trajeto de volta à Bank Street, relutante em trocar a paz da noite pelas luzes berrantes da lanchonete. Caminhou a passos cada vez mais lentos, mas, apesar de resistir, ela chegou antes de perceber, encarou as janelas inclinadas, a porta torta e, pior de tudo, a silhueta de seu pai, parado atrás do balcão como uma bandeira içada para uma luta, na qual Dee sabia não ter nenhuma chance.

SEMANAS DEPOIS DA FOGUEIRA, ela começou a ter muita vontade de comer castanhas de caju. Passou a carregar sacos lotados delas aonde quer que fosse, os bolsos saltados como as bochechas de um esquilo.

— Por que toda essa castanha? — perguntou-lhe Cutt quando mordeu mais uma daquela semente curvada entre os dentes no balcão da lanchonete. Ela tinha comido tanta castanha na última semana, que sua língua estava coberta com uma espuma meio esbranquiçada que não conseguia tirar ao escovar os dentes pela manhã.

Ela deu de ombros.

— Nada. Apenas gosto disso.

— Desde quando? Achei que gostasse mesmo era de hambúrguer e batata frita.

— Ainda como hambúrguer e batata frita — comentou ela. — E que agora também estou comendo castanhas.

Cutt olhou de esguelha para a filha.

— Você tem olheiras sob os olhos.

Dee cruzou os braços sobre o peito. Seus seios doíam, e ela estava ranzinza.

— Não tenho dormido direito.

— E por que esses trajes esfarrapados? Você andou brigando com um cortador de grama?

Ela olhou para baixo, para a sua calça surrada de cor cinza e veludo cotelê, e para o casaco azul-marinho com um furo na altura

do cotovelo.

— Estão limpos.

Cutt resmungou.

— Parece que foram *usados* para limpar. Vá vestir o seu uniforme. Está pendurado no armário de utensílios. — Enquanto se trocava, Dee fechou os olhos, e o queixo sério de Whit invadiu seus pensamentos, seguido pela lembrança das palmas carnudas de sua mão, a cavidade na base do pescoço e as ondas largas de músculo que se formavam nas costas dele. Havia um lugar entre as costelas onde Dee, se colocasse a palma da mão, conseguia sentir o coração dele batendo. Desde o dia da fogueira, eles continuaram a se encontrar, mas ele falava ainda menos do que de costume e não lhe dera nada desde aquele medalhão. O ambiente pareceu balançar um pouco sob seus pés e ela deixou escapar um leve arrote, fazendo-a lembrar de que deveria trocar de roupa. O pai a esperava com o esfregão, quando ela voltasse.

— Você não tem um namorado, tem? — perguntou ele, encarando--a, desconfiado. Gotas de suor invadiram a testa de Dee. Whit a advertira um milhão de vezes para que não deixasse ninguém saber o que os dois vinham fazendo, especialmente o pai; ele dissera isso enquanto pressionava a ponta dos dedos na parte macia e carnuda de seus braços. Quando ela tirou as mãos dele, ele deixara pequenas marcas. Na ocasião, Dee havia gostado disso, mas agora desejou conseguir se livrar da sensação. Começava a suspeitar de que, uma vez entregues, os presentes de Whit não eram tão fáceis de descartar, e não pensou que precisaria se preocupar com aquilo. Nunca lhe ocorreu que talvez ele lhe desse algo que não estivesse disposto a receber de volta.

— Não — respondeu ela, pegando o esfregão e evitando os olhos do pai. — Nada de meninos, não quero mais saber de meninos, para sempre. — Isso era verdade. Whit era um homem.

— Tudo bem, então — disse Cutt, dando as costas a ela. — Não sei o que os meninos iam querer com você. Você não é bem o tipo de menina com quem eles se casam, Dee.

Ela esticou o braço, pegou mais uma castanha e a mastigou ruidosamente. Considerando que estava grávida de um filho de

Whit, o matrimônio começava a ficar um pouco mais complicado para ela do que Cutt poderia sequer imaginar.

# 14

CLAIRE PRIMEIRO FICOU SABENDO dos problemas financeiros de Jo por meio de Whit, e, embora o pensamento da salina em ruínas não a afligisse nem um pouco, sua preocupação com Jo a pegou de surpresa.

— Mas para onde ela vai? — perguntou Claire quando Whit lhe contou que Jo tinha só mais três ou quatro meses na fazenda no máximo. Jo não era mais jovem. Não era velha, certamente, mas, com quase 40 anos, não era tão nova. Quem a empregaria? Principalmente quando tudo o que ela sabia era sobre sal.

— Isso não é problema meu — respondeu Whit. — Ela devia ter aceitado minha primeira oferta. Eu disse que ela poderia ficar lá se quisesse e só me vender a terra, mas ela praticamente cuspiu na minha cara.

Claire estreitou os olhos.

— Quando foi isso? — Ela sabia sobre Ida tentar comprar a fazenda, claro, e estava ciente de que Whit se interessava por aquele lugar havia anos, mas não sabia que ele tivera qualquer contato com Jo desde o enterro da mãe.

Whit acenou a mão.

— Não tem importância.

Claire disse num lamento:

— Não quero saber daquele lugar. Me casei com você para me livrar de lá! — Tão logo aquelas palavras saíram de sua boca, ela se arrependeu de tê-las dito.

O olhar de Whit ficou duro, e ele respondeu entredentes:

— E eu me casei com você para colocar minhas mãos lá.

Claire empalideceu.

— Do que você está falando?

— Ah, espere aí — rosnou Whit. — Não seja tão ingênua. Você não acha mesmo que entrei para a sua família por amor, acha? Não, eu admito. Achava você bonita, e nos divertíamos juntos, mas me

casei com você de olho na sua parte da salina. Mas a sua mãe idiota impediu que isso acontecesse ao reescrever o testamento.

Claire levou a mão ao pescoço.

— O que quer dizer com isso? — Sua voz falhou.

— Jo não é a única com problemas financeiros, Claire. Desde que voltei para casa depois de me formar na faculdade, venho tentando reverter a situação das propriedades da família, mas o negócio imobiliário esteve bem difícil nesses últimos anos. — Claire se lembrou do buraco vazio na parede, onde o retrato de Armistead Turner costumava ficar, do conjunto de pratos que estava faltando e do colar de diamantes de Ida que desaparecera. Ela engoliu em seco e ficou escutando enquanto Whit prosseguia. — Mamãe sempre disse que, se ela conseguisse ser dona do sal, conseguiria quitar suas dívidas. — Os olhos dele brilharam.

— Mas isso é ridículo — disse Claire. — Olhe para Jo. O sal não a ajudou em nada. O que faz você pensar que conseguiria cuidar melhor do lugar?

Whit estufou o peito.

— Porque sou um Turner, só por isso. Jo, sua mãe e as outras mulheres antes delas sempre tiveram o sal para respaldá-las. Todos sabem disso. Por isso as Gilly sempre foram temidas. Ninguém queria se casar com elas quando tinham a natureza ao seu lado. Mas eu não tive medo. Me casei com você, não foi? Quando o sal estiver em minhas mãos, tudo vai se reverter. — Ele deu um passo para a frente e agarrou com força os ombros de Claire. — E melhor não ficar no meu caminho, estou falando sério.

Claire sacudiu a cabeça, tentando se livrar das garras doloridas de Whit.

— Se está tão quebrado, o que vai usar para comprar o lugar? Um conjunto de pratos não vai ajudar muito, mesmo se a terra for barata. — Ela pensou no retrato de Ida, que tanto odiava, pendurado sobre a escada. Se tivesse sorte, Whit venderia aquilo, mas, por algum motivo, achava isso improvável. Para começo de conversa, Ida era a culpada por aquela confusão.

Whit colocou o rosto perto do de Claire.

— Se tiver de me desfazer deste lugar para colocar as mãos na Fazenda Salt Creek, eu o farei. Valeria a pena.

Claire finalmente conseguiu soltar um dos ombros das mãos de Whit e agitou a trança, encarando-o. Whit nunca a amara, e ela tampouco o amara. Estavam empatados.

— Você só irá comprar aquela salina se passar por cima do meu cadáver — disse ela, tentando se manter tranqüila e impedir que a voz tremesse.

Whit sorriu, mas não com os olhos e com as maçãs do rosto. Ele tirou a outra mão do ombro dela, deixando aquele lugar na pele de Claire gelada.

— Não me provoque — disse ele.

COM MUITA TRISTEZA E CAUTELA, Claire colocou uma segunda colherada de açúcar em seu café e o mexeu. Era o comecinho da primavera, a primeira semana da quaresma, e, quando a manhã raiou, Claire supôs que o céu ficaria tão encantador como um cantil de estanho amassado.

Ela estava sentada no fundo da lanchonete Lighthouse e, como de costume, era a primeira cliente do lugar. Olhou através da janela da frente e foi confrontada pelo próprio reflexo: um fantasma sério e desanimado numa superfície sem vida. Ela moveu os olhos para a mesa, mas, então, com um nó no estômago, ergueu os olhos de novo e piscou para ter certeza de que nem seus olhos, nem seu coração a estavam enganando. E não estavam. Do lado de fora, na Bank Street, viu Ethan Stone marchando na direção da lanchonete.

Seu coração começou a bater tão forte e alto que ela pensou que ele fosse rachar o vidro, então se encolheu no assento. Ela observou Ethan tremer e apertar com mais força o casaco, como tentando se defender do intrépido vento da primavera. Ele parecia mais velho do que Claire esperava, o cabelo muito curto, os lábios mais definidos. Parecia também entorpecido, desanimado e faminto, e Claire imediatamente percebeu que a imagem de Ethan no vidro ainda lhe

tocava o coração. Ela se sentou um pouco mais ereta e o observou enquanto ele considerava a Lighthouse, ainda sem saber sobre a presença dela ali. Ela tinha esperanças de que ele não entrasse — não estava pronta para encará-lo, muito menos em público —, mas o frio avançou e ele ingressou porta adentro, disparando a campainha.

Ethan abriu o casaco e tirou a neve das botas. Olhou em volta, para a fileira de ganchos de metal à esquerda da porta, e então viu Claire encolhida num assento. Ficou paralisado, tão assustado quanto ela, mas então sorriu, e Claire viu, para seu grande desespero, que a luz dos olhos dele era a mesma de sempre.

— Posso? — Ele apontou para o banco na frente dela, e ela hesitou.

— Oi, Ethan — conseguiu finalmente dizer-lhe. Ela o observou corar e arrumar a faixa em volta do pescoço. Tinha curiosidade em saber se a pele ficava com um vazio e em carne viva quando ele tirava a faixa de noite. Talvez fosse um alívio colocá-la de volta todas as manhãs. Em seguida, ela se repreendeu por ter qualquer tipo de pensamento com Ethan de noite.

— Claire — disse ele numa voz baixa e áspera, e estendeu-lhe a mão. Quando ele encostou a palma sobre a pele dela, ela quase ficou sem ar, pois, com aquele toque, os anos que se passaram desapareceram. Se Claire tivesse fechado os olhos naquele momento, teria jurado que tinham 18 anos de novo e estavam prestes a se abraçar sob a pereira entalhada.

Ela ergueu os olhos e viu Cutt os observando de trás do balcão da lanchonete. Ele passava um tempo excessivo, Claire reparou, tardando--se no caixa quando não estava na cozinha, sempre para se inteirar das notícias da cidade, suspeitava ela, muitas das quais a envolviam. Ela tirou os dedos da mão de Ethan e os colocou de novo sobre a mesa, inocentes e solitários. Seu anel de diamante absorveu a luz, um círculo resplandecente, tão brilhante quanto as luzes de um farol.

Ela colocou as mãos sobre o colo.

— Sinto muito pela morte de seu pai — disse ela, embora fosse mentira. Ninguém na cidade sentira a morte dele, nem mesmo o tio

de Ethan, Chet, que assumira o barco de Merrett e dobrara a renda na época de pesca.

Ethan suspirou.

— Obrigado. Talvez o oceano sinta falta dele, mas duvido que alguém sinta mais por aqui. Meu tio está indo bem. Vive me oferecendo o antigo trabalho de volta. — Claire corou, e então Cutt surgiu com um cardápio e esperou ao lado da mesa, enquanto Ethan contemplava suas escolhas.

— Quero panquecas — disse ele por fim, e Cutt anotou o pedido com o temperamento de um homem que se banha em vinagre e lava os pés com detergente.

— Mandarei Dee trazer o café — vociferou ele.

Ethan agradeceu-lhe com um sinal de cabeça, e Claire reparou algumas gotas de suor na linha de seu cabelo. Agora adulto, ele se parecia bem mais com o pai do que antes, mas seus trejeitos eram o oposto dos de Merrett. Os movimentos de Ethan eram circunspectos, quase formais. Até o jeito de ele piscar parecia ponderado, como se a cada movimento ele se recordasse de que não era dono de si mesmo.

Ele olhou em volta da lanchonete, reparando em todas as mudanças, então franziu a testa.

— O que aconteceu com todo o sal? — perguntou.

Claire corou, mas, antes que pudesse responder, a filha com ossos de boi de Cutt chegou com um bule de café pela metade, inclinado numa das mãos, e um prato de panquecas na outra, a boca aberta numa letargia nada atraente. Claire queria sair de detrás da mesa e fechar a boca da menina com as mãos, mas não adiantaria nada, suspeitou. Tudo na garota era tão solto que chacoalhava, inclusive seu cérebro. Dee se inclinou para completar a xícara de Claire e, acidentalmente, derrubou um pouco de café na manga dela, e a boca se abriu ainda mais enquanto observava a mancha se espalhar.

— Não se preocupe com isso — disse Claire, dando leves tapinhas sobre a mancha com um guardanapo. — A camisa é velha. — Ela olhou para as feições comuns de Dee. Não era bonita, um rosto sem graça demais para isso, mas conseguia enxergar que



havia algo em Dee que deixaria um homem com desejo de arrancar a sua roupa e vê-la de corpo inteiro. Ela colocou a mão no pulso da menina.

— Sei que não seria tola de estragar minha roupa de propósito, não é, querida? — Dee ficou escarlate, mas não respondeu nada, e Ethan pareceu chocado com a rudeza de Claire, mas ela não se importava, estava decidida. Doze anos era bastante tempo. Ethan não podia imaginar que às vezes, em momentos como aquele, por exemplo, ela se sentia mais uma Ida Turner do que a menina de coração partido que ele abandonara sentada na areia. Claire esperou até Dee sair com seus passos pesados, o quadril largo balançando, e então se inclinou para a frente e abaixou a voz.

— O que o fez voltar? — perguntou. Ele abriu os olhos e piscou de novo em seu novo jeito seguro e irritante, e Claire se viu de repente feliz de tê-lo privado do gosto familiar do sal de sua família. Talvez a falta dele o fizesse lembrar de todas as coisas que ele não poderia mais ter.

Ele largou o garfo e balançou a cabeça.

— Não sei muito bem, para ser honesto. Não foi ideia minha. Padre Flynn me ligou em casa, e meus superiores aprovaram o seu pedido.

O estômago dela relaxou um pouco. Sua volta não tinha nada a ver com Deus ou com ela, mas apenas com o temperamento volúvel dos homens. Claire colocou a xícara de café sobre a mesa e espalhou bem a palma das mãos sobre o grosso couro do assento. Quando as tirou, elas deixaram marcas de suor. Ethan olhou para ela e sorriu, e seus olhos pareciam mais azuis.

— Você ainda vai à igreja, Claire? — perguntou.

Ela se afastou no banco, o coração um pouco mais acelerado, de repente ciente do quão escuro era o vigamento da porta, do quão denso estava o ar, e de Dee espiando do caixa, com a cabeça erguida na direção deles.

— Whit e eu vamos. — Ela falou um pouco mais alto para que Cutt e sua filha lerda escutassem. — Você nos verá no domingo.

— Ela sabia que Ethan estava aguardando para ver se ela mencionaria Jo, mas já haviam se passado 12 anos desde que o

nome da irmã saíra de sua boca, e ela ficaria surpresa se Ethan Stone fosse a primeira pessoa a escutá-lo.

Havia tanto que não sabia a respeito de determinado momento de sua vida, pensou Claire, isto é, sem levar em conta o peso do passado em seu futuro. Naquele instante, sentada de frente para Ethan de novo, começou a suspeitar de que as fileiras organizadas de sua vida eram um pouco mais seguras que dominós enfileirados num chão empenado. Ela empurrou a xícara para o centro da mesa e se levantou. Do lado de fora da janela, podia ver Icycle batendo as patas e exalando um hálito quente. Seu peito parecia estar carregado de tijolos, e sua voz saiu mais alta que de costume.

— Preciso ir.

— Espere. — Ethan tentou colocar a mão sobre a dela, mas ela a tirou bem a tempo. Não se virou para olhar enquanto ele a seguia até lá fora. — Santos e pecadores — murmurou baixinho, e observou Claire montar em Icycle e enfiar a trança sob a blusa nas costas. Antes que ela pudesse sair para o lado na rua, Icycle relinchou e empinou, jogando as pernas dianteiras para a frente, e quase atingindo o peito de Ethan.

— Icycle! Não. — Ela se balançou na sela, então puxou as rédeas e o trouxe para baixo, para as quatro patas. Outra vez teve de tentar contê-lo, comprimiu as coxas sutilmente, e ele logo se acalmou, bufando e tremendo sob ela. — Sinto muito — disse a Ethan. — Ele não costuma ficar assim. Está tudo bem com você? — Sua língua parecia inchada, presa atrás de seus dentes. Ele fez que sim com a cabeça, mas, antes que pudesse falar qualquer coisa, os olhos dela reluziram. — Deveria tomar mais cuidado. Prospect já não é mais tão parada como costumava ser. Carros surgem do nada agora, especialmente no verão.

Ela podia sentir que havia muito mais que Ethan gostaria de dizer, mas não teve vontade de lhe dar essa chance. Bateu as rédeas do cavalo e partiu de volta para Plover Hill, de volta para o seu marido e seus hábitos austeros, de volta para os quartos silenciosos e para o tique-taque do relógio no corredor de cima, de volta para uma vida amarrada ao casamento, que nunca esperava ter feito, mas que agora não tinha como voltar atrás.

WHIT E CLAIRE ESTAVAM a caminho da primeira missa de Ethan na St. Agnes quando ela encontrou um brinco, que não era seu, no carro. Estavam atrasados e Whit dirigia a toda a velocidade, fazendo manobras violentas, algo que Claire odiava.

— Dá para ir mais devagar? — implorou ela, mas Whit a ignorou, então ela levou a mão ao painel e ligou a música, mas então hesitou. Os olhos se concentraram em algo brilhante, preso entre o seu banco e o meio do console.

Com uma rápida olhada de soslaio, para checar se Whit estava olhando, ela pegou um brinco simples de argola, não muito grande, não muito caro, que com certeza não era seu. Ela o deixou reluzir na palma da mão por um instante e então o colocou no bolso antes que Whit tirasse os olhos do caminho. Durante todo o trajeto, manteve o rosto tranqüilo, embora pensamentos assassinos estivessem se revolvendo em sua cabeça. Descobrir sobre as infidelidades do marido não era nenhum pecado, Claire sabia muito bem, mas o desejo de matá-lo provavelmente era.

Ela recostou a cabeça no banco de couro do carro e desejou estar em casa, usando a sua calça de montaria mais macia e o grosso casaco de lona, coberto com um lenço surrado. Soltaria os cabelos daquele coque complicado e o prenderia numa trança. Com uma das mãos, pegaria um chapéu velho de montaria e, com a outra, um par de luvas, e então escancararia a porta da cozinha e deixaria o ar da primavera queimar seu rosto. Em vez disso, ela deixou Whit abrir-lhe a porta do carro quando chegaram à St. Agnes. Ela desceu, alisou a saia e seguiu pelos degraus da igreja da mesma forma que fizera centenas de vezes. Ajoelhou-se ao lado dele, cruzou as mãos com uma paz ilusória e baixou a cabeça, o retrato da boa conduta.

A missa se deu como um sonho, e Claire a assistiu em meio a uma calma terrível. Faces sempre revelavam muito quando estavam submersas em veneração, pensou, especialmente quando o novo padre era jovem e belo, e todos sabiam que era apaixonado pela mulher mais rica da cidade. *Era*, pensou Claire. Ninguém a amava

agora, ao que parecia, nem o marido, e não eram nem de perto tão ricos quanto todos pensavam. Ergueu a cabeça e se obrigou a acompanhar Ethan na oração.

Ele tinha uma expressão distante, como se a relação espiritual com Deus apagasse todas as suas preocupações mundanas. Em contraste, do outro lado de Claire, Cutt Pitman rezava como o homem da Marinha que ele fora, com as mãos bem fechadas uma na outra, o pescoço inclinado nos protocolares 45 graus, e Dee estava ajoelhada à esquerda dele. Um raio de luz atravessou-lhe a face por acaso, transformando suas feições ordinárias em abençoadas, e então, rapidamente, recobrou a normalidade. Ela ergueu a cabeça e notou que Claire a fitava, e baixou os olhos, corando uma de suas manchas irregulares e repulsivas.

Ao lado de Claire, Whit rezava com sua costumeira determinação arrogante. Em vez de cruzar ou intercalar os dedos, mantinha as palmas da mão abertas ao lado dele, como se desafiasse o destino a buscá--lo. Até então, isso não havia ocorrido. Naquele dia, ele estava vestido num casaco de caxemira que Claire lhe dera no último Natal e numa elegante calça de lã. Tinha um leve sorriso no canto da boca, como se ele, e somente ele, ouvisse as boas notícias de Jesus e as achasse mais do que satisfatórias. Claire apertou os dedos em volta do desconhecido brinco de argola no bolso e se controlou para não dar um soco em seu marido.

— Por favor, sentem-se — disse Ethan, e, com um rumor, os paroquianos se acomodaram. No altar, Ethan tinha uma aparência solene em suas vestimentas. Ele encontrou os olhos de Claire, abriu um leve sorriso, e ela se virou no banco. À sua direita, o mural da Nossa Senhora do Sal Perpétuo pareceu alumiar-se com o leve raio de sol primaveril, e Claire franziu o cenho e desviou o rosto.

Depois de a missa ter acabado, Ethan ficou de pé na saída, no antigo lugar do padre Flynn, cumprimentando cada um de seus fiéis. Quando chegou a vez de apertar a mão de Claire, ele a segurou com um pouco mais de força do que deveria. O centro de sua mão estava quente e intenso, e Claire se controlou para não esquecer os dedos ali, protegidos. Rápido demais, Ethan largou sua mão e se dirigiu a Whit.

— Belo sermão, padre — disse Whit e, em seguida, colocou a mão no cotovelo de Claire. Depois dos dedos de Ethan, a mão dele parecia tão cortante quanto o frio de janeiro. Claire reparou que Cutt a observava de esguelha e prendeu a respiração, com a esperança de que ele não dissesse nada sobre seu encontro do outro dia com Ethan na lanchonete. Ela ficou aliviada quando ele se deslocou para a lateral da igreja com Dee e foi conversar com a Sra. Butler, que estava ansiosa por saber das últimas fofocas, mas surda demais para compreendê-las direito.

— Olá, Ethan — disse ela. Havia tomado um cuidado especial com a roupa naquele dia, escolheu um casaco de caxemira que sabia combinar com seus olhos e uma saia de tweed que cintilava nos quadris. Em vez de saltos, vestiu as botas lustradas de sempre e havia torcido o cabelo num coque, o qual ajeitava agora. Durante toda a missa, sentira os olhos de Ethan nela. Ele a encarou quando Claire fechou os olhos para rezar o

Pai Nosso e quando tomou o vinho da comunhão. Quando, por fim, encontrou o olhar dele, estava tão claro e penetrante que era quase cirúrgico. Ele ainda podia ver dentro de seus olhos, percebeu Claire, e ela se questionou se conseguia fazer o mesmo com ele. Esperou até Whit se juntar a Cutt, do outro lado da igreja, para então se virar para Ethan.

— Você estava me observando durante a missa. — Ela falou tão baixo que somente ele podia ouvi-la. Ele corou por toda a lateral do pescoço, e Claire se controlou para não acariciá-lo naquela região, como costumava fazer.

— E que parece tão diferente de quando a encontrei na Lighthouse.

— Ele parou, e Claire sabia que ele estava se referindo a quão diferente ela ficava na presença de Whit, e ela mordeu a parte de dentro da bochecha, na esperança que ele não fosse mencionar o nome do marido. Ele não o fez, mas, em vez disso, perguntou sobre Jo. — Como está sua irmã? Estava pensando em lhe fazer uma visita. Fiquei sabendo que ela não vem mais à missa. Tio Chet disse que as coisas estão muito difíceis para ela ultimamente.

O coração de Claire deu uma pontada no peito, como sempre fazia ao ouvir o nome da irmã. Ela aspirou ruidosamente pelo nariz.

— Estou certa de que já sabe que não estamos mais conversando — disse ela, com uma carranca para Ethan. — Se quiser se dar bem por aqui de novo — acrescentou ela, os lábios frios —, é melhor aprender a transitar entre as Gilly e os Turner, Ethan Stone, e é melhor se lembrar disso rápido.

Ethan se aproximou tanto dela que Claire pôde sentir o cheiro da suave gaultéria em seu hálito.

— Qual é você hoje em dia? — perguntou ele, e Claire hesitou.

— Turner, suponho. Pelo menos de acordo com minha certidão de casamento. — Um silêncio constrangedor pairou entre eles. Era enlouquecedor ter Ethan bem na frente dela em trajes religiosos, tão perto e ao mesmo tempo tão marcado por sua vocação, que só de pensar nele em termos carnis era um pecado, ela tinha certeza. Ela se perguntou se a sua fé realmente lhe pertencia ou se era algo que ele vestia quando melhor lhe convinha, como sua batina branca. Lambeu os lábios, virou-se de costas para ele e foi embora, torcendo um fio de cabelo solto entre os dedos. *Valeu realmente a pena ter me abandonado por isso?*, ela teve vontade de perguntar.

DURANTE TODA A SEMANA, Claire participou com furia de sua reunião de comitê; participou até daquelas de que não fazia parte.

— Mas você não faz parte das Ajudantes do Jardim — comentou Agnes Greene quando Claire apareceu para o chá anual.

— Agora faço — respondeu Claire, roubando a cadeira que ela imaginou ser de Agnes, a qual lhe deu um sorriso de amigas socialites.

Agnes se sentou ao lado de Claire e rangeu os dentes.

— Claro, estamos *muito felizes* por tê-la entre nós — disse ela, afetada, então se virou para a mulher à sua esquerda pelo restante do tempo.

Como as obrigações cívicas não acalmaram os nervos de Claire, ela montou o pobre Icycle com mais força do que nunca, submetendo-o a uma série punitiva de pulos e galopes na pista. Ele fazia tudo o que ela pedia sem reclamar, o que a fazia se sentir ainda pior. Para compensar, ela passava mais tempo o penteando e dando-lhe comida. Ela cogitou ir se confessar, mas deixou isso de lado. Contudo, o domingo e o seu pavor de encarar Ethan outra vez assomavam à sua frente, sem falar em todas as perguntas que tinha a respeito daquele brinco que havia encontrado no carro de Whit. Deveria confrontá-lo? Deveria esperar para descobrir mais evidências? Ela estava mais do que certa de que havia alguma.

Antes que pudesse se decidir, um forte vento a despertou. Era noite de sexta-feira, e ela e Whit tinham estado numa festa no clube, e Claire bebera muito vinho. Ela acordou assustada na cama, as cobertas na altura da cintura e, instintivamente, esticou o braço em busca de Whit, mas suas mãos não encontraram nada. Ele não estava. Por um momento, ela sentiu medo, mas, depois, ficou muito furiosa. Sem dúvida alguma, ele partira às escondidas para se encontrar com a prostituta com quem vinha saindo. Ela imaginou uma mulher de seios fartos e longas pernas flexíveis ou, talvez, uma mulher que tinha sempre uma aparência meio suja, como se precisasse lavar os cabelos. Com certeza alguém que rebojava o quadril ao caminhar e sorria devagar demais de propósito.

Claire se recostou nos travesseiros e tentou dormir de novo, mas foi inútil. Uma lua cheia estava jorrando luz iodada sobre o piso e o vento, fazendo uma sinfonia com todos os cantos soltos do mundo. Uma coruja piou ao longe e depois de novo, e Claire prestou mais atenção. *Não, não é uma coruja*, suspeitou ela, mas definitivamente

algun animal, em pânico. *Icicle*, pensou, seu coração cada vez mais acelerado.

Ela se levantou e desceu a escada, sem se dar ao trabalho de acender as luzes. Depois de 12 anos, sabia andar na Casa Turner de tão bem que a conhecia e, ademais, a lua estava bastante clara. Vestiu um casaco grosso, enfiou os pés em um par de galochas e então abriu com tudo a porta do hall, aguçando os ouvidos para escutar o barulho de novo, e ali estava

— um gemido destoante como o de uma raposa ferida. Ela prendeu a respiração e prestou mais atenção, e percebeu que vinha do estábulo.

— Whit? — chamou ela na escuridão, mas não houve resposta. Ela o xingou enquanto arrastava os pés até o estábulo para ver *Icicle*. Que tipo de homem deixava a esposa dormindo por causa de outra? Será que ele estava saindo por aí por causa dos bebês que Claire perdera? Quando o encontrasse, tinha a intenção de lhe perguntar tudo isso e mais, e depois lhe diria algumas coisas suas também.

Ela se aproximou do estábulo e estava prestes a sair das sombras quando notou duas coisas. Primeiro, as luzes de fora estavam acesas. Segundo, a parte superior da porta de duas madeiras horizontais estava virada para baixo, como uma moeda que fora arremessada. Ela esquadrinhou o estábulo escuro em busca de *Icicle*, mas não encontrou nada, e então seguiu adiante para fechar a porta. Antes que a alcançasse, vozes cada vez mais altas de duas pessoas a pararam. Uma delas era de Whit.

— Você tem de fazer! — obrigou ele. — Não tem escolha.

Uma voz feminina em pânico respondeu, entre uma forte respiração de pavor:

— Poderíamos fugir! Poderíamos ir a algum outro lugar e começar tudo de novo. Por favor, eu não planejei isso. Não tenho para onde ir. Meu pai acabou de me expulsar de casa.

— Cale a boca — disse Whit, sua voz cheia de irritação. — Não vou a lugar algum com você e muito menos vou deixar que uma vagabunda como você manche o meu nome. É a única coisa de valor



que me resta. Se estragar isso, arruinará tudo. Não vou lhe dar essa chance, está me ouvindo?

— Achei que quisesse — Dee tentou dizer, mas as palavras falharam.

— Não desse jeito. Não com alguém como você — retrucou Whit e, então, suas palavras sumiram, e Claire não escutou mais nada, apenas uma luta corporal e um terrível silêncio opressivo.

Ela caminhou nas pontas dos pés até a soleira aberta e espiou na escuridão; piscou os olhos e, em seguida, viu Whit abraçado a uma jovem. Mas havia algo de errado. A garota não estava se mexendo. Claire se aproximou devagar e notou que um dos pés da menina deslizava sob ela e, então, percebeu que a menina estava asfisiada. E quem a asfisiara fora Whit.

Claire não conseguia explicar o que lhe acontecera depois, senão dizer que ela finalmente sentira o que Jo deve ter sentido quando a arrancou do incêndio. Era como se estivesse queimando viva, a pele tão quente que sentia calafrios, e não havia nada em seus ouvidos exceto o crepitar da fumaça. Ela dobrou os braços e os músculos tremeram. Lá no fundo, a verdadeira Claire se curvou e esperou para ver como seria essa nova versão de si mesma.

Ela fez isso sem pensar — agarrou uma pá no canto e volveu-se direto na direção de Whit, os braços levantados e um berro que não reconheceu rompeu-lhe os lábios. Naquele momento, ela era somente uma Gilly de novo: cabelos ruivos, com fúria por sangue, mira perfeita e nada a perder.

Assustado, Whit largou a menina, que despencou em seus pés. Ele se virou para encarar Claire, esquivando-se para a esquerda bem quando ela o atingiu na nuca com a ponta da pá. Ouviu-se um estalo repugnante do metal sobre o osso e, então, um segundo baque quando Whit desmoronou; gotas de sangue escorriam-lhe pelo ouvido. Claire ficou de pé na frente dele, questionando-se se devia prosseguir com aquilo ou não, mas a menina de repente respirou fundo e mexeu as pernas, e só então Claire viu que se tratava de Dee Pitman, da lanchonete Lighthouse. Ela mal tinha 18 anos, se é que tinha tudo isso.

— Graças a Deus — disse ela, apoiando-se num cotovelo e, em seguida, fechou os olhos e caiu para trás de novo sobre o assoalho.

Icicle relinchou e se mexeu na baia, agitado pelo tumulto. Com aquele barulho, Claire voltou a si, tornando-se uma Claire Turner de novo, tão impassível quanto estivera na manhã de seu casamento, quando escrevera o nome Turner pela primeira vez no meio de seu coração e alma. E a partir daquele momento até então, ela havia confrontado tudo. Agora, no entanto, estava feliz por isso. Facilitou-lhe muito que ficasse em pé, sobre os corpos do marido e da amante caídos, um dos quais ela queria assassinar e o outro acreditava que talvez já o tivesse feito.

Ela se agachou e apertou o dedo no pescoço de Whit, aliviada por sentir seu pulso batendo e, em seguida, concentrou sua atenção em Dee, que ainda estava imóvel. Os olhos pareciam machucados e o lábio, inchado como uma ameixa. Claire pisou em Whit e se ajoelhou na frente de Dee.

Ela ergueu os olhos para Claire, o nariz coberto de muco, os olhos tão confusos quanto os de uma criança.

— Sinto muito — disse ela. — Nem sei o que fazer. — Bem, ela era uma menina, pensou Claire. — Não posso voltar para casa — chorou Dee. — Não agora.

Claire suspirou. Ela sabia muito bem o que significava não poder voltar para casa e, francamente, era uma história da qual já estava enjoada. Na escuridão, Icicle bateu a pata com força e relinchou, como se para chamar-lhe a atenção.

— Fique aqui — sussurrou ela e apoiou Dee na parede do estábulo.

— Não se mexa — acrescentou. Tirou Icicle de sua baia, pegou uma coberta, as rédeas e a sela e, em seguida, colocou o freio na boca do animal e cilhou a sela com bastante força.

— Coloque o seu pé aqui — disse ela a Dee, conduzindo os dedos dela para dentro do estribo. — Apoie-se em mim e jogue sua perna para cima. Agora, sente-se direito. — Dee o fez com os olhos arregalados, mas obedientes, enquanto Claire também subia na garupa de Icicle.

— Segure firme — disse Claire, e cutucou o cavalo para tirá-lo do celeiro. Começaram descendo Plover Hill e pegaram velocidade quando já estavam lá embaixo. Era bem mais tarde do que pensava Claire e, muito em breve, o sol iria nascer. O céu já tinha naquele momento a aparência indefinida e obscura que sempre tem antes de irromper numa manhã plena.

Ela enfiou os saltos nos flancos do animal, e ele seguiu a meio--galope. Claire sentiu Dee apertar as pernas para não cair. Dee não perguntou para onde estavam indo, e Claire também não lhe contou, mas os açudes de sal as estariam esperando, ela sabia, brilhando na madrugada como o grosso véu que usara no rosto em seu casamento e com o qual se viu enroscada desde então, na pobreza e na riqueza, na saúde e na doença, até que a morte levasse um dos dois. Por favor, Deus, rezou ela enquanto se movia rapidamente através do que restava da noite, que não fosse ela.

# 15

Foi o MIADO ABAFADO de um daqueles malditos gatos da salina que despertou Jo, mas foi o barulho de casco de cavalo sobre a lama que a tirou da cama. Mal tinha amanhecido, porém, as gaivotas primaveris já voavam com toda a força e rapidez. O vento mudara de direção durante a noite e, toda vez que isso acontecia, Jo sabia, os pássaros eram sempre os primeiros a se pronunciar.

Ela não podia dizer que ficou surpresa ao ver o perfil delgado do cavalo branco entrando na salina. Estava acostumada a ver Claire cavalgar até ali em plena luz do dia. Havia cerca de seis anos, Claire começara a se aproximar pelo lado das sepulturas. Jo sabia das visitas da irmã e das pequenas pilhas de sal que ela, algumas vezes, deixava sobre o túmulo de Henry, do mesmo jeito que a mãe lhes havia ensinado. Jo não gostava disso, mas não acreditava que poderia detê-la. Algumas coisas estavam além da discórdia humana.

Mas, naquela manhã, Claire não guiou o cavalo para a fronteira da salina como normalmente fazia, e não havia apenas uma silhueta sobre a garupa do animal, mas duas. A luz estava indistinta e fraca, na verdade, e o vidro da casa da fazenda era velho e manchado, mas Jo não acreditava que estivesse enganada em acreditar no que via. Ela observou o cavalo diminuir a velocidade e se aproximar da casa, e duas mulheres descerem dele, uma depois da outra, os braços em volta das cinturas como duas pessoas que se amam, mas Jo sabia que isso não seria possível, pois Claire era uma mulher que amava apenas a si própria.

Jo se afastou da janela e prendeu o fôlego na esperança de que a visão da irmã fosse desaparecer, mas ela se aproximava cada vez mais. Ela podia escutar pés sendo arrastados com dificuldade pelos degraus da varanda e suspirou. Se o problema chegava na forma de um estranho, a mãe sempre disse, então a aparição de um ente querido, que esteve muito tempo ausente, era ainda pior. A própria calamidade lhes era intrínseca como as listras num gambá.

Claire bateu à porta, e Jo considerou a opção de se esconder. Olhou rapidamente para o armário no canto distante do quarto e, em seguida, para o canto entre o relógio do avô e o sofá debaixo da escada, mas Claire era como o maldito tempo. Não havia como fugir dela, não havia como mudá-la, e seria pura estupidez tentar evitá-la. Com Claire, um indivíduo estava sempre mais seguro se preparado para uma crise, e ele que esperasse para ver o que aconteceria. Jo escutou um forte tropeção e, então, um baque ainda mais forte.

— Que droga, Joanna! — gritou Claire. Depois de 12 anos, a voz dela era ainda mais impetuosa do que Jo se lembrava. — Sei que está na escada. Estou vendo você. Desça aqui e me ajude!

Jo respirou fundo, enchendo-se como uma vela de navio, e desceu, pensando que tinha a situação mais ou menos sob controle. Mas, ao chegar lá embaixo, não estava preparada de jeito nenhum para o que encontrou. Na entrada, viu Claire agachada sobre um amontoado de Dee Pitman inconsciente.

Jo empinou a cabeça. A escada estava escura, e ela só via com um dos olhos, mas Claire não parecia alguém que tivesse optado por cortar-se na raiz e voar livremente. Vestia um casaco pesado sobre sua camisola de algodão e galochas, e, com suas tranças soltas nas costas, parecia ter 18 anos de novo.

— Me ajude — ordenou ela, e Jo se aproximou devagar, já arrependida de estar se envolvendo, mas o que mais ela poderia fazer? Quando a vida lhe jogava uma sujeira na porta, era preciso pegar o esfregão e começar a limpá-la.

— Deixe comigo — disse ela, ajoelhando-se para colocar o braço bom sob a cabeça de Dee, e soltou um pouco o lenço da garota. Ela assoprou em uma das bochechas da menina até as pálpebras se mexerem e, em seguida, apoiou a cabeça dela outra vez e se afastou, antes que recuperasse totalmente a consciência. Jo não sabia o que Dee estava fazendo ali na sua casa, mas isso não lhe dizia respeito. Que Claire lidasse com aquilo.

— Droga — resmungou Deirdre, e se virou de lado. — Que merda!

— *Encantador*, pensou Jo. Dee se apoiou sobre um cotovelo e olhou para ela sem compreender nada. — Onde estou?

Claire se aproximou, a camisola esvoaçando sob o casaco.

— Minha irmã vai buscar um pouco de água para você, se quiser.

*Perfeito*, pensou Jo. Ali estava Claire de volta havia menos de cinco

minutos e já dando ordens.

Deirdre respirou fundo e arregalou os olhos, apavorada.

— Você me trouxe para a Fazenda Salt Creek?

Claire suspirou.

— Não sabia o que fazer com você. Disse que não podia voltar para casa, que seu pai a havia expulsado, lembra?

Dee rolou para o lado por um momento, então se atirou sobre mãos e joelhos como um gato. Sentou-se sobre os joelhos e piscou os olhos.

— Então você me trouxe para cá?

Claire fungou.

— Este lugar é tão bom quanto qualquer outro e, além disso, a cavalo dado não se olham os dentes.

Jo interveio.

— Mas o que  *você*  está fazendo aqui, Claire? — Se elas iam jogar o jogo de perguntas e respostas, Jo não achou justo que Dee fosse a única a ser submetida àquela situação desconfortável. Claire apenas mastigou um pedaço de cabelo e não respondeu nada, então Jo se virou para Dee. Ela tinha um olhar determinado, reparou, e o modo como sua boca se comprimia nos cantos dizia que Dee sabia mais sobre momentos difíceis do que sugeria a sua idade. — Quantos anos você tem, afinal? — perguntou. Jo achava que se lembrava de o pai dizer-lhe que a filha era bem nova.

Os lábios de Dee estremeceram.

— Dezoito na semana passada.

*Um bebê*, pensou Jo.

— Por que não pode voltar para casa? — Jo imaginou os antebraços tatuados de Cutt e o cabelo com corte militar. Ele parecia se mover apenas em linhas retas. Jo não conseguia pensar em uma coisa suave naquele homem, e não sabia qual era o problema de Dee, mas também não ia querer voltar para uma casa para viver com ele, pensou.

Deirdre esfregou a lateral do pescoço, desamarrando o lenço, e Jo viu manchas roxas começando a se espalhar em sua pele. Ela era uma menina que tropeçava na palavras, silenciava uma depois da outra, como se estivesse aproximando um ventilador da garganta, mas não tinha importância. Sua língua podia ter sido untada com o mel do firmamento, mas não haveria uma maneira boa de falar o que estava prestes a dizer. Ela uniu as mãos na forma de uma bola pequena, a única coisa em ordem nela.

— Estou grávida. É de Whit. Mas — ela enxugou uma lágrima — ele não me quer e não quer o bebê. Ele quer se livrar de nós dois.

Jo supôs que não deveria ficar surpresa — até os cordeiros tinham filhotes —, mas Claire deu um berro. A princípio, Jo pensou que era por causa da notícia, mas então ela seguiu os olhos da irmã e viu o colar em volta do pescoço de Dee. Era um medalhão na forma de coração, pendurado numa corrente de prata e gravado com um enorme e vistoso W — uma bugiganga que Jo conhecia muito bem. Antes que Jo conseguisse detê-la, Claire estendeu o braço e o arrancou do pescoço da menina, enfiando-o no bolso de seu casaco. *Quem disse que essa recordação não tinha peso nenhum estava enganado*, pensou Jo. Era óbvio que tinha, especialmente quando estava abrigada na palma da mão.

Claire afastou bem o rosto do de Dee. Balançou a cabeça com tanta fúria que Jo não se surpreenderia se visse faíscas saindo do cabelo dela.

— Essa é a inicial de Whit! Ele marca tudo que é dele com esse monograma. Você é uma ladra! Não tem direito a nada disso! — Ela se sentou sobre os calcanhares, cobriu os olhos com os dedos e começou a chorar.

Jo envolveu Dee numa das cobertas sintéticas que encontrou no armário do corredor e a deixou tremendo no sofá da sala.

— Assim não — disse ela a Claire. — Venha comigo. — E conduziu-a até a cozinha. — Este não é o lugar nem o momento. Não passa de um colar velho e barato, afinal. — Ela achou mais prudente não comentar que, antes daquela confusão em sua sala, o medalhão naquela corrente deveria ter sido seu.

— O QUE ACONTECEU? — Jo serviu dois copos de chá de hortelã e sentou Claire à mesa, no centro da cozinha.

Claire esfregou os olhos.

— Acordei e escutei um barulho, e Whit tinha saído. Ele não estava na cama e em nenhum lugar da casa. Isso tem acontecido muito ultimamente, ele voltando tarde para casa ou saindo antes do amanhecer. Suspeitava que algo estivesse acontecendo, mas não sabia com quem. A lua estava tão brilhante que pensei em dar uma olhada em Icycle. Quando cheguei lá, vi que Whit e Dee estavam brigando. Ela dizia para eles fugirem, e ele respondia que não a deixaria manchar seu nome e, em seguida, de repente, Whit começou a sufocá-la. — Claire estremeceu e molhou a boca no chá e, depois, passou os dedos no lábio. — Eu o detive.

O coração de Jo bateu um pouco mais rápido.

— Claire — disse ela com cautela. — Você o matou?

— Ele está bem. — Claire largou a xícara. — Só bati nele com uma pá, nada mais. Provavelmente terá uma dor de cabeça de manhã, mas ele tinha pulso ainda. Chequei antes de selar Icycle. — Ela se mexeu na cadeira e baixou a voz. — Não me importa se o pai de Dee quer esfolá-la viva e enfiá-la num tonel de sangue fervendo. Ela tem de ir. — Claire tirou o medalhão do bolso e o colocou sobre a mesa. — Que diabo é isso? Claro que foi ele quem deu, mas não é o estilo dele.

Uma rajada de vento retumbou sobre o telhado, e Jo estremeceu. A manhã estava começando a ficar desagradável em todos os sentidos, pensou. A qualquer momento, uma chuva seria jorrada a cântaros, remexeria o sal da salina e umedeceria a lama que ela tentava recolher.

— Vamos, Claire — disse Jo. — Você, que é uma carola voraz agora, que tal arranjar um lugar na hospedaria?

Claire bateu o punho na mesa.

— Esta não é uma história natalina! Não estamos falando de uma virgem inocente aqui. A vagabunda estava transando com o meu marido.



Jo deu de ombros.

— Ela apenas fez o que você fez um dia.

Os lábios em botão de rosa de Claire ficaram bem abertos.

— Então é disso que se trata? De um ajuste de contas? — Ela espalhou as mãos sobre a mesa, o anel de diamante cintilou na direção de Jo como os olhos espertos de uma raposa. — Olhe, todas as minhas antigas feridas estão abertas. Está feliz?

Jo desviou os olhos de Claire.

— Não acho que tenha mais importância como me sinto, Claire. Há algo que deveria saber antes de decidir se quer ficar aqui. Nós duas temos contas a ajustar, e estão além de nosso controle.

Claire mordeu o lábio.

— O que está querendo dizer?

Jo baixou a cabeça.

— Lembra-se de seu sonho de estudar numa faculdade? — perguntou ela. — Bem, estou pagando por eles agora, graças à mamãe. — Jo lhe contou, então, sobre o segundo empréstimo da fazenda e como a mãe o pegara para usá-lo com Claire, antes de todos os planos virarem fumaça. Ela finalizou, admitindo que, se não conseguisse uma boa quantia de dinheiro vivo num futuro próximo, o banco lhe tomaria a salina.

Claire suspirou e espremeu os lábios, um antigo hábito que tinha quando estava prestes a admitir algo. O que ela disse a seguir chocou Jo.

— Eu já sei. Whit tem falado disso. Praticamente só fala disso agora. Ele tem essa ideia maluca de que, se conseguir comprar este lugar, tudo à sua volta vai dar certo.

Jo falou, brava.

— Isso não quer dizer que eu venderei. — E mais calma. — Mas ele tem os dólares no bolso para comprar.

Claire hesitou.

— Na verdade, não — disse ela, e Jo se inclinou para a frente. — As coisas não estão tão bem assim nos negócios de Whit como talvez você pense. Nos últimos anos, ele andou vendendo pinturas, prataria da família e até o velho casaco de pele da mãe. Não sei quanto ele ainda tem, mas não deve ser muito.

Jo se sentou bem firme na cadeira. Uma lufada de chá de hortelã fez arder o olho bom. Claire sempre teve a habilidade de espremer a pessoa e chegar ao âmago da questão, refletiu ela. Costumava deixar a mãe delas maluca, e Jo podia entender como isso podia ser desagradável num casamento, especialmente quando se era casada com um homem como Whit, que gostava de seus segredos trancados a sete chaves e encobertos por poeira.

Jo olhou bem para a irmã.

— Me diga, Claire. Se não tivesse encontrado Deirdre e Whit juntos no seu estábulo, você teria voltado aqui?

Claire piscou os olhos, e Jo pôde ver as pequenas rugas que marcavam a parte externa de seus olhos, prova de que as coisas não estavam bem com Whit, e não apenas ultimamente. Linhas como aquelas demoravam para vincar a pele, como água que gasta a rocha. E, se existia alguém que sabia da lentidão com que a tristeza trincha a carne, essa pessoa era Jo.

Claire baixou a cabeça.

— Não sei. Talvez. Algum dia.

Isso bastou para Jo. Ela afastou a cadeira da mesa e se levantou.

— Ela fica.

Claire olhou em volta como se acordando de um longo sonho triste. Ela roeu um pouco a unha do dedão, pensando, e então seguiu em frente e juntou o seu destino ao de Jo, aumentando a aposta entre elas, e pegou sua xícara.

— Então acho que não vou a nenhum lugar também.

E, exatamente assim, elas se tornaram três.

# 16

EM nenhum canto do mundo havia um manual de etiqueta que ensinasse como se comportar quando se acorda na casa da qual fugira quando ainda adolescente, com a irmã distante num quarto do outro lado do corredor e, em outro quarto, a amante juvenzinha e grávida do seu marido. Se houvesse, pensou Claire, a sabedoria prevalecente certamente seria: *Não*. Não acorde. Não enfrente a situação. Antes de tudo, não volte.

Seu primeiro dia em casa havia sido cheio de logística: em qual quarto Dee ficaria, quais de suas antigas roupas ainda lhe serviam, o que fazer com Icycle. Sua primeira noite havia sido uma agonia de pesadelos em meio a um cobertor cheio de grumos. Virou-se de lado em sua cama de infância, trançando as pernas sob os gastos lençóis, e pensou em marcar na parede os dias que estaria ali, assim como faziam os prisioneiros nos filmes, mas eles só faziam isso porque tinham a esperança de um dia se verem livres. Claire sabia, no entanto, que não tinha outro lugar para ir.

Ela se sentou e bocejou. Ainda era cedo; a dizer pela cor do céu, deviam ser seis da manhã, mas ela se recordava dessas horas azuladas na Fazenda Salt Creek muito bem. Jamais admitiu isso para alguém, mas essa também era a hora em que às vezes ela rezava, portanto, foi isso que ela fez naquele momento, deslizou as pernas para a beirada estreita da cama e caiu de joelhos, pedindo forças para atravessar as próximas horas que teria pela frente.

*Pai Nosso que estais no céu*, ela começou a orar em sua cabeça, mas seus pensamentos logo divagaram. Desistiu e ficou olhando para fora da janela, para os hectares sombrios de lama abaixo dela. Raspados até ficarem vazios antes da corrente de água da primavera, os tanques não significavam nada para ela. Na verdade, era difícil acreditar que eram a fonte de tanto problema em sua cabeça. Ela passara a última década culpando o sal por tudo de acre em sua vida: seus abortos, suas crescentes desavenças com Whit, o

problema financeiro deles. Mas, ao ver a salina assim, ela percebeu quão enganada estava a respeito de tudo desde o início.

Ela se pôs de pé e remexeu no armário até encontrar algumas roupas: calças jeans desbotadas e finas de tão usadas e uma camisa amarelada de linho. Era estranho que seus pertences antigos, sua antiga pele, estivessem à espera de serem vestidos de novo, mas também nada ia embora da Fazenda Salt Creek. As coisas velhas espalhadas por todo o lugar eram testemunhas disso. Claire enrolou o cabelo para trás e o prendeu com grampos e, em seguida, olhou-se bem no espelho. Ela tinha apenas 31 anos, mas, ao longo do último ano, começara a notar intrusas linhas de cabelos grisalhos ao longo de suas têmporas e coroa. No entanto, não a incomodavam em nada. Ela concluiu que, como todo o resto em sua vida com Whit tinha murchado e silenciado, como poderia ser diferente com seu cabelo?

Claire franziu a testa e fechou as cortinas. Quanto tempo ficaria sozinha ali em cima? Uma hora? Um dia inteiro? Logo Jo viria bater-lhe à porta, e Claire não teria escolha a não ser enfiar os pés num par de botas, pegar uma pá e pisar de novo no sal como se nunca o tivesse abandonado. Havia apenas uma regra para as mulheres em Salt Creek, mas que já perdurava havia anos: se estava na terra, tinha de trabalhar nela, forte ou fraca, doente ou saudável, gostando ou não. Era época de cavar o sal, o período de que Claire menos gostava. Não importava qual tarefa fizesse na primavera — consertar as comportas, raspar a lama dos rasos tanques de coleta —, ela sempre acabava com as unhas das mãos cheias de sujeira, bolhas de sangue nas palmas e músculos doloridos, porém, o máximo que acontecia a Jo era ser espetada por uma farpa.

Claire abriu bem os dedos da mão sobre o peitoril da janela, seus olhos se fixaram no enorme diamante de casamento, e, sem parar para pensar, ela o tirou e o enfiou na gaveta de cima da escrivaninha. Isso foi fácil. O primeiro passo da separação: remover os vestígios visíveis do casamento. Todos os dias, jurou, ela arrancaria um pedaço de Whit de si mesma, até que estivesse tão lisa e bruta quanto um dos tanques de sal, não melhor do que a

baixada espalhada à sua volta. Tocou a pérola em volta do pescoço e hesitou. Isso ficaria com ela. Ela merecera.

Claire estremeceu e abotoou o último botão de sua camisa, e, em seguida, escancarou a porta e piscou diante do vento da primavera. Desceu devagar os degraus, pulando o quinto, que sempre rangia, e encontrou algumas botas perto da porta. Então, sem fazer barulho, saiu de casa e, pela primeira vez em 12 anos, se sentiu livre.

ELA PRECISAVA VER como estava Icycle. Jo o colocara no fundo do celeiro no dia anterior, e ele parecia estar bem ali, mas Claire precisaria lhe levar um pouco de comida, ela sabia, e palha para o chão. Em duas semanas, ele ganharia novas ferraduras. Ela tentou não pensar nos lindos equipamentos antigos que deixara para trás no estábulo em Plover Hill: a sela feita a mão, o freio de aço gravado e os estribos que o acompanhavam. As rédeas ela havia usado até ficarem muito macias. Três pares de botas de montaria, todas as calças, o casaco de equitação, mais os chapéus de veludo e as luvas de pele de cordeiro.

Ela cruzou os braços. Aquelas roupas eram bem mais leves do que aquelas a que estava acostumada a usar, mas eram tudo que tinha entre a pele arrepiada e o mundo maior. Não estava vestindo seu casaco. Não estava calçando as meias com as botas. Não estava vestindo nem mesmo um sutiã.

E tudo bem. Estava mais do que tudo bem. Com uma leve risada, ela abriu o celeiro e cumprimentou Icycle, então lhe colocou o freio e o conduziu para fora, onde ela montou sobre sua enorme garupa — sem sela, sem estribos, sem manta. Apenas o familiar calor de Icycle emanando no ar, atravessando as dunas e correndo pela areia molhada em direção a Drake Beach.

Ela poderia correr para sempre — ou até o final da praia —, mas uma pessoa a deteve. Piscou os olhos, não esperava ver quem ela pensava que fosse. Controlou Icycle para que ele andasse mais devagar e se aproximou. E ali, tremeluzindo como uma visão num

sonho, estava Ethan Stone, catando pedras marinhas na beira d'água, a calça preta erguida acima de seus delicados tornozelos, areia atravessando-lhe os olhos, em nada parecido com a pessoa da missa. Ele rapidamente se levantou ao ver Claire se aproximando.

— Claire, de novo nos encontramos — disse ele, estendendo os braços e ajudando-a a descer com as mãos na sua cintura, enquanto a trazia para junto dele. Sua voz soou rouca naquele ar da manhã, ainda mais grave do que quando rezou a missa, e, só de pronunciar o nome dela, parecia que estava citando um salmo inteiro.

Ela rapidamente se afastou. Não havia dormido bem, estava desorientada, e o que realmente queria fazer era se aninhar no peito dele. Queria levantar um pouquinho a ponta de sua camisa e sentir a pele dele, fria e escorregadia, como os ladrilhos de uma piscina, ou quente, como a barriga de um gato adormecido. Em vez disso, ela enrolou a rédea em volta da mão e desejou estar vestindo um par de luvas e um sutiã, claro.

— O que está fazendo por esses lados? — perguntou Ethan quando ela relaxou um de seus punhos e tirou o cabelo do rosto.

Claire sabia o que de fato ele estava perguntando: o que ela fazia tão perto da salina. Ela olhou para os pés.

— Algumas vezes venho aqui.

Ethan virou o rosto e olhou para o mar.

— Você sabe há quanto tempo eu não ficava na beira do Atlântico? Havia me esquecido de como ele era verde. Gostaria de saber se ainda tenho a minha antiga calça de pesca.

— Achei que tivesse desistido dessa vida.

Ethan riu.

— E desisti. Mas nem todo marujo que havia em mim se foi. — Ele se virou para ela. — E você? Alguma vez se arrependeu de ter abandonado a vida no sal?

Claire evitou olhar para os olhos dele. Como começaria a elencar os arrependimentos de sua vida? Pelo começo, pelo fim? Talvez pelo meio, decidiu, pois, se quisesse dar um nome ao começo, teria de ser Ethan.

— Não — respondeu ela.

Claro, Ethan não sabia que ela acabara de fechar o círculo, voltara ao ponto de partida, onde tudo começara. Claire se perguntou se o olhar dele mudaria quando finalmente ouvisse as coisas que falavam dela em Prospect, se é que já não ouvira. Se sim, ela percebeu que talvez ela fosse também a fonte de informações. Respirou fundo e baixou a cabeça.

— Bem, algumas vezes me pergunto se fiz a escolha certa — admitiu ela, e então uma confissão que não tinha a intenção de fazer lhe escapou da boca. — Sofri um aborto há algum tempo — escutou-se dizer. — Foi o quarto. — Não era seu objetivo contar essa parte da história a Ethan, não de maneira tão abrupta, mas as palavras saíram de seus lábios sem querer, como um prato que cai do alto de uma prateleira.

Ethan deu um passo na direção dela e esticou o braço, como se para pegar nas mãos de Claire, então reconsiderou.

— Sinto muito, Claire. — Ele falava sério, Claire sabia, mas será que estava entristecido como um padre ou como alguém que um dia a amou? Ela sabia que isso não deveria ter importância, mas tinha. Apoiou o queixo no próprio peito. Quantas vezes eles ficaram naquele mesmo lugar daquele jeito? Havia quanto tempo ela não se sentia tão segura?

Se ela estava fazendo uma confissão, pensou, era bom que falasse tudo de uma vez, fosse o contexto carnal ou divino. Havia coisas que desejava dizer a ele havia anos, e quem sabe se teria outra chance tão boa quanto aquela? Baixou a voz por força do hábito. As paredes na

Casa Turner sempre foram porosas e finas. Não era um bom lugar para guardar segredos. Ela encarou Ethan.

— Sinto muito por nunca ter permitido que se despedisse de mim. Deveria ter deixado. Depois do incêndio, eu apenas...

Ele se aproximou mais dela.

— Éramos tão novos, Claire. Não agi da maneira correta com você.

— Todos aqueles anos, ela tinha esperado para ouvir aquelas palavras, mas, agora que isso estava acontecendo, sentia que eram insuficientes. Queria que ele dissesse que estava enganado.

Ethan esfregou o dedo do pé na areia.

— Me sinto parcialmente responsável pelo incêndio, sabe? Se não estivesse tão perturbada, talvez você não tivesse acendido o fósforo.

— Claire não respondeu nada, lembrando-se do terrível pânico que tomou conta dela no celeiro, quando a temperatura subiu e as cinzas se arrastaram em torvelinho à sua volta. Ethan limpou a garganta.

— Então, como está Jo?

Claire deu de ombros. Parecia que ela conhecia ainda menos a irmã, mesmo com uma fina parede entre elas. Ela mordeu o dedão. Podia sentir o calor emanando da parte da frente das coxas de Ethan. E, então, sem pensar duas vezes, ela levantou o braço e soltou os cabelos, lembrando-se de como ele costumava enfiar os dedos em sua nuca e segurar firme a parte de trás de sua cabeça quando se inclinava sobre ela e a beijava — os lábios tão macios quanto a sola dos pés de um recém-nascido. Claire se inclinou para mais perto dele, mas Ethan limpou a garganta e se afastou, como se estivesse lendo os pensamentos dela.

Ela foi tomada de vergonha e enfiou o cabelo de volta no colarinho. Arrastou os pés na areia úmida, tentando pensar no que dizer, mas o desejo a emudecera. Ergueu os braços e começou a trançar os cabelos de novo, puxando-os com toda a força possível, até que todas as mechas estivessem em ordem. Ela se recomporia, pensou. Seria possível. Escolhas podiam ser feitas e desfeitas, verdades apagadas, como o rosto da Virgem.

*Ele é um padre*, disse a si mesma ao se virar para Icycle. *Foi ordenado para manter os segredos das pessoas*. Mas a alma dela ainda estava inquieta. Fechou os olhos, mas tudo que conseguiu visualizar foram as várias pilhas de sal cinza amontoadas na borda da salina, ao final de um quente verão. O que diriam se pudessem falar?, perguntou-se Claire, e seria algo importante?

Ao escutar um barulho de motor a distância, ela ficou tensa. Do outro lado das dunas, viu o brilho de um carro vermelho, aquele que costumava dirigir, acelerando em direção à Fazenda Salt Creek. Sem hesitar, jogou as pernas sobre Icycle, que resfolegou e deu um passo instável para os lados.



— Claire! — Ela podia escutar Ethan gritando, uma pergunta abafada no vento, mas não havia tempo para respondê-la. Pela segunda vez desde a volta de Ethan, Claire lhe deu as costas e fugiu. Naquele momento, tudo o que lhe importava era chegar à fazenda antes de Whit.

# 17

NA primeira manhã de Dee na Fazenda Salt Creek, ela começou a suspeitar que talvez tivesse sido melhor para ela ter ficado na rua, para onde o pai a ameaçara jogar. Pelo menos ali talvez pudesse dormir mais.

— Levante-se. — Ela já estava acordada, mas Jo entrou marchando no quarto e arrancou-lhe as cobertas. Ao que parece, apenas acordada não era o suficiente para Jo. Um corpo tinha de estar de pé e ocupado também. Dee resmungou e flexionou a panturrilha.

— Cãibras na perna? — perguntou Jo, cruzando os braços sobre o peito. — Escutei dizer que grávidas podem ter isso. Devia comer um pouco mais de sal.

Dee franziu o cenho e se sentou. *Um pouco mais de sal?* Jo estava de gozação? Será que ela deu uma olhada à sua volta ultimamente? Dee riu em silêncio.

— Acho que isso não é um problema, né? — disse ela com um sarcasmo de adolescente. — Tudo que tenho a fazer é ir lá fora e lambe o chão.

Para uma aleijada, pensou Dee, Jo se movia bastante rápido. Num minuto, ela estava dando ordens ao lado do colchão, como um carcereiro da prisão de um filme e, no próximo, estava perto demais e agindo de modo pessoal, exalando os odores de bacon e café na cara de Dee.

— Se olhasse o mundo com um pouco mais de seriedade, talvez não se visse neste apuro, menina. Lição número um: sal nunca é apenas sal. E o meu sustento, e eu o respeito. E, se quer se dar bem comigo, é melhor aprender a respeitá-lo também. — Ela jogou uma camisa xadrez para Dee. — Levante-se. Vista-se e me encontre lá embaixo em cinco minutos. Apenas para lhe informar, eu tenho um relógio lá embaixo. Não pense que não estarei olhando para ele.

Jo deixou a porta aberta ao sair. *Baque, baque, baque.* Se os passos dela fossem mais regulares, pensou Dee, enfiando a cabeça na gola da camisa, Jo se transformaria num maldito relógio.

Quando Dee entrou na cozinha, faltando um minuto, viu que Jo havia colocado várias vasilhas de sal sobre a mesa. A primeira, lascada e pintada com trevos na borda, tinha um montículo de sal cinza que já lhe era familiar. Os grãos pesados pareciam quase molhados, todos juntos numa massa só. A segunda, uma concha de madeira brilhante com grânulos de um vermelho-sangue surpreendente. Devem ter vindo daquele estranho açude da salina, pensou. A terceira, uma vasilha de plástico com sal comum até a metade e, por fim, no meio de tudo, Dee viu uma vasilha de cristal cheia de um magnífico sal em flocos, que a lembrava as raspas de coco de um bolo de casamento. Lambeu os lábios só de vê-lo. Ela estava faminta.

Jo fez um sinal na direção da mesa.

— Qual lhe agrada mais? Qual das vasilhas deixa sua boca salivando?

— Não sei. Qual a diferença? — Dee deslizava os olhos para os lados, mas Jo deu um passo mais para a direita, de volta ao campo de visão dela, obrigando-a encarar suas cicatrizes de cabeça erguida. Dee tentou girar a cabeça, mas Jo a deteve.

— Não faça isso — disse. — Não aqui.

Dee mordeu a unha do dedo e a olhou malignamente.

— Fazer o quê?

— Virar o rosto. Fingir que está de saco cheio e não responder à minha pergunta. Vi que estava olhando fixamente para a mesa. Sei que algo lhe prendeu a atenção, vi quando lambeu os lábios. — Dee olhou para a vasilha de cristal no centro de novo. O vidro gravado com água--forte parecia gelo, e o sal, a neve da última estação, mas a dos livros de contos. Flocos que nunca tocavam o chão, mas flutuavam no ar, tocando-lhes o nariz na gravidade. Esse não era o mesmo sal que Jo entregava nas mesas da Lighthouse. Era um sal de *primeira linha*, pensou Dee. Era o tipo de sal que Claire comeria se fosse para ela escolher.

— Aquele. — Dee virou o rosto e apontou para a vasilha de plástico mixa, contendo o sal comum. Todos sabiam a respeito daquele tipo de sal. Era ruim. Dava em qualquer clima. Podia ser encontrado em qualquer lugar e, claro, era muito barato.

Jo ergueu a sobrancelha.

— E mesmo? Aquele?

Dee apenas deu de ombros. Ela estava legitimamente morrendo de fome. O que significavam aquelas milhares de perguntas? Colocou as mãos nos quadris. Se Jo ia entregá-lo, ela podia dar uma resposta mais elaborada.

— O que está por trás disso, afinal? — perguntou ela. — Não entendo. O que torna este sal tão especial?

Jo pareceu surpresa por um momento e, em seguida, um olhar perspicaz pairou em seu rosto.

— Na verdade, não sei — respondeu. — Já está aqui há muito mais tempo do que qualquer um de nós e continuará aqui por muito mais tempo depois que partirmos. Ele percebe o clima e conhece tanto a terra como o mar, e isso já basta para mim.

— E o futuro — interrompeu Dee. *E talvez o passado também*, refletiu, pensando nos filhos não nascidos de Claire. Ela queria muito perguntar a Jo sobre eles, mas não teve coragem.

Jo fez que não com a cabeça.

— Não, menina. Isso é apenas o que as pessoas gostam de pensar.

— Ela se agachou perto de Dee. — Escute o que vou lhe dizer, é importante. O sal apenas realça o que já existe na vida das pessoas, da mesma forma que faz na comida. Realça o sabor doce e azedo, e, quando as pessoas ignoram o que ele lhes diz, quando ignoram a verdade sobre si mesmas, é quando começa o problema. — Jo se levantou e bateu a porta do armário, então se inclinou sobre o balcão. — Para realmente conhecer o sal, você tem de esperar até o verão.

*Verão*, pensou Dee. Onde estaria então? Ela e o bebê, na verdade. Olhou de novo para o sal sobre a mesa. Jo seguiu seu olhar.

— Este — Jo desenhou um pequeno círculo no ar sobre os flocos brancos. — Este é realmente mágico, você não concorda?

A boca de Dee se encheu de saliva de novo, e ela desejou muito colocar apenas um bocado em sua língua. *É isso*, pensou. *Isso é exatamente o que quero*. Ela abriu os lábios para pedir para experimentar, mas antigos hábitos são difíceis de mudar e, de repente, se viu insultando Jo.

— Mágica é para crianças e mulheres velhas — respondeu ela, jogando o cabelo para trás. — Agora, posso comer algo de verdade?

Jo ficou olhando-a por um momento, então enfiou uma colher amassada na vasilha de plástico com o sal barato e a entregou para ela.

— Você disse que gostou deste aqui. Pode comer o tanto que quiser. Quando algo mais agradável sair de sua boca, poderá colocar algo mais saboroso nela. Até lá, bom apetite. — Virou-se de costas, deixando Dee com a vasilha em suas mãos confusas, condenada a sentir fome por causa de suas palavras estúpidas, outro teste que dera errado. Aquela seria uma longa manhã.

Se DEE ESTAVA se perguntando como e quando Whit viria atrás dela, parecia que não teria de esperar muito mais. Ela acabara de comer um prato de ovos mexidos quando ele fez um barulho estridente com o carro na frente da casa, girando-o como um louco e determinado a causar o máximo de estrago possível. Ela e Claire podem ter despencado em Salt Creek como uma repentina rajada de vento, mas Whit irrompeu no lugar com a fúria de um tornado.

Jo e Dee se encararam e, então, Jo fechou os lábios com força e começou a limpar a mesa, enquanto Dee se movia para o outro ponto do balcão, segurando-se na borda para não perder o equilíbrio. Ela não se esquecera do jeito como Whit apertara as mãos em seu pescoço no celeiro e como os dedos de Claire haviam se agarrado com força no cabo da pá. Lembrava-se de segurar com força a estreita cintura de Claire, desesperada, enquanto desciam

Plover Hill a galope no meio da madrugada. Se houvesse o mínimo de luz, Dee se perguntou, teria Claire a segurado daquele jeito e a salvado? Ou ela teria olhado melhor para a situação e, então, mirado a pá de um jeito um pouco diferente?

Dee olhou ao redor de novo, em busca de cantos para escapar. A janela sobre a pia? Não. A porta atrás dela? O armário de vassouras? De jeito nenhum. Ela estremeceu. Não havia como escapar, então. Havia apenas a luz escancarada da manhã, seu amante enraivecido, a esposa dele e sal demais para o gosto de qualquer um.

Whit começou o seu ataque com golpes na beira da varanda. Mandou todos para o reino de Deus, então subiu os degraus empenados com passos pesados. Ao escutar a madeira ranger sob os pés dele, Jo apenas balançou a cabeça. Ele irrompeu pela porta da frente sem pedir licença, passou marchando pelo piano quebrado, detonou as poucas chaves que ainda funcionavam, apenas para mostrar a que viera, e chegou à entrada da cozinha sem fôlego, com uma das faces machucada pelo golpe que Claire lhe dera com a pá, e sem disposição alguma para esperar.

— Onde está minha mulher assassina? — vociferou ele.

Dee se encolheu no canto e começou remexer as colheres na gaveta, até Jo colocar a mão nela e dar-lhe um pequeno apertão para que parasse. Dee, então, começou a mexer o chá, raspando a colher no fundo da xícara, e isso foi ainda pior. Jo limpou a garganta, e Dee largou a xícara. Ela havia, de toda forma, colocado acidentalmente sal na sua bebida.

Se um urso viesse para cima dela, seu pai sempre lhe dizia em Vermont, uma das ações a tomar seria fazer-se parecer maior, e ela pensou que talvez Jo tivesse escutado essa mesma história, pois foi o que fez naquele momento, cravando os pés no linóleo manchado, apertando os pulsos nos quadris e respirando o mais fundo que conseguiu. Chutou uma cadeira para longe da mesa e apontou para ela.

Whit ficou prostrado por um momento, deixando que seu olhar percorresse a face de Jo, como se estivesse à procura do xis no mapa do tesouro. Ele não deve ter encontrado o que estava procurando, no entanto, pois desistiu, olhou-as com desprezo e se

sentou. Foi assim que Dee percebeu que estavam prontos para pôr as cartas na mesa.

Em seguida, ele encarou Dee, mas do jeito que se vê um fantasma no qual não se acredita. Ela curvou os ombros e se distanciou dele, mesmo que estivesse acostumada com aquele modo de ele olhar. Teria sido um tanto estimulante se Whit tivesse ido ali atrás dela. Ela furtou outro olhar na direção dele, mas ele não a percebeu. O que eram um para o outro?, perguntou-se ela. Havia uma palavra para defini-los? Não eram amantes. Não eram companheiros. Algo entre íntimos e estranhos. Dee sabia que não tinha o mesmo apetite de Whit correndo solto em seu sangue, mas ela com certeza o satisfizera. Talvez aquilo tivesse alguma importância.

Os três se assustaram quando a porta da entrada se abriu num estrondo, deixando entrar uma lufada de vento e, em seguida, Claire apareceu, tão rápido quanto Whit e duas vezes mais brava. Sem querer, Dee começou a mexer a colher daquela maneira infernal de novo, batendo-a na lateral da xícara como vários dentes que batem ao mesmo tempo.

— Seu filho da puta idiota! — Claire entrou urrando na cozinha, e Dee ficou embasbacada. Claire tinha o cabelo de uma mulher promíscua, mas, até então, Dee não achava que ela tivesse uma boca que se igualasse àquilo. Ela foi obrigada a admitir que a transformação combinou com Claire. As bochechas estavam queimando, conferindo ao rosto uma vivacidade que provavelmente não se via nele havia 12 anos, e os olhos dela brilhavam e ferroavam como aquelas sórdidas tartarugas que nadavam no fundo do lago em Vermont. Claire pegou dois pratos e os arremessou direto no pescoço desprotegido de Whit, errando a mira por um milímetro.

— Amém, a fúria dos Gilly reapareceu — triunfou Jo, batendo palmas e, exatamente assim, como se ela o tivesse convocado de alguma maneira, padre Stone se envolveu na discussão, movendo-se para detrás de Claire tão rápido que ela nem percebeu que ele estava ali. Ele enfiou os braços em volta dela, arrancou-lhe o outro prato de suas mãos e a segurou com um pouco mais de força do que Dee julgou ser necessário.

— Não desse jeito — disse ele, colocando-a do outro lado da cozinha, e a soltou. — Acho — disse Ethan, olhando para a cabeça machucada de Whit e as marcas em volta do pescoço de Dee — que algumas explicações são necessárias aqui.

Whit bateu com força o punho na palma da mão e se aproximou de Claire.

— E mesmo? Para mim, você é o intruso, padre. O assunto não lhe diz respeito.

Ethan empalideceu, e Dee sentiu certa pena dele. Ele provavelmente pensara que seria o herói e salvaria Claire, mas percebeu, tarde demais, que havia pisado num ninho de cobras. Sua voz tremeu um pouco ao encarar Whit.

— Não saio daqui a menos que as irmãs Gilly me peçam. O que vocês querem?

Olhando para Claire, Dee poderia responder àquela pergunta num estalo, mas Whit o fez antes dela, encarando a mulher.

— Não quero minha esposa fugindo de noite, para começo de conversa. Não quero um filho bastardo de uma vagabunda, e, mais que tudo, gostaria que Jo recuperasse um pouco de seu juízo e ficasse do meu lado. — Ele voltou a atenção para ela. — Não tem muito tempo a perder, Jo. Conheço umas pessoas no Harbor Bank. Não seria melhor entrar num acordo comigo? Eu até poderia deixá-la ficar aqui por um tempo.

Ethan parecia estupefato, os olhos se mexiam na direção de Whit e Dee, Whit e Claire, Whit e Jo, na tentativa de dar algum sentido a tudo aquilo.

— Filho bastardo? — perguntou ele.

Ethan ergueu as sobrancelhas e olhou para Claire, em seguida para Whit, que estava agachado de um modo tão frio quanto uma pedra de gelo. Então, ele disse a coisa de menor serventia que Dee imaginou ser possível, dada a situação.

— Vocês percebem que seria um pecado mortal se Dee não tiver esse bebê, não é?

Isso fez com que Whit parasse um pouco. Apesar de todos os seus pecados, ele era um homem que freqüentava a igreja, dogmático em sua essência. Ele se levantou e caminhou em direção



à porta da cozinha, despejando suas últimas palavras como um soco, mas ter a última palavra não era o mesmo que vencer o caso. Até mesmo Dee já sabia disso.

Ele olhou bem para o padre e, então, dirigiu sua fúria para Dee.

— Saiba disso — disse ele em voz baixa —, a primeira coisa que vou fazer agora é contar para o seu pai onde ele pode encontrar a vagabunda da filha dele. — Ela empalideceu e mordeu os lábios. — Não sei se ele vai querer me matar, mas estou disposto a correr esse risco. E a segunda coisa que vou fazer, Jo — ele se voltou para ela —, é contar para meus amigos no Harbor Bank que você acabou de recusar uma oferta que salvaria você e a fazenda. Veremos o que eles acham disso. — E, então, sem dizer mais nada, ele saiu da mesma forma como entrara, sozinho e fazendo um barulhão.

— Não consigo compreender que um dia cheguei a acreditar que amava esse filho da puta — suspirou Claire, os lábios brancos, e nesse instante Dee derramou-se em lágrimas, um dos braços acariciava a barriga. Não conseguia imaginar um bebê se desenvolvendo em um ambiente tão hostil, mas, se uma erva daninha conseguia florir nas rupturas da calçada, imaginou ela, uma criança poderia sobreviver àquele maltrato.

— Dee está grávida? — perguntou outra vez o padre Stone, como se não tivesse compreendido nada de tudo que acabara de acontecer ali, e ele sentou-se na cadeira vazia de Whit.

Jo olhou para Claire, que ainda estava um pouco pálida ao redor da boca, mas ela se desviou dos olhos da irmã, e agora era ela quem batia a colher em volta da xícara.

— Você sabe que a história não acabou — disse Jo para as costas de Claire. — Sabe que ele não vai parar com as ameaças vazias. E você não foi feita para o sal. Nós duas sabemos disso. Ainda pode voltar se quiser. Não é tarde demais. — Dee ficou surpresa de se ver torcendo para que Claire não voltasse. — Poderia ser uma Claire Turner de novo, madame da colina, e tudo voltaria ao normal. Ela poderia ir embora — apontou o queixo na direção de Dee — e ninguém seria o mais esperto.

Claire se virou, e, embora sua pele estivesse pálida, os olhos estavam cheios de vida.

— Esse é o problema. Não tenho sido muito esperta, não é mesmo?

Se Dee quisesse, poderia ter feito a coisa errada outra vez e se aproveitado de Claire naquele momento. Nunca antes a vira tão feia. Claire tinha olheiras sob os olhos, o cabelo todo despenteado e a camisa caía-lhe dos ombros. Dee poderia ter lhe perguntado se a casa na fazenda parecia menor, depois de anos gritando sob os vastos telhados da casa dos Turner. Dee poderia ter comentado como devia ter sido estranho vestir aqueles trapos de novo, depois de ter se acostumado a usar caxemira e seda. Ou, pensou, poderia apenas pegar uma pá da próxima vez que Claire o fizesse e descobrir por si mesma o que o sal fazia a uma mulher. Ela se aproximou de Claire e ficou diante dela com a cabeça baixa.

— Sinto muito por ter causado tanto problema — disse ela. — Por favor, não me mande embora.

Para sua surpresa, Claire estendeu a mão e lhe deu um rápido apertão no braço, e uma pequena linha de tensão entre elas se rompeu. Claire se afastou e enxugou as lágrimas dos olhos.

— Está grávida de quantos meses, afinal? — perguntou ela, colocando a mão sobre a barriga de Dee. Antes que ela pudesse responder, Claire afastou o cabelo do rosto e lançou os olhos para a cadeira onde Ethan estava sentado.

— Ah, minha nossa! — gritou ela. — Olhe para nós. Chorando e tremendo como se Whit fosse o grande lobo mau ou algo do gênero. Perdoe-nos, Ethan. — Ele olhou para Claire com tanta paixão que, naquele instante, Dee soube que ele estava tão fisgado quanto uma truta, sendo homem de Deus ou não. *Bom*, pensou. Ela acreditava que o mundo resolvia enviar amor quando as pessoas mais careciam dele, mas talvez não da maneira que elas esperavam.

Nesse momento, o bebê cutucou a barriga com alguma parte pontuda de sua anatomia, como se para chamá-la de volta à realidade, e ficou claro para ela que tudo o que Jo vinha tentando fazer com as vasilhas e o sal naquela manhã era fazê-la prestar atenção no que estava acontecendo debaixo de seu nariz. Corações seriam despedaçados ou virados de ponta-cabeça naquele lugar — Dee não sabia qual, nem de quem —, mas ela tinha a sensação de

que, quando tudo estivesse dito e feito, nenhum deles teria mais certeza de qual pedaço pertenceria a quem.

# 18

COM A CHEGADA DE DEE E CLAIRE, a vida de Jo deu um salto: mudou de uma rodovia plana e reta para uma cheia de buracos e depressões, pela qual ela mal sabia como trafegar. Por outro lado, não seria justo dizer que estava infeliz por ter mãos a mais em volta dela — talvez a ajuda fosse o suficiente para colocar a fazenda no lugar de novo —, mas ela nunca sabia o que fazer nas manhãs em que cruzava o corredor e via Claire sentada de lado na cama, chorando. Claire erguia a cabeça ao escutar os passos da irmã, enxugava as lágrimas do rosto e a olhava com uma terrível carranca; isso pelo menos fazia Jo se sentir melhor. Ao menos um pouco da essência de Claire não havia mudado.

Jo deu à irmã uma semana para curtir a tristeza, e naquele ínterim ela recebeu três cartas diferentes de Whit, ameaçando-a de tudo, desde divórcio (Claire apenas deu de ombros e jogou o documento na primeira gaveta da escrivaninha), iminente falência da Fazenda Salt Creek (Jo jogou essa no lixo e, em seguida, derrubou gotas de café sobre ela), até a ultrajante ação judicial com base na dor que Claire lhe infligira com a pá (Claire e Jo a esconderam juntas nos confins da gaveta de trecos da cozinha).

Ocorreu a Jo que talvez aquela fosse a hora de engolir seu orgulho e pedir um pouco de ajuda a Claire. Certamente, a despeito do que a irmã dissera sobre os problemas financeiros de Whit, Claire tinha uma pequena reserva em algum lugar. Pelo menos isso ela devia a Jo. Todas as manhãs, Jo se servia de um café bem forte, para reanimá-la, e tentava encontrar meios de dizer aquilo.

Mas, antes que conseguisse proferir uma única sílaba, Claire recebeu outra carta de Whit e, dessa vez, ele havia ultrapassado os limites. Jo sabia que era sério, pois Claire abriu o envelope e não disse nada. Jo ficou esperando os habituais acessos de ira de Claire e comentários ácidos, mas ela apenas passou a mão ao longo do

cabelo e pressionou os lábios, da forma que fazia quando estava muito brava.

— O que diz? — perguntou Jo. Elas estavam na cozinha, e Dee estava sentada à mesa com elas. Claire lhe lançou um olhar, balançou um pouquinho a cabeça e entregou a carta a Jo, que a examinou por alto. Whit havia escrito aquele bilhete singular de próprio punho, em que mencionava os vários filhos amaldiçoados da salina. *Faça com que sua irmã venda a terra* — escrevera ele a Claire —, *e você pode pôr um fim nisso agora, a menos que esteja preparada para mais uma criança morta em suas mãos.*

— De jeito nenhum — disse Claire, e Dee ergueu os olhos da vasilha de cereal. Jo balançou a cabeça para que Claire ficasse quieta. Não queria que Dee, grávida, se contaminasse com aquela bobagem, mesmo que a história dos Gilly tenha confirmado ser isso uma verdade.

Por outro lado, se Whit ia trazer o passado à tona, pensou Jo, então ela tinha munição mais que suficiente para lutar contra ele. Ela amassou a carta e a jogou com as outras correspondências no lixo, entre elas a carta do banco.

— Não se preocupe. — Ela consolou Claire. — Com relação a isso, tenho Whit Turner bem onde quero.

Claire a olhou, perplexa.

— E ele nos tem no mesmo lugar.

Jo se perguntou se os boatos sobre Claire ser estéril tinham procedência, mas tinha a delicadeza de não lhe perguntar isso. Não naquele momento, pelo menos. Colocou as mãos nos quadris.

— Então, tudo bem — disse. — Pelo menos sabemos que nenhuma de nós vai a lugar algum. Não se eu tenho algo a dizer.

DEPOIS QUE ELAS se desfizeram da carta de Whit, Jo levou Claire direto para uma fileira de tanques de evaporação, colocou um conjunto de ferramentas velhas ao lado da irmã; então, pensou

melhor e entrou na vala também, indicando com o queixo qual metade do território era de Claire.

Jo podia ver como o corpo da irmã havia se esquecido de como fazer trabalho pesado, apesar de todas aquelas horas cavalgando. Todas as vezes que Claire batia no fundo com a ponta da enxada, ela estremeceu. A dor parecia soltar sua língua, que revelava mais alguns detalhes repulsivos sobre seu casamento.

— Eu deveria saber — disse ela, batendo a enxada no fundo. — Deveria ter desconfiado de todas as vezes em que ele esteve fora.

— Ela mudou para uma pá e começou a recolher a lama. — Você sabia que uma vez ele me comparou a uma cortesã de Roma num jantar? — prosseguiu ela. — Eu era tão estúpida, pensei que fosse um elogio. Ou quando — ela bateu no piso — ele desmontou o quarto que eu tinha arrumado para o bebê. Fez com que Timothy Weatherly entrasse, pegasse todos os móveis e os colocasse no depósito, pois ele dizia que eu era estéril. — Jo não fez nenhum comentário. A ideia de Claire sofrer a perda de uma criança já era suficiente para deixá-la assustada.

— Ei — disse ela por fim, tirando Claire de seus pensamentos —, esse tanque não vai ficar limpo sozinho. Jo se aproximou do lado da vala da irmã.

Claire enfiou a pá de novo na lama.

— Desculpe.

*Não, eu que peço desculpas*, quis dizer Jo, mas não o fez. Ela retomou o ritmo com seu rastelo, e Claire a acompanhou. Trabalharam em silêncio por algum tempo e, então, Jo fez uma pergunta.

— Alguém em particular?

— O quê? — Claire estremeceu e examinou a bolha que estava se formando no seu dedão. Mas Jo sabia por que a língua de Claire estava presa na boca como o badalo quebrado de um sino. Quando se desejava algo que sabia ser proibido, falar o mínimo possível sobre isso era o que se queria.

— A pessoa em quem está pensando. Ele talvez se vista de preto e reze a missa? — As faces de Claire ficaram em chamas, e ela prendeu a respiração. Abriu os lábios para explicar, mas, quando se

tratava do padre Ethan Stone, Jo sabia muito bem, Claire mal conseguia articular seus sentimentos para si mesma, que dirá para outra pessoa. Certa vez, a mesma coisa acontecera com ela e Whit, que havia sido como um tabu, mas por razões diferentes.

*Deixe seu discurso ser temperado com sal*, diz na Bíblia, isto é, expressar-se com benevolência. Antes de Claire voltar à Fazenda Salt Creek, Jo teria interpretado essa frase como uma prescrição para dizer às pessoas o que elas queriam ouvir. Agora que Claire havia voltado para casa, entretanto, Jo mudara de ideia. As palavras de Deus não eram como um fio de prumo que ia direto ao coração; eram mais uma rede emaranhada, espalhada para pegar aquilo que conseguia.

— Você vai à missa amanhã? — perguntou ela. — Vai ver Ethan Stone lá. — Claire respondeu que não com a cabeça e espirrou. Ela continuava alérgica a pólen.

— Quero ficar aqui cozinhando. — Claire estava preparando uma grande refeição de domingo para as três, Jo sabia, como uma espécie de oferenda de paz para ela e Dee: presunto, batata assada em rodelas e a primeira salicórnia da estação, conservada em salmoura havia alguns dias. Jo tinha potes de conserva no balcão da cozinha e gostava de ficar observando o vidro e ver os brotos macios da planta flutuarem como fios da memória. Ela franziu o cenho para a irmã. Talvez fosse melhor manter algumas recordações presas numa garrafa.

Jo largou a pá. Seu lado do tanque de evaporação estava raspado o máximo possível. Mais cedo, naquele dia, ela havia arrumado as eclusas com a suspeita de que talvez já fosse o momento de deixar a água entrar na salina. Não era uma decisão que tomava com facilidade, e, embora ainda fosse começo de abril, ela sentia que a época de deixar as comportas abertas para entrar o que fosse havia chegado. Ela acenou com a cabeça para si mesma.

— Vou preparar para a entrada da corrente primaveril — anunciou ela.

Claire ergueu os olhos. Ela nunca entendera quando e por que Jo e sua mãe decidiam alagar a salina e dar início à época de produção de sal.

— Agora? Tão cedo?

Jo deu de ombros.

— Por que não?

— Como você sabe?

— Não há um segredo para isso, Claire, apenas prática. — E repetição, Jo sabia, a paciência para testemunhar a estação mudar e fazer o que lhe era dito, mesmo que a mensagem nem sempre lhe agradasse. Ela olhou para a irmã. O cabelo dela estava tão vermelho quanto o sal de Henry, mas Claire nunca estabelecera essa conexão. O dia que o fizesse, pensou Jo, seria o momento que compreenderia que ela já tinha todo o conhecimento necessário para perceber o clima daquele lugar.

Na verdade, havia um truque para prever a época de produção do sal. Antes de qualquer dilúvio, Jo simplesmente consultava o sal de Henry. O melhor momento para abrir as comportas era quando os cristais na lama estavam começando a ganhar um brilho rosa. Se um pouco antes, o vento estaria frio demais. Se mais tarde, a terra estaria seca demais. Se Jo esperasse até o sal ficar vermelho mesmo, a argila e o lodo das paredes dos canais e dos tanques começariam a se desintegrar, ameaçando desmontar-se completamente. Se ela alagasse a salina, então acabaria com uma sujeira de lama nas mãos. Hoje, entretanto, a cor estava no ponto — um leve rubor de rosa antes de ela se abrir. Ela caminhou pelo canal principal, desviando-se do dique como sempre fazia, mesmo que estivesse crescida agora e seu irmão gêmeo, já havia muito enterrado. Ela havia calculado perfeitamente, percebeu. A maré estava no seu ponto mais alto, jogando ondas na praia. Ela virou as plaquetas de ferro que seguravam a comporta do canal principal, abriu o portão e se deslocou para o lado, quando a gélida água do mar passou por suas botas num estrondo.

Os presságios que diriam como se daria o resto da estação estavam escondidos em algum lugar nesse instante. Nunca era uma coisa só, e nunca a mesma de um ano para o outro. Jo pensou na invasão das traças brancas que ocorreu na primavera depois da morte de Henry, nas minúsculas borboletas azuis que sobrevoaram aos montes no dia em que Claire foi embora com Whit. Essas duas



produções de sal foram nebulosas, úmidas, e grande parte do sal produzido foi cinzento, parecia uma salmoura cheia de lodo. Mas Jo tinha pressentimentos melhores para essa primavera. As íris selvagens haviam apontado mais cedo e os bandos de gansos já estavam retornando, sobrevoando em V. A terra estava secando perfeitamente. No geral, pensou Jo, talvez estivessem num ano bom.

Satisfeita que as barragens estivessem segurando a água, ela foi checar as menores — estava preocupada com o ferrolho que fechava a última — quando viu Dee acenando da beira dos tanques, tão pálida sob a luz de um final de tarde que parecia quase surreal. Claro, esse seria um erro fácil de cometer, especialmente ali na salina, onde céu e água formavam coisas estranhas para a visão e, pior ainda, para o bom senso de uma pessoa.

Jo observou a menina ser levada até as sepulturas. Dee parou para ler as lápides, deixando-se ficar ali por um bom tempo. Uma trilha estreita de ervas daninhas, que saía das sepulturas, dava na extremidade final dos tanques, e, quando Dee se aproximou dela, Jo percebeu que devia estar se parecendo com um fantasma também. Ela vestia finas camadas de roupa: uma camisa masculina de cor clara de linho sobre uma calça leve que fora enfiada dentro de galochas. Na cabeça, tinha um chapéu de palha preso por um tecido finíssimo, para afastar o pouco sol que havia. Dee finalmente chegou, um pouco sem fôlego.

— Nossa — disse ela, os olhos arregalados. — Nunca imaginei que este lugar fosse grande assim. — Ela respirou um pouco mais forte no frio, e Jo sentiu, inesperadamente, certa pena dela. Dee não tinha experiência nenhuma. Para se envolver com um homem como Whit, ela devia estar muito desorientada mesmo. Deve ser horrível ter de roubar o afeto de alguém, como um corvo que rouba prata, pensou Jo, mas a quem Whit pertencia, afinal? Outrora acreditara que a ela, e depois a Claire, mas agora diria que apenas a si mesmo. Tentar possuir Whit sempre foi como tentar agarrar a água nas mãos. O líquido escapa, e os dedos se juntam em volta de nada. Jo chegou mais perto de Dee. Talvez fosse melhor que as duas se

calassem e trabalhassem um pouco, antes que ela começasse a falar demais. Ela pegou no braço da menina.

— Venha. Você pode ser útil. Ainda tenho um pouco de sal do último verão e fiquei sabendo que estão abrindo uns restaurantes novos em Wellfleet. Talvez eles queiram. A venda de sal tem sido horrível em Prospect, e tenho tentado fazer de tudo para vendê-lo em outro lugar. Você pode me ajudar a colocá-lo em saquinhos de amostra.

Dee seguiu atrás dela com dificuldade, um pouco ofegante. Falava de modo rápido e curto, o que lembrava a Jo um cachorrinho de colo querendo morder o calcanhar de alguém.

— Sinto muito por Whit enviar todas aquelas cartas terríveis para vocês e sinto muito por ele estar causando problemas para o padre Stone.

Jo bufou. Então Dee vira a carta que ela e Claire tentaram esconder. O que a garota havia feito, fuçado no lixo? Ela encarou Dee, perguntando-se se a havia subestimado.

— Costumo achar que Whit pertence à mesma categoria das pequenas lesmas que arranco da lama — disse ela. — Ele vem tentando colocar as mãos nesta terra há anos, sabe, mas até agora nada deu certo. Casar-se com minha irmã não adiantou, nem esse vodu de cartas. Whit Turner pode ter a Fazenda Salt Creek depois que passar pelo inferno, e ponto final. — Jo falava tanto para Dee quanto para si mesma. Ela se virou e viu a menina ainda plantada na lama, como um besouro teimoso. — Você não vem? — vociferou ela. Atrás de si, escutou Dee se apressando para alcançá-la, em todos os sentidos.

# 19

NA MANHÃ DE PÁSCOA, Claire se levantou antes de todo mundo na casa, amarrou um avental na cintura e começou a criar sua própria ressurreição.

Na vida em conjunto com Whit, o ato de cozinhar havia sido tão estruturado quanto todo o resto. Claire fazia listas de ingredientes complicados — conserva de aspargos, óleo de gergelim, ova de salmão —, fazia as compras, e, então, voltava para casa e seguia a receita como se fossem instruções para uma fusão nuclear. Sua comida ficava tecnicamente perfeita, mas sem sabor algum. Nunca notou Whit se deliciando ao ingeri-la, e, no momento em que o jantar ficava pronto, ela geralmente estava exausta para comer. Guardava as sobras, e a empregada (que já havia partido muito tempo antes, graças ao orçamento cada vez mais draconiano de Whit) as comia no almoço no dia seguinte, sem nenhum entusiasmo a mais do que Whit na noite anterior.

O fato era que requinte não era uma opção na Fazenda Salt Creek. Primeiro, Claire estava a quilômetros da loja e, segundo, não havia livros de culinária ali. Assim, ela simplesmente usou o que tinha à mão. Sal, claro, pois já não precisava mais temê-lo, e ovos, manteiga, queijo da fazenda. Açúcar, farinha e um punhado de ervas da primavera, que ela colhera da terra fria da manhã, do lado de fora da cozinha.

Ela bateu as claras em neve e acrescentou nela queijo, cebolinha e gemas, e colocou o prato para crescer no forno. Preparou uma massa básica e, com ela, fez biscoitos redondos enfarinhados, aromatizados com baunilha, e então os enfiou no forno com o suflê. Encontrou, no fundo da geladeira, um saco de papel com minúsculos morangos dentro. Colocou sobre eles açúcar e hortelã, e os deixou cozinhar até virarem uma geleia.

O sol nasceu e se espalhou como uma mancha de gordura que derrete na panela, e a cozinha começou a ficar cheia de aromas de

massa, queijo derretido e vapor de baunilha. Satisfeita, Claire se debruçou sobre o balcão, degustando uma xícara de café forte e passando os dedos sobre o medalhão que havia pegado de Dee e que agora usava ao lado da pérola de Ida. Se seu passado tinha o próprio tamanho e peso, pensou, a pérola talvez fosse sua manifestação física: uma bola de cálcio e mineral, com a função de cobrir um único grão que não tinha lugar próprio. O timer do fogão tocou, e Claire se levantou para ver as bolachas, mas abriu o forno tão de repente que queimou os olhos com o vapor. Deu um passo para trás e abanou a mão no rosto. *Honestamente*, pensou ela, *todos esses anos e aqui estou eu fazendo as coisas com pressa ainda, metendo o nariz onde não deveria e, claro, me queimando por isso.*

Porém, todas as suas cicatrizes ficavam do lado de dentro. O que, exatamente, seria o reverso de uma cicatriz?, perguntou-se Claire. Ela tirou a bandeja do forno e ficou olhando para as luas redondas da massa estufada em linhas uniformes. Elas a lembravam o rosto vazio da Nossa Senhora. *É isso*, pensou, fechando o forno de novo. O oposto de uma cicatriz era simplesmente um buraco sem nada, quando a alma era arrancada de algo.

Claire quebrou uma das bolachas ao meio, deixando que saísse o vapor e, em seguida, comeu-a em quatro mordidas. Bebeu mais café e esperou o suflê de queijo ficar pronto e as bolachas esfriarem. Passou--lhe pela cabeça que deveria fazer uma lista de todas as suas coisas de valor. Havia Icycle, mas vendê-lo partiria seu coração. Havia os poucos dólares que conseguira depositar em sua própria conta bancária, sem que Whit soubesse, mas a quantia era irrisória. Seus olhos vagaram para suas mãos vazias. Claro! O anel de Ida dentro da gaveta lá em cima. Talvez pudesse vendê-lo, se tivesse coragem. Nada lhe daria mais prazer. E, de toda forma, Ida nunca fora o tipo de pessoa que virava o nariz para um bom lucro, mesmo que se desse por meio de seus bens pessoais.

Claire estendeu o braço para pegar outra bolacha, admirada pelo pouco que tinha na vida, mas era tudo culpa sua. Havia preenchido os dias com conversas vazias com amigas que não tinham importância para ela, tarefas que fazia apenas para se manter

ocupada e um marido a quem nunca amara. Ela estremeceu na cozinha aquecida e terminou sua segunda bolacha. Na fazenda, ela dormia tão profundamente que nem sonhava, mas, mesmo assim ainda acordava com as bochechas enrijecidas e o pescoço dolorido, como se tivesse contido as lágrimas durante toda a noite. De manhã, Jo geralmente já tinha saído de casa quando Claire descia, e, nas raras ocasiões em que comiam juntas, ficavam tão caladas que um monge poderia meditar entre elas sobre a mesa.

— Claire? — Jo entrou na cozinha, e ela piscou. — Está tudo bem?

— Jo se serviu de uma xícara de café e o soprou. Claire franziu a testa e voltou rapidamente ao presente. O timer soou de novo, e ela calçou um par de luvas de cozinha.

— Fiz um suflê — disse ela e abriu o forno. Dessa vez, lembrou-se de desviar o rosto do calor.

Jo deu espaço no balcão para o prato quente.

— Você nunca teve o hábito de cozinhar.

Claire tirou as luvas. Seus dedos ainda lhe pareciam nus sem o anel.

— Não sei o que me deu. Talvez seja todo o trabalho físico, mas meu apetite está ensandecido. — Ela colocou duas colheradas de suflê nas vasilhas e deu uma a Jo. — Tudo que faço aqui sai *gostoso*. Prove. — Claire mastigou um pouco, então hesitou com as sobancelhas baixas. Normalmente ela comia sua comida sem nada, mesmo que estivesse insípida, mas naquele instante esticou o braço para pegar o saleiro e jogou um pouco de sal sobre a vasilha com os dedos. Salpicou um tanto sobre o suflê, depois outro tanto e mais outro, ignorando o olhar perplexo de Jo.

— Claire, o que está fazendo? — Claire mal a escutou quando levou o garfo à boca. A mãe sempre lhe disse que, se tivesse alguma pergunta, uma pitada de sal lhe traria a resposta, mas Claire nunca compreendera isso, talvez porque nunca havia salgado sua comida. Agora, no entanto, percebeu o que a mãe queria dizer. Era impossível mentir para si próprio quando se tinha uma boca cheia de sal, pois ele acentuava todos os sabores da vida: azedo e

apimentado, saboroso e doce, amargo e podre, deixando-os intensos demais para serem ignorados.

Claire pensava que tinha tomado uma atitude muito sábia quando se casou com Whit e trocou a terra úmida da Fazenda Salt Creek pela sólida madeira dos Turner. Ela se lembrava da sala de jantar da casa repleta de painéis, mas, naquela cozinha da fazenda, tudo era diferente. Não havia cantos pontudos, superfícies lustradas, apenas objetos muito usados, riscados e amassados, de uma cor leitosa e opaca. Claire deu outra colherada no suflê e mastigou cinco vezes; em seguida, outras cinco vezes, misturando tudo em sua boca, antes de engolir, tentando ignorar o amontoado de preocupações que pairavam sobre ela como uma uva passada: que Whit fosse tentar arrancar a fazenda de debaixo dos pés delas, que Dee fosse ter a criança que ela deveria estar carregando, que um dia ela olharia no espelho e pareceria tão sem rosto quanto a Virgem, porque Jo finalmente teria lhe arrancado a pele. E o que Claire poderia dizer sobre isso, se Jo merecia? Afinal, Jo a salvara — ou ao menos havia tentado.

A voz da irmã interrompeu sua corrente de preocupações.

— Você, por um acaso, saiu com Icycle hoje cedo?

Claire piscou.

— Não. Mas preciso dar uma olhada nele. Talvez o faça correr. — Jo virou os lábios para baixo e o coração de Claire ficou apertado de preocupação. *Você jamais pode me deixar*, a voz de Whit ecoou em seus ouvidos. *Nem agora, nem nunca*. Ela tentou manter a voz calma.

— Por quê? O que aconteceu?

— Nada. Você se esqueceu de travar a porta do celeiro ontem à noite? Quando saí esta manhã para checar os tanques, Icycle estava andando do lado de fora, só isso. — Jo hesitou. — Você acha que se esqueceu de trancar o celeiro?

Claire bateu os pratos na pia, espirrando espuma em sua camisa, e observou as manchas se espalharem, as pontas pingando como asas imperfeitas de mariposas. Ela sabia exatamente o que a irmã estava querendo perguntar.

— E bem provável que sim. Você sabe como eu sou. — Claire abriu bem as mãos do lado do corpo, exibindo as manchas de massa e farinha na camisa. — Quero dizer, olhe para mim, estou uma bagunça. Na verdade, preciso me trocar. Depois, vou dar um passeio com Icycle.

Lá em cima, ela vestiu uma camisa velha e furada, e um casaco de tricô limpo. Ela *havia* travado a porta do celeiro. Estava cem por cento certa disso, assim como sabia quem a tinha aberto. Olhou-se no espelho e lambeu os lábios. Não tinha maquiagem, os cabelos despenteados, as faces queimadas pelo vapor e inchadas. Naqueles dias, ela mal se reconhecia. Não que isso tivesse alguma importância, pois poderia colocar vários disfarces, ela sabia, mas, desde que Whit Turner estivesse ali, a única coisa que ela seria era uma mulher marcada.

QUANDO CLAIRE abriu o celeiro, viu pegadas espalhadas de um jeito tão deliberado que só poderiam pertencer a uma pessoa. Whit provavelmente andou rondando a Fazenda Salt Creek. Claire ainda podia sentir a presença dele.

O sol já havia nascido, e o dia estava ficando agradável. Era a primeira vez que Claire não fora a uma missa de Páscoa desde que se casara, e isso lhe pareceu vagamente criminoso. Seus pecados começavam a enchê-la por dentro, pressionando sua caixa torácica como um bando de pássaros engaiolados, desesperados para fugir. A única cura para isso, ela sabia, era o trabalho. Era algo que Jo teria dito, e Claire riu um pouco, reconhecendo, afinal, que talvez ela fosse uma filha do sal. Ela pegou a escova de pentear o corpo e a crina de Icycle, e começou a cuidar dele.

No momento em que acabara de pentear o rabo, a porta se abriu e os contornos de Dee apareceram sob a soleira. Vestia uma das antigas blusas de linho de Jo, um cardigã surrado, um par de longas meias de lã e uma calça de moletom. Até aquele instante, Claire se recusara a ficar sozinha com Dee. Quando ela abria a porta do

quarto e via Dee no corredor, fechava-a de novo e com força. Saía pisando duro dos tanques de sal quando Dee colocava os pés neles e se levantava da mesa assim que Dee encostava a barriga nela. Claire queria um pedido de desculpas, mas não tinha certeza de como ele seria. Queria que Dee erguesse a camisa e exibisse uma treliça de cortes na pele, ou arrancasse todos os cabelos, ou parasse de comer até que ela e o bebê, convenientemente, definhassem? Ou, pior, queria que a garota apenas desaparecesse e deixasse a criança com ela? Parecia a Claire que Dee lhe roubara algo que deveria ser dela.

— Por favor, não mexa no meu cavalo — disse ela por fim, questionando-se se deveria dizer, já *basta no meu marido*, embora não tivesse certeza se poderia se referir a Whit daquele jeito.

Dee franziu a testa e jogou o queixo para a frente, e essa atitude enfureceu Claire. Ali estava ela, pronta para um pedido de desculpas, mas, em vez disso, espantou-se com o surto grosseiro de uma adolescente.

— Parece que toda aquela cavalgada a deixou um tanto arrogante.

Claire ergueu a sobrancelha e, como Dee não respondeu, Claire se perguntou se a menina era sem vida mesmo ou se não passava de uma estúpida. Ela deslizou os dedos na crina de Icycle.

— Você alguma vez se perguntou como fiquei sabendo sobre você e Whit? — inquiriu Claire de repente, mas Dee não se apressou em responder aquilo. Talvez fosse assim que a menina estivesse planejando se desculpar, pensou Claire, com mero silêncio. Talvez estivesse tentando negar tudo. Mas aquilo, no fim, não seria uma felicidade? E Dee estava mais distante de um estado de entusiasmo do que a fazenda do paraíso. — Encontrei seu brinco no carro — prosseguiu Claire. — Uma argola vagabunda de prata. Joguei-a fora e não disse nada a Whit, mas foi assim que descobri.

Dee esticou o braço e passou os dedos no lóbulo da orelha. Claire sentiu prazer em ver que ela não tinha nenhuma joia sua ali — não desde que Claire arrancara-lhe o medalhão do pescoço e o colocara em volta do seu. Claro, Dee não deveria tê-lo aceitado de Whit, em primeiro lugar. Claire conseguia imaginá-lo tirando do bolso a



corrente e a balançando na frente da menina entre os quatro dedos, como se estivesse desafiando Dee a tomar uma droga.

Dee corou.

— Não fui atrás dele, você sabe — sussurrou ela. — Não fui eu quem começou tudo. Você precisa acreditar nisso. — Ela caminhou devagar até a porta do celeiro, ansiosa por partir, mas Claire não havia acabado. Ela esticou bem as mãos, os dedos espalhados como tentáculos.

— O que estava pensando? Ele tem o dobro de sua idade e é casado. Isso não teve nenhuma importância para você? Ele era muita coisa para você dar conta. Ora, eu o peguei tentando matá-la asfisiada!

Dee fechou os lábios com força e ficou apertando a pele em volta das unhas.

— Ele foi pego de surpresa com a história do bebê e tudo o mais. Claire estreitou os olhos.

— Você está falando sério? Porque, se há uma coisa que posso falar de Whit, querida, é que ele *sempre* age de caso pensado.

Dee balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Sei o que está tentando fazer, e não vai dar certo. Quando Whit colocar os olhos no filho dele, ele vai me querer de volta. Eu sei disso. E ele não estava tentando me matar. Estava assustado, só isso. — Ela se levantou e fechou o cardigã em volta do corpo. — Nesse meio-tempo, fique longe de mim, e eu não vou me aproximar de você.

Ela tentou passar por Claire, que esticou a mão e agarrou um dos braços carnudos de Dee, cravando os dedos nele com força.

— Se eu fosse você, não ficaria lançando ultimatos por aí, Dee. Não existe mais uma Liga da Temperança Católica para quem pedir caridade, e duvido que alguém na cidade vá desafiar a fúria de Whit e de seu pai apenas para lhe dar cama e um prato quente todas as noites. Somos nós ou ninguém. — Dee arrancou o braço da mão de Claire com um puxão violento e a encarou. — Está grávida de quantos meses, afinal? — perguntou Claire, apontando para a barriga da menina.

Dee colocou os braços em volta da barriga como se tentasse esconder um segredo, mas era um pouco tarde para isso, na opinião de Claire.

— Seis meses — sussurrou ela.

Claire perdeu o fôlego.

— Está falando sério? — Virou-se de costas para Dee, fazendo uma conta rápida na cabeça, cujo resultado não lhe agradou. — O que está planejando fazer?

O lábio de Dee tremeu.

— Já não sei mais.

Claire olhou para os tanques de evaporação recém-inundados, através das portas abertas do celeiro, e pensou nos bebês que havia perdido. Nunca teve a chance de segurar nenhum deles. A criança de Dee talvez fosse o mais perto que chegaria disso, mas, se ela fosse embora da salina, isso significaria mais uma criança que Claire jamais abraçaria.

Mas a Fazenda Salt Creek era um lugar perigoso para um bebê em vários sentidos. Claire pensou no coração parado dos meninos nas sepulturas do outro lado da planície do sal, entre eles, o de seu próprio irmão.

— O que eu deveria fazer? — perguntou Dee.

*Não a deixe ir embora*, gritou uma voz dentro de Claire. Mas, se fosse convencer Dee a ficar, iria precisar de ajuda. Ela era a última mulher no mundo que Dee gostaria de ouvir, mas para isso havia solução. Claire sabia quanto o sal podia corroer o bom senso de uma pessoa e acabar com uma opinião mais sensata. Pegou Dee pela mão, segurando-a com mais força quando a menina tentou se desvencilhar.

— Não, eu quero ajudar — disse ela, sorrindo, certificando-se de mostrar todos os seus dentes, como fazia quando queria coagir o seu círculo social de senhoras no clube de campo. — Agora, você precisa de uma amiga, uma alma em quem confiar. Por sorte, conheço a pessoa certa.

Ainda segurando Dee pelo pulso, Claire a levou para fora do celeiro e fechou as portas, movendo-se devagar, com a mesma

cautela que usava para caminhar atrás de um cavalo que não queria assustar.

— Venha — disse ela e saiu em direção à trilha. Era Páscoa, pensou Claire, seu coração parecia maior com o fluxo extra de sangue, a época de oferendas. Finalmente, Claire tinha um presente irrecusável para a Nossa Senhora.

## 20

DEE TALVEZ NUNCA TENHA SIDO um ás nos estudos, mas tampouco era totalmente estúpida. Quando Claire a acusou de ter deixado Icicle sair do celeiro, sabia que era o jeito de ela dizer-lhe para ficar longe do cavalo, do homem e de tudo o mais que lhe pertencia.

Mas isso era mais fácil de dizer do que fazer. Agora que Dee vivia bem perto de Claire, sua curiosidade estava muito maior do que antes. Quando Claire estava fora da casa, trabalhando ou andando a cavalo, Dee alguma vez ia espiar e fuçar um pouco o quarto de Claire. Primeiro, só entrava e ficava parada, inalando o ar, mas, depois de um tempo, ela começou a se atrever mais e a mexer nas coisas, abrindo o guarda-roupa e fuçando nas velhas roupas que Claire usava para trabalhar no sal, correndo os dedos pelas escovas de cabelo sobre a penteadeira e examinando que tipo de creme de pele Claire gostava. Quando encontrou o anel de diamante na primeira gaveta da escrivaninha, ela tentou colocá-lo em seu dedo, mas chegou apenas até a junta. Suspirou, frustrada, e o devolveu. Havia outras coisas que teria gostado de explorar — um antigo diário com o cadeado quebrado, um maço de fotografias da época de escola de Claire, uma série de cartões de aniversário —, mas ela sempre tinha muito medo de ser pega.

Agora que Dee compartilhava o mesmo espaço que ela, viu que Claire não era exatamente uma megera que brincava com fogo, como havia imaginado. Perto de Jo, Dee se surpreendeu de notar que ela era educada e quase meiga. E Jo, que nunca proferia mais que três palavras de uma vez só para ninguém na cidade, estava se mostrando tão autoritária que Dee algumas vezes tinha vontade de fechar a sua boca para ter um pouco de paz e quietude. E, então, havia todas as mudanças drásticas acontecendo com o seu corpo. Seus seios pareciam um par de bexigas de festa. Havia dias em que juraria que estava retendo metade da água do mundo. Até seu rosto estava com um formato diferente.

Seu pai a chamara de vagabunda e dissera que ela merecia o que lhe estava acontecendo, e Whit fora mais longe e chamara o diabo contra ela, mas, se o sal era capaz de mudar a maneira como ela via Claire, pensou Dee, talvez houvesse esperança para ela também. Talvez, quando o bebê nascesse, todas as partes ruins fossem arrancadas dela, deixando-a tão pura e brilhante quanto um floco do produto de primeira qualidade de Joanna.

Ela fechou a gaveta, os joelhos doendo ao atravessar o quarto. Era Páscoa, mas não podia afirmar isso com base na quietude da fazenda. Claire havia assado alguma coisa que cheirava a queijo e parecia saboroso, mas aquele era o único sinal de algum tipo de celebração. Dee prestou atenção, a casa estava realmente vazia. Ela iria sair e ver Icycle, decidiu. Pelo menos ele era uma boa companhia.

— Vou dar uma caminhada — disse ela em voz alta, caso alguém se importasse. — Estarei no celeiro. — Mas ninguém respondeu. Nem mesmo o relógio fez tique-taque.

O LUGAR ONDE DEE se sentia melhor era no celeiro de sal. O aroma seco esclarecia seus pensamentos e relaxava as dores nas costas. Ela abriu bem a porta e respirou fundo, desejando poder tricotar algo para si com aquele odor e viver protegida sob ele. Era melhor do que o cheiro de incenso que as crianças costumavam queimar nas festas de escola em Vermont, e melhor ainda do que a maconha que conseguiam. Até mesmo Icycle, enfiado no canto com seu feno, apesar de seu estrume, tornava a atmosfera um tanto aconchegante.

Ele sempre relinchava quando ouvia Dee entrar, mas ela vinha preparada, tirava uma cenoura do bolso do casaco e o deixava aninhar o focinho em seu pescoço, então estendia-lhe a mão aberta com a cenoura e sentia enorme prazer na mastigação ruidosa que ele fazia. Ria quando ele se chocava com ela e a derrubava um pouco para o lado.

Seu centro de gravidade estava mudando. Isso era certo. Quando subia a escada, seus quadris pareciam fora do lugar e ela sentia os joelhos moles. Mas havia mais do que apenas uma reorganização física acontecendo dentro dela. Um pouco antes de abandonar a escola, eles estudaram os rios em geografia, a única matéria de que Dee gostava, talvez porque soubesse que era o mais próximo que chegaria de viajar. Rios, a professora lhes ensinara, algumas vezes revertiam seu curso sob impressionantes circunstâncias, como num gigantesco terremoto. Dee pensou sobre isso naquele momento. Quanto mais grávida ficava, mais ela se sentia como um daqueles cursos de água. Ela talvez estivesse confusa e desorientada naquele momento, mas começava a suspeitar de que dar à luz a derrubaria por completo. Pela centésima vez, ela desejou que não tivesse de passar por isso.

*A vida é dura*, seu pai lhe dissera isso de maneira ríspida todas as vezes em que ela reclamou sobre as pequenas coisas. Ela sempre supôs que ele tentava fazê-la se calar, mas e se ele estivesse a lhe dizer a absoluta verdade? Viver o dia a dia não era difícil, Dee começava a perceber; mas a *vida* como um todo era. Até onde sabia, iniciava com uma dor insuportável e acabava ainda pior, e o que uma pessoa devia fazer nesse intervalo parecia-lhe tão claro quanto um sonho.

Ela se lembrava de quando a mãe havia morrido e de como o ar da sua casa parecia ter parado para sempre. Os relógios pararam. Ninguém atendia o telefone. A geladeira zunia mais silenciosamente. Dee não tinha certeza se ela mesma também não havia morrido. Cutt mal olhava para ela. Seus parentes entravam e desapareciam. Dee voltou à escola, onde ninguém perguntou por onde ela andou, e voltou para uma casa vazia. Os detalhes de sua mãe — a cor esfumaçada de seus olhos, sua risada divertida, a forma de seus pés — sumiam cada dia um pouquinho.

Dee se perguntou se Cutt sentia sua falta daquele jeito agora, se os quartos em cima da lanchonete pareciam vazios para ele quando subia depois do turno de trabalho, mas ela decidiu que não. Por uma única razão: ela não havia partido de fato, não completamente. No

dia seguinte à sua chegada na fazenda, ela chegou a ligar para o pai e lhe dizer onde estava.

— Não tenho filha — disse ele, alto e duro, e, em seguida, desligou. Seu pai sabia onde encontrá-la. Apenas não queria.

Mesmo assim, era engraçado. Ali na fazenda, onde não havia muito de nada, Dee se sentiu mais viva. Talvez, pensou, porque aninhar a mão sob a barriga e sentir o peso do bebê preenchendo as partes dela a diziam que não estava vazia, ou talvez o que as pessoas na cidade diziam sobre o sal Gilly fosse verdade. Ele ludibriava seus pensamentos, fazendo-a acreditar que estava cheia, quando não estava, feliz, quando na verdade estava triste, e que valia mais para alguém do que um prato de ovos com presunto.

CLAIRE QUASE A MATOU de susto quando pulou das sombras no celeiro. Dee sabia muito bem que três mulheres confinadas — uma grávida e irritável, a outra curtindo o coração partido e ressentimentos, e a terceira quase uma batata frita — não podia ser uma boa combinação, especialmente quando a razão de estarem todas ali era um único homem.

Mas, de novo, ela se enganara. Claire não havia saído para pegá-la. Ela queria apenas ajudar. *Você precisa de uma amiga*, dissera ela, aproximando-se de Dee e deslizando seus dedos brancos ao redor do punho dela, bem em cima do pulso, da mesma forma que Whit fizera. Ela conduziu Dee para fora do celeiro e pela trilha empoeirada. *E eu conheço a pessoa certa*.

Por um instante nebuloso, Dee ficou preocupada de que Claire a levasse até as dunas para dar-lhe uma surra e se tranquilizou quando o lugar de destino foi a igreja St. Agnes. Os últimos fiéis da Páscoa haviam partido, e o padre Ethan Stone havia acabado de sair do presbitério. Ele corou intensamente ao ver Claire, mas não tirou os olhos dela também, notou Dee. Claire ficava agitada como um gafanhoto na presença de Ethan, e ele não agia muito diferente. Ele piscou para Claire.

— Olá — disse ele, arrumando o colarinho como se quisesse lembrá--la, ou a si mesmo, de seus votos. Ela pareceu bem insensível àquele ato. Esticou o pescoço e ajeitou as tranças, mordendo o lábio inferior.

— Feliz Páscoa — respondeu ela. Dee sentiu como se estivesse assistindo a uma menina de sua idade em vez de uma mulher de 31 anos. Em contraposição, a Virgem brilhou atrás de Claire num suave caminho de sol, mantendo todos os segredos para si mesma.

— Nossa! — Dee se assustou ao falar em alta voz, começando a compreender a que viera. — Você me trouxe aqui para ver a Virgem. Claire a encarou.

— Quem você pensou que fosse? — Dee não respondeu, mas padre Stone sorriu, e Claire ergueu a sobrancelha para ele.

*Ele não nasceu padre, pensou Dee para si mesma. E, se Claire continuasse a agir daquele jeito, não continuaria sendo um por muito tempo.* O que, segundo Dee, seria um favor à humanidade. Um homem bonito como ele não deveria se trancar numa igreja velha e mofada, pensou. Claire colocou as mãos sobre os ombros de Dee e a empurrou para dentro da porta da igreja, passando por Ethan. Dee ergueu as sobrancelhas para ele, da mesma forma que Claire fizera.

— Viemos tratar de um assunto de mulheres, Ethan — disse-lhe Claire sobre os ombros. — Precisamos pegar a igreja emprestada um pouquinho, se você não se incomodar. — E, que Deus o abençoasse, o homem partiu rapidamente, como se não visse a hora de sair dali. Dee não entendeu o que ele respondera, mas, se combinasse com o calor que havia nos olhos dele ao fitar Claire, era melhor que fosse assim, pensou.

Lá dentro, ela parou, surpresa com a luz que banhava a Virgem, seu olhar se prendendo em todas as coisas estranhas que havia na pintura: os anzóis cinza desenhados ao longo da bainha, o olho aberto pintado na palma da mão.

Dee acompanhou Claire até o centro do pequeno corredor da igreja. Dee estava em apuros e precisava de alguém do lado dela, ela sabia, e talvez a Nossa Senhora fosse realmente boa para isso. Ela quase atendia a todas as necessidades. Era sagrada, mas



humana também. Dee nunca pensara sobre isso antes, mas a Sagrada Família era muito mais parecida com uma família comum do que ela havia julgado. Os problemas deles eram bem familiares: uma gravidez inexplicável, um filho rebelde, seus amigos estranhos. Ela olhou para a própria situação e agradeceu às estrelas pela sorte de que, quando morresse e fosse julgada, pelo menos ela encontraria uma solução para si mesma. Pobre Jesus, que só conseguiu a ressurreição. Os problemas dele nunca teriam fim. Um dia ele teria de voltar para julgar os vivos e os mortos, mas Dee tinha esperança de que isso estivesse muito longe de acontecer.

Claire fez o sinal da cruz e escorregou para o banco do meio; depois de um tempo, Dee fez o mesmo. Ficaram em silêncio por um longo período, as duas fitando o altar, como se fossem passageiras em uma rodovia montanhosa e perigosa, e não queriam tirar os olhos das curvas que surgiam à frente delas. Era pior do que estar numa igreja de fato. Por fim, Claire limpou a garganta e foi direto ao assunto.

— Por quê? — gritou ela.

Por um instante, Dee ficou em pânico. Para uma frase tão pequena, “por que” parecia grande demais. Sobre o que Claire estava perguntando?, questionou-se Dee, seu cérebro girando a toda a velocidade. Sobre as vezes em que entrara escondido no quarto dela e experimentara o seu anel de casamento? Ou sobre o fato de não ter sido completamente franca a respeito dos meses de gravidez? Como para dar sua opinião, o bebê chutou, e ela se mexeu, sem querer chamar a atenção para aquilo. Ela baixou a cabeça. Não. Ela sabia exatamente o que Claire estava querendo saber quando fez aquela pergunta. Queria saber sobre Whit. Dee não tinha nada para lhe oferecer senão a verdade. Ela respondeu com a voz trêmula.

— Achei que ele me amava de verdade.

— Creio que pensou que o amava também — disse Claire, seus lábios mal se mexendo, os ombros esticados. Pela primeira vez, Dee percebeu que Claire sempre tinha a postura de quem está sobre um cavalo: costas retas, pronta para puxar as rédeas se fosse preciso. Dee se perguntou se aquilo ocorrera naturalmente ou se era

resultado da vida com Whit. Ela pensou no comentário de Claire. Acreditara que o amava? Essa pergunta era fácil de responder. Era a mais fácil, na verdade.

— Sim — admitiu ela e mexeu o corpanzil. Se Claire iria lhe fazer perguntas, ela iria fazer o mesmo. — E você? Você o amava quando se casaram?

Claire levantou a cabeça de uma vez.

— O quê? — Ela não pronunciou essas palavras da maneira que pronunciou o “por que”. Dessa vez era uma acusação, uma espécie de “como ousa”.

Dee se afastou alguns centímetros para a esquerda no banco.

— É que, bem, escutei dizer que você amou padre Ethan no passado e queria saber se você amou Whit do mesmo jeito. — Ela cerrou os punhos e segurou a respiração.

Claire parecia ponderar as insinuações de Dee, mas, quando falou de novo, não era para abordar as perguntas de seu próprio passado. Inclinou-se para a frente, e sua voz saiu tão baixa que quase falhou.

— Sei que andou mexendo nas minhas coisas — disse ela. — Da próxima vez que fizer isso, feche as cortinas.

Dee esfregou a bela madeira do banco, as pontas dos dedos buscaram uma fenda para ela se esconder. Estava perdida se chorasse na frente de Claire.

— O que quer de mim? — perguntou ela por fim, mas, antes que Claire pudesse dizer algo, a resposta a invadiu como a vibração de um enorme sino, tão poderoso que se perguntou se todos na cidade não a escutaram também. *Seu filho.*

Ela encostou no banco, sem ar. Claro. Era tão óbvio. Claire era exatamente o tipo de pessoa que queria todas as coisas que não tinha: filhos, Whit quando ele pertencia a Jo, Ethan quando pertencia à Igreja. E Dee apostava que Claire não interessava com como os conseguiria. Ela protegeu a barriga com as mãos e se levantou.

— Podemos ir. — O bebê se mexeu, e Dee colocou a mão sobre ele, como se para tranquilizá-lo pela primeira vez, dizendo-lhe que tudo ficaria bem, mesmo sem saber se aquilo era verdade.

— Você obteve a resposta que queria? — A voz de Claire a atingiu por trás como uma pá que apunhala a terra. Dee endireitou os ombros e endureceu. Ela não iria permitir que Claire, nem ninguém, se apossasse dela. Não mais.

— Claro — respondeu ela. — Por enquanto.

# 21

NO FINAL DE JUNHO, O VERÃO finalmente tinha começado a se formar com vigor, uma bandeira brilhante que fora enrolada forte demais durante o inverno. Zostera, flores de ervilha, rosas trepadeiras, carrapatos, camundongos e até touceiras punham os escuros focinhos para fora da abençoada terra negra para sentir o cheiro da nova estação. Como numa celebração, a primeira crosta de sal se formou mais cedo nos tanques do leste, transformando os lamacentos açudes em tanques cobertos de delicadeza.

Porém, Jo não podia desfrutar daquela graça. Suas economias haviam acabado por completo e, uma vez mais, como havia previsto o banco, ela não conseguira pagar a prestação em dia. Whit cumprira a palavra também. Ele de fato *tinha* amigos no Harbor Bank e, por azar, eles concordaram com o ponto de vista dele a respeito da situação.

— Você recebeu uma oferta razoável pela propriedade, Senhorita Gilly — disse o Sr. Monaghy ao telefone, dois dias depois de Jo ter recebido a última carta deles. — Nosso conselho mais sincero é que a aceite. Para dizer a verdade, nós não *temos* interesse na propriedade, mas nos vemos obrigados a cumprir as regras do contrato de financiamento. Encaramos esta oferta como uma situação em que todas as partes envolvidas saem ganhando.

— Não sabia que isso era um jogo — disse ela, ríspida. — A resposta é não. — E bateu o telefone na cara dele.

Jo olhou para o horizonte naquele momento, para um ponto que deveria ter sido misterioso e vasto, mas o qual, bem no centro da salina, não passava de mera mancha cujo potencial não fora alcançado. Ela virou o rosto para os tanques de sal. Se quisesse sair daquele buraco de dívida, teria de prestar atenção nos recursos que tinha à mão. Aquele canto da Terra podia ser fértil sob as corretas circunstâncias, sabia Jo. Na verdade, os Bancos Externos de Cape Cod foram famosos no passado por causa do sal. Agora, sua fazenda

era apenas o último fantasma daquela fertilidade. Posto dessa maneira, pensou Jo, a salina parecia mais um tesouro desconhecido do que uma relíquia histórica. Era engraçado como se dava a perspectiva, pensou ela, escalando uma barragem cheia de crosta e se afundando cada vez mais no brejo. Apenas quando se estava à beira de perder algo é que se dava a real dimensão a isso.

— PARECE NEVE. — Dee se equilibrou na estreita barragem, piscando no sol de fim de tarde, sua barriga enorme no último estágio de gravidez. Jo pensou que nunca vira alguém tão grávida. E, na verdade, não vira mesmo.

Claire havia ficado furiosa quando descobriu quão avançada estava a gravidez de Dee, mas Jo não ficou nem um pouco surpresa. Uma criança com o corpo dela podia esconder muita coisa debaixo da barriga, pensou, antes que começasse a aparecer. Ela queria saber o que mais Dee não lhes contara. Tratando-se dela, podia ser qualquer coisa. Certa vez, Jo a pegara saindo do quarto de Claire.

— Estava apenas vendo se consigo pegar mais camisas emprestadas — gaguejara ela. No entanto, Jo havia acabado de lhe dar uma pilha de roupas.

— Melhor pegar uma das minhas — respondeu Jo. — E, se fosse você, evitaria ter problemas com a minha irmã. — Mesmo que Claire fosse civilizada o suficiente com Dee, cumprimentando-a com acenos frios e poucas palavras, Jo ainda não tinha certeza se a irmã não estava planejando uma vingança juntamente com todos os seus confeitos mais doces. Jo suspirou e enxugou a testa, olhando o tanque à sua frente.

— Tem certeza de que eu deveria fazer isso? — perguntou-lhe Dee.

— Parece que vou explodir a qualquer minuto.

Jo continuou a raspar o fundo.

— Esta é a melhor camada do ano até agora. — Sua voz ficou mais suave. — No passado, havia produção de sal por toda a costa.

Você sabia disso? Quando eu era pequena, havia até um dos antigos tanques que sobraram. Eles estavam vazios e meio podres, claro, mas ainda estavam lá.

Jo mergulhou o dedo na vasilha com flocos de sal que estava coletando e ofereceu uma pitada a Dee. Ela esperou a menina colocá-lo na boca e, então, decidiu testá-la.

— Rápido — disse —, sem pensar, me diga o que lhe vem primeiro à cabeça.

Dee fechou os olhos, e um sorriso pairou em seu rosto redondo.

— Minha mãe cantando para eu dormir.

— Quem você ama? — perguntou Jo, rezando para que ela não dissesse Whit, e suspirou aliviada quando suas mãos simplesmente acariciaram a barriga. Até então, o coração de Dee parecia puro, mas Jo havia apenas abordado o passado e o presente. O futuro estava aberto para ser interpretado.

— O que achava que encontraria aqui? — perguntou ela, mas então os olhos de Dee se abriram, obscuros e cheios de suspeita.

— O que está querendo dizer? — disse ela; no entanto, o encanto do sal havia se quebrado, Jo percebeu. Dee não iria lhe dizer mais nada. Ela lhe entregou uma larga vasilha de madeira. Se não iria conseguir nenhuma resposta, pelo menos conseguiria alguma ajuda.

— Segure isso firme — mandou ela.

Não era possível que Dee fosse estragar aquilo, pensou. Logo depois da corrente da primavera, ela tentou mostrar-lhe como trabalhar nas comportas, mas ela e Claire acabaram por ter de arrastá-la dos tanques de inundação pelas axilas. Quando Dee tentou fazer a mesma coisa de novo, no começo de maio, voltou para o celeiro com o dedão sangrando, e uma das botas coberta de lama. Jo nunca entendeu o que aconteceu naquele dia. Era impressionante mesmo. Nunca antes conhecera alguém tão desajeitado. Quando o bebê nascesse, pensou Jo, ela e Claire teriam talvez de amarrar uma rede de proteção em volta dos ossinhos da criança.

A vasilha balançou e se inclinou na mão de Dee, e Jo a ajeitou. Não poderia se dar ao luxo de perder aquela carga, seu produto

mais caro, aquele que os turistas ávidos por qualquer vestígio de autenticidade de Cape Cod haviam começado a consumir recentemente como cães famintos. Ela imaginou mulheres e homens que o levaram para casa em suas cozinhas decoradas, jogando os flocos sobre suculentos pedaços de carne com o objetivo de um químico. Será que eles o saboreavam, perguntou--se ela, do jeito que as pessoas em Prospect costumavam fazer quando o acrescentavam a seus bolos e tortas, cientes de que todo o doce do mundo não tinha sabor algum sem uma leve pitada de sal para revelá-lo?

Dee a seguiu pelos pedaços da coluna da barragem, com a vasilha no colo, como Jo lhe havia mostrado, e tropeçou uma ou duas vezes.

— Será que eu devo carregar o bebê desse jeito quando ele nascer? — brincou ela, e Jo estremeceu, pois Dee não tinha a menor ideia, claro, de que a sua mãe fazia a mesma coisa, forrava uma enorme vasilha de sal e abrigava ela e seu irmão gêmeo na suas largas curvas. Com Claire também fez o mesmo. Jo se lembrava de embalar a irmã para dormir numa vasilha assim e de levar toda a tralha para perto do piso da lareira a fim de manter a irmã quentinha enquanto dormia.

*Preciso de algumas mantas suaves,* pensou Jo. *E pedaços de pano quadrados. Vamos precisar de fraldas, chupetas e babadores.* E como era aquela canção de ninar que a mãe costumava cantar? Jo parou de repente, e Dee quase foi para cima dela.

*O que está acontecendo comigo?*, repreendeu-se Jo. Parecia a Mamãe Ganso. Sabia que a escolha de criar uma criança da salina não era sua, especialmente se for um menino, que pode se tornar uma vítima da má sorte do sal. Competia apenas a Dee essa decisão. Mais cedo ou mais tarde, elas teriam de ter uma conversa séria.

Dee estufou as bochechas e colocou a vasilha nos pés. Não era pesada, apenas grande e desajeitada. Jo não acreditava que fosse causar nenhum dano a Dee carregá-la, mas, mesmo assim, ela não tinha certeza.

Dee olhou-a sem jeito.

— Eu disse algo de errado? Estava brincando sobre carregar o bebê numa vasilha. — Jo pegou a vasilha dela e lhe deu a pá, virou-se e voltou a caminhar. Ao se aproximarem da casa, um suave cheiro de algo doce no forno coloriu o ar. Jo olhou para a casa de ripa de madeira onde passara a vida toda. Era um pouco velha, tudo bem, mas também protegia do vento e da chuva, era fresca no verão e permeada de uma história interessante. Talvez não fosse o melhor lugar para se criar um bebê, mas tampouco era o pior.

Elas chegaram aos degraus da varanda, e Jo se virou para Dee. *Ela é uma criança dando à luz outra criança*, pensou. *Vai precisar de orientações*. Jo não era mãe, mas não crescera cuidando de Claire? Seus conselhos eram melhores do que nada e, ademais, nas atuais circunstâncias, eram tudo o que Dee tinha.

Quanto mais tempo Dee ficava na Fazenda Salt Creek, mais Jo começava a acreditar que a criança realmente pertencia àquele lugar. Mesmo agora, Jo podia notar que Dee sabia onde pisar na varanda para evitar os lugares soltos. Dee lembrou que a porta de mola podia bater porque Jo havia colocado uma mola nela para pegá-la no último segundo. Jo observou-a tirar o tênis de lona e jogá-lo no canto do corredor com a mesma impaciência de Claire. Dee sabia que elas guardavam as chaves da caminhonete num pote sobre o piano desafinado da entrada, sabia em qual armário ficava o arroz e o cereal, e quanto tempo a água precisava correr para ficar quente, pelando e, então, fria de novo.

Ela estava aprendendo o básico sobre a Fazenda Salt Creek, até a distinguir os tipos de sal, mas, quando se tratava do segredo da história da salina, seu coração pulsante, Jo se preocupava que Dee ainda não soubesse de nada. Mas aquilo, por ora, talvez fosse bom, decidiu ela. Algumas coisas deixadas de lado.

CLAIRE FORA À CIDADE, mas deixara um recado sobre a mesa da cozinha. *Bolo de canela no forno. Timer está ligado. Deixe esfriar antes de cortar. De volta perto das cinco.*



Jo virou a pilha de sal que trouxera dentro de um jarro de vidro e o separou para Claire. Ultimamente, a irmã vinha acrescentando todos os tipos de produtos estranhos nele: vagens de baunilha, ramos de lavanda e pétalas de rosa. E os produtos em que colocava o sal eram mais incomuns ainda: pudins, sorvetes, todos os tipos de pão. Jo não tinha certeza se conseguiria vender algum daqueles sais enriquecidos, mas Claire havia aperfeiçoado as etiquetas para os sacos que ela usava e lhe assegurou que ela poderia cobrar o dobro.

— Agora não é apenas um produto caseiro, é um produto caseiro, gourmet e local — disse ela, tirando uma madeixa dos cabelos vermelhos dos olhos. — Confie em mim, os turistas vão enlouquecer. Já telefonei para três lojas em Hyannis, e eles estão ansiosos para estocá-lo.

Jo apenas dera de ombros. Claire transitava com mais leveza pelo mundo maior do que ela, sem falar da época em que era sócia do clube de campo em Wellfleet, das competições de equitação e de todos aqueles anos vivendo na Casa Turner. Ali, na Fazenda Salt Creek, a costa ainda era selvagem e plana. Mesmo sabendo que não podia contar *de fato* com Claire, uma pequena semente de esperança começou a brilhar lá no fundo de Jo. Com a ajuda dela e algumas novas ideias, talvez a fazenda pudesse ser salva. Ela acendeu o fogão e colocou uma chaleira para fazer o chá.

Dee passou a palma da mão pela barriga e olhou através das janelas da cozinha.

— A salina mudou tanto desde que estou aqui. E quem sabe o que o vai acontecer depois de esse menino nascer?

Jo se sentou com o corpo para a frente, terrivelmente alerta.

— Você acha que é um menino? — Dee fechou os lábios com força, mas não conseguiu conter seu sorriso. O coração de Jo começou a bater forte.

— Ah, não sei. É só um pressentimento.

Jo cruzou as pernas, tentando não demonstrar nenhuma ansiedade.

— O que contou para Whit sobre esse bebê?

— Nada. Só que está prestes a nascer. Por quê?

Jo examinou Dee. Os olhos dela estavam mais arregalados, um sinal de inocência, mas os cantos da boca estavam tensos, como se estivesse a espera de más notícias, e os inocentes jamais esperavam ouvidas, Jo bem sabia. Era o que os tornava inocentes.

— Dee — disse Jo devagar e um pouco alto demais, como se estivesse conversando com um estrangeiro que não compreende bem a língua. — Precisa me prometer, por favor, *me prometa* que não irá procurar Whit, que não contará nada a ele sobre esta criança. Não sabe do que ele é capaz.

— Está parecendo Claire falando.

Jo torceu o nariz. Ela se lembrava de ter visto Dee e Claire na Páscoa, atravessando a salina lado a lado, como se estivessem abafando um segredo.

— Por quê? O que minha irmã disse? — E ali estava de novo a cortina descendo sobre os olhos de Dee: o maxilar tenso, os olhos agora talvez um pouco arregalados demais. *O que ela sabe que está me escondendo?*, perguntou-se Jo, mexendo o chá. Essa era a desvantagem de deixar outras pessoas ficarem na fazenda Salt Creek, mesmo que fossem da família. Cada vez mais coisas começariam a ser reveladas aos poucos, suspeitava Jo, e ela não teria como vê-las até que acontecesse algo terrível. E então, o que todos fariam? Pediriam ajuda a Jo, é isso o que fariam. Ela suspirou e correu a mão pela face.

— Você sabe, eu e Whit éramos muito amigos.

Dee concordou com a cabeça, e Jo continuou a falar, as palavras queimando-lhe a garganta como um café quente demais. Uma parte dela tinha esperanças de que Dee fosse correndo contar tudo a Claire, mas a outra sabia que a menina não teria coragem de fazer isso.

— Nem eu consigo acreditar, mas é verdade. E uma história estranha, nem sei por que estou contando a você, mas, no verão em que eu tinha quinze anos, Whit tentou me dar uma lembrança. A mesma coisa que ele lhe deu, por sinal. O medalhão com o W gravado. Porém, não tive coragem de aceitá-lo. Tinha muito medo de que Ida Turner descobrisse e acabasse com a minha vida. Não há tempo perdido com amizade entre os Turner e as Gilly, sabe.

Dee concordou, então Jo continuou a falar, sua voz ficando tensa devido ao pouco uso.

— De toda forma, acho que Ida ficou sabendo disso, porque mais tarde, quando eu estava entregando um pedaço de pão para o padre Flynn na St. Agnes, encontrei, por acaso, uma carta em frente à Virgem.

Dee se inclinou para a frente.

— De quem?

Ela fez uma pausa.

— Ida.

— Você a leu?

Jo respondeu que sim com a cabeça. Ela nunca havia contado isso a ninguém.

— O que dizia? — perguntou a menina.

A voz de Jo saiu distante.

A última frase foi o que mais me chamou a atenção. *Magna est ventos, et praevalibet.*

Dee franziu a testa.

— O que quer dizer isso?

Jo traduziu.

— *A verdade é poderosa e prevalece.* E da Vulgata, a antiga versão da Bíblia em latim. Perguntei ao padre Flynn uma vez o que isso queria dizer. Ele sempre afirmou que preferia as missas no latim antigo. — Era um sentimento que Jo compreendia. Havia momentos, supunha ela, quando a pessoa precisava se aproximar de Deus não como um vaso transbordando de conhecimento humano, mas como um vaso vazio, pronto para ser cheio. Uma rajada de vento fez bater os caixilhos da janela. A noite estava começando.

Jo se levantou e bateu as duas xícaras uma na outra, então soltou as mãos do lado do corpo, deixando todos os arrependimentos a ameaçarem, tão certo e inevitável como uma rocha prestes a causar um estrago. A tarde estava seca e avançando devagar. Parecia um momento tão bom quanto qualquer outro para confissões. Jo se virou de novo.

— Há uma coisa que precisa saber, se vai ficar aqui. — Dee se sentou com o corpo para a frente, excepcionalmente melancólica. —

Tenho certeza de que deve ter escutado todas as histórias na cidade. Esta terra não é tão generosa com meninos. — Ela hesitou. — Não estou dizendo que acredito nisso, mas pedras não mentem. Só há ossos de homens enterrados aqui. — Dee ficou em silêncio, então Jo respirou fundo e fez outra pequena confissão. — Acho que minha mãe tentou mudar isso quando eu e meu irmão nascemos. Antes de ela morrer, ela me contou uma história sobre a Nossa Senhora. Ela fez uma coisa terrível, mas não posso dizer o quê.

Os olhos de Dee estavam arregalados.

— E deu certo?

Jo fez uma pausa, ciente de que estava correndo risco, mas não conseguia imaginar outra maneira de terminar a história. Pensou na pergunta de Dee. Havia a mãe dela mudado a sorte deles? Sem saber, Dee havia tocado no cerne da questão.

— Sim e não — respondeu Jo finalmente. — Ela não salvou meu irmão, mas encontrou outra coisa naquela noite.

Dee estreitou os olhos.

— O quê?

Jo fez que não com a cabeça.

— Esse segredo não é só meu para contá-lo.

— Claire sabe disso? — perguntou Dee, e Jo fez que não com a cabeça de novo. Como ela poderia saber se Claire passou os últimos dez anos empoleirada em Plover Hill como um falcão numa árvore?

Jo olhou para fora da janela. Duas gaivotas estavam brigando por causa de alguma coisa que haviam pegado, batiam as asas e grasnavam.

— Olhe para aquilo — disse ela. — As duas brigando por causa de um peixe estragado quando há milhares no mar. Acho que os segredos são assim também. Quando se tem um, tem-se muitos.

— Mas os segredos Gilly não são revelados tão facilmente, não é?

— perguntou Dee, e Jo a encarou. Era tão estranho para ela ter uma jovem na casa, ansiosa por desenterrar antigas verdades, que melhor seria deixá-las quietas. Dee ainda não tinha entendido que, para uma história ir adiante, alguém precisava segui-la, assim como precisava de alguém para colocar-lhe um ponto final.

*Era melhor que fosse isso do que o mal?*, perguntou-se Jo. Ela sempre pensou que sim. Agora, no entanto, não estava tão certa. Talvez aquela fosse apenas a maneira que encontrara para justificar o passado a si mesma. Mas e se o pecado fosse algo que se herdava? Quem seria a vilã de sua história, então? Ela enxugou o balcão e colocou o paninho de volta na pia.

— Acho que a questão sobre os segredos desta família é que são óbvios — disse ela por fim. — Basta olhar para o lugar certo.

## 22

O VERÃO EM CAPE COD nunca parecera muito real para Claire. Era a mesma sensação que tinha nos dias inebriantes do início de seu casamento, quando ia a uma festa de gala no clube de campo com Whit, envolvida num dos vestidos longos de cetim de Ida, uma minúscula bolsa enfeitada com joias agarrada na mão. Nesses eventos, ela era uma versão fictícia de si mesma, uma mulher com o mesmo cabelo, mesmo nariz e olhos, mas nada mais em comum com a pessoa que limpava a baía de Icicle, lambia sorvete do fundo da vasilha antes de colocá-lo na pia e sonhava acordada na missa.

Do mesmo modo, o verão não era a estação natural de Prospect. A cidade lotava rápido demais. Filas se formavam no supermercado, a biblioteca ficava sem os romances atuais, e os bancos da Lighthouse ficavam todos ocupados. Os nativos, divididos entre o desprezo pelos turistas de barriga flácida e o apreço pelo dinheiro deles, se fechavam entre si, enquanto os turistas, travessos e ansiosos como crianças, enfiavam o nariz em lugares que não lhes diziam respeito. De quando em quando, alguns deles iam parar na Fazenda Salt Creek, piscando os olhos, confusos, para as pilhas de sal e fossos cheios de lama, antes de se afastarem devagar diante do rastelo de madeira que Jo brandia para eles.

— Deveríamos mostrar o lugar para eles — urgiu Claire. — Poderíamos cobrar pela visita, e você poderia ensiná-los sobre o sal. — Esse ano havia mais turistas do que nunca, e Claire sabia que grande parte disso tinha a ver com os novos empreendimentos de Whit na região.

Ele era dono de cabanas de praia e mercados, hotéis e pensões, mas seu balanço geral ainda estava longe de sair do vermelho. Se ele pudesse, suspeitava Claire, Whit faria o verão durar o ano inteiro.

— Você os ensina — fungou Jo. — Tenho muito mais a fazer. — Mas não seria a mesma coisa, Claire sabia. Ela não compreendia o

sal do mesmo jeito que Jo. Conseguia colhê-lo e empilhá-lo muito bem, mas, nas suas mãos, ele não era muito diferente de areia. Somente quando o rastelo de Jo girava com velocidade na salmoura era que o produto tomava vida e se tornava o famoso sal Gilly. Somente Jo era capaz de colocar uma pitada na língua e saber se havia muito lodo nele, e só ela sabia o momento exato de os flocos estarem secos e prontos para serem colhidos. Ela costumava até adivinhar qual lote produziria chamuscas vermelhas e qual, chamuscas azuis, quando fosse queimado na véspera de dezembro.

Mas, nesse verão, Claire aprendera que poderia fazer algo com o sal que Jo não podia. Ela poderia transformá-lo. Se o sal, nas mãos de Jo, obtinha a expressão perfeita, nas mãos de Claire ele tomava ares de brincadeira. Ela o acrescentava aos bolos, chás, geleias, e criava um sabor totalmente novo entre o salgado e o doce.

Se junho era um mês-chave para o sal na Fazenda Salt Creek, era também um mês para fantasmas. Para começo de conversa, Whit vinha se mostrando muito calado ultimamente, misterioso até. Claire estava convencida de que ele estava à espreita, planejando algo terrível, mas não sabia o quê. Jo estava conseguindo controlar a situação no banco, pelo menos por enquanto, mas, mesmo assim, o pescoço de Claire estava sempre tenso, os minúsculos pelos em seus braços sempre eriçados.

E depois havia a indistinta presença de seu irmão, de quem ela não se lembrava, como a chuva que cai tão suavemente sobre a face que não se tem certeza se está realmente acontecendo aquilo. Havia os bebês que perdera. Eram mais tenazes, cutucavam-na o dia inteiro com seus minúsculos lábios não formados, como tantos girinos famintos. Mais irritante do que tudo mesmo, exceto pelas vezes que Claire acordava sem ar durante a noite, eram os nervos de seu ventre formigando, uma tristeza tão avassaladora que era como se todos os bebês abortados do mundo tivessem decidido vir até ela para ficar. O fantasma da mãe era mais uma memória permanente do que uma aparição, uma voz de defunto em sua cabeça insistindo para que ela se sentasse direito, amarrasse o cabelo para trás e dissesse a Whit que ele fosse se danar. E, finalmente, Ethan a assombrava. Claire sabia muito bem que na vida

dele também havia um fantasma, mas aquele, diferentemente dos seus, era único e sagrado. Sorte dele.

Exceto pela visita à St. Agnes com Dee na Páscoa, Claire havia evitado completamente Ethan. Doía-lhe muito o coração vê-lo. Quando se encontravam na cidade, acenavam um para o outro, conversavam sobre o tempo e iam para lados opostos na rua. Se o encontrasse na praia durante suas cavalgadas matinais com Icycle, não reduzia a velocidade, apenas passava por ele voando em meio a uma fumaça de cascos e areia. Mas, por mais que Claire conseguisse ignorá-lo publicamente, Ethan era tão presente em sua alma que algumas vezes ela via o rosto dele em vez do seu quando se olhava no espelho.

Sempre que passava pela St. Agnes, ela se controlava para não parar o carro, escancarar as portas do santuário e exigir uma confissão muito particular, nada ortodoxa. Mas Jo a lembrou de que, quanto menos ela desse motivo para enfurecer Whit, melhor, e sua irmã tinha razão. Se Whit descobrisse até onde iam seus sentimentos por Ethan, Claire sabia, ele incendiaria a St. Agnes até ficar preta como uma sepultura, e colocaria fogo em Ethan também. Whit a ameaçando era uma coisa, mas bem diferente era imaginá-lo machucando Ethan.

Icycle relinchou, e ela o acalmou, então pegou a tina dele e a levou para esvaziá-la e enchê-la de novo. Deixou-o beber o líquido fresco antes de jogar sobre sua garupa a manta e a sela e colocarlhe os arreios.

— Vamos — sussurrou ela, levando-o para fora. Olhou em volta em busca de sinais de Whit, mas àquela altura, naquele pedaço de terra coberto de vegetação rasteira da salina, ela estava completamente sozinha. Colocou o pé no estribo e subiu na sela, respirando fundo do jeito que queria ter respirado durante toda a noite.

Ela atravessou as dunas com dificuldade e conduziu Icycle pela areia dura da praia, onde o deixou livre para pegar velocidade, encorajada pelos movimentos de seu trote largo. O que diriam todas as mulheres do clube de campo sobre ela se a vissem naquele instante, o cabelo despenteado, furos na camisa, sem maquiagem?



Elas lhe virariam o rosto e a ignorariam ou, pior, a insultariam de novo por vestir trapos?

Claire reduziu a velocidade do cavalo, que passou a trotar, e soltou a respiração. Havia chegado quase ao final da praia, perto das Pedras de Drake, e precisava admitir para si mesma que a maré não era a única coisa que puxava a sua alma. Na frente dela estava a St. Agnes e Ethan. Ela olhou fixamente para a areia dura perto da água, era como uma barraca vazia para tudo que deveria ter sido. Ela observou quando uma onda veio e varreu a areia, mas a vida não era tão limpa para Claire. Não conseguia se livrar dos pensamentos que a rondavam.

Antes que se descontrolasse, seguiu pelas dunas e amarrou Icicle no parapeito do lado de fora da igreja; em seguida, abriu a porta do santuário, entrou devagar, afirmando a si mesma que não estava ali para ver Ethan, mas apenas para rezar uma Ave Maria, acender uma vela e ir embora. Não causaria nenhum problema. Talvez ele nem estivesse ali.

Mas ele estava ajoelhado na frente do altar, as mãos abertas ao lado do corpo, a cabeça não estava baixa como Claire esperaria, mas jogada para trás, o pescoço exposto como se estivesse ofertando a si mesmo. Ela parou na entrada, paralisada. Nunca antes vira um homem parecer tão vulnerável, e aquilo lhe pareceu quase obsceno. Ou seria, se Ethan não tivesse sido tão amável. Ela quase foi embora, mas não o fez. Em vez disso, limpou a garganta; ele levou um susto e se virou.

— Claire. — Sua voz ainda estava carregada de oração, arrastada. E isso lhe disse tudo o que ela precisava saber. Um homem de consciência tranqüila não tropeçava nas palavras como Ethan fazia. *Uma vez um pecador, sempre um pecador*, pensou ela ao caminhar até ele, já soltando os cabelos juntamente com o último pedaço de coibição que ainda tinha dentro dela.

MAIS TARDE, ela culparia a Nossa Senhora, que não tinha rosto e, portanto, nem vergonha, uma aia muito fraca para os mortais cegos de amor. Mas a verdade era que o que aconteceu entre Ethan e Claire era humano demais e fora culpa dela.

Claire certamente não entrou na St. Agnes na intenção de seduzir Ethan. Foi isso o que ela disse a si própria, pelo menos. Mas, quando se viu na frente dele, não conseguiu mais negar a atração que sentia por aquele homem, e, antes que se desse conta, ela tinha chegado tão perto que podia sentir o calor da pele dele.

— Claire — disse ele outra vez, mas agora como uma leve advertência. Ele tentou se afastar dela, mas seus olhos tinham as mesmas dúvidas que os dela e, antes que conseguisse negar, Claire estendeu os braços e o envolveu.

— Você sente o mesmo. Eu sei disso — disse ela. — Tem que sentir.

— O coração dela bateu forte quando ele endureceu e, em seguida, uma vibração de entusiasmo reanimou os nervos quando ele a envolveu em seus braços também. *Era assim que seria todos os dias?*, perguntou-se ela, lembrando-se das toscas palpitações que experimentara com Whit quando fizeram amor. *A vida seria assim delicada?* Ela abafou um soluço. Talvez desse jeito ela teria sido capaz de gerar o filho que tanto desejava.

A princípio, era muito bom estar envolvida por Ethan de novo, mas Claire nunca foi uma mulher de se contentar com o que o bom Deus lhe dava, então ela colocou os lábios no pescoço dele. Ele recuou, surpreso, mas logo entrou no passado também e perdeu a vontade de se afastar. E assim ela correu a boca pelo queixo dele até seus lábios encontrarem os de Ethan, e ele retribuir os seus beijos, as mãos dele deslizaram da cintura para os quadris dela, então passaram por lugares que as mãos de nenhum padre deveriam percorrer.

— Não aqui — sussurrou ele, puxando-a do santuário para dentro da sacristia escura. Juntos, com 18 anos de novo, abraçados sob a pereira, e Claire ainda cheirando a sal e Ethan, a mar.

No início, a boca dele tocou com suavidade a de Claire, mas logo seus beijos ficaram mais ardentes. Ela ergueu a ponta da camisa

dele e deslizou as mãos abertas por seu estômago, lembrando-se da primeira vez que fizera isso e de como havia sentido quente aquela pele. Em resposta, ele a apoiou numa prateleira e apertou com força os quadris dela contra os seus, levantando a blusa de Claire.

— Aqui também não — disse ele por fim. — Não, Claire. — Antes que ele pudesse mudar de opinião, ela o levou para fora, para as dunas da praia Drake, onde se esconderam entre a areia e os juncos, de volta à primazia da terra, livres, finalmente, dos olhos julgadores de Deus.

Ethan a colocou na areia e deitou-se sobre ela, hesitante, os olhos piscando, e Claire podia dizer que ele estava tanto em dúvida naquele instante como também sentindo uma dor física, mas ela percorreu as mãos entre as coxas dele, e um olhar apaixonado logo substituiu aquela expressão de dúvida em seus olhos. Ela sorriu, certa de que havia vencido, mas, nesse quesito, precipitara-se. Ela conseguiu o que desejava havia muito tempo, mas não era o mesmo que queria.

— Perdoe-me, padre, por ter pecado — murmurou ela no peito nu de Ethan depois de terem feito amor, mas ele nada respondeu. Claire esperou um pouco e então teve de perguntar: — Isso aqui, quero dizer, você alguma vez...

— Não. — Sua voz saiu abrupta.

Ela se encolheu mais. Era a resposta que estava esperando, mas recebê-la foi pior do que pensara.

— Desculpe — sussurrou ela imediatamente, desejando não ter se desculpado, pois na verdade não estava arrependida. Deus podia ter algum direito sobre Ethan, pensou, mas não havia ela marcado o coração dele havia muito tempo? Ela era as tribos perdidas, o grito dos ídolos na selva, os restos da bandeira de oração se mexendo nas ruínas de um templo. Ethan não sabia disso?

Ele ficou de costas e fitou o céu acima dele.

— Claire, o que fizemos?

Ela franziu a testa.

— Você parecia querer isso tanto quanto eu.

Ele cobriu o rosto com as mãos.

— Não busquei isso.

— Isso faz alguma diferença?

— Não sei. Nunca pequei nessa magnitude antes. — Ele parou.

— Meus superiores não estão muito contentes comigo.

Claire franziu o cenho, confusa.

— Mas pensei que você tinha dito que nunca...

— Não seja ridícula. Não é por causa disso. Como poderiam saber desse meu último pecado? Não, é porque estou contaminado com outras dúvidas que não têm nada a ver com você. Mas, Claire, você é uma mulher casada. Seu lugar é ao lado de Whit.

Diante da menção do nome de Whit, Claire sentiu os lábios congelarem, ficarem absolutamente adormecidos.

— Ele veio me procurar ontem — disse Ethan de repente, e Claire se sentou, assustada.

— O quê?

— Claire, ele ainda se refere a você como sendo a mulher dele.

— Ela rangeu os dentes, calada. — Ele me avisou para ficar longe de você e de sua irmã. Não sei o que devo fazer — disse Ethan por fim.

Claire segurou as lágrimas. A resposta era óbvia para ela. Achava que nem deveria ser necessário dizê-la.

— Você poderia abandonar o sacerdócio. — Ela acertou-lhe o peito. — Poderíamos ir a um lugar que nenhum de nós conhece, onde não haja sal, mas muitos peixes, e nada à nossa frente senão o futuro. Uma ilha rochosa sob a sombra. Lembra-se? Poderíamos ficar como estamos agora. — Ela prendeu a respiração.

Quando Ethan falou, sua voz estava baixa. Ele se recusou a olhar para ela.

— Os olhos de Deus estão por toda a parte, Claire, não apenas no chão sagrado. E, além disso, eu já fiz a minha escolha, minhas dúvidas não têm importância. Sou um homem que honra as suas decisões. Sabe disso.

Ela engoliu um soluço.

— O que foi isso, então? Uma mordida na fruta proibida? Um passeio pela trilha da memória?

Ethan cobriu o rosto outra vez.

— Não sei. Você acha que eu estava planejando isso? Você compreende o tamanho dessa transgressão?

Ela se mexeu em busca das roupas e sacudiu a areia delas o melhor que conseguiu.

— Compreendo perfeitamente, *padre*. — Ela parou, os joelhos tremendo. — Eu também fiz sacrifícios, sabe? Você não tem ideia. Depois de Jo ter se queimado, depois de você ter ido embora. — Ela enxugou uma lágrima do rosto. — Por que voltou para cá, Ethan? Foi apenas por causa do padre Flynn ou tinha algo a ver comigo?

Ethan pegou as próprias roupas. Quando ele falou, não olhou para ela.

— Eu não queria voltar, Claire. Tentei de tudo para que me enviassem para outro lugar.

Ela refletiu sobre isso.

— Talvez esta deva ser nossa segunda chance. Talvez padre Flynn soubesse disso. Talvez por isso tenha mandado chamar justamente você.

Ethan deixou escapar um profundo suspiro.

— Não sei, Claire. Terei de rezar e ver o que o meu coração diz. Preciso de tempo para esclarecer tudo isso. Gostaria de poder lhe dizer o que está querendo ouvir, mas não posso.

— Por que não podemos ficar assim? — Ela passou a mão sobre a areia, mas ele não tinha uma resposta.

— Claire — disse ele finalmente. A voz dele lhe era tão familiar quanto os intervalos da batida de seu próprio coração.

— O quê?

Ele estendeu a mão e segurou o pulso dela.

— Antes de ir, preciso lhe contar que Whit disse algo de que não gostei quando ele esteve na igreja ontem. — Ela contraiu os lábios e esperou. Ethan fez uma pausa, como se perguntando como prosseguir, então, suspirou. — Ele disse que, se você quisesse voltar para uma vida de sal, que tudo bem por ele. Poderia até carregar Dee com você. Mas, em seguida, lembrou-me do que acontece quando o sal entra em contato com antigas feridas.

Apesar do calor da pele de Ethan, Claire sentiu um frio percorrer-lhe a espinha.

— O que acontece?

Os olhos de Ethan penetraram nela.

— Queima. Ele disse que, se você não tomasse cuidado, acabaria como Jo. Totalmente queimada.

Uma gaivota grasnou acima deles, e o coração de Claire começou a bater com força. Ela se desvencilhou de Ethan e procurou os seus sapatos. Tentou falar numa voz suave.

— Deixe que eu cuido disso.

Ethan a olhou com desconfiança, como se estivesse, de repente, se lembrando do traço temperamental que corria nas mulheres Gilly.

— Talvez não devesse ter dito nada. — Ele parou. — Você não vai fazer nada incoseqüente, vai?

*Ele está preocupado comigo ou com ele?*, pensou Claire. Ela amarrou o cabelo para trás de novo e o encarou.

— Não, claro que não. Mas isso é entre mim e Whit. — Era mentira, obviamente. Quando o assunto envolvia os Gilly e os Turner, nada era tão claro; o que era bom, jurou Claire, porque, se Whit quisesse vê-la queimada, ele teria de dançar no fogo ao lado dela.

SOB A PEREIRA, ela olhou para o relógio. Eram apenas nove horas da manhã de uma quinta-feira. Whit estaria fora para seu jogo semanal de tênis em Wellfleet e não voltaria para casa em menos de uma hora. Acima dela, assomava a Casa Turner. Ela respirou fundo, saindo de debaixo da sombra da árvore, e começou a subir devagar Plover Hill, tentando ignorar a sensação de que estava sendo observada. Não era uma sensação que lhe era peculiar. Todos se sentiam assim nos arredores da Casa Turner. Fazia parte da experiência Turner completa.

A chave-reserva ainda estava escondida num vaso chinês de hortênsia na porta da cozinha — não muito original, mas para Whit as chaves eram mera formalidade. Todas as portas em Prospect estavam abertas para ele o tempo todo.

Ela entrou na cozinha, inspirando os cheiros familiares de café recém-moído, cera de limão que ela usava para lustrar os balcões e

outro cheiro — algo limpo e quase asséptico — que ela nunca conseguira identificar. Alvejante, talvez, amido para engomar roupa? Tinha quase o mesmo cheiro de uma nota de um dólar, não fosse o fato de que o dinheiro dos Turner era bem sujo.

Ela parou um instante para que seu coração desacelerasse um pouco. Se Whit a pegasse ali, ela nem gostaria de imaginar o que lhe aconteceria. Chamaria a polícia? A asfixiaria como fez com Dee? Mas, por outro lado, se ele acreditava que ela havia se intimidado com suas ameaças, estava muito enganado. Ao longo dos últimos três meses, a lama da Fazenda Salt Creek havia se fundindo a Claire de um modo tão arraigado quanto as cicatrizes que cobriam o lado direito de Jo, dando-lhe uma nova força. Diferentemente de Jo, as feridas de Claire supuravam dentro do coração, onde ninguém podia vê-las. Ela respirou fundo várias vezes, saiu da cozinha e foi para a sala de jantar. O armário que guardava as porcelanas no canto estava quase vazio, salvo uma molheira e um castiçal amassado. Claire balançou a cabeça e caminhou até a sala de visitas, onde viu mais quadrados vazios nas paredes, nos lugares das pinturas, e notou que o piano não estava mais lá. Ela subiu depressa pela escada principal, passou os imaculados quartos de visitas, o gabinete de trabalho e, então, entrou na suíte principal.

Ali também havia coisas faltando. O relógio de prata que costumava ficar sobre a lareira. Uma tapeçaria ricamente bordada que decorava metade da parede. A cama vazia ainda não havia sido feita. Whit, ao que parecia, havia migrado para o meio do colchão durante o sono; com exceção de um, deixara todos os travesseiros na cadeira sob a janela, como se fosse rejeitar até aquele conforto. As cobertas estavam dobradas para trás, em ordem, e os lençóis mal haviam sido remexidos. O homem dormia como um vampiro, pensou Claire, afastando de seus pensamentos a imagem contrastante de Ethan espalhado seminu nas dunas, os olhos fechados, apaixonado, enquanto ela corria as mãos pelas costelas dele, cada vez mais para baixo. Ela engoliu em seco e voltou sua concentração para o quarto. Não tinha muito tempo.

Sobre a mesa de cabeceira ainda estavam seu despertador e alguns livros. Parecia tão estranho estarem ali intocados. Os

delicados ponteiros de seu antigo relógio marcavam 9h25. Do outro lado do quarto, a luz bruxuleante de um movimento chamou-lhe a atenção, e a visão a fez parar de repente. O sangue correu-lhe pelas orelhas e olhos, paralisando-a. Então, ela percebeu que estava simplesmente confrontando o seu próprio reflexo no espelho da penteadeira. Suspirou, ficou mais relaxada e olhou com atenção para a sua imagem.

Estava rosada do sol pela primeira vez em 13 anos, o nariz cheio de sardas, o cabelo brilhante em um tom vermelho-morango. Ela tinha uma marca na base do pescoço dos beijos de Ethan e, se não estivesse enganada, estava começando a ficar com uma leve papada por causa de todas aquelas comidas que vinha preparando. Atravessou o quarto e se inclinou na direção do espelho.

Não havia nada como os vidros dos Turner para mostrar o que se era e o que não se era. Não era um vidro de uma casa de fazenda, manchado por tantas gerações de mulheres e muitos anos de uso. O vidro Turner era mais sólido do que isso. Fora feito para mostrar, brilhando nas estantes da biblioteca, onde ficavam fileiras de troféus de futebol e hóquei de Whit da época de escola, ou cintilando na moldura gravada que continha seu diploma da Harvard.

Para enfatizar ainda mais o domínio da família, todos os recipientes de beber da casa tinham um monograma: os copos de vidro decorados eram para uísque, os mais altos e finos, para sucos de manhã cedo, todos gravados com as finas iniciais de Ida ou de Whit na vertical. Não havia nenhuma letra arredondada entre eles.

Os Turner tinham a mania de colocar suas iniciais em tudo que lhes pertencia; entalhavam a primeira letra de seus nomes ou o brasão da família nos objetos, como se corressem o perigo de esquecer a própria identidade. Claire nunca compreendera isso, e, ao longo dos anos, sempre que possível, resistira a ter qualquer coisa sua bordada ou gravada. Parecia eterno demais, como se, ao fixar seu nome num metal ou bordá-lo sobre algodão ou seda, ela estivesse, de alguma forma, desenlaçando parte de sua alma para um coletivo do qual não tinha certeza se queria fazer parte.

Era conveniente, pensou ela, pegando sua antiga escova de cabelo e alisando cachos soltos em sua têmpora, que um homem



que se defendia de um modo tão privado estivesse ansioso por erradicar toda a história de Prospect. Whit adoraria conservar apenas as partes antigas da cidade, ela sabia: a gasta pátina nas finas telhas de madeira, as graciosas janelas em forma de arco da biblioteca, os pitorescos veleiros, mas não o cais meio podre ou as embarcações de pesca que expeliam gases poluentes, e certamente não a Fazenda Salt Creek.

Claire largou a escova e abriu a gaveta da penteadeira. Na primeira, ainda tinha as antigas escovas e maquiagens de Ida; a do meio estava emperrada, como sempre. Claire se lembrou de quando Whit lhe deu a pérola naquele lugar, e a lembrança a fez puxar com força a gaveta, que se abriu de uma vez. Claire olhou dentro e viu a mistura de bugigangas de sempre, mas, então, talvez porque a luz estivesse diferente ou porque ela estivesse diferente, viu algo que nunca vira antes. Havia uma espécie de carta presa com uma fita crepe no fundo da gaveta. Um canto do envelope havia se soltado, chamando a atenção para aquilo. Claire deslizou a mão para dentro da gaveta e, com alguma dificuldade, puxou a carta para fora.

Era o papel de carta de Ida, com suas iniciais, como se suas próprias palavras no papel não fossem suficientes. Porém, alguém a havia aberto antes, pois o selo estava rompido. Claire abriu o envelope e tirou a carta, examinando de perto a letra rebuscada de Ida, cada vez mais ofegante.

Quando finalmente havia acabado de ler, ela se encostou na cadeira, perplexa, agarrando-se às conseqüências que a revisão de qualquer história gera, mas especialmente de uma história pessoal. Todo aquele tempo, Claire pensou que fosse ela quem não pertencesse à Fazenda Salt Creek, mas acabou por se provar que ela estava enganada, e Ida sabia isso a seu respeito. Gostando ela ou não, Claire era de fato uma menina com fortes raízes no sal. Jo, por outro lado, tinha uma história bem diferente.

Claire escondeu a carta no bolso e pegou a escova de prata da penteadeira, se olhando no espelho. Francamente, ela estava exausta de ser perseguida pelo passado. Estava farta de Nossas Senhoras, pérolas e cartas escritas por mulheres mortas. A hora de se libertar e criar um futuro para si própria havia chegado.

Certa vez, assim que se casaram, Whit inesperadamente a comparou com um beija-flor. Delicado, dissera ele, mas enganosamente tenaz. Eles estavam na cama, e ele tinha as mãos entrelaçadas no cabelo dela, os dedos segurando a nuca como os finos galhos que protegem o ninho. Claire não sabia, na época, que os sentiria nela dez anos mais tarde, cada dia mais fortes, já não mais parecidos com finos galhos, pois aqueles ela conseguiria quebrar se preciso fosse.

Ela se lembrou de quando Whit a presenteara com o colar de pérola da mãe e o modo como ele fechara a corrente no pescoço dela. *Se você tentar romper o cordão entre nós, não conseguirá*, dissera ele. *Você sabe disso, não é mesmo?*

Isso era o que ela iria ver. Foi até o closet, encontrou uma sacola de lona e jogou dentro dela o máximo de roupa de montaria que coube.

Então, parou. Bem no fundo do armário, envolvido por um plástico, estava pendurado seu vestido de casamento. Ela empurrou as roupas para o lado e abriu o saco, inalando a fragrância de pó misturado com algo mais terroso. Correu os dedos pelo cetim e então arrancou o véu. O tempo o havia deixado quebradiço e amarelado. Claire suspirou e fechou o zíper de novo. Do outro lado do armário, o terno que Whit vestira estava bem passado e pendurado com uma gravata combinando. Ele provavelmente o usara recentemente. O que mais Whit vestira naquele dia?, perguntou-se Claire. Uma flor de lapela que combinava com seu buquê, ah, sim, e o relógio do pai dele. Onde ele estava? Abriu a caixa de mogno que Whit guardava na última gaveta e o encontrou. *Um lugar para tudo, e tudo em seu lugar*, Ida sempre insistia nisso, e mesmo agora, mais de dez anos depois de sua morte, ninguém em Prospect teve coragem de desafiar aquele édito.

*Bem, para tudo na vida há uma primeira vez*, pensou Claire, colocando o relógio no bolso juntamente com o envelope gravado com as letras pontudas de Ida. Ela fechou a porta do closet e saiu pela porta da frente, assobiando ao passar, e deixou-a bem aberta para qualquer tipo de demônio que Whit quisesse colocar em seu caminho.

# 23

DEE ESTAVA PREPARANDO torradas na cozinha quando Claire entrou em casa tão silenciosamente que Dee quase não a escutou. Claire podia caminhar como um gato quando queria, passos aveludados e andar furtivo, mas Dee havia ficado perita em seguir seu rastro. Ela também estava se tornando uma espécie de gato.

Normalmente, Claire fazia tanto barulho que Dee ainda podia escutá-la chegar três dias depois. Jogava os sapatos no canto da entrada principal e batia nas chaves do velho piano quando passava por ele, como se quisesse que o ar daquele lugar soubesse que ela havia voltado. Mas hoje não ocorreu nada disso. Apenas o ranger suspeito do piso de madeira e, depois, um silêncio profundo.

Dee espiou pela porta da cozinha, mas o corredor estava vazio, então andou na ponta dos pés pelo corredor e espiou da porta da sala de visitas, onde Claire estava de pé, perto da escrivaninha no canto, mexendo em alguns papéis. Antes que fosse pega, Dee correu de volta para a cozinha e, um segundo depois, Claire entrou a passos largos, com um olhar tão bravo que Dee chegou a pensar que ela fosse queimar o leite. Claire conseguia ser mais mal-humorada do que uma criança de três anos, mas não era por isso que Dee a encarava. Pela primeira vez desde que a conhecera, Claire estava usando o cabelo solto nas costas.

— O que fez com o seu cabelo? — perguntou ela.

Claire esticou o braço e passou a mão pelo longo cabelo ruivo ondulado, como se já estivesse se esquecido dele.

— Mudei — respondeu suavemente.

— Estou vendo. — Com o cabelo solto daquele jeito, Claire parecia outra pessoa, mais simpática, talvez. Dee a examinou mais de perto. Agora que estava prestando atenção, podia ver que as mãos dela estavam tremendo um pouco, algo incomum, considerando-se a firmeza com que ela era capaz de controlar Icycle. — O que tem na sacola? — perguntou Dee.

Claire se jogou numa cadeira e a encarou; por quê, Dee não sabia, e era perturbador, pois Claire focava nas coisas como se tivesse sabres escondidos atrás dos olhos.

— Equipamento de montaria — respondeu ela.

A parte de trás do pescoço de Dee começou a formigar, e ela se sentou numa cadeira à mesa, de frente para Claire.

— Espere, você foi até a Casa Turner? Está louca? Whit estava lá?

Claire respondeu que não com a cabeça e deu um gole em seu leite.

— Hoje de manhã ele joga tênis.

Dee mordeu o lábio e tentou esconder sua decepção. Ela vinha sendo tão submissa quanto um cordeiro e não procurara Whit sequer uma vez. Ela sabia dar valor ao que tinha. Apesar das histórias assustadoras sobre os menininhos mortos naquele lugar, não queria ser expulsa da Fazenda Salt Creek em sua atual condição. Precisava da ajuda de Jo e de Claire, pelo menos por enquanto. Na verdade, com exceção de suas consultas na clínica, Dee não saía daquele lugar, e se contentava em ler as revistas bobas que Jo lhe trazia do supermercado, em ajudar com o sal o máximo que conseguia e em se preparar para a chegada do bebê, não que houvesse muito mais o que fazer naquele lugar. Jo encontrara um berço e um trocador usados no jornal e os colocara no quarto de Dee; Claire trouxe para casa um conjunto de pijaminhas, fraldas para um mês e juntou uma impressionante quantidade de mamadeiras, escovas, chupetas, babadores e aspirador de borracha para o nariz.

— Para quando ele tiver um resfriado — disse Claire, guardando-o na gaveta do trocador, como se aquilo explicasse tudo. Depois que Claire saiu do quarto, Dee abriu a gaveta e apertou o aspirador; ela não sabia se deveria aspirar o ouvido, a boca ou o nariz do nenê com aquilo, e por quanto tempo. Jo não teria a mais vaga ideia, e Dee não queria perguntar a Claire. Quem disse que o bebê ficaria doente, afinal, e por que Claire já estava se pondo de enfermeira? Deveria cuidar do cavalo dela apenas, pensou Dee. Era a única coisa que parecia amá-la.

Dee colocou a mão do lado da barriga, e o bebê se mexeu. Poderia ser a qualquer momento agora, as parteiras em Hyannis lhe haviam dito. Se sentisse dores em intervalos regulares, instruíram-na para que as procurasse. Não deveria esperar muito, pois elas teriam de guiar até Prospect. Claire, que a levava para a última consulta pré-natal, insistira em acompanhá-la até a sala de exames e logo tranqüilizara a parteira.

— Alguém estará com ela durante todo o parto e depois dele. — Ela apertou a mão de Dee. — Certo, Dee?

Dee não lhe retribuiu o sorriso na ocasião. A parteira a deixou vestindo a calça de gestante enquanto ela e Claire conversavam sobre remédios para a dor durante o parto.

— Claro que quem decide isso é a Dee — dissera Claire, colocando a mão sobre o joelho da menina depois de ela estar vestida —, mas com certeza minha irmã e eu queremos que ela esteja o mais confortável possível.

*Minha irmã e eu.* Era como ter um par de fadas superprotetoras como guarda-costas. Elas tinham boas intenções, Dee sabia, mas ela ainda tomava cuidado para não irritá-las. Uma vida com Cutt lhe havia ensinado que o temperamento de uma pessoa pode azedar como creme de leite no vinagre, e, agora que presenciara como Jo e Claire podiam ser legais, Dee não queria descobrir o que acontecia quando as duas se zangavam. Se elas queriam se sentar ao seu lado enquanto suava, gritava e empurrava a criança para fora, a companhia delas seria mais do que bem-vinda. Teria tempo de resolver todo o resto depois — por exemplo, como iria entrar em contato com Whit.

Certamente, ele iria querer ver o bebê quando nascesse. Quando ele a visse segurando o filho dele, será que não seria tomado de novo pelo que ele mais gostava nela? Ela tinha esperanças de que sim. Ademais, o homem era um católico declarado. Não estava ele praticamente programado para venerar mães embalando suas crianças? Por outro lado, as mães exaltadas na Bíblia não foram desprezadas por serem libertinas, vivendo com ex-esposas libertinas na terra que seus amantes queriam possuir?

Dee tamborilou os dedos na mesa da cozinha e examinou Claire de novo. Ela não tinha mudado muito, mas fitava o vazio com um olhar mais suave, faces arredondadas e lábios abertos. Seria aquilo felicidade? Antes que conseguisse decidir, Claire tirou aquela expressão do rosto e de novo recobriu-se com seus traços originais, carregados. Dee suspirou. Era impossível saber como lidar com o humor de Claire, e Dee não sabia dizer por que ela se importava com isso, mas se importava. Ela apontou o queixo para a sacola de equipamentos de montaria.

— Então, encontrou o que estava procurando?

Claire mastigou a cutícula. Seu olhar ficou ainda mais severo.

— Não.

— Ah, que pena! — Dee não sabia exatamente por quê, mas tinha a impressão de que estavam falando de duas coisas diferentes.

— Então, não valeu a visita?

Claire piscou os olhos, o nevoeiro partindo diante dela de novo.

— O quê? Ah, você está se referindo à minha visita à Casa Turner?

— Aonde mais você foi? — Mas Claire se levantou e caminhou pelo balcão, chacoalhando seu cabelo já despenteado. Ela pegou a batedeira e uma enorme vasilha esmaltada.

— Tenho quatro horas antes de ir raspar as crostas de sal da noite. O que acha? Suspiros de limão? E talvez um frango assado para o jantar? — A manhã estava ficando insuportavelmente quente, e, só de pensar numa comida encorpada, Dee ficou com náuseas, mas ela se esforçou para sorrir e concordar.

Ela juntou o próprio cabelo liso no topo da cabeça, desejando ter coragem para cortá-lo, mas isso não combinava com ela. Não era boa quando o assunto era arrancar coisas de sua vida. Soltou o cabelo de novo e assoprou nos pontos de pulsação dos punhos.

— Com certeza é o clima do sal, não é? Quente, melado e parado.

Claire parou com um ovo suspenso na beira da vasilha, pronto para ser quebrado.

— O que você acabou de dizer?

Dee largou os braços para baixo. Maravilha. O que ela havia feito agora? Algumas vezes estar ao lado de Claire era como tentar guiar um carro completamente desalinhado. Dee não tinha a menor ideia de para onde estava indo, ou o que poderia atingir. Jo, por outro lado, por mais terrível que fosse olhar para todas as suas cicatrizes, era direta, não ficava de rodeios. Quando Dee fazia um péssimo trabalho em conter o sal, Jo lhe dizia isso, e então imediatamente lhe explicava como fazer da forma certa.

— Só estou dizendo que está muito quente, só isso. — Dee ficou aliviada quando Claire quebrou o ovo e separou a gema da clara. Aquele sorrisinho maldoso no qual Dee não confiava havia pairado no lábio inferior de Claire de novo.

— Você percebe o que acabou de fazer? Está definindo o tempo com base no sal, agora. Antes que se dê conta, será uma Gilly de verdade. — Ela pôs de lado a última gema, ligou a batedeira e bateu as claras em neve até se armarem picos firmes e, em seguida, acrescentou raspas de limão e açúcar até que a substância na vasilha se transformasse em algo completamente novo. Dee se sentia um pouco como aquilo, como se estivesse se transformando em algo novo. Será que numa Gilly mesmo? Não sabia. Mas não era a mesma pessoa. E o bebê, e viver naquele lugar, ela certamente estava se transformando em algo irreconhecível para ela. Diferentemente dos suspiros, entretanto, não sabia se alguma coisa a estava deixando mais doce.

Se OS DIAS DE VERÃO deixavam Dee irritadiça e ansiosa, as noites eram bem melhores. Ela sabia que não era a única acordada na casa (algumas vezes, uma linha de luz brilhava sob a porta do quarto de Jo), mas, das três, Dee era a única que fazia algo sobre isso. Ela ficava perambulando pela casa.

Era um hábito que desenvolvera em Vermont, depois da morte da mãe, quando ela estava tentando lidar com a situação de ter ficado só com o pai. A cada dia ela sentia menos falta dele. Raramente,

quando estava comendo um ovo frito ou algo parecido, perguntava-se como ele estaria fazendo sem ela na lanchonete, mas essa especulação era mais do ponto de vista de uma ex-funcionária amarga do que de uma filha abandonada. Agora que se aproximava do final da gravidez, ela tinha vontade de aparecer no balcão da Lighthouse e pedir todos os itens de café da manhã do cardápio, para dar uma única mordida em cada um antes de devolvê-los todos. Era o tipo de coisa que deixava Cutt furioso. Ele detestava qualquer desperdício e não havia espaço em sua vida para excessos, incluindo ela, suspeitava Dee.

O coração militar de Cutt nunca se adaptara muito bem ao ruído de seus passos tumultuando a vida dele, concluiu Dee. Ele passava os pratos sobre o balcão da lanchonete, e ela os devolvia vazios, e isso praticamente encerrava o único contato que tinham. Quando ela começou a sair com Whit, Cutt já tinha havia tempos desistido de traçar as coordenadas de suas idas e vindas, e Dee aprendera que embora uma higiene bucal e um banho cobrissem certos pecados, o silêncio os encobria ainda melhor.

Se ela conseguia fugir do radar do pai, não era tão fácil fazer isso na Fazenda Salt Creek. Mesmo quando Claire e Jo não estavam fisicamente com ela no mesmo cômodo, seus vestígios estavam. Claire sempre deixava xícaras de café sem lavar na pia, e Jo esquecia de fechar a cortina do box e abrir o ralo depois que havia acabado de usar o banheiro. A meia de alguma delas estava sempre embolada no último degrau, ao lado de botas cheias de lama na entrada, e Claire deixava gotas de chá sobre o balcão. Para Dee, que estava acostumada com uma casa vazia, aquela bagunça era como ter de escutar uma conversa incessante.

Além disso tudo, havia entulho em todos os lugares para onde ela olhava: nos armários, nas prateleiras, onde podiam ser encontradas estranhas coleções de livros, mapas, pedaços de máquinas, brinquedos quebrados e miudezas que ela nem sabia por onde começar a identificar. Quando o bebê nascesse, pensou, teria de tomar cuidado ou facilmente o perderia naquela confusão de cacarecos.



Pelo menos durante a noite, a casa ficava em silêncio. A princípio, ela restringia suas perambulações ao andar de cima, ia e voltava do quarto ao banheiro repetidas vezes, mas depois, quando começou a se sentir mais à vontade, passou a explorar o andar de baixo também, primeiro com o objetivo de buscar um copo de leite e uma bolacha, depois, com intenções mais informativas.

Nessa noite, Dee encontrou o livro de formatura de Claire enfiado no alto de uma prateleira da sala e folheou as páginas até encontrar aquela em que mostrava Claire e Ethan eleitas o casal o mais apaixonado. Eles realmente pareciam apaixonados, as cabeças encostadas uma na outra, os sorrisos abobados. As faces de Ethan eram bem mais arredondadas, e os olhos de Claire, embora tivessem brilho no lugar de faíscas assassinas, já apresentavam os mesmos ângulos perigosos. Dee se perguntou quais títulos teria recebido se tivesse continuado no colégio. De A Mais Vagabunda, possivelmente, ou de A Mais Propensa a Desistir, e foi exatamente isso o que ela fez, por isso imaginou que aquela talvez fosse uma profecia sendo cumprida. Ela fechou o livro com força e o guardou de volta. Atrás dela, as pedras da lareira da sala ocupavam quase toda a parede. Havia também dois sofás abaulados, uma mesinha de centro velha e uma antiga escrivaninha em forma de navio largada no canto. Dee caminhou até ela, abriu a enorme tampa e, ao acaso, começou a fuçar nas coisas velhas que estavam ali. Havia um relógio de homem que aparentava ser caro. Dee passou os dedos sobre ele, tentada, mas o deixou de lado. Contas colocadas de qualquer jeito em ninhos, como antigos gráficos, revistas com capas rasgadas jogadas a esmo, e um envelope com uma inscrição dourada na aba, que jazia inocentemente sobre todas aquelas coisas.

Francamente, ele não era muito bonito, mas Dee o pegou mesmo assim e semicerrou os olhos para ler a rebuscada inicial de um nome. Não foi fácil. A letra estava apagada e cheia de pontas e contornos. Mas assim era a Fazenda Salt Creek. Dee nunca sabia o que encontraria. Algo velho e sem graça do lado de fora, talvez fosse um tesouro. Ela começou a abrir o envelope, mas sentiu uma contração na barriga que a deixou sem ar e atônita. As vezes, era impressionante a força com que o bebê chutava. Ela tinha

esperanças de que ele parasse de fazer isso quando nascesse, do contrário ela acabaria com dois olhos roxos depois de trocar suas fraldas. O bebê se mexia e cutucava dentro dela com todas as extremidades pequenas e pontudas que tinha, reverberando até na sua bexiga. Dee suspirou com dor e escondeu a carta no bolso de seu penhoar.

Assim que colocou os pés no primeiro degrau, as dores começaram de novo — não ondas enormes do Taiti, cheias de música e pôr de sol, como haviam descrito as parteiras, mas sim tão terríveis que deixaram Dee sem ar e a afligiram muito. Ela tropeçou para o lado e se agarrou ao corrimão, mas, antes que conseguisse recuperar o fôlego, veio outra contração que a derrubou de joelhos.

*Isso tem de valer a pena*, pensou ela, deixando a cabeça cair no primeiro degrau. Passou-lhe pela cabeça que, quando isso tivesse acabado, ela talvez matasse alguém, mas, bem quando estava resolvendo qual seria a vítima mais adequada, algo quente e grudento começou a escorrer pela parte interna de suas coxas e, nesse momento, uma compressão violenta começou na parte de baixo de seu ventre, e tudo à sua frente, misericordiosamente, ficou preto.

QUANDO DEE VIU SEU FILHO bem e saudável, ele não era nada parecido com a bolinha azul que Claire dissera ter saído de dentro dela.

— Eu estava bem ao seu lado quando abriram sua barriga — contou Claire a Dee, arrumando suas mantas e estufando os travesseiros, mesmo sem Dee pedir. — Do jeito que falei que estaria. Bem ao seu lado, o tempo todo.

Já estava claro que o bebê a havia mudado, e isso perturbou Dee. Fê-la sentir como se Claire tivesse roubado algo que deveria ter sido seu. Mas ele estava saudável, e Dee ficou grata por isso. As enfermeiras o envolveram numa flanela limpa e colocaram um gorro de tricô em sua cabecinha, e ele não parava de colocar a linguinha para fora como um gatinho faminto.

— Vá, tente alimentá-lo — disse a enfermeira a Dee, entregando-lhe uma mamadeira. Mas Dee ainda estava muito fraca e confusa,

então Claire assumiu, falando de forma amorosa e sorrindo, como se ela, e não Dee, estivesse abóbada de tanto remédio que recebera.

— Não se preocupe — assegurou-lhe Claire, depois que havia terminado. — Vamos tirá-la daqui o mais rápido possível.

Mas para Dee o hospital era tão bom quanto um resort. Sempre que queria, as enfermeiras lhe davam gelatina e gelo, elas rapidamente lhe tiravam o bebê assim que ele começava a berrar, e ela nem precisava se levantar para tomar banho. As enfermeiras que faziam isso também passavam a esponja em seus braços e pernas do jeito que ela deveria aprender, para repetir na criança depois.

— É natural sentir-se tão cansada depois do que passou — disse-lhe a bela enfermeira loura. Dee supôs que ela estava se referindo a quase morrer ou algo do gênero, mas, na verdade, não se lembrava de muita coisa do que acontecera.

Ela se lembrava de bisbilhotar na sala de visitas e encontrar uma carta antiga, mas tudo depois disso ficou confuso e nebuloso, igual à recepção de TV que fica toda chamuscada quando cai uma tempestade. A imagem não é muito boa e nenhuma das vozes sai sincronizada com a ação. Ainda estava um pouco assim. Dee se lembra de Jo segurando-a na caminhonete, das luzes claras quando abriu os olhos e se viu numa maca de hospital, e da voz aguda e alta de Claire pressionando os médicos da emergência a atenderem-na logo. Havia sentido as pernas molhadas e, quando olhou para baixo, ela se lembra de ter visto muito sangue. Até ela sabia que aquilo não era bom.

Quando recobrou a consciência, seu estômago parecia um saco vazio e havia um bebê estranho chorando nos braços de Claire.

— Olhe, ele é perfeito — dissera Claire, inclinando-se e mostrando-lhe a trouxa. — E um menino. Que nome daremos a ele?

Dee não sabia o que responder. Todos os nomes que tinha escolhido, aqueles que achava que seriam muito legais, de repente pareceram bobos naquele lugar limpo e organizado. Ela olhou para a criança que se contorcia nos braços de Claire. Ele era tão limpo também, apesar de ter como mãe uma menina tão emporcalhada como ela, e esse simples fato lhe deu um pouco de esperança.

Aquele bebê merecia um nome puro, pensou. Era o mínimo que poderia fazer por ele. Ela esticou os braços na direção do filho, pensando.

— Jordan — disse ela por fim. — Por causa do rio. Quero dar-lhe este nome.

Mas Claire não lhe entregou o bebê como Dee queria.

— Jordan — disse ela, tocando em seu narizinho. — E um lindo nome. Podemos apelidá-lo de Jordy.

Dee estava tão atordoada que deixou que Claire continuasse a embalá-lo. De toda forma, ainda a assustava ter de segurar o filho no colo. Mas, um pouco antes de adormecer de novo, uma imagem da salina passou-lhe pela cabeça: os ângulos do celeiro judiados pelo tempo, a cor rosada dos oleandros. Ocorreu-lhe que, uma vez que se planta algo na terra, ele cria raízes tão grossas que é possível contar as gerações que passaram por ela. Agora Jordy era o mais novo filhote daquele galho, misturado com os Gilly de uma maneira que Dee jamais previra.

# 24

MESMO NA SALA DE ESPERA, o ar do hospital era pungente de tanto desinfetante e irritava o nariz de Jo. Havia mais de uma hora, ela estava sentada naquele lugar e começava a ficar com dor de cabeça.

Dee ficaria bem. Os médicos a tranqüilizaram quanto a isso, depois de levarem-na embora na maca pelo corredor. Era bom que ela sofresse de insônia como Dee, pensou Jo, porque, do contrário, talvez não tivesse escutado aquele baque no andar de baixo, talvez não tivesse se sentado na cama com os nervos formigando e gritado o nome da menina, para não escutar nada senão um silêncio mortal.

Ela olhou em volta da sala de espera naquele momento, feliz por ver-se absolutamente sozinha. Não havia ninguém mais em trabalho de parto, e Claire estava com Dee, então Jo pegou o envelope que havia encontrado no bolso do lençol da menina quando a carregou até a caminhonete e o abriu em seu colo. De pronto, viu-se atacada pela caligrafia agressiva de Ida, cheia de contornos pontudos e rebuscados. E, embora as palavras de Ida estivessem um pouco apagadas, notou, elas não tinham mudado nada. Jo leu:

*Caríssimo,*

*Talvez esteja surpreso por ver esta pérola voltar para suas mãos depois de todos esses anos. Eu a guardei, embora tivesse sido mais sábio não tê-lo feito, e agora eu me arrependo, pois até mesmo esta pequena recordação entre nós é perigosa.*

*Porém, não estou escrevendo por arrependimento, mas por determinação. Vim do fundo do poço desta cidade e subi até o topo, e não pretendo deixar que os erros do passado me levem para baixo de novo. Tomei minha decisão num dia de neve há anos e não tenho intenção nenhuma de voltar atrás agora.*

*Sei que minha fortuna tem seu preço. A visão de sua pessoa, por exemplo, e de nossa filha. Sei que não tenho sido generosa com ela — muito pelo contrário, na verdade —, mas o seu simples retrato me atormenta. Sua existência faz-me lembrar de tudo que quero*

*esquecer, e que estranho que tivesse de ser assim, que a presença de uma pessoa possa evocar aquilo que mais lutamos para cobrir e esconder. Se tenho sido cruel com ela, é para seu próprio bem. Não é irônico que a única bondade que eu fui capaz de lhe conferir tenha sido a maldade?*

*E se eu nunca tivesse permitido que me beijasse naquela primeira vez? E se eu tivesse deixado que as mulheres da Liga da Temperança levassem Joanna para aquele condado distante que você queria? Se eu tivesse nascido uma mulher melhor? E se Sarah Gilly não tivesse me encontrado ajoelhada aos pés da Virgem na noite daquela tempestade terrível, com o próprio filho no colo dela?*

*Não há resposta para essas perguntas. Uma coisa que aprendi vivendo em Plover Hill é que tal altura permite uma perspectiva maravilhosa, mas ao mesmo tempo mantém a pessoa sempre distante. No final, talvez isso seja o melhor.*

*Conto-lhe tudo isso agora apenas para evitar futuras catástrofes. Há inúmeras razões para Joanna Gilly não servir para o meu filho, mas apenas uma delas me assombra — assim como deveria assombrá-lo também.*

*Nunca disse nada até agora, mas estou pedindo sua discreta ajuda neste assunto. Lembro-me de que no passado você se pôs disposto a desistir de tudo por minha causa, e eu não deixei que o fizesse. Acho que já sabia, então, que tais gestos só levam à ruína e tristeza, e eu estava determinada a ser feliz. E, apesar de tudo, tenho sido. Talvez seja o oposto da razão, talvez seja errado, mas esse julgamento deve ser feito sobre minha alma imortal, e não nesse reino mundano e certamente não por você. Magna est veritas, et praevalibet.*

*Saiba que, embora o tempo tenha avançado, uma parte de mim permanece a mesma,*

*Sempre sua.*

Jo dobrou a carta, tentando controlar um antigo sentimento de raiva. Ela sempre acreditou que Ida a odiasse, mas a verdade era mais complexa. Ida não a amara, Jo percebia isso agora, mas tampouco a havia desprezado. Talvez a melhor maneira de colocá-lo fosse que Ida simplesmente a lastimava. E, com esse sentimento,

veio a vergonha. Não que Jo não fosse boa o suficiente para Whit, ela era boa *demais*. Na verdade, era exatamente igual a ele, de sua linhagem, sangue do mesmo sangue. Se as circunstâncias fossem diferentes, Jo talvez tivesse sido uma Turner, ligada a Whit não por afeto, mas por nome. Uma raiva antiga fervilhava em seu peito, juntamente com todas as perguntas que abafara por anos, mas as pessoas que podiam respondê-las ou estavam mortas, no caso de Ida e a mãe, ou haviam partido, no caso do pai de Jo, havia muito tempo distante.

*Era esse mesmo o caminho*, pensou Jo, enfiando a carta de novo no bolso do casaco. O presente varria o passado, como um rio que carrega as suas bordas. Pelo menos era assim que deveria dar certo, mas uma lembrança ou outra ficava para trás. Suas cicatrizes eram prova suficiente disso. O novo eventualmente acabaria por se sobrepor ao velho, mas nunca de maneira suave.

Como essa carta fora parar nas mãos de Dee?, perguntou-se Jo. Ela ergueu os olhos quando Claire irrompeu na sala com olheiras, as faces pálidas, como se tivesse acabado de presenciar uma batalha.

— É um menino. Três quilos e oitocentos gramas. Muito saudável, mas Dee está acabada. Fizeram uma cesariana, e ela perdeu muito sangue, mas agora já está recuperando a consciência. Você quer vê-los?

— Já vou em um minuto — respondeu Jo, tentando voltar para o presente.

— Tudo bem, mas não demore. — Claire estava tão ansiosa por voltar para o lado de Dee que nem reparou que a irmã estava distraída, e talvez tenha sido melhor assim, pensou Jo. Quando voltassem para casa, ela jogaria a carta de Ida no lixo, lugar ao qual pertencia, mas cada coisa a seu tempo. Tinha algumas perguntas urgentes antes disso.

— Claire — disse Jo. — Você está usando a pérola?

Claire virou-se para ela da porta, confusa.

— O quê?

— O colar de pérola que era de Ida, está com você?

Claire franziu a testa.

— Por que está me perguntando isso?

Seguindo a intuição, Jo tirou a carta do bolso.

— Quando encontrei Dee, ela estava com isto. — Claire empalideceu e desviou os olhos de Jo. — Você sabe como ela a conseguiu?

Claire pressionou os lábios.

— Eu a achei quando fui à casa outro dia. — Sua voz estava baixinha.

— Você a leu?

Ela empalideceu ainda mais e prendeu a respiração.

— Você a leu?

— Sim — respondeu Jo, mas não disse quando. Antes que Jo conseguisse detê-la, Claire esticou o braço e pegou a carta, dobrou o envelope ao meio e o enfiou no bolso de seu casaco.

— Não precisamos falar sobre isso agora — disse ela. — Não aqui. Além disso, não acha que seja hora de começarmos a prestar mais atenção no futuro e menos no passado? — Ela abriu um largo sorriso. — Ora, temos um novo bebê nos esperando no quarto bem ao lado e uma mãe doente para cuidarmos.

— Concordo plenamente — respondeu Jo. — Você disse que é um menino. E se acontecer com ele o mesmo que aconteceu com Henry? Você sabe de todas as coisas ruins que acontecem aos meninos em nossa salina. — *E se Whit for a coisa ruim*, Jo quase chegou a acrescentar, mas não o fez. E se Whit, na tentativa de arrancá-las da terra, fosse tão longe a ponto de sacrificar o próprio filho, uma criança que nunca quis seu nome?

Claire fungou.

— São lendas urbanas, Jo. E então, você vem? Vamos ver o bebê. — Jo a seguiu, tentando afastar o sentimento de que Claire sabia mais sobre seu próprio passado do que ela.

QUANDO CHEGARAM ao quarto de Dee, o bebê estava envolvido em fraldas, piscando seus olhos castanhos de foca e sugando o dedinho da mão.



— Nossa, ele é perfeito — disse Claire numa voz amorosa, puxando para trás um pedaço da manta. — Posso segurá-lo? — Dee entregou Jordy, mas não com a espontaneidade que Jo esperava. Claire praticamente teve de arrancá-lo dos braços da menina. Era como se, ao dar Jordy à luz, ela também tivesse chegado ao mundo, pensou Jo. Seus olhos tinham um brilho intenso e, embora estivesse tão exausta que mal pudesse se mover, seus músculos pareciam ligados a cada um dos minúsculos dedos do filho. Será que a maternidade realmente se dava assim rápido, perguntou-se Jo, observando Claire embalar a criança, e seria assim para todas as mulheres?

Claire caminhou até onde Jo estava sentada.

— Tome. Segure-o um pouco. — Ela soltou com cuidado o complicado pacotinho de manta e bebê nos braços curvados da irmã. — Ele não é uma delícia? — Dee olhou assustada com aquele comentário, como se Claire fosse realmente capaz de devorar Jordy inteiro, mas ela não notou. Acariciou com a lateral do dedo o rosto do bebê e riu quando a boca dele se abriu. — Ele tem os olhos de Whit — disse ela. Um silêncio pairou no quarto, e cabia a Claire quebrá-lo. — Minha nossa — disse ela por fim e, então, sem dizer mais nada, arrancou Jordy do braço de Jo, colocou-o de volta no berço de vime e saiu do quarto.

— Ela vai ficar bem? — perguntou Dee quando escutou a porta se fechar.

Jo se levantou e, sem jeito, alisou as cobertas ao lado de Dee.

— Sim, ficará bem.

Dee esticou o braço e agarrou o pulso de Jo.

— Sei que isso é estranho — disse ela, os olhos brilhando. — Talvez seja melhor eu ir embora da fazenda Salt Creek.

— Não! — Jo se surpreendeu com a altura de sua voz. Ela não tinha percebido quão acostumada estava a ver Dee dobrando as roupas sobre a mesa da cozinha ou escutá-la rindo de algo no rádio. Ela acariciou o cabelo da menina. — Descanse um pouco. Vejo você amanhã.

— Mas Dee não a ouviu. Já estava quase dormindo, então Jo saiu do quarto na ponta dos pés, fechando a porta devagar, e olhou para

todos os lados do corredor em busca de Claire. Ela a encontrou no final da outra ponta, perto da área do elevador, andando de um lado para o outro. Tinha os olhos avermelhados e estava fungando.

Claire passou o dorso da mão sob o nariz.

— Sei que ela estava carregando o filho de Whit, mas eu havia apagado isso da minha cabeça. Deus. Me sinto uma tola. Com inveja de uma menina de dezoito anos, sem estudos, sem dinheiro, sem amigos e também sem família.

— Ela tem a nós — disse Jo de imediato, mas Claire não deu a entender que isso era uma coisa boa.

— Eu sei — respondeu e fechou a boca com força. Elas ficaram por um momento com os ombros lado a lado, mas sem se tocar. Jo pensou nos bebês que Claire havia perdido. Será que algo assim deixava marcas toda vez que acontecia? Será que Claire havia se destruído e se recomposto de maneira errada? Ela nunca antes pensara sobre isso, mas fazia muito sentido.

Todos aqueles anos, ela acreditou que ela fora quem resgara Claire naquele dia no celeiro, mas e se ela estivesse enganada? E se tivesse sido Claire quem a salvara quando se casou com Whit? *O quanto Claire sabe sobre aquela carta?*, perguntou-se Jo. Jo piscou os olhos para a irmã, que lhe franziu o cenho em resposta.

— O que foi?

— Nada — respondeu Jo. — Tenho de voltar para casa e checar o sal. O que quer fazer?

Claire enxugou os olhos.

— Vou ficar aqui com Dee.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Tudo bem. Voltarei mais tarde, então.

Elas se abraçaram forte por um breve instante, as mãos nas costas uma da outra, as maçãs do rosto viradas em direções opostas, com vontade de dar uma chance àquela relação entre irmãs, porém, constrangidas pela dificuldade de demonstrar afeto.

DEPOIS DO AMBIENTE asséptico do hospital, quando Jo saiu, o calor de verão grudou-se a ela como areia molhada. Ela guiou de volta para Salt Creek com as janelas da caminhonete abertas. Ela pensou em Whit. Jordy tinha os olhos dele, e aquilo havia sido uma lembrança desagradável. Que outros traços do pai Jordy teria herdado? No passado, ela amara Whit mais do que todos no mundo. Será que sentiria o mesmo pelo filho dele?

Ao passar pela St. Agnes, reparou que a luz da janela estava acesa e viu o padre Stone no altar, rezando. Estacionou o veículo, desligou o motor e ficou observando-a, mas, como ele não se mexeu, Jo achou estranho. Nenhum homem ficaria ajoelhado diante de Deus por tanto tempo, a menos que carregasse pecados terríveis, pensou ela — nem mesmo um padre. Ela colocou a mão na maçaneta da porta da caminhonete, mas hesitou. Se ela entrasse, interromperia um momento no qual não tinha o direito de se intrometer. *Que se dane*, pensou por fim, arrancando as chaves da ignição, e então caminhou a passos largos até as gastas portas do santuário e as abriu de uma vez. Dentro, a luz do começo da manhã se derramava sobre a figura da Nossa Senhora como uma reprovação.

— Posso ajudar? — Ethan levantou-se num susto de sua posição ajoelhada em frente ao altar, o rosto tão perturbado que Jo quase não o reconheceu. Ele ergueu a sobrancelha quando percebeu que era ela e pareceu quase aliviado. — Ah, é você, Jo. O que está fazendo aqui?

— Você tem o endereço do padre Flynn? — Jo não estava para gracejos.

O rosto de Ethan ficou ainda mais sério.

— Em algum lugar. Ele o deixou caso eu tivesse alguma dúvida. Por quê?

— *Eu* estou com algumas dúvidas.

Ethan não se mexeu. Olhou para a janela, como se realmente estivesse esperando por outra pessoa, e ficou desapontado por ver o corredor vazio. Devagar, ele se ajeitou de pé. — Será que se trata de algo que eu possa responder?

Jo colocou as mãos nos quadris. O que pensaria Ethan Stone, perguntou-se ela, se lhe contasse a verdadeira razão que a impedia de se casar com Whit Turner? Será que ficaria muito chocado? Será que, então, se arrependeria de ter largado Claire? Jo suspirou.

— Só para informá-lo, Claire está no hospital. Dee teve o bebê ontem à noite. Um menininho. Deu-lhe o nome de Jordan.

Ao ouvir o nome de Claire, as orelhas de Ethan ficaram vermelhas, ele tossiu e os olhos lacrimejaram.

— Terei de fazer uma visita mais tarde para desejar-lhe felicidades.

— Para Claire ou para Dee?

Ethan virou o rosto.

— Dee, claro. Acho que Claire e eu tivemos uma... uma espécie de desentendimento.

*Minha nossa, Claire, pensou Jo, o que você fez agora?*

— Desculpe — disse ela.

Ethan enfiou as mãos no bolso e fatou entre lábios tensos:

— Eu pedi para me transferirem. Talvez você devesse dizer isso à sua irmã.

— Entendo. — Jo limpou a garganta. — Por que não diz você mesmo?

Ethan baixou a cabeça.

— Não acho que seja uma boa ideia.

*Nossa, Claire, pensou Jo. Quando vai aprender? O coração de sua irmã iria se partir de novo, mas dessa vez seria culpa dela. Jo endireitou os ombros.*

— Pode me dar o endereço do padre Flynn?

Ethan piscou os olhos repetidas vezes e acomodou as sobrancelhas de novo.

— Claro. Só um instante, vou procurá-lo. — Ele desapareceu e deixou Jo sozinha com a Nossa Senhora.

Relutante, Jo se virou para encará-la. A tinta da saia havia desbotado e tinha adquirido um tom pastel, reparou Jo, assim como a pele, que estava mais pálida. As mãos estavam quase invisíveis, salvo os olhos que Jo pintara na palma, e a linha de anzóis parecia mais sinistra do que ela se lembrava, os contornos vagos e

malfeitos. Hesitante, ela tocou a face vazia da Virgem e se viu desejando ter com ela um pouco de sal, ou qualquer outra coisa, para oferecer. Mas não teria ajudado em nada. A história não havia mudado de jeito nenhum, com certeza não por sua mãe, e Jo sabia o quanto ela tentara.

A mãe lhe havia contado a história antes de morrer. Ela veio ao santuário assim que pôde, depois de dar à luz durante aquela terrível tempestade. As estradas estavam congeladas; as casas, soterradas pela neve; as árvores, tombadas de atravessado nas trilhas. A igreja tinha ficado vazia, e padre Flynn estava preso na cidade, assim como o pai de Jo. Sua mãe sentia-se exausta depois de parir, mas pensou que teria de ser *naquele momento ou nunca mais*. Ela embrulhou um cinzel pontudo no bolso do casaco e saiu pela porta.

Jo imaginou a surpresa da mãe quando, ao entrar na igreja, viu, além da Nossa Senhora, uma segunda Madona mais mundana — Ida May Dunn — encolhida aos pés da Virgem com um recém-nascido nos braços, as roupas sujas e amassadas.

As duas mulheres recuaram a princípio, mas depois selaram um acordo, unidas pelo desejo comum de manter tudo em segredo. A mãe de Jo viera para quebrar uma maldição e Ida, para lançar uma. E assim foi feito. A mãe arrancou o rosto da Virgem com o cinzel, na esperança de romper com o passado e salvar Henry, e Ida a ajudou, e, quando tinham terminado, nenhuma das duas saiu de mãos vazias. A mãe saiu da igreja com dois bebês no lugar de um — uma menina para compensar o filho condenado — e Ida partiu com a última visão que alguém teria do rosto da Nossa Senhora, sem sequer imaginar como ela a assombraria.

— Aqui está. — Jo deu um pulo. Ethan havia voltado com o endereço do padre Flynn. Ele o segurou na mão dela um pouco antes de soltá-lo. Se soubesse para que Jo precisava dele, talvez jamais o tivesse dado, pensou Jo. Não é verdade que os padres sempre se protegem? Por outro lado, talvez lhe desse um pouco de paz quando o assunto fosse Claire. Não era o único homem de Prospect a ter pecado numa escala tão espetacular e, sem dúvida, não seria o último.

— Obrigada — disse Jo, guardando o endereço no bolso. Ela encarou os olhos perturbados de Ethan e teve vontade de lhe dizer o quanto Claire ainda se importava com ele, mas não lhe cabia fazer isso. Ela não era a protetora da sua irmã, por mais que se sentisse assim às vezes. Por mais duro que fosse, ela teria de se acostumar com aquilo e talvez, apenas talvez, Claire começasse a fazer o mesmo em troca. Jo lançou mais um olhar desconfortável para a Nossa Senhora e caminhou de volta para a luz do dia, sabendo que o pedaço de papel em seu bolso poderia trazer o fim ou o começo de sua história, ou talvez nenhum dos dois. O destino nem sempre era escrito de maneira muito clara e, mesmo que fosse, quem poderia afirmar que se manteria assim?

# 25

EM meados de julho, Dee voltou para a Fazenda Salt Creek com Jordy e, para dar-lhes as boas-vindas — ao rezinho da salina, seu menino-tesouro —, Claire se dedicou a preparar oferendas gastronômicas. Todas as manhãs, ela se levantava antes de o sol nascer e preparava roscas com glacê, bolinhos com uva-passa e anis, folhas crocantes de massa filo envolvidas em mel, sal e uma mistura secreta de ervas. Aromatizou ramequins de creme inglês com água de rosas e laranja, e preparou um pé de moleque ao mesmo tempo salgado e doce, que confundiu a sua língua embevecida.

Era uma felicidade ter um bebê na casa, e o corpo de Claire parecia refletir isso. Suas roupas ficaram mais justas nos lugares certos, passaram a enfatizar seus quadris e seios, o que conferiu mais balanço a seus passos, e seu cabelo, que usava solto agora, começou a tomar forma de um ondulado agradável. Ela passava tanto tempo na frente do forno quente que sua pele passou a exalar aroma de baunilha, caramelo e manteiga dourada. Mergulhava os dedos em tanto chocolate que manchou as pontas deles com uma cor de café *expresso* esfumaçada.

— O melhor tratamento para as unhas do mundo — riu ela, acenando as unhas para Dee, mas esta não pareceu notar. Dee estava tão murcha quanto alface velha naqueles dias. Talvez fosse o esforço de ter de cuidar de um recém-nascido, ou talvez fossem os hormônios. As enfermeiras avisaram-nas sobre isso. *Melancolia pós-parto*, chamaram isso, mas a tristeza de Dee parecia ter se agravado muito ultimamente.

Claire escumou uma vasilha de ovos com força e começou a borrifar farinha nela.

— O que você prefere? — perguntou ela a Dee, olhando para ver se ela ainda estava no ambiente. Algumas vezes ela saía devagar, antes de Claire perceber, subia os degraus em silêncio até o quarto,

onde dormia por horas a fio, deixando para Claire e Jo o trabalho com Jordy: trocá-lo, embalá-lo, esquentar as mamadeiras, como duas galinhas numa competição. — Rosca ou torta de limão? Posso fazer qualquer uma das duas.

Jordy estava sobre a mesa, abrigado na ampla curva de uma enorme vasilha de madeira de sal que Claire forrara para ele com uma colcha. Dee, a princípio, ficou horrorizada com aquilo, mas se tranquilizou quando percebeu que a vasilha acolhia o bebê perfeitamente.

— Todas as Gilly foram embaladas nessa vasilha — tranquilizou-a Claire. — Minha mãe costumava dizer que foi isso que endureceu nossa coluna.

Claire lançou os olhos para Jordy naquele momento, maravilhada de que, no curto espaço de tempo de seis semanas, os olhos dele tinham ficado cor de avelã, os cabelos haviam engrossado, e ele aprendera a chupar o punho. Como se tivesse percebido que estava sendo observado, ele acordou assustado, mas não chorou. Claire esperou para ver se Dee o pegaria, mas, como não o fez, bateu a colher de madeira na lateral da vasilha, tentando tirar Dee daquela depressão.

*Torta de limão*, decidiu Claire, pegando as raspas. Esse prato casava com seu humor. Ela espremeu algumas gotas do suco na massa e jogou fora a metade da fruta espremida. Infelizmente, a felicidade era uma rede muito frágil, pensou. Ultimamente, estava sem coragem de testá-la, pois tinha medo de que se rompesse sob pressão e espalhasse tudo o que tivesse entrelaçado nela, deixando-a sem nada. Talvez fosse isso que Jo tentara lhe dizer no dia de seu casamento, pensou, com aqueles anzóis horríveis pintados no vestido da Nossa Senhora — que algumas vezes era preciso ser cruel para alimentar a própria alma.

Claire se lembrava do dia em que deixara escapar o peixe na praia com Whit atrás dela. Talvez ela tivesse cometido um engano, afinal, ao permitir que ele escapasse. Ela percebia isso agora.

Jordy balbuciou, e Claire se virou, mas Dee abriu a manta que o protegia e o colocou no ombro dela. Claire adorava sentir Jordy em seus braços. Ele tinha o mesmo peso confortante que um saco de



farinha. Sempre que podia, ela o cheirava como se fosse um de seus confeitos, desejando que pudesse espalhar cobertura em sua barriga macia e tirá-la com a língua. Tinha vergonha de admitir que às vezes ela chegava a acreditar que talvez ele fosse — deveria ter sido — seu.

Por um momento, no começo da cesariana de Dee, os médicos não sabiam se ela iria sobreviver. Sangrava muito, a pressão arterial havia atingido um nível quase inumano de tão baixa, e a enfermeira começou a arrumar o carrinho de reanimação. De modo geral, havia sido um momento terrível para Claire, mas não devido ao drama que se desenrolava à sua frente. Ao contrário, era terrível porque Claire fora obrigada a fazer uma escolha moral: para quem ela iria torcer? Bebê ou Dee? Mãe ou filho? Vida velha ou nova?

Ela escolheu a criança.

Mais tarde, quando Dee estava se recuperando, as máquinas tinham parado de apitar e as enfermeiras haviam tirado um pouco dos tubos do nariz e braços da menina, Claire se perguntou por que simplesmente não havia rezado para os *dois*, Jordy e Dee. Será que era assim que o cérebro humano funcionava em momentos de emergência, perguntou-se ela, eliminando pressões arteriais e nervos em situação crítica, reprimindo distrações, para que a pessoa conseguisse tomar decisões impossíveis? Ou essa falha era conseqüência de amar somente seu próprio coração endurecido?

— Você sabe que nunca vamos comer tudo isso. — A gravidade na voz de Dee às vezes tornava profundos os seus comentários mais banais. Isso deixava Claire maluca. Nesse caso, no entanto, ela era obrigada a concordar que a menina tinha certa razão. Elas ainda nem haviam começado a comer o bolo do dia anterior, e ali estava Claire preparando uma torta de limão. Um prato cheio de donuts embrulhados que estavam estragando na ponta do balcão, perto do jarro de colheres de pau, e a geladeira guardava um creme de coco que fora preparado havia uma semana. Claire suspirou e ficou olhando para a panela em suas mãos.

— Bem, já preparei a massa. Acho melhor assá-la. — Dee checou a fralda de Jordy e, em seguida, satisfeita com o que viu, ajeitou a roupa dele e o jogou de novo sobre o ombro, batendo nas costas

dele um pouco mais forte do que teria feito Claire, que se controlou para não dizer nada.

— Por que não vende tudo isso? — perguntou Dee.

Claire levantou a cabeça.

— O quê?

— Na feira em Wellfleet, no sábado.

Era impressionante mesmo. A menina era mais parada do que uma caixa de pedra, mas de repente tinha uns surtos de inteligência. Não era má ideia, de jeito nenhum, pensou Claire. Os sais com sabores que levava para Hyannis tiveram aceitação total, e talvez as suas comidas também tivessem. A insignificante quantidade de dinheiro que havia deixado no banco quase já não existia, e a fazenda ainda tinha muitas dívidas recaindo sobre ela, mas talvez os confeitos de Claire pudessem ajudar a minimizá-las.

A voz de Dee a trouxe de volta para a cozinha.

— Eu poderia acompanhar você. Bem, eu e Jordan. Sabe, para uma ajudinha extra. Na verdade, quatro mãos a mais a ajudando. — Jordan balbuciou outra vez.

Claire a encarou, pensativa. Dee era uma péssima garçonete. Educada, mas amuada e desatenta na hora de anotar os pedidos. Nunca se lembrava de como os clientes queriam o café, os ovos, nem se preferiam mel ou geleia com suas panquecas. Ou parecia nunca se lembrar. Refletindo sobre isso, Dee nunca tivera problemas em saber o que ela, Claire, queria.

Ela voltou ao problema presente. Seria bom para Dee sair um pouco de casa e se misturar com as pessoas. Seria bom para as duas.

— Por que não? — disse ela.

*Quem sabe*, pensou. Talvez Dee se mostrasse uma excelente vendedora, afinal. Ela obviamente se vendera de corpo e alma para Whit. Talvez um flerte com o mundo externo não fosse a pior coisa para o mundo da Fazenda Salt Creek. Talvez fosse exatamente disso que precisavam.

No SÁBADO CEDO, Dee mudou de ideia.

— Não estou me sentindo muito bem — reclamou ela, pressionando a mão na têmpora. — O bebê se mexeu quase a noite toda, e eu estou com uma terrível dor de cabeça. Vou ficar aqui e dormir com ele.

Claire tentou esconder o alívio. Tagarelar pela cozinha com Dee largada à mesa enquanto ela cozinhava era uma coisa, mas ficar confinada atrás de uma mesa, juntas por horas sob o calor, era uma perspectiva nada atraente. Claire se inclinou e deu um beijo em Jordy, envolvendo a cabecinha dele com a mão.

— Comporte-se — sussurrou ela e saiu para encontrar Jo, que tinha algumas entregas de sal nos restaurantes e alguns afazeres a cumprir.

— Você quer alguma coisa da rua? — perguntou Claire, mas Dee apenas respondeu que não com a cabeça.

Algumas horas depois, Claire já não tinha mais nada para vender em sua barraca.

— Se eu pudesse, comeria um desse todos os dias de minha vida — elogiou sua última cliente, que devorou o último bolinho de banana de Claire. — O que você colocou aqui?

Claire deu de ombros.

— Sal marinho, baunilha e um segredinho.

— É delicioso. Deveria abrir uma loja ou algo do gênero.

Claire começou a protestar, mas parou. Não era uma ideia de todo desprezível. *Por que não abrir seu próprio negócio?*, perguntou-se.

Quando fora a última vez que tivera algo seu? Estava vivendo na casa da irmã com a amante e o filho do marido, e trabalhando na salina da família. Até Icicle, sua alma, fora um presente de Whit. Claire olhou para a mulher, que lambia os últimos farelos dos dedos como um gato faminto. Ela usava um batom marrom forte e dois enormes botões de diamante. A calça capri era engomada, a camisa era limpa, e ela tinha nos pés espadrilhas francesas. No passado, Claire havia se vestido exatamente como ela.

— Quem sabe um dia — respondeu.

— Bom, pegue isso. — A mulher procurou na bolsa o cartão de visitas. — Me avise se abrir a loja. Esses bolinhos são deliciosos. — Claire pegou o cartão e deu uma rápida olhada no relógio. Ela ainda tinha quarenta minutos antes de Jo voltar. Do outro lado do corredor, um dos comerciantes estava vendendo pêssegos tão maduros que quase pingavam. *Torta de fruta*, pensou. *Geleia de pêssego e de pimenta*. Estava a meio caminho da barraca quando percebeu que Ethan estava de pé sob o toldo. Não o havia reconhecido nas sombras e não o tinha mais visto desde que o deixara seminu na praia.

— Ethan — disse ela, aproximando-se por trás dele. A única pessoa que ela estava desesperada para encontrar e ao mesmo tempo com vergonha. Ele vestia seu colarinho clerical, mas com uma camisa de manga curta, que deixava à mostra os atraentes contornos de seus antebraços. Se olhasse bem, apostaria que seria capaz de encontrar o pulso dele. Era o mesmo lugar onde o havia beijado repetidas vezes. Ficou olhando fixamente para os próprios sapatos com a língua tensa.

— Claire. — Por que seu nome sempre saía da boca dele como música soando de um sino? Ela sentiu a vibração no estômago e atrás dos joelhos. — Seu cabelo — disse ele — está...

— Solto. — Ela levantou os braços e alisou as pontas eriçadas.

— Gostei. Combina com você.

— Obrigada. — Claire se viu com dificuldade em recuperar o fôlego. Ela algumas vezes sentia que, ao longo dos últimos 13 anos, suas veias e artérias haviam se comprimido e ficado no menor tamanho possível, permitindo apenas que o sangue circulasse, e nada mais. Não havia mais espaço para risada, afeto e, certamente, para paixão. Pelo menos não até Ethan surgir outra vez. Ela o desejou tanto naquela manhã nas dunas que nem sentira remorso, mas o que deveria fazer? Algumas vezes, parecia que a única maneira de exorcizar o passado era revivê-lo.

Ela apoiou os dedos atrás das costas e mordeu o lábio inferior. Seu problema, percebeu, era que ela era uma mulher que sempre tinha o que não queria. E talvez isso agora incluísse Ethan, pois ele não era mais o mesmo garoto que a abandonara. Era um homem

com 12 anos mais, sobre os quais Claire nada sabia. Fora tola ao tentar se convencer de que o tempo não tinha importância.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ela por fim. Tarde demais, veio-lhe a resposta. *Evitando você*. Ela corou.

— O mesmo que todo mundo. Comprando. E você?

Era a isso que seriam reduzidos, perguntou-se Claire, a conversas banais que talvez tivessem num coquetel? Não conseguia imaginar um futuro cheio de conversas fúteis sobre o tempo.

— Estou vendendo algumas comidas que fiz — respondeu.

— Os negócios estão indo bem?

Claire tentou manter a voz suave.

— Vendi tudo em duas horas. Se vier na semana que vem, posso guardar alguma coisa para você.

Ethan parecia atormentado.

— Claire, quanto a isso. Não sei como dizer, mas... pedi para ser transferido. Espere. — Ele segurou na mão dela quando ela tentou tirá-la. — Encontrei sua irmã outro dia e comecei a pensar: e se eu estiver cometendo um engano?

Claire sentiu a garganta se apertar. Aquelas eram as palavras que por tanto tempo quis ouvir dele, mas agora era tarde demais. Agora eram palavras vazias. Mesmo que ele quebrasse seus votos, Claire percebeu que ela nunca se livraria do espectro de Deus pairando entre eles. Ela baixou a cabeça. Quando iria aprender? Amor não era uma lista a ser mantida no coração. Eram as obrigações a serem cumpridas diariamente e os sacrifícios que se fazia. Jordy a fizera ver isso. Ela balançou a cabeça, incapaz de colocar as palavras para fora, e Ethan largou sua mão, com os olhos rasos d'água.

— Acho que acabou — disse ele com a voz rouca.

Claire virou-se de costas para ele. Não conseguia mais encará-lo.

— É — respondeu ela por fim. — Acho que sim.

Ela podia sentir os olhos dele em suas costas ao caminhar de volta para a barraca. Na semana seguinte, ela decidiu que faria bolo de chocolate com cobertura de chocolate temperada com rum e cobraria o dobro de seus clientes, ou os deixaria salivando. De agora em diante, nada mais dela seria de graça, nada quando se tratava

de suas comidas, de Whit e, especialmente, de Ethan Stone e seu pobre coração dilacerado.

ELA E JO VOLTARAM para a Fazenda Salt Creek com as janelas da caminhonete totalmente abertas. Não aliviou o calor, mas pelo menos fez o ar circular, mesmo que a brisa dificultasse a conversa, o que, na verdade, não era nenhum problema para Claire, que estava se sentindo tão amigável quanto um escorpião. Elas entraram na trilha que as levaria até a salina. Ao longe, a salina era o retalho de cores violentamente estranhas de todos os verões: magenta, verde, vermelho, ferrugem e marrom. Com o calor e o sol, vinham algas e microrganismos, e a lama nas planícies de sal se transformava num manto de arlequim.

Desde o hospital, elas ainda não tinham conversado sobre o que estava na carta de Ida, mas isso assomava diante delas como o calor da estação. *Se ela sabia quem Whit era para ela todo esse tempo, refletiu Claire, por que ficou tão brava quando me casei com ele?* Jo jamais poderia tê-lo. Na verdade, essa ideia já era bastante aflitiva. Claire se perguntou se eles já tinham se beijado antes de Jo ler a carta de Ida, e se

Whit alguma vez suspeitara da verdadeira relação que tinham. Se sim, ele fizera um excelente trabalho em esconder.

*Eu deveria queimar aquela carta,* pensou Claire. Ela estava lá em cima, em sua escrivaninha agora. Claire a havia arrancado da mão de Jo no hospital e não mais devolvido, e a irmã tampouco a havia pedido. Mesmo assim, não lhe competia guardá-la, e ela estava cansada, concluiu Claire, de carregar a carga dos pesares da irmã. A verdade já havia sido revelada e, além disso, não havia como reparar a vida inteira.

As cigarras estavam cantando e uma fila de pelicanos aterrissava e levantava voo como um esquadrão de bombas que cruza o horizonte. A noite descia sobre a salina como um manto quadrado de seda. Icycle ia querer galopar na praia e estourar a rebentação no

mar, e então Claire o alimentaria. Ela sentiu que o nó que havia dado em seu estômago na feira estava começando a se desenlaçar. Quando terminasse de andar a cavalo, esperava ela, seus músculos estariam completamente relaxados e ela conseguiria respirar de novo. Porém, ao se aproximar do celeiro, notou que as portas estavam abertas, o que era estranho. Ela tinha tomado todo o cuidado para fechá-las bem. Franziu a testa e abriu de vez uma das portas, uma onda de calor a atingiu quando deu um passo para dentro, e então ela congelou.

Icicle estava estatelado no chão, as patas paradas sobre o feno, os flancos rígidos e as narinas secas. As moscas já se aglomeravam ao seu redor. Recusando-se a acreditar no que via, Claire caiu de joelhos e colocou a mão no peito fiel do animal. Não havia vida nele, como sabia que não haveria. Sentou-se sem ar por um momento, como se tivesse acabado de receber um soco no estômago, então apoiou a cabeça sobre ele e chorou.

Fungando, ela fechou os enormes olhos solenes de Icicle e esfregou a face na dele, desejando que estivesse ali quando ele viveu seu derradeiro momento, desejando que pudesse tê-lo salvo, pois Icicle, para ela, havia sido mais do que um cavalo. Era a parte mais digna de sua alma. Sem ele, Claire já não sabia mais o que aconteceria com seus melhores instintos. Ela correu a mão sobre as orelhas dele e ao longo de sua crina e, em seguida, no pescoço. Tateou a palha em volta do corpo dele e seus olhos viram um pequeno pedaço de papel. Era um invólucro de uma marca de chiclete de canela que Whit adorava. Claire o pegou e o examinou. Não havia nenhum código dentro, nenhum sinal secreto para ela. Mas, também, tal subterfúgio não combinava com Whit. Sua mensagem era bem clara. A única coisa que restava salvar era a si própria, Claire entendeu isso.

## 26

COISAS MORRIAM O TEMPO todo na Fazenda Salt Creek, Jo sabia muito bem: pássaros errantes, o bando de gatos que ela afogava todos os anos, insetos aos montes e meninos novinhos. Algumas dessas criaturas deixavam o mundo por decisão própria, e outras por força de uma lei maior, mas Jo sentia pesar por todas elas. Alguns dias, ela chegava a acreditar que a salina não passava de uma ferida aberta no meio da terra, um lugar onde o aqui e o agora encontravam o além. Ela havia vivido ali por tanto tempo que era imune aos seus modos cruéis, mas não podia dizer o mesmo de Claire, que nunca amara a terra como ela. A morte de Icycle lembrou Jo de que a irmã havia voltado para casa, para um lugar onde ela não conseguia ignorar as complexidades do mundo.

Jo encontrara Claire andando a esmo pelos tanques de sal no início da noite, quando o bando de moscas desaparecia e dava lugar aos primeiros morcegos noturnos. Normalmente, Claire tinha medo deles, mas, naquela noite, nem os notara. Seu rosto estava da cor da areia, e seus olhos eram dois botões vazios, do mesmo jeito que tinham ficado logo depois que incendiara o celeiro anos antes. Quando algo a perturbava muito, ela se transformava numa boneca viva. Não se podia fazer nada com ela.

— O que aconteceu? — gritou Jo. — Está tudo bem com Jordy?  
— Ao pensar nele gorducho, fofo como um patinho, seu coração acelerou, mas Claire simplesmente balançou a cabeça, pegou Jo pela mão boa e a conduziu até o celeiro, os cachos vermelhos de seu cabelo estavam armados como se ela tivesse tomado um choque. Misericordiosamente, Jo viu que o prédio ainda estava intacto.

— Abra as portas — disse-lhe Claire, levando as mãos ao rosto.  
— Eu não consigo.

Jo obedeceu, piscando para enxergar melhor na escuridão. A princípio, ela não entendeu o que estava vendo. Pensou que Icycle



tivesse tido algum tipo de ataque ou estivesse doente, mas Claire começou a soluçar, o barulho se rompendo em sua garganta.

— Ele está morto — soluçou ela. — Ai, Jo, ele está *morto*.

Jo caminhou mais para o fundo do celeiro. Naquela mesma manhã, Icicle estava perfeitamente saudável, batendo as patas e relinchando ao escutá-la se aproximar. Ela se ajoelhou sobre seu corpo inerte, uma sensação ruim cada vez maior na boca do estômago.

— O que aconteceu? — perguntou. Ela sabia que cavalos novos não caíam mortos sem motivo.

Claire tirou as mãos do rosto. Jo notou que ela havia recuperado um pouco a cor.

— Não seja estúpida, Jo. Whit o matou, claro. Ele é horrível.

Jo curvou-se sobre Icicle. Era um animal tão bonito. Doía-lhe vê-lo deitado assim, imóvel. Ela acariciou seu flanco. Claire fungou.

— O que acha que ele usou? — perguntou ela, mas Jo era apenas uma produtora de sal, não uma detetive. Ela deu de ombros, e Claire concordou com a cabeça. — Acho que tem razão. Acho que não importa. Seja lá o que for, deu certo, e bem rápido. Jo — ela ergueu a cabeça, aquele olhar de boneca começava a sumir em volta dos olhos —, temos de fazer alguma coisa. Ele nos quer fora desta terra muito mais do que Ida, e eu e você sabemos que ele fará qualquer coisa para que isso aconteça. — A face pálida de Claire passou de um tom areia para um tom cinza. — Será que não conseguimos uma espécie de ordem de afastamento? — sussurrou ela.

Jo colocou o dedão na boca.

— Mas não temos nenhuma prova de que seja ele o responsável por isso.

Claire concordou.

— E verdade. Além do mais, Whit tem nas mãos todos os políticos de Cape Cod, e isso inclui a aplicação da lei. — Ela corou, lembrando--se de como se aproveitara desse fato para impedir que o sal fosse jogado na fogueira.

— Quando Whit seguiu a lei? — resmungou Jo. — Se ele pensa que pode se livrar de alguma coisa, e geralmente ele pode, ele

segue em frente e faz o que quer.

— Então, o que devemos fazer?

Jo olhou para o corpo inerte de Icycle e estremeceu.

— Não sei. — Havia inúmeros acidentes estranhos que poderiam acometer três mulheres e uma criança numa fazenda remota. Ela desviou o rosto do de Claire, suando sob as costelas. *Fale logo*, uma voz dentro dela a pressionava. Basta. Ela e Claire já haviam se culpado por coisas demais por muito tempo. Jo respirou, trêmula.

— Sei que esta não é uma boa hora, mas tenho de lhe dizer uma coisa terrível. Recebi hoje uma ligação de nosso amigo Monaghy, do banco. Temos trinta e seis horas e, depois disso, vão tirar este lugar de nossas mãos. Eles disseram que têm “um comprador interessado”, mas nós duas sabemos que é um código para Whit Turner.

Claire ficou de boca aberta.

— Bem — disse ela, falando exatamente como Jo. De repente, sua face ficou radiante e um sorriso de raposa pairou em seu rosto.

— Não se preocupe. Isso não vai acontecer.

Jo balançou a cabeça.

— Claire, você não está ouvindo. Eles virão *depois de amanhã*. Whit venceu. Acabou.

Claire esfregou os dedos um no outro.

— Ainda não.

Jo cutucou a ponta do nariz.

— A menos que tenha um ovo de ouro escondido debaixo do colchão, não vejo aonde quer chegar.

O sorriso de Claire ficou ainda maior.

— Tenho algo melhor — respondeu. — Tenho a aliança de diamante de Ida.

Jo torceu o canto da boca ao deixar escapar um baixo assovio. Ela apostava que aquele anel valia uma fortuna. Talvez não o suficiente para tirá-las da penúria, mas o bastante para entrar num acordo com o banco. E os negócios haviam melhorado nos últimos tempos. Aqueles saís malucos de Claire não paravam de ser consumidos das prateleiras em Hyannis. Se continuassem assim, pensou Jo, talvez elas conseguissem reverter a situação atual. Ela se

sentou com o corpo todo sobre a palha, e Claire se jogou ao lado dela.

— Ida vai se contorcer no túmulo. E perfeito — admitiu Jo.

O rosto de Claire ficou sério.

— E se o dinheiro não for suficiente?

Jo deu de ombros.

— Um pouco é melhor do que nada. — Ficaram em silêncio por um instante, então Jo disse. — Você se lembra daquele medalhão que a deixou uma fera na noite em que você e Dee chegaram aqui? Bem, deveria saber, Whit tentou me dá-lo antes. — Claire prendeu a respiração, e Jo ficou preocupada que o humor dela estivesse prestes a explodir. Ela levantou a palma da mão para impedir o acesso de raiva da irmã. — Eu nunca o aceitei — explicou. — Eu o devolvi. Então, no dia seguinte, vi que Ida tinha deixado a pérola aos pés da Nossa Senhora ao lado de uma carta. Não sei por quê, mas as peguei. Li a carta, depois a devolvi na caixa de correio de Ida, juntamente com o colar. Depois disso, as coisas nunca mais foram as mesmas entre mim e Whit. E não havia como, não depois de eu descobrir que Ida era minha mãe.

Claire engoliu em seco. Quando se tratava de confissões, ela era quase tão desajeitada quanto a irmã.

— Naquele dia em que voltei à casa — disse ela por fim —, acabei mexendo na penteadeira de Ida. Foi lá que ela guardou a carta e eu a li assim que a encontrei. Sinto muito.

O ar no celeiro estava tão pesado que chegava quase a ser um consolo, pois ajudou Jo a dizer as coisas que ela sabia que tinha de dizer.

— Depois do incêndio, quando Whit não foi me ver no hospital, pensei que talvez ele finalmente tivesse desistido de ser dono da salina.

Claire enrubesceu.

— Eu já deveria saber. Ele só queria se casar comigo porque pensava que eu herdaria metade da Fazenda Salt Creek. Eu era jovem demais, e, além disso, estava tão arrasada por causa de Ethan. Fui uma tola. — Enxugou uma lágrima do rosto.

— Não sei nada sobre isso. Whit pode ser muito charmoso quando quer. — Jo se lembrou de todas as tardes alegres que passara com ele, um perseguindo o outro na praia Drake, e o carinho na voz dele na noite em que tentou lhe dar o medalhão. Ela gostava de pensar que algumas coisas não deixavam de ser verdadeiras. Por outro lado, Whit e ela eram filhos da mesma mãe.

Claire hesitou. Tinha a testa enrugada.

— Então, se Ida era sua mãe, quem era seu pai?

Jo respirou fundo outra vez. *Fala logo*, a voz pressionou de novo. Ela lambeu os lábios.

— O padre Flynn.

Claire se sentou com as costas retas.

— O quê? O que nesta terra a faz pensar isso? Na carta apenas estava escrito *caríssimo*. Pode ser qualquer um.

— Ou alguém em particular que ela não queria dizer. Alguém que ela não podia dizer. Eu acho que era o padre Flynn.

Claire ficou mais pensativa.

— Então foi por isso que Ida deixou a carta na igreja. Não era para a Nossa Senhora.

— Exatamente.

Elas ficaram em silêncio por um instante, então Claire raspou as botas na poeira do celeiro. Ela havia guardado o pior para o final.

— Todo esse tempo — confessou —, só consegui pensar em quanto você devia me odiar por ter me casado com Whit. Pensei que me culpava por ter começado o incêndio e lhe roubado o futuro que deveria ter tido com ele. Mas não era nada disso. Talvez tenha me desdenhado por não sermos irmãs legítimas. — Ela fungou e enxugou mais uma lágrima, e Jo se surpreendeu ao estender o braço e envolver Claire, percebendo como seus braços e ombros tinham ficado musculosos durante o verão, e acariciou--lhe a cabeleira vermelha. Enquanto conversavam, as estrelas apareceram, juntamente com uma bela lua crescente ofuscada por pequenas nuvens. *Uma lua feminina*, a mãe sempre se referia a ela assim, e agora Jo percebia por quê. Era uma lua para conspirações, uma lua para conluios.

— Para mim, Claire, você é uma irmã de verdade. Precisa saber disso. Fui teimosa e tola, mas nunca a odiei. De jeito nenhum.

Claire soltou o ar pelo nariz.

— Não tão tola quanto eu. Há três de nós aqui, todas amarradas a Whit, mas só eu fui tão estúpida a ponto de me casar com ele. Como isso me torna inteligente? — Respirou de leve, prestes a dizer algo mais, porém, em vez disso, se controlou, e Jo percebeu que ela estava pensando em Ethan. — Talvez o bom senso seja superestimado — disse ela, por fim. — Talvez Dee seja mais esperta que nós duas juntas; afinal, é ela quem tem o filho de Whit.

Jo resmungou.

— A única coisa esperta naquela menina é seu estômago. Pelo menos sabe por conta própria quando ingeriu demais.

Claire riu, divertiu-se com isso, mas estava tão abatida e tinha os olhos tão vermelhos que Jo teve vontade de sentá-la na cozinha e obrigá-la a comer um pedaço de bolo fofo com mel e sal por cima, do jeito que faziam depois da escola. Havia anos não faziam isso juntas, mas o salgado e o doce, o passado e o presente, já não pareciam mais tão distantes. E daí que não eram irmãs legítimas? E daí se Jo não era uma Gilly de sangue? Tempo e tenacidade a haviam transformado numa, e, pela primeira vez na vida, Jo estava verdadeiramente feliz.

— Como saber distinguir entre indiferença e paixão? — perguntou Claire enquanto caminhavam pelas bordas da salina. — É possível? Quero dizer, existe uma maneira de amar alguém sem precisar se acabar por causa disso? — Ela esfregou a pele sob os olhos, onde olheiras apareceriam na manhã seguinte. *Ela não está se referindo a Whit*, percebeu Jo. *Está tentando falar de Ethan*.

Jo fez que não com a cabeça. Gostaria de ter uma resposta para Claire, mas, até onde sabia, o amor sempre deixava marcas. Algumas vezes, chegava até a esfolar. Jo envolveu os ombros de Claire com o braço bom e se emparelhou com ela.

— Acho que não — respondeu ela, apertando Claire com tanta força que podia sentir as costelas magras da irmã sob seus dedos, e desejou que tivesse melhores conselhos para dar. — Pelo menos, não se for uma Gilly.

## 27

QUANDO DEE COMEÇOU A ACREDITAR que a vida na Fazenda Salt Creek talvez não fosse tão ruim assim, algo estranho aconteceu e a fez mudar de ideia, e certamente nisso estava incluído o enterro do cavalo de Claire. Dee estava sentada na sala, na mais completa paz, quando Jo entrou e, com o sorriso mais largo que ela já vira, disse-lhe para pegar um par de botas, uma pá e uma lanterna e ir para a salina.

Com os olhos arregalados, ela seguiu Jo e Claire até as sepulturas. Por essa época, já sabia todos os nomes nas lápides, mesmo no escuro. Ela franziu o cenho e lançou um olhar nervoso para Jordy, que estava dormindo na vasilha de sal alguns passos adiante, sem se incomodar por estar sobre a terra; mas o que mais Dee poderia fazer com ele? Minuto após minuto com os olhos sobre eles, era assim que estava levando a vida nesses dias e, francamente, estava ficando um pouco cansada disso. Ela arrumou a lanterna ao lado dele para que a luz não o acordasse.

Agora que Jordy estava fora dela, no mundo, Dee passara a pensar de um jeito completamente diferente no futuro, o qual tinha o desconcertante hábito de se transformar no presente mais rapidamente do que o razoável. E embora para ela fosse tudo bem colocar Jordy ali na terra como uma melancia, enquanto ela ajudava a enterrar um cavalo que não lhe pertencia, sabia que o medidor daquela realidade estava correndo rápido demais.

Jo e Claire eram amáveis com ela. Não negava isso. Mas, no meio da noite, quando estava dando de mamar para Jordy, sua mente questionava o que elas estariam ganhando em troca. Talvez ela tivesse cortado os laços com o pai, mas ainda era sua filha, e Cutt lhe havia ensinado que a vida se dava num esquema de dar e receber. Se Dee quisesse algo, era bom estar preparada para pagar por isso, mesmo por coisas que pensasse serem gratuitas, instruíra ele. Ultimamente, ela começava a perceber que Claire e Jo não a

estavam mantendo na Fazenda Salt Creek apenas por terem um bom coração. Se ela fosse embora, as duas acabariam sozinhas, berrando e se engalfinhando como aqueles malditos gatos, e agora ela compreendia por que Jo os afogava.

Ela parou de cavar e se apoiou sobre a pá, sem obter muito sucesso ao tentar enxugar o suor da testa, pois o espalhou ainda mais. Se a noite estivesse iluminada, os açudes estariam todos em cores diferentes. Jo tentara explicar por que os tanques estavam agitados, mas Dee não entendia nada do que ela dizia. Nunca pensou que o sal pudesse ser tão simples e complicado ao mesmo tempo.

— Dee? Dee! — Claire havia se inclinado sobre o cabo da pá também e a estava chamando. — Tem certeza de que não viu nem escutou nada? Pense bem. É importante.

Dee balançou a cabeça.

— Não, nada. E eu já lhe disse. Estava lá em cima, dormindo com Jordy, e depois desci para a sala, fui ver TV. — A televisão era nova. Dee as obrigara a conseguir uma para ela. Com um pouco de sal e solidão ela conseguia lidar, mas precisava de alguma conexão com o mundo real ou sabia que iria perder o pouco que lhe restara de sanidade.

— Dei a mamadeira para Jordy, depois o levei para a cozinha e dei-lhe um banho na pia, e em seguida vocês chegaram.

Mas ela estava mentindo. Sabia muito bem o que acontecera com Icycle mesmo que não tivesse presenciado nada do que se passara no celeiro. Não precisava. Estava jogando água sobre a barriguinha de Jordy quando viu Whit através da janela da cozinha, pisando firme pelas barragens do sal.

De repente, ele parou e olhou para o outro lado da salina, para a janela e Dee. O coração dela começou a bater mais forte, e ela quase afogou o pobre Jordy, mas, ao mesmo tempo, não conseguia desviar os olhos. Tudo a respeito de Whit a assaltou de súbito naquele momento: a nuca suave dele sob a palma de sua mão, a rigidez de sua clavícula e até as mãos apertando o seu pescoço.

Jordy resmungou bem nesse instante, e Dee olhou para baixo, para ajeitá-lo na pia. Quando ergueu os olhos de novo, Whit estava

entrando furtivamente no celeiro. Ela tirou Jordy da água e o embrulhou numa toalha branca, fazendo força para enxergar do lado de fora da janela. Whit parou e então se virou na direção da cozinha outra vez. Muito devagar, ele passou o dedo de atravessado na garganta e levou a mão aos lábios. Dee ficou sem ar e se afastou da janela. Quando espiou de novo, Whit havia sumido.

Jordy acordou e começou a se mexer em seu pedaço de terra. Claire suspirou e chutou a lâmina da pá.

— Leve-o de volta para casa. É tarde demais para ele ficar aqui fora. Depois que eu e Jo terminarmos, vamos arrastar Icicle do celeiro com o caminhão. Você não precisa ver isso.

Pela primeira vez na vida, Dee não tinha vontade de argumentar. Jo e Claire ainda demorariam muitas horas para acabar, então pegou a vasilha de Jordy no colo e começou a caminhar de novo de volta para a casa pela trilha. A sua esquerda, o contorno do celeiro assomou na escuridão como uma lembrança ruim e, ao lado dele, a trilha seguia reta, desafiando-a a pegá-la e fugir.

Ela tremeu ao entrar na casa, mesmo sendo uma noite úmida. Será que Whit ainda estava lá fora? Provavelmente não, pensou. Ele era um homem de atitude, não de contemplação. Ela suspirou. Talvez esse fosse o sinal de que precisava para lhe dizer que ela não servia para Whit Turner. Pensara que sim ao se ligar a Jo e Claire, ao se tornar uma delas, que, de tanto fazerem parte do passado dele, ela talvez encontrasse um caminho em seu futuro. Entretanto, ali estava ela — uma das três —, e os problemas, seu pai sempre lhe dissera, vinham em triplo. Mas algumas vezes isso também acontecia com a sorte. Ao se inclinar e colocar Jordy em seu ombro, beijando sua cabecinha e respirando aquele cheirinho de bebê, ela se viu desejando saber diferenciá-los melhor.

DEPOIS DA MORTE DE ICICLE, Dee não conseguiu mais ficar à vontade na Fazenda Salt Creek. Parecia que, para todos os lugares que olhava, havia algum perigo que lhe era desconhecido. O celeiro lhe



parecia abandonado e assustador; o canal principal, que desembocava no mar, parecia a garganta de um gigante prestes a engoli-la viva, e, em todos os lugares em que pisava, era como se houvesse criaturas repugnantes se mexendo na grama e nas sombras. Começou a encontrar aranhas em seus lençóis, lesmas esmagadas na sola de suas galochas e, certa vez, depois de ter limpado um tanque, ela teve de arrancar dezenas de minúsculas asas de borboletas azuis do colarinho da camisa.

— E mais importante do que nunca que você nem pense em procurar Whit — avisou-a Claire, na cozinha, alguns dias depois de terem enterrado Icicle. — Pela segurança de Jordy, sua e de todo o resto. Você viu com seus próprios olhos do que ele é capaz. — Claire havia vendido sua aliança de casamento para salvar a fazenda, Dee sabia, e Whit com certeza deveria estar dando pulos de raiva por causa disso. Ela se lembrava da severidade com que ele a advertira de que não perdesse aquele medalhão de bijuteria que lhe dera. Ela nem podia imaginar o que ele faria diante da perda do diamante.

— Está certo? — perguntou Claire, trazendo Dee de volta ao presente. Claire estava preparando algumas comidas para sua nova barraca na feira e tinha o cabelo todo sujo de farinha e as mãos sujas de açúcar. Ela parecia doce, mas Dee começava a suspeitar que aquilo fosse apenas na superfície, como uma das coberturas de suas tortas.

— Tudo bem — respondeu ela, e pegou um copo de leite. — Você já me disse isso milhares de vezes. Não vou chegar perto de Whit.

— Só quero ter certeza de que você entendeu a mensagem — disse Claire, olhando para Jordy na vasilha de madeira. — Agora que é mãe e tudo mais, precisamos ser extremamente cuidadosas. — Ela começou a se inclinar para pegar o bebê, mas, antes que conseguisse colocar suas mãos sujas nele, Dee o carregou e o pressionou contra o próprio peito. Claire fingiu ter se inclinado para pegar outra coisa perto da vasilha — um batedor de ovos — e voltou a se ocupar de sua comida.

— Não se preocupe — disse ela, mais a si mesma do que a Dee.

— Uma vez que acertarmos as contas com Whit, nunca mais ele vai colocar os pés neste lugar. — Dee se lembrou da estranha aparição de Whit saindo do celeiro de sal e correndo o dedo pela garganta. A parte fiel dela queria se lançar com Claire e Jo, e ficar ao lado delas para o que estavam planejando, mas a outra parte, mais pervertida, queria ir atrás de Whit naquela trilha vazia e correr os riscos.

— O que estão pensando em fazer? — perguntou Dee, tomando um gole de seu copo.

Claire começou a bater creme numa vasilha. Seu braço se movia em círculos cada vez mais rápidos.

— Cabe apenas a nós saber e é assim que deve ser, é segredo. — Ela parou e abriu um sorriso doce. — Tenho certeza de que você entende. — Ela tirou um cacho de cabelo solto da frente dos olhos verdes. — Afinal, quando se trata de um homem como Whit, nunca é demais se cuidar, e se cuidar — e olhou para Dee — não é seu ponto forte, não é mesmo?

QUANDO O ÚLTIMO CALOR de outono recaiu sobre a terra e o ar gelado começou a se cristalizar no horizonte, Dee passou a sentir como se tivesse recebido um par de olhos mais perspicazes. Pela primeira vez, começou a se preocupar de verdade com o futuro. Percebia que o sal funcionava de diferentes maneiras para cada um. Jo parecia mais feliz quando estava trabalhando com o produto, e o sal parecia levar Claire para a cozinha, mas, até onde Dee percebeu, ela própria estava tendo uma reação negativa. Até então, o sabor do sal não lhe havia dado nada de concreto. Na verdade, havia acontecido o contrário. Trazia à tona tudo de que ela sentia falta, isto é, viver entre as pessoas. Sentia falta de ir ao cinema, às lojas, e sentia falta das fofocas que corriam soltas nas mesas da lanchonete do pai. Porém, mais do que tudo, ela ainda sentia muita saudade de Whit.

Ela começou a sonhar com o apartamento que gostaria de ter para ela e Jordy um dia — em um andar alto, podia ser até um sótão

transformado com um telhado inclinado aconchegante e vista para o mar. Pensou em fazer um curso de esteticista e abrir um pequeno salão num lugar simples da costa, como Gloucester — um lugar onde as mulheres não eram glamourosas, mas queriam ser —, e, quando Jordy tivesse idade suficiente, ela lhe daria um cachorrinho peludo, e os três se bastariam.

Mas sonhos custam caro, assim como tudo, até a mamadeira com leite em pó que Jordy esvaziava num piscar de olhos. Dee gentilmente tirou o bico do seio da boca dele e colocou o bebê sobre o ombro para dar batidinhas em suas costas e o acariciou com sua face. Era impressionante como ele se parecia com Whit, das sobancelhas inclinadas às pontas quadradas dos dedos. Por dentro, no entanto, Dee tinha esperança de que ele fosse preenchido apenas por características dela.

Jordy arrotou, e ela o segurou deitado. Em três meses, ele tinha crescido tanto, conseguia manter a cabeça levantada, sorria e se apoiava sobre o antebraço como uma miniatura de um homem forte. Algumas vezes, quando dormia, Dee se inclinava e beijava sua boquinha perfeita em forma de arco, lambendo os próprios lábios em seguida, impressionada como o hálito de seu filho era capaz de purificar o dela.

Ela havia desistido de dividi-lo com outra pessoa. Nas primeiras semanas, depois de ter voltado do hospital, ficou agradecida pela entrega de Jo e Claire a Jordy. Seu corte de cesariana doía, e era difícil para ela fazer as coisas mais básicas: subir escadas, sentar-se na cama, abaixar para se sentar na banheira. E Jordy parecia tão frágil. Ela tinha medo de derrubá-lo no chão ou quebrá-lo acidentalmente, mas isso não aconteceu, e ela começou a perceber que era ela quem estava se ferindo sem ele. Dee não gostava principalmente da mania que Claire tinha de sempre carregá-lo no colo e correr o dedo indicador na testa dele e na ponta do narizinho.

— Ele não é um jogo de fliperama — dizia Dee, ríspida, e corria para pegá-lo de volta. — Não se aperta um botão nele e ganha um prêmio. — Ela ficou mais incomodada ainda quando Jordy começou a rir das brincadeiras.

— Está vendo? Ele gosta — dizia Claire, alegre, e continuava com as gracinhas.

Dee não permitiria que Claire fosse ao seu apartamento no sótão, decidiu. E se, no futuro, ela entrasse no salão de beleza, Dee iria raspar--lhe fora todo aquele belo cabelo ruivo.

Dee nem queria mais dividir Jordy com Whit. Desde a morte de Icycle, ela só queria ficar o mais longe possível dele e daquela salina. Seu plano era simples. Precisava apenas de um pouquinho de dinheiro e, por isso, de tempo.

Whit não era tão rico quanto parecia — ela escutara isso de Jo e Claire —, mas certamente poderia se desfazer de alguma coisa da casa grande: de uma pintura ou talvez do carro luxuoso que dirigia para todos os lados? Mesmo que já fosse um pouco velho, tinha de valer alguma coisa. De alguma forma, ela iria encontrar Whit sozinho e lhe perguntar isso. *Você pode desaparecer comigo*, diria ela, passando o dedo na garganta para lembrá-lo do que vira naquele dia quando ele entrou escondido no celeiro. *Nunca mais porei os pés nesta cidade. Apenas assine um cheque e haverá uma mulher a menos com que se preocupar na Fazenda Salt Creek.*

Sem falar num homem a menos.

Ele faria isso também, pensou Dee. Uma pensão alimentícia a vida toda para uma criança da qual ele tinha vergonha versus uma parcela única não era uma conta difícil. Até ela, que nem tinha terminado o segundo ano do ensino médio, podia fazer a soma de cabeça.

Ou talvez ele simplesmente matasse os dois. Não havia como saber. Apesar de sua ambição e de seu bom palavreado, Whit não era um homem de apostas. Ia somente atrás daquilo que tinha certeza de que ganharia: primeiro, Joanna; depois, Claire; e então, Dee. *Ele teve todas nós*, pensou. *Não vou ficar esperando até ele decidir que quer Jordy.*

Dee atravessou na ponta dos pés porta adentro. A sua volta, a casa estava escura e quieta, iluminada apenas pela lua, e a desordem doméstica parecia ainda mais ingovernável. Certa vez, ela quis começar pela base dessas pilhas. Agora, não se importava mais. Havia os quartos com os armários abarrotados, uma coleção de

vasilhas e latas amassadas na cozinha, e papel na escrivaninha para uma década, e nada daquilo tinha a ver com ela.

Sem pensar duas vezes, caminhou até a sala e abriu a escrivaninha, olhando fixamente para a confusão de papel dentro. Assim como antes, catálogos antigos listavam produtos fora de moda. Cupons esquecidos anunciavam ofertas. E uma carta do banco agradecia Jo por seus pagamentos recentes e a lembrava de que ainda não havia quitado todas as suas dívidas. Dee piscou diante dos números e colocou no bolso aquela correspondência. Whit talvez se interessasse por algo como aquilo em troca de um prêmio. Ele certamente queria a Fazenda Salt Creek. Se Dee tivesse de ajudá-lo a consegui-la, tudo bem. Ela o faria.

Dee estava prestes a fechar a escrivaninha quando uma folha escrita a mão, contendo seu nome, chamou-lhe a atenção sob a fraca luz da lua. Intrigada, pegou-a e leu o que estava escrito. Parecia ser uma carta dela para Whit, pedindo para encontrá-la no celeiro na véspera de dezembro, mas a letra não estava muito certa, e ela jamais assinaria seu nome com um coração estúpido ao lado. Não quando se tratava de Whit, pelo menos. Ela piscou os olhos, pensativa. Jo e Claire definitivamente estavam tramando alguma coisa, mas o quê? Havia apenas uma maneira de saber. Teria de ultrapassá-las no jogo que elas mesmas haviam inventado. Ela iria encontrar Whit por conta própria.

Dee deixou de lado aquela carta com seu nome e caminhou até o corredor. Viu que uma das peras vermelhas da árvore da cidade estava sobre o piano. Era uma coisa feia, manchada, que mal valia a pena pegar, mas, assim mesmo, ela a escondeu no bolso de seu lenço. Já estava passando a época das frutas. Talvez aquela fosse a última da estação. E, quando alguém dava o último de alguma coisa, Dee sabia, era esperado que se esticasse o braço e o pegasse, sempre. *Posso fazer isso*, disse a si mesma, subindo a escada. E, se tudo desse certo, nunca mais teria de aceitar o último de coisa nenhuma outra vez.

## 28

CLAIRE ESQUECERA COMO era corrido o final de verão na Fazenda Salt Creek. A estação avançava com tanta pressa que ela praticamente teve de correr para alcançá-la. Graças ao dinheiro do anel de Ida, ela e Jo haviam quitado parte da dívida com o banco, mas ainda deviam um pouco do que tinham pegado emprestado. Se não aparecessem com outro pagamento em dinheiro, Claire sabia muito bem, Whit compraria a propriedade quando da execução da hipoteca.

Dia após dia, ela e Jo colocavam sal seco das grandes pilhas nas bordas da salina em carriolas e o levavam para ser estocado no celeiro, mesmo quando ainda corriam para raspar os açudes. E então, sem avisar, o outono caiu sobre elas, intenso e rápido. As poucas árvores na cidade começaram a ficar amarelas e as plantas com suco leitoso ficaram frágeis e pálidas. O oxicoco, famoso ao longo da costa, tornou-se vermelho brilhante, e o ar da manhã ficou confuso com cruzamentos de pássaros: aqueles que iam para o sul versus os pelicanos, pombos e gaivotas que resistiam ao rigoroso inverno de Cape Cod. As últimas faixas de grama do verão haviam morrido aos poucos, e a cerração úmida queimara todos os açudes, um frio que deixava tudo mais intenso.

Claire parou de fazer tortas de frutas e passou a fazer bolos de especiarias, e, em vez de fazer limonada, passou a preparar sidra, mas não importava quantas tortas de maçã ela tirava do forno, não importava quantos pastéis de abóbora com bacon ela montasse, não conseguia chegar a uma conclusão sobre o que fazer com Whit, ou mesmo com Ethan. Um deles ainda tinha seu coração nas mãos, e o outro estava decidido a dilacerá-lo, mas Claire tinha apenas um vazio enorme no peito: um lugar vazio que era perigoso não pelo que estava faltando, mas por aquilo a que ele convidava.

Para sua total surpresa, acabou sendo o sal.

Quando ela e Jo transferiram todo o sal para o celeiro, ficou claro que tinham tanto em mãos, que teriam problemas para se desfazer dele.

— Nunca vi uma estação como esta — admitiu Jo, vertendo a última carriola de sal numa tina. — É melhor acender aquele forno, Claire, e começar a cozinhar. Essa é a única maneira de acabar com ele. Nem os pescadores precisam de tudo isso. Chet Stone é generoso, mas nem *tanto*.

Um silêncio inquietante pairou entre elas. Claire limpou a garganta.

— Quanto a isso — disse ela, um rubor tomando conta da face —, estive pensando. Talvez seja hora de colocar o sal de volta em Prospect.

Jo encarou-a.

— O que está dizendo, Claire?

Claire respirou fundo.

— E se reintroduzirmos o sal na fogueira da véspera de dezembro este ano?

Jo limpou as mãos e considerou a ideia.

— As pessoas iriam gostar, aposto. E, ainda melhor, isso iria deixar Whit possesso. Se todos voltarem a comer nosso sal, será mais difícil para ele arrancá-lo de nós.

Diante da menção de Whit, uma ideia começou a surgir rapidamente na cabeça de Claire. Ela estreitou os olhos e ponderou por um momento.

— Jo — disse ela por fim, alongando-se numa pilha de caixas empoeiradas e tentando manter a voz relaxada. — E se contarmos a verdade a Whit sobre quem você é? Ele provavelmente merece saber.

Jo colocou as mãos nos quadris.

— Ele não merece ter a cabeça presa ao pescoço. — Ficou em silêncio por um instante e, depois, franziu a testa. — Não vejo em que ajudaria contar isso a ele.

— Pense nisso. Podemos advertir Whit de que, se ele não nos deixar em paz, iremos revelar para todo mundo algumas verdades horríveis sobre a mãe dele. Se preciso for, podemos provar isso.

Temos a carta de Ida e aposto que conseguimos encontrar o padre Flynn.

Jo franziu a testa.

— Tenho o endereço dele. Peguei com Ethan. Mas não sei o que diria depois de tudo o que aconteceu, Claire. Não pensei nisso ainda.

Claire abriu bem as mãos, como se pesando o ar carregado do celeiro. Jo sempre foi muito intransigente.

— Faremos uma troca — disse Claire. — Se Whit deixar a fazenda em paz, não iremos a lugar nenhum com nossa história. Mas, se ele quiser continuar nos enfrentando, contaremos tudo. Pagaremos na mesma moeda. Pode se preocupar com o padre Flynn mais tarde.

— Não sei, Claire — disse Jo. — Calculo que talvez precisemos de mais provas do que uma carta não assinada.

Claire abriu um sorriso largo.

— Eu sei, mas os jornais da região adorariam falar sobre essa história enquanto isso, e Whit certamente odiaria ter de dividir sua nobre linhagem com pessoas como nós. Sem falar no que aconteceria à reputação de Ida.

Jo resmungou.

— Não era assim tão boa, para começo de conversa. — Então parou, pensando com cuidado no plano. Era louco, mas era o que tinham.

— Tudo bem — concordou Jo, por fim. — Talvez dê certo. Mas como faremos para que Whit nos escute? Não temos uma secretária para ligar para a secretária dele e marcar um encontro.

Claire tentou não parecer triunfante.

— Pensei nisso também. Podemos pedir a Dee que faça isso.

Jo franziu a testa.

— O quê?

Claire acenou as mãos, ainda com um branco espectral no rosto, apesar do trabalho debaixo do sol.

— Vamos escrever alguma coisa nós mesmas, mas como se fosse ela. Sei como é a letra dela, não seria difícil copiá-la. Pense nisso — prosseguiu Claire. — Se eu pedir para Whit nos encontrar, ele irá me ignorar. Se você o fizer, ele irá rir; mas, se acreditar que é Dee, especialmente se mencionarmos Jordy, ele vai pensar que ela quer



voltar rastejando para ele, e, para Whit, a perspectiva de alguém se rebaixando é como açúcar para moscas. Diremos que ela quer se encontrar com ele no celeiro, mas seremos nós a esperá-lo no lugar.

Jo franziu a testa.

— Ainda não tenho certeza.

Claire bateu as mãos sobre os joelhos.

— Tem uma ideia melhor?

Jo admitiu que não, e assim arquitetaram um plano. Elas entregariam uma carta a Whit em nome de Dee, dizendo para encontrá-la no celeiro na noite da fogueira da véspera de dezembro.

— E perfeito — disse Claire, estreitando os olhos. — A cidade inteira vai estar reunida num lugar só, e, na confusão, ninguém vai notar se Whit não estiver. E nós nunca ficamos mesmo. Se algo desagradável acontecer, todos estarão ocupados. — Ela pensou na cidade agrupada em volta das chamas, distraída com a volta do sal, a atenção focada no que ele diria sobre o futuro delas. Jo a encarou.

— O que pode acontecer de desagradável, Claire? — perguntou ela, como se soubesse que Claire não lhe contara todo o plano.

Claire retornou-lhe o olhar, impassível.

— Não tenho a menor ideia. — Ela se levantou, empurrou a carriola para um canto e pendurou as ferramentas na parede. — Bem, então — disse ela —, está tudo resolvido. — Elas voltaram para casa. Ao longe, o oceano estava agitado. Atrás de Claire, o celeiro assomava, e, quando deu uma última olhada naquela direção, viu a pilha de sal dentro, bruta e cinza, frágil como osso e duas vezes mais seca, uma pilha de possibilidades à espera da centelha de seu toque.

CLAIRE ESCREVEU O BILHETE para Whit naquela noite, enquanto Dee estava lá em cima alimentando Jordy, e Jo estava ocupada mexendo em alguma coisa na varanda da frente. A única maneira de fazer Whit ir ao celeiro, ela sabia, era se ele acreditasse que receberia uma grande recompensa por aquilo. Mas o que Dee tinha para lhe

dar? Dinheiro? Nenhuma delas tinha, não depois de ter pagado o banco. Amor eterno? Claire bufou e mordeu a ponta da caneta. Foi isso que as levou a ficarem presas ali em primeiro lugar. Restava apenas Jordy, então.

Claire não tinha ideia de como Whit se sentia com relação ao filho. Por um lado, Jordy era sem dúvida um constrangimento para ele, uma manifestação física de sua fragilidade moral, nem um pouco melhor do que as crianças humildes que se recusara a adotar. Por outro lado, Jordy era o filho e herdeiro que Claire nunca conseguira gerar e, agora que ela havia partido, não estaria Whit desesperado por alguma criança para carregar adiante o nome de sua família, especialmente numa terra a qual estava convencido de que deveria ser sua? Restava a Claire descobrir.

*Me encontre no celeiro de sal às 8h30 na véspera de dezembro,* rascunhou ela, tentando imitar a letra arredondada e infantil de Dee. *Eu imploro. Venha ver seu filho pelo menos uma vez. Ao menos me dê isso.* Ela pegou outra folha e passou a limpo o que havia escrito. As voltas dos gês e efes estavam erradas, mas Claire apostava que Whit não iria reparar; aliás, talvez ele nem soubesse como era a letra de Dee. Ela assinou o nome da menina e desenhou um coração ao lado dele.

Sem contar a Jo, Claire havia mudado um pouco a hora do encontro. Na véspera de dezembro, quando Prospect estivesse olhando para o futuro, Claire estaria acertando as contas com o passado. Não demoraria muito. Apenas meia hora mais. Isso bastaria para as suas intenções. Dobrou a carta e a selou num envelope novo. Agora, tudo que tinha a fazer era esperar.

UM DIA ANTES DA CELEBRAÇÃO da véspera de dezembro, Claire foi à Casa Turner com dois envelopes nas mãos: um cheio de sal, o outro, de engodo.

Jo e Dee estavam entregando o resto dos pacotes de sal, indo de uma caixa de correio a outra. Ela e Jo haviam concordado em se

adiantar, talvez fosse melhor se cada um pudesse lançar seu próprio sal nas chamas. Claire jogaria o primeiro pacote, claro, como rezava a tradição, mas, depois disso, as irmãs decidiram que seria melhor que as pessoas lidassem com o próprio futuro.

Tinham planos de entregar um envelope com sal para Cutt na Lighthouse e, em segredo, Claire se perguntou como se daria aquilo, se Cutt receberia a filha e o neto de braços abertos ou, como ela suspeitava, fecharia a porta na cara deles. Dee queria saber por que Claire insistira em entregar o envelope de sal pessoalmente para Whit, e Claire teve de pensar rápido para desviar-lhe a atenção.

— Porque quero que a última coisa que dê a ele seja a primeira que saiba a meu respeito — respondeu ela.

Claire refletiu mais sobre aquilo e torceu o nariz.

— Acho que faz sentido — disse ela, mas não ficou feliz com isso.

Assim que Claire chegou à base de Plover Hill, parou sob a pereira.

A fruta estava mais arredondada e escassa do que nunca. Esticou o braço e arrancou uma das esferas disformes, lembrando-se das horas que ela e Ethan haviam passado nos arbustos debaixo da árvore, e do dia nas dunas, quando ele partira seu coração. Depois se recordou das batidas do casco de Icycle quando galopara até a Fazenda Salt Creek com Dee. Uma vida inteira poderia se passar em apenas um ano.

O vento soprou através das folhas da árvore, fazendo com que uma ou duas se despregassem e flutuassem até o chão. Era quase como se aquelas folhas quisessem acabar logo com tudo e morrer. Um ano antes, Claire talvez tivesse sentido compaixão, mas sua pele estava mais áspera agora, endurecida pelo sal e fragilizada de novo por ele de maneiras que ela esquecera que existiam. Havia perdido um marido, mas ganhara uma irmã — duas irmãs, na verdade, mais um sobrinho extraordinário —, e havia recuperado sua casa. E, se Whit Turner pensava que iria tirar-lhe isso, estava muito enganado.

Claire subiu a colina de Plover Hill, dando passadas mais largas à medida que alcançava o topo, até chegar ao portão da Casa Turner, onde parou. Hoje, ela era apenas uma mensageira, não uma intrusa. Abriu a caixa postal e colocou dentro a carta e o pacote de sal; em

seguida, inclinou a cabeça para trás e olhou fixamente para a austera fachada da casa que ela conhecia tão bem, lembrando-se de seus pertences que ainda estavam lá dentro: trajes de montaria; roupas; um livro que lera até a metade no inverno passado sobre uma herdeira britânica; cosméticos; seus álbuns de casamento; um porta-retrato com a foto de seu amado Icycle. Mais problemáticas eram as coisas impalpáveis que abandonara dentro dos muros dos Turner: sua dignidade, para começo de tudo, presa ao seu orgulho; lembranças; o cobiçável status de ser uma Claire Turner; e, por fim, o vazio causado pelos filhos não nascidos; o espectro de Ida e o fantasma de sua mocidade.

Ela era tão nova quando se casou com Whit. Estar ao lado de Dee a fez perceber isso. Dee ainda gostava de pirulito de cereja — aquele com chiclete no meio. Ela ligava o rádio da cozinha e dançava se não houvesse ninguém olhando e, se Claire e Jo a deixassem, ficaria tanto tempo no chuveiro que não teriam água quente pelas próximas duas horas. Porém, algumas vezes, quando Claire observava Dee brincando com Jordy, fazendo cócegas nele no chão da sala, rolando de costas e agitando os pés no ar para fazê-lo rir, tão gordinho como ele era, ela tinha vontade de chorar.

Todo mundo tinha momentos que serviam de prisma, acreditava Claire, que quebravam a matéria visível para que se enxergasse a essência que estava diante dos olhos. Ela piscou, e o seu foco voltou-se para a Casa Turner outra vez. Gostaria de poder destruí-la com os olhos. Quando Joanna devolveu o convite de casamento, Claire se lembrava de que a irmã enchera o envelope com sal para que não se esquecesse de quem ela era e de onde viera. Claire o abriu no vestíbulo da Casa Turner, esparramando enormes grãos cinzas pelo chão e, quando os varreu, jurou que iria se vingar. Mas e se tivesse se enganado todos esses anos? E se Jo não lhe estivesse enviando uma praga? E se fora simplesmente uma bênção?

A NOITE DA FOGUEIRA foi tão sem graça que Claire ficou surpresa ao ver que não fora cancelada, mas uma tradição em Prospect não era nada senão inflexível. No final, Claire colocou Dee na caminhonete com uma caixa de bolos de especiarias, uma chaleira com sidra quente, outra com vinho quente, uma mesa dobrável, uma caixa para guardar dinheiro, e a avisou para não abandonar seu posto até que as chamas estivessem todas apagadas.

— Vou congelar — reclamou Dee, colocando os braços em volta do corpo.

— Todos vão estar congelando, Dee — retrucou Claire, abrindo a porta da caminhonete para ela. — Essa é a questão. Todo mundo vai querer algo quente para beber, e nós vamos vender muito, e você pode ficar com metade do lucro. — Os olhos de Dee brilharam com aquilo, e Claire segurou um sorriso malicioso. A vida com Whit tinha valido para alguma coisa, pelo menos: ensinara-lhe que margens de lucro eram um bom incentivo.

Quando entrou de novo na casa, Jo estava embalando Jordy perto da lareira na sala. Ela olhou para Claire.

— Você está com a carta de Ida?

Claire franziu a testa. Ela ainda tinha um pouco de tempo antes do suposto encontro com Whit, e ela e Jo já haviam repassado o plano duas vezes naquele dia.

— Está lá em cima, na minha gaveta. Mas não acho que seja uma boa ideia trazê-la.

Jo enrugou a testa, pensativa.

— Acho que tem razão. Não podemos substituí-la. Mas e se ele não acreditar em você?

— Ah, ele vai. — Claire iria se encontrar com Whit sozinha. Ela e Jo haviam decidido que seria melhor assim. De toda forma, o clima estava tão ruim que alguém tinha de ficar em casa e cuidar de Jordy. Dee queria ir à fogueira. No fundo, Claire estava mais do que feliz de ser a única mensageira. Depois de tantos meses sendo atormentada por Whit, depois do que ele fizera com Icicle, ela queria ser a pessoa a cravar-lhe o anzol e observá-lo estrebuchar.

Porém, havia uma coisa que ela precisava fazer antes do fogo. Beijou Jordy no topo da cabeça e amarrou o lenço mais forte em

volta do pescoço. Jo ergueu os olhos, o olho de vidro queimando com o reflexo da fogueira. A imagem era perturbadora, e Claire desviou o olhar. Era ela quem devia estar cheia de fogo por dentro.

— Você não deveria ir com Dee? — perguntou Jo. — Acabei de escutá-la partir.

Claire estremeceu e abotoou o casaco.

— Estarei lá a tempo de jogar o primeiro pacote de sal para a cidade — respondeu ela. — Não se preocupe, tenho apenas umas coisinhas para resolver antes.

QUANDO O VENTO do norte atingiu a St. Agnes com força, o prédio todo zuniu, uma vibração que começou nas vigas do teto e ribombou até as fundações da igreja. Claire sentiu um calafrio e, com dificuldade, acendeu uma vela para Nossa Senhora. A chama hesitante tremeu, mas depois formou um único ponto amarelo. Claire envolveu a palma da mão ao redor da vela e se ajoelhou diante da Virgem sem rosto. Ela pensou em como a Nossa Senhora tinha absorvido as dores e alegrias da cidade, ao longo dos anos, com abundante calma; em seguida, pensou em Jo e Ida, e em como algumas tristezas eram profundas demais para descrever. Claire se levantou e caminhou até a parede, esticando os braços em paralelo com os da Virgem. As duas eram quase do mesmo formato e tamanho. Ela fechou os olhos e inalou o odor de poeira e sulfato de cálcio, cheiro este que os ossos provavelmente tinham depois de terem virado pó no túmulo.

O vento uivou bem alto, e uma porta se abriu violentamente. Claire abriu os olhos e viu Ethan de pé do outro lado do santuário. Ela ficou sem ar e saiu de perto do mural, derrubando a vela aos seus pés. Ethan se apressou para apagar as chamas antes que elas se espalhassem.

— Claire, o que está fazendo aqui? Pensei que estivesse na fogueira. Sem falar que uma tempestade terrível está se formando. — Ela pegou a vela apagada das mãos de Ethan e olhou para fora

da janela ao leste da igreja. Ele tinha razão. No curto espaço de tempo em que estivera ali dentro, as nuvens haviam tomado a forma de garanhões ferozes, movendo-se rapidamente pelo céu, e o vento corria para que elas não se desmanchassem. Dentro de uma hora, haveria uma debandada em massa por causa do tempo terrível. Seu estômago deu um nó. Será que a fogueira ainda estrondearia com vida? Será que Whit ainda iria ao celeiro? Ele tinha de ir. Tudo dependia disso.

Ethan a segurou pelo cotovelo e a conduziu até os bancos.

— Você está bem? Seu rosto está verde. — Ele ergueu uma das mãos para envolvê-la na face, mas então, abruptamente, deteve-se, e Claire virou-lhe o rosto. Ele iria partir depois do feriado. Eles tinham se evitado desde aquele dia de verão na feira. Claire percebeu que Ethan não sabia sobre a morte de Icicle, ou sobre o que ela e Jo estavam planejando. Não sabia que Claire havia perdido a irmã e que depois a recuperara em dobro. Talvez ele nem soubesse que ela e Jo haviam devolvido o sal à cidade.

— Estou bem. — Não queria que a voz tivesse saído tão insensível, lascando o ar entre eles, mas, uma vez que saíra, não havia como detê-la. Ela não parecia ser capaz de chegar a um acordo com Ethan. Nos braços dele, ela era fogo; longe deles, um iceberg. Claire cobriu o rosto com as mãos e tentou não soluçar. — Ah, meu Deus, não estou bem, mas não posso lhe dizer por quê.

Ethan franziu a testa.

— Há alguma coisa que queira confessar?

Claire respondeu que não com a cabeça, e Ethan baixou a sua.

— Eu também não estou bem, Claire — disse ele baixinho. — Se há algo que precise me dizer, pode falar.

Ela sentiu vontade de se aninhar no corpo dele. Ele preenchia com tanta facilidade todos os vazios dentro dela! Perto dele, ela fora capaz de se esquecer de que era uma Gilly, amaldiçoada por um pedaço de terra. Ela fechou as mãos. Nunca esperou que ele voltasse para Prospect, mas ali estava ele, o coração de menino, do qual ela ainda se lembrava, batendo; mas o resto dele havia se transformado num homem que ela não tinha o direito de amar. Fora isso que Ida — a mãe de Jo, permitiu-se pensar assim pela primeira

vez — havia suportado? Claire virou o rosto de novo para a Nossa Senhora. O passado estaria sempre entre ela e Ethan como um círculo vazio, e não havia como rompê-lo.

— Sinto muito — sussurrou ela, levantando-se e saindo do banco em direção à porta.

Ethan se levantou para segui-la.

— Claire, não vá, não assim.

Ela se virou. Pelo resto de sua vida, ela se lembraria do olhar em seu rosto.

— Eu amo você, Ethan — disse ela. — Sempre amarei, mas você tinha razão. Isso tem de acabar aqui. — A mão dela estava na porta.

Ethan franziu o cenho.

— Você ainda está falando sobre nós?

Claire escancarou a porta em direção ao vento.

— Não existe mais nós — respondeu ela, deixando o vento açoitar-lhe no rosto, uma reprovação apropriada. — Nunca existiu. Havia apenas uma história que fomos tolos em repetir.

AS PRIMEIRAS GOTAS DE CHUVA caíam pesadas como larvas quando Claire chegou ao celeiro. Ela deixara o casaco na igreja, e o pulôver grudava-lhe no corpo como uma segunda pele. Alguns graus menos e estaria nevando.

Seus dentes batiam uns no outros. Ela parou. Será que Whit se dera ao trabalho de vir? Será que ela estava atrasada demais? Ela não usava um relógio desde que viera para a Fazenda Salt Creek e não tinha a mínima ideia de quanto tempo ficara na igreja St. Agnes. Aspirou ruidosamente pelo nariz. Podia sentir no ar um cheiro de madeira queimando e soube que a fogueira fora acesa, mas tudo bem. Ela ainda tinha algum tempo. Piscou os olhos na escuridão e viu o carro de Whit estacionado ao longe; em seguida, o viu se aproximar do celeiro, o colarinho da jaqueta virado para cima para protegê-lo da chuva, as mãos enfiadas nos bolsos. Até seus passos pareciam maldosos.



Ela respirou fundo e agachou-se atrás de uma moita, feliz que as sombras a estivessem escondendo. Pensou no pobre Icycle, morto no chão do celeiro, e lhe passou pela cabeça que, se ela pudesse cravar algo pontudo em Whit, ela o faria sem pensar duas vezes. Tateou na escuridão em busca de uma alguma arma, mas não havia nenhuma, e esse era um dos muitos problemas com a Fazenda Salt Creek. Era coberta de lama, uma terra indefesa. Enfiou a mão no bolso e encontrou uma caixinha de fósforos. Ela a havia colocado na calça jeans depois de ter acendido a vela para a Nossa Senhora. Um relâmpago estourou no céu, rasgando as nuvens escuras aos pedaços e inflamando o temperamento de Claire.

Ela escutou Whit entrar no celeiro e, depois, antes que pudesse mudar de ideia, tirou os fósforos do bolso e seguiu devagar para o fundo do lugar. Estava protegida do vento daquele lado e, quando estendeu a mão sobre as tábuas ásperas, elas ainda estavam secas apesar da chuva gelada e dos flocos de neve que começaram a cair.

O primeiro fósforo apagou, mas o segundo chamejou com sulfato. Claire o manteve baixo, onde a madeira do celeiro encostava na terra, segurando-o o máximo que conseguia antes de queimar os dedos. Um segundo, dois e finalmente o vento oscilou e a chama tomou vida, invadindo rapidamente a lateral do celeiro.

Ela se afastou e ficou observando-o queimar. Outro relâmpago riscou o ar, e o fogo começou a serpentear ao redor da base do celeiro, cada rajada de vento espalhando as chamas um pouco mais. Ela teve a sensação de algo — ou alguém — passar por ela na escuridão. *Se eu quiser deter isso, agora é a minha única chance*, pensou Claire quando as chamas deram a volta no canto, mas não o fez. Ela se virou de costas e andou o mais rápido que pôde pela grama, em direção à trilha. Atrás dela, ela sentiu a fumaça tomar forma, mas não parou. Estava feito, fora de seu controle. O passado tinha uma tendência a se repetir, mas dessa vez Claire jurou que seu futuro seria muito diferente.

A FOGUEIRA ESTRONDEAVA com toda a força quando Claire chegou. Ela perdera o momento que a acenderam, mas não tinha importância. Francamente, a cidade tinha ficado aliviada quando Claire não jogou o sal. Nada próspero acontecia quando ela o fazia.

Ela adentrou a pequena multidão, olhando para os rostos que reconheceu. Ouviu sussurros de falas abafadas quando passou o trio Agnes Greene, Cecilia Diamond e Katy Marsh, mas Claire não se importava mais com o que aquelas mulheres pensavam dela. Ela lhes acenou cordialmente ao se aproximar, mas elas não responderam de modo gentil, e tudo bem. Claire não esperava que o fizessem. Bastava vê-las segurando o sal de novo.

Ela se aproximou da mesa que Dee havia montado atrás da multidão, mas estava vazia, a caixa de dinheiro, trancada, a toalha de papel, toda rasgada agitando-se no vento, enormes flocos de neve começavam a desmanchá-la.

— Dee! — gritou ela na escuridão, mas não houve resposta.

— Ela foi embora — disse uma voz empedrada. — Logo depois de ter começado o fogo. Nem jogou o sal dela. Está vendo? — Era o Sr. Weatherly. Seus dedos enrugados estavam apontando para o envelope cada vez mais úmido ao lado da sidra.

Uma faísca de irritação percorreu Claire.

— Ela disse para onde ia? — O vento bateu as pontas dos cabelos contra as faces e ardeu.

Sr. Weatherly balançou a cabeça.

— Não. Mas e você? Por que não joga o sal na fogueira? — Ele apontou para o sal na mesa abandonada.

Claire se lembrava da vez em que teve de jogar o primeiro pacote de sal no fogo e como as chamas haviam ficado pretas. O silêncio na multidão fora tão absoluto que ela pensou que o mundo nunca mais fosse ter vida de novo. E talvez, para ela, não tenha tido. Ela balançou a cabeça.

— Não — respondeu, um sentimento desconfortável começava a tomar conta dela. Ela sabia muito bem que especular sobre o futuro era muito perigoso. Para ela, aquilo já não tinha mais sentido. Quanto antes encontrasse Dee, melhor, pensou.

## 29

Dee não queria, mas Jo a convencera a guiar até Prospect e entregar aquele monte de pacotes de sal um dia antes da fogueira da véspera de dezembro. Durante a noite, parecia que as árvores haviam derrubado suas folhas e mudado a cor. Do lado de fora na salina, o vento arranhava as ripas de madeira e as janelas da casa da fazenda, e uma fina geada cobria os açudes e deixava as barragens brancas. Quando iam chacoalhando na caminhonete ao longo da trilha, Jordy aninhado em cobertas no colo de Dee, ela não pôde evitar, mas se lembrou da fogueira do ano anterior, quando Whit lhe dera o medalhão e fez amor com ela sob a pereira. Apenas sabia que o sal Gilly produzia mais saliva em sua língua.

Jo virou na Bank Street, e Dee piscou com a luz fria de inverno, surpresa por ver como a rua parecia estreita agora. Ela se lembrou dos alvoreceres enevoados quando esperava na janela pelo som dos cascos de cavalo e para ver de relance a trança de Claire, e, mais tarde, pelo barulho do carro de Whit desacelerando. Ela pensou que, se realmente conseguisse ir embora de Prospect, seria triste não ter ninguém de quem se despedir, pois, quanto menos Claire e Jo soubessem sobre seu plano, melhor.

Jo colocou o veículo ao lado da lanchonete e reduziu a velocidade da caminhonete.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou ela, mas Dee simplesmente lhe entregou Jordy e abriu a porta do passageiro.

— Apenas espere aqui um minuto — respondeu. — Voltarei logo.

Ela abriu a porta da lanchonete e, como sempre, as campainhas sobre a soleira ganharam vida, fazendo-a encolher-se de medo. Seu pai estava no balcão, debruçado sobre a caixa registradora. Ele parecia bem mais velho do que Dee se lembrava, e ela lamentou ser a responsável por isso, mas, verdade seja dita, não acreditava que tivesse sido. A sua ruína era por causa dele mesmo e da bebida.

O lugar tinha um ar de abandono, como se os negócios estivessem um pouco fracos. Alguns dos bancos do balcão estavam empoeirados, e várias das lâmpadas das lanternas de navio estavam queimadas ou piscando. Os cardápios tinham ficado amarelados sob a capa de plástico, e não havia nada escrito no quadro do prato do dia.

— Olá — disse Dee, e Cutt estreitou os olhos para ela.

— O que quer? — perguntou ele, e a maneira como praticamente juntou as palavras e as arremessou na direção da filha disse-lhe que ele não havia reconsiderado sua tática retrógrada. Não seria muito diferente se Dee fosse um rato insignificante correndo pelas paredes. Ela pensou no corpinho de Jordy se contorcendo depois do banho e não conseguiu imaginar nenhum crime que ele pudesse ter cometido que fosse sério o bastante para que ela quisesse fugir com ele. Largou o pacote de sal sobre o balcão e enfiou as mãos no bolso. *Você é quem está perdendo*, pensou ela calada.

— Tome — disse Dee. — Isto é para a fogueira de amanhã à noite. Claire e Jo estão dando um desses para todo mundo este ano.

Cutt olhou, confuso, e Dee se lembrou de que ele não fora à fogueira no último inverno. Apenas ela, e por um breve período, antes de Whit ter-lhe colocado as mãos.

— Tive o bebê — falou ela. — Só para informar. É um menino. Ele está lá fora, na caminhonete, com Jo. — Apontou através da janela para o calhambeque, mas Cutt não olhou. — Ele está bem.

Dee esperou mais um pouquinho por alguma abertura na couraça do pai, mas nada se modificou. O queixo dele não se mexeu e tampouco os olhos piscaram. Parecia que ele nem estava respirando. Dee olhou rapidamente em volta das mesas e reparou que havia pratos de sal sobre elas, como se o fato de estarem ali ajudasse a manter distante a inevitável ruína de Cutt.

— Não é tóxico, você sabe — disse ela, apontando o queixo para uma das vasilhas —, mas tampouco é mágico. Jo lhe diria o mesmo, e também Claire. Ela é uma pessoa bem diferente agora.

*Como eu também*, percebeu. Ao passar rapidamente pela porta, as campainhas tocaram, vidros tilintaram, seus ossos estavam

relaxados e tranqüilos, mas seu coração batia como o punho numa luta — uma luta que acreditava talvez ter finalmente vencido.

Na noite da fogueira, Claire, com pressa, colocou Dee na caminhonete com caixas de bolos de especiarias e chaleiras de sidras, e então lhe fez uma promessa.

— Whit vai estar lá? — sondou Dee, e Claire interpretou errado o tom mais alto de sua voz como sendo fruto de ansiedade. Ela se debruçou sobre a janela do veículo e encarou Dee nos olhos.

— Eu juro para você, ele nunca vai a essas coisas — respondeu ela, totalmente ignorante de que no ano anterior ele não só esteve presente como também fez amor com Dee debaixo da pereira.

Dee deu de ombros e afastou os olhos dos de Claire.

— Tudo bem. Se você tem certeza disso.

— Absoluta — disse Claire, a voz clara, e, por um momento, ela parecia a mulher que Dee conhecera quando chegou à cidade. Talvez fosse a quantidade de nuvens cinza se acumulando no horizonte atrás dela, ou talvez fossem todos os temperos que pairaram na cozinha ultimamente, mas naquela noite o cabelo de Claire estava tão vermelho como sempre fora e sua pele tinha a mesma brancura. Ela envolveu o queixo de Dee na mão e olhou bem nos olhos dela.

— Você é ainda tão nova — disse. — Algumas vezes eu me esqueço disso. Não se preocupe com Jordy — prosseguiu. — Jo irá cuidar muito bem dele. Vá e se divirta um pouco. Tire a poeira do corpo.

Tenho um negócio para resolver antes, mas volto logo. — Seu rosto se rompeu num sorriso inesperado. — Você será a alegria da festa — disse ela. — Garanto.

Dee achou aquilo bem improvável, mas não argumentou com Claire. Afinal, não tinha importância. Se tudo desse certo para ela naquela noite, Dee e Jordy estariam bem longe, e ela faria questão

de que nenhum dos dois jamais tocasse em nenhum tipo de sal de novo.

A PESSOA MAIS VELHA da cidade sempre acendia a fogueira. Dee se lembrava do Sr. Weatherly contando-lhe isso uma vez na lanchonete, e, quando ela chegou a Tapperfs Green, viu que nesse ano Judith Butler teve a honra de fazer isso. A tocha se mexia em sua mão trêmula, enquanto os homens da cidade terminavam os últimos detalhes da pira. Dee observou de detrás da mesa de madeira compensada que ela havia montado, estendendo o pescoço para ver a festividade que se aproximava. A multidão começou a levantar vivas e a aplaudir, e, de algum lugar da escuridão, o som familiar de uma flauta começou a soar, seguido de vozes que acompanhavam a melodia.

Ela se permitiu relaxar por um instante, desfrutando do estalido das chamas e do cheiro de casca de laranja e vinho quente que saíam da barraca de Claire. Era uma das únicas vezes que Dee estava sem Jordy desde que ele nascera e, embora fosse excitante ficar despreocupada e sozinha na frente do fogo numa noite gelada, ela também sentiu como se estivesse lhe faltando um membro. Olhou em volta da multidão para ver se encontrava Whit, mas não havia sinal dele, e ficou feliz por isso. Talvez ele realmente fosse ao celeiro, e logo ela teria de sair às escondidas.

— Pensei que a salina a tivesse engolido viva. — Uma voz rude falou em meio à escuridão, e Dee deu um pulo. O Sr. Weatherly estava de pé na frente dela, a face comprida cada vez mais espectral na luz que bruxuleava. — Então, cadê o bebê?

Dee lhe serviu um copo de sidra e dispensou suas moedas.

— Está em casa, com Jo — respondeu ela. — Está frio demais para trazê-lo. — O Sr. Weatherly deu um gole na sua bebida e pareceu acreditar nisso. — Parece que acendeu direito — disse Dee, apontando para a fogueira.

O Sr. Weatherly parecia contente.

— Com certeza — comentou ele. — É bom ter o sal de volta. — Ele tomou outro gole da sidra e olhou para Dee; em seguida, antes que ela dissesse qualquer coisa, ele enfiou a mão no bolso e pegou um de seus nós da sorte. — Toma — disse, colocando-o sobre a mesa ao lado do prato com pedaços de bolo. — Para o bebê. Já que não me deixou pagar pela sidra.

Ensebado daquele jeito, o fio parecia opaco e comum demais para levar adiante o tipo de maldade que Dee agora sabia que existia no mundo. Por outro lado, o período que passou na Fazenda Salt Creek lhe havia ensinado que qualquer coisa era possível, e, além disso, ela e Jordy precisariam de toda a ajuda que conseguissem na nova vida. Ela abaixou a mão e colocou o nó no bolso.

— Obrigada — disse ela, lamentando que o Sr. Weatherly não fosse um parente seu. Teria sido gostoso, pensou, que Jordy tivesse um avô como ele, alguém bom com o martelo, que sabia recitar poemas e contar as melhores lendas. Alguém que sabia carregar os fios do passado e amarrá-los com segurança.

O Sr. Weatherly apontou o queixo para o pacote de sal que estava sobre a mesa ao lado da cidra.

— E então, não vai jogá-lo na fogueira e ver o que o ano reserva para você? — perguntou ele.

Dee hesitou. Ao seu redor, as pessoas estavam rindo e lançando os pacotes de sal nas chamas. Clarões azuis, verdes e vermelhos apareciam de repente e se mexiam como fogos de artifício. Várias meninas na pré-adolescência gritavam e mexiam nos cabelos quando meninos da escola passavam por elas, e famílias novas se amontoavam em círculos na tentativa de esquentar os filhos adormecidos.

O coração de Dee começou a bater um pouco mais forte. Olhou para o relógio. Onde estava Claire? Ela prometeu que estaria aqui. Dee podia ficar talvez mais cinco minutos apenas, antes de sair para se encontrar com Whit no celeiro. Uma rajada de vento se agarrou às chamas da fogueira, arremessando faíscas no céu e dispersando as pessoas que estavam juntas demais. Ela fechou mais o casaco. A temperatura parecia ter caído dez graus na última meia hora. Mais

vento uivou sobre o fogo, e as pessoas riram e seguraram firme os chapéus e lenços.

— Se continuar assim — disse alguém —, todos seremos terrivelmente queimados. — A música da flauta parou e foi substituída por um som semelhante ao de banjo. Do canto dos olhos, Dee observou uma pessoa se preparar e lançar mais um punhado de sal na fogueira. Ela prendeu a respiração e aguardou. As chamas crepitaram, mas, de onde estava, não pôde ver o que o futuro lhe reservava. Olhou para o relógio outra vez. Era hora de ir. Tinha marcado seu encontro com o destino.

No CAMINHO PARA A Fazenda Salt Creek, o tempo não estava apenas ruim; estava caótico. Dee deixara a caminhonete perto da fogueira. Ficaria mais fácil manter em segredo seu encontro com Whit se Jo e Claire não soubessem que ela estava de volta à salina, pensou. Ela conseguiria o que pretendia com Whit, esperaria até que toda a fazenda tivesse adormecido e então fugiria com Jordy. Ela já tinha até colocado algumas de suas coisas numa mochila velha e a escondido na trilha. Vestiu o capuz e começou a correr na escuridão, enfiando as mãos nos bolsos. Passou pela St. Agnes e ficou com vontade de entrar e se aquecer, mas só faltava um pouco para conseguir o que queria e ela não tinha muito tempo, então se apressou, atravessando o vento e a neve que acompanhavam a chuva. Ao caminhar pela beira da salina, passou pelas sepulturas e deu a volta na parte de trás do celeiro. Era bom que Whit fosse cabeça-dura como uma mula, pensou Dee, sozinha, porque ela não sabia quantos homens se dariam ao trabalho de sair de suas confortáveis casas numa noite como aquela. Mas Whit, sim. Com certeza, ele sairia.

Ela congelou quando dois faróis apareceram na trilha e o carro de Whit surgiu em seu campo de visão. Ela se sentiu totalmente exposta onde estava, mas Whit não esperava ver ninguém e, por isso, não viu mesmo. De seu lugar na salina, ela o observou



destravar as portas duplas e entrar no celeiro. Dee prendeu a respiração na tentativa de escutar alguma coisa, mas ouviu apenas o vento e a chuva que tamborilava.

*Que se dane, pensou ela por fim. Minha bunda vai congelar se eu ficar aqui fora. Vou entrar.*

Quando abriu a porta, duas coisas a pegaram de surpresa. Primeiro, teve a impressão de ver algo ou alguém se mexer na escuridão. Olhou rapidamente para o ar chuvoso, mas não viu ninguém, e então entrou no celeiro.

Sem Icicle, o ar no celeiro começara a ter um cheiro diferente. Não mais puro, como Dee esperaria, mas mais pesado, mais doce e mais fumacento. Ela respirou fundo de novo e franziu o cenho. Onde estava Whit? Queria resolver a situação logo. Imaginou outra vez o apartamento que alugaria só para ela e Jordy. Mas agora estava ficando mais difícil de enxergar, seus olhos ardiam, em seguida ouviu um estrondo, e, quando ergueu os olhos, notou que uma parede em chamas caía sobre ela. Gritou e se virou, mas a escuridão havia se transformado em calor, luz e cinza, e Dee percebeu tarde demais que, para ela, não haveria um futuro.

## 30

SE o momento das verdades havia chegado, então a dela era uma verdade negra. Jo se perguntou se poderia ter salvado Dee na noite em que a menina ficou presa no celeiro com Whit, mas não havia como saber com certeza. O corpo de bombeiros afirmou o contrário. Segundo eles, quando Jo chegou ao celeiro, Whit e Dee provavelmente já tinham desaparecido. Mas Jo sabia, por experiência própria, que uma pessoa podia atravessar as chamas se fosse preciso, e ela se perguntou por que não o fez de novo naquela noite.

Foi o jeito que Claire entrou na casa na véspera de dezembro que disse a Jo que algo estava muito errado. Ela entrou rápido demais, batendo a porta atrás de si como se expulsasse um bando de cães selvagens. Do lado de fora, Jo ouviu uma crepitação e um estalo. *A fogueira está forte este ano*, pensou, ao colocar um adormecido Jordy na vasilha e se questionar por que Claire estava em casa tão cedo. *É estranho escutá-la daqui de tão longe.*

Durante a última hora, Jo acompanhou o tempo ficar muito agitado. Ventos haviam começado a bater nas ripas, desafiando-as a se soltar, e de quando em quando malignos dedos de relâmpago vindos do céu atingiam a terra como uma mão que arranca ervas daninhas. Ela esperava que Claire tirasse o casaco e as botas e, em seguida, enfiasse a cabeça no canto da porta da sala, sem chapéu, mas não foi isso o que aconteceu. Ela entrou descompensada na sala, arrancou Jordy dos braços de Jo, atônita de tanto pavor.

— Onde está Dee? — perguntou Jo, mostrando desagrado diante do arroio de água da chuva que pingava de Claire no chão, mas ela só gaguejava, e a face estava pálida. — Que diabos aconteceu? — perguntou Jo, enquanto Claire não parava de pronunciar as mesmas palavras delirantes: Dee sumiu.

— Do que está falando? — disse Jo, passando por Claire e seguindo para a varanda. Nesse momento, viu que o celeiro de sal

estava pegando fogo. Ela largou o bebê e levou a mão ao coração, ou ao lugar onde pensou que ele estivesse, e o sentiu acelerado; em seguida, avançou correndo para dentro da escuridão, os pés escorregadios mergulhavam na lama de gelo, e sua perna defeituosa se arrastava atrás dela.

— Dee! — gritou Jo ao se aproximar da estrutura em chamas. Ela arrancou o roupão e baixou a cabeça, pronta para atravessar o fogo. Afinal, já fizera isso uma vez e, portanto, poderia fazer de novo. Mas, do canto dos olhos, viu o carro de Whit parado na trilha, e ela imediatamente parou, ergueu o corpo e levou a mão à boca.

— Que pena que já queimei aquela coisa uma vez. — Ela se lembrava de Claire murmurando isso na noite em que tramaram o plano para encurralar Whit. Estavam fechando o celeiro depois de guardarem o sal, e Claire deu uma rápida olhada de novo no prédio. — Whit seria uma matéria-prima perfeita para se botar fogo.

— Pare de ter ideias, Claire — respondera Jo. — Ele não é para botar fogo. É parente.

Mas Claire apenas dera passos mais largos, suas longas pernas ultrapassaram as de Jo, e deixara a irmã vaguear o resto do caminho de volta para casa sozinha, refletindo sobre o inquietante fato de que, embora ela e Claire fossem da mesma família, nunca compartilhariam a mesma pele.

— Nossa, Claire — disse ela, virando o rosto do calor cada vez mais intenso. — O que você fez? — Em seguida, ficou parada, olhando com horror quando o teto despencou e enviou uma explosão de faíscas para o alto na noite.

## ***18 de fevereiro de 1981.***

*Querida Jo,*

*Obrigado, filha, por me devolver a carta de Ida depois de todo esse tempo. Você era apenas uma criança quando a encontrou, você disse. Veio naquele dia para rezar, eu me lembro, depois de uma briga com Whit. Em vez disso, acabou cometendo um crime. Bem,*

*você não está sozinha nisso. O que deve ter pensado de mim todos esses anos?*

*E verdade que amei Ida. Dei-lhe o colar logo depois que fiquei sabendo que ela estava grávida de você. Quis abandonar o sacerdócio. Até me ofereci para ir embora da cidade com ela e construirmos uma nova vida juntos, mas ela se recusou a me deixar arruinar minha vida e ameaçou contar a todo mundo que eu a havia maltratado se eu revelasse uma palavra sequer a qualquer um.*

*O que eu poderia fazer? Fui fraco em deixar que você nascesse nesse tipo de vida, mas não tive escolha, e, depois de tantos anos, você parecia tão enraizada onde estava. Nunca pareceu adequado revelar a verdade. Ao contrário, tive de me contentar com os breves momentos que tínhamos juntos quando você vinha à St. Agnes. Eu me arrependo profundamente de tudo agora, mas também me considero um homem de sorte por você ter me escolhido para ter as respostas.*

*Eu me vi muito preso a Prospect quando você e seu irmão nasceram. Sua mãe estava sozinha na salina, ou assim ela pensou, mas ela não sabia que Ida tinha fugido da Liga da Temperança com você enrolada numa manta e ido até a St. Agnes atrás de mim. Você tinha apenas poucas horas de vida.*

*Ela veio à igreja, mas encontrou sua mãe no meu lugar, apagando a face de Nossa Senhora, com o próprio filho recém-nascido embrulhado no peito. Elas fizeram um pacto naquela noite. Ida ficaria em silêncio sobre o que vira se sua mãe criasse você como sendo sua própria filha. Quando voltei, Ida já estava longe, e Sarah tinha dois bebês, um com cabelo ruivo e sardas, e outro com os olhos da mulher que eu amava. Nunca pensei que Ida voltaria. Não acho que ela tenha imaginado isso também. Certamente, ninguém nunca previu que ela seria uma Turner.*

*E impressionante e terrível o que você me contou, o celeiro destruído pelo fogo daquele jeito numa tempestade com Whit e Dee dentro, mas acho que, quando se acende uma faísca, nunca se sabe o que acontecerá. O corpo de bombeiros chegou à conclusão de que foi por causa dos relâmpagos, você escreveu, mas o Espírito das*

*Trevas algumas vezes tem uma mão invisível nesses assuntos, descobri.*

*Em resposta à sua última pergunta: não sei se Dee e Whit estariam entre nós se tudo tivesse se resolvido a tempo. A história carrega testemunhas, suponho. E nessa linha, por sermos da mesma família e por isso precisarmos de menos palavras que outros, permito-me sugerir que agora, que antigas verdades foram reveladas, talvez seja a hora de virar a página e começar a escrever uma história nova e mais alegre sobre as Gilly. Mantenha-se fiel à sua fé e ao seu coração, minha filha.*

*Magna est veritas, et praevalibet,  
Patrick Flynn.*

Jo largou a carta e fechou os olhos, tentando fazer a matemática familiar na cabeça. Três mulheres e uma criança entrelaçadas num homem só. Duas irmãs e um mesmo homem. Uma mulher sem face e um homem sem nome. Uma mulher com a face pela metade. De todas as formas que Jo dividia a história, ela não conseguia deixá-la equilibrada; mas de que outra forma ela pensou que tudo acabaria? Quando se tratava das Gilly, a história sempre teria um fim ímpar, e Jo teria de aprender a aceitar isso.

Eram sete horas da manhã na Fazenda Salt Creek. Do lado de fora, apesar do frio severo, Timothy Weatherly estava andando de um lado para o outro na salina, projetando um novo celeiro. Ele prometera construí-lo tão forte e perfeito que nada o poria abaixo de novo — nenhum relâmpago, nenhum fósforo, nem mesmo o temperamento das mulheres Gilly.

Na cozinha, Claire estava alimentando Jordy com a mamadeira da manhã e assando um pão de canela. No último mês, ele havia começado a engatinhar e agora ia para todos os cantos. Depois do incêndio, Cutt foi embora da cidade e ninguém foi capaz de encontrá-lo (não que alguém realmente quisesse), então Claire teve seu desejo atendido e conseguiu a guarda do menino. Um dia, Jo sabia, elas teriam de contar-lhe o que realmente aconteceu, mas ainda faltavam muitos anos para isso, e, quando chegasse a hora, talvez fossem capazes de contar a história direito.

Jo aproximou-se de Claire e tirou-lhe Jordy dos braços. Depois do incêndio, os cabelos vermelhos da irmã começaram a apresentar fios grisalhos, como se a cinza tivesse se alojado de modo permanente em sua cabeça, mas Jo achava que aquela aparência lhe caía bem. De alguma forma, a deixava mais meiga e tirava um pouco de sua malevolência. Ou talvez fosse apenas em decorrência do peixe. Depois de tudo, Ethan decidira ficar na cidade e se unir ao tio Chest no cais. A princípio, arruinada pela culpa, chocada pela perda de Dee, Claire não queria nada com ele, mas, todos os dias ao longo dos últimos dois meses, Ethan trouxera para Claire alguma coisa do mar para comer, até que, para seu alívio, ela decidiu que sal e peixe combinavam e aceitou o seu pedido de casamento nas dunas com um solene meneio de cabeça e um profundo beijo.

Jo olhou para o medalhão prateado preso ao pescoço de Claire junto com a pérola de Ida. Colado dentro, do lado esquerdo, havia um retrato de Claire com Jordy, cobertos de farinha e rindo; do lado direito, uma fotografia de Dee embalando Jordy.

— Tem certeza de que não quer isso? — perguntara Claire quando pediu o medalhão para Jo. — Afinal, a pérola deveria ser sua por direito. Sem falar no medalhão.

Mas Jo recusou.

— Não o quis desde a primeira vez — respondeu ela —, e não quero agora. — A verdade era que lhe doía lembrar de Dee. Ela sabia que, independentemente do que fizesse dali para a frente, parte dela permaneceria para sempre diante do celeiro, enquanto ele pegava fogo, tão presa quanto Whit e Dee. E ela suspeitava de que para Claire deveria ser ainda pior. Tão ruim a ponto de usar aquele colar como uma penalidade, que batia e se virava em seu peito, lembrando-a a todo instante do que fizera. Jo tocou em Jordy e acariciou-lhe o nariz, igualzinho ao da mãe.

— Está pronta? — perguntou ela. Claire engoliu em seco e embrulhou Jordy mais forte.

— Na verdade, não — admitiu ela.

Elas quase não falaram nada enquanto caminhavam até a St. Agnes, e ainda menos quando se aproximaram da apagada pintura lascada da Nossa Senhora.

— Tem certeza de que deveríamos fazer isso? — perguntou Claire quando Jo abriu a mochila que trouxera e começou a abrir as latas de tinta.

Jo estendeu o pincel e esperou Claire acomodar Jordy no chão.

— Você sabe que é a coisa certa — respondeu ela quando Claire abriu o medalhão com o retrato de Dee.

Claire pegou o pincel com a mão trêmula.

— Eu sei — disse ela, e acrescentou: — Uma vez fiz uma promessa à Virgem de que lhe daria um rosto se algum dia eu tivesse um filho.

— Ela baixou a cabeça, lágrimas se acumulando em seus olhos. — Gostaria apenas que não fosse desse jeito.

— Eu sei. — Jo envolveu a mão de Claire na sua e levou o pincel até a parede, espalhando tinta fresca no pescoço da Virgem, primeiro com golpes leves, depois com bem mais intensidade.

*Que Deus lhe conceda a graça,* pensou Jo à medida que os traços de Dee começaram a tomar forma, *e mantenha sua alma para sempre no sal.*

Era apenas uma pequena oração — Jo estava enferrujada depois de tantos anos longe da St. Agnes —, mas era de coração e o melhor que podia fazer. Tinha esperanças de que fosse ouvida a tempo.

# 31

CLAIRE ACREDITAVA QUE, à primeira vista, a Fazenda Salt Creek não era o tipo de lugar que atraía peregrinos. Pantanosa, varrida pelo vento e coberta de salicórnios. Não havia figuras sagradas escondidas no celeiro, nenhuma imagem banhada a ouro para reverenciar sobre a varanda pensa, nenhum talismã para comprar ou bênçãos para receber. Havia apenas hectares de sal, quilômetros de areia e Jo, que, apesar de todas as cicatrizes do lado direito, tinha a aparência ótima.

E mesmo assim, milagre dos milagres, as pessoas vinham de cidades tão distantes quanto Tóquio e Paris para conhecer o lugar. Alguns dos visitantes que chegavam eram especialistas gastronômicos. Eram donos de restaurantes estrelados ou escreviam colunas vencedoras de prêmios de culinária. Alguns deles trabalhavam na indústria alimentícia, responsáveis pelo marketing de gigantes corporativos, e outros haviam dado uma pausa em tudo na tentativa de juntar de novo os fragmentos da alma. Mais recentemente, um chef famoso chegara desesperado porque tinha perdido o paladar. Pastis de violeta, caldo de carne e foiegras tinham o mesmo gosto para ele, dissera. O mundo havia se transformado numa pilha de lixo em sua boca. Jo e Claire passaram três dias com ele no final de agosto, a época mais propícia do ano, o último empurrão da estação, e, quando haviam terminado, ele tinha um caderno inteiro de novas receitas.

Porém, nem todos tinham resultados tão excelentes. Jo cumprimentava cada visitante esperado na varanda da casa da fazenda com uma colher de prata de sal e uma lista de regras (proibido mexer nos tanques coletores, beber, andar sem escolta na salina e, acima de tudo, tagarelar sem propósito), e em seguida ela fazia três simples perguntas: *Qual é a sua primeira lembrança? Quem você ama? O que acha que vai encontrar aqui?*



Alguns dos visitantes davam uma rápida provada na colher e saíam correndo, as gengivas cheias de bolhas. Outros se atrapalhavam ao responder, e os que ficavam tinham de trocar camas confortáveis e conversas por colchões grumosos e longas tardes com apenas a própria sombra para se consolar.

No primeiro dia de instrução, Claire espalhava sobre a mesa seus diferentes tipos de sal numa miscelânea de vasilhas e pedia a seus pupilos para escolherem. “Pegue o que lhe agrada”, dizia ela, pois a primeira dificuldade que todos tinham ao experimentar o sal era o exercício de se deixar levar. Quando uma pessoa tropeçava nas palavras ou demorava muito a responder, Claire a fazia escolher de novo até que o sal soltasse seus lábios e as palavras saíssem facilmente.

— Você tem de usar tudo quando se trabalha com o sal — lembrava Claire aos estudantes. — Não pode ser seletivo. Se o lodo estiver cheio de ferro e com cor de ferrugem, você tem de aprender a lidar com isso.

Eles não sabiam ainda que o preço da felicidade era a perda, mas Claire havia aprendido essa lição por experiência própria e iria passá-la adiante. Seus alunos não podiam imaginar serem obrigados a trocar a fluidez recém-descoberta por uma condição de dolorida solidez, mas, se quisessem produzir sal, eles descobririam isso. Ou melhor, alguns deles descobririam. Aqueles com vontade de participar. Aqueles que aceitavam quebrar as costas e encher as mãos de bolhas por uma pá de sal, apenas para observar Claire dissolvê-la numa vasilha para os próximos recém-chegados. Isso não era crueldade, mas uma espécie de progresso poético.

Sua segunda lição era levar seus alunos para as sepulturas na borda da salina. Felizmente, a maldição contra os meninos parecia ter sido quebrada com Jordy. Talvez porque ele fosse Gilly na alma mas não no sangue, ou talvez a maldição tenha se desfeito sozinha. Fosse qual fosse a razão, Claire estava agradecida. Ali, ela era apenas uma observadora. Os pupilos que catalogavam e organizavam as sepulturas por data se saíam bem, mas nunca produziam nada brilhante. Aqueles que vagueavam e corriam os dedos pelas pedras se mostravam promissores, mas Claire tampouco

se interessava por eles. Ela queria os poetas, aquele aluno, ou dois, que parava, colocava a mão no bolso e baixava a cabeça, surpreso com o fato de que, na salina, o tempo não tinha nenhuma importância. Esse era o tipo de aluno que Claire mandava raspar os primeiros cristais de sal da estação, pois era aquele para quem ela não precisava ensinar nada abençoado.

Quando os visitantes iam embora, a maioria deixava a cidade com os lábios rachados, ombros doloridos e mãos enrugadas da salmoura. Passavam em seus carros pela lanchonete Lighthouse, aceleravam perto da cobertura de folhas da pereira (que ainda produzia as mesmas frutas enrugadas) e ignoravam totalmente Plover Hill e a Casa Turner, agora Associação do Marco Histórico de Prospect, o que Claire podia compreender, mas que a incomodava mesmo assim.

Ela sabia que as pessoas não vinham para aquele pequeno pedaço da costa em busca de história, todavia, ela desejava que parassem na associação e dessem uma olhada no lugar. Se o fizessem, talvez aprendessem uma história sobre o sal que não conheciam. Por outro lado, Claire havia escolhido passar o resto da vida com esse produto grudado nos lábios e na língua. Havia se tornado a única história que ela conseguia contar, a única coisa que tinha certeza de que deixaria para trás quando sua hora chegasse.

ETHAN GOSTAVA DE AFIRMAR que a forma mais rápida de checar o coração de uma pessoa era olhar nos olhos dela, mas Claire discordava.

— Não dê ouvidos ao seu padrasto. Basta dar uma pitada de sal para essa pessoa — sussurrava ela para Jordy —, e os lábios dela lhe dirão o que você precisa ouvir.

Jo e Claire sempre tentaram fazer isso para Jordy. Elas o educaram bem acerca da história de Prospect, contaram-lhe principalmente a respeito da Casa Turner e sobre o último homem que nela vivera. Assim como ela e Jo tinham de preparar o terreno

antes de abrir as comportas da salina, Claire sabia que elas também tinham de cuidar das origens da própria linhagem. Jo e Claire finalmente conseguiram organizar a sucata da Fazenda Salt Creek, e algumas das antigas cartas e diários eram reveladores. Elas os amarraram todos juntos com laço e os reservaram para o aniversário de 18 anos de Jordy, o qual, à época, parecia a anos-luz de distância. Primeiro, ele engatinhou; em seguida, aprendeu a andar; mas a cada avanço em seu desenvolvimento o coração de Claire se afligia um pouco quando considerava a confissão que teria de fazer a ele um dia.

— Você não precisa contar tudo a ele — comentou Ethan, o que chocou Claire, pois, embora fosse seu marido legítimo, algumas vezes ainda pensava nele como um servidor de Deus. Quando lhe dava conselhos mundanos, sempre a surpreendia.

Claire balançou a cabeça.

— Não — respondeu ela. — Ele merece saber. Além disso, jamais será realmente meu se eu não fizer isso.

Ethan beijou-lhe o rosto.

— No final, nada é nosso — disse ele, e saiu arrastando os pés para terminar de tecer a rede que o tio o convencera a fazer, deixando Claire parada no mesmo lugar, pensando se os laços do amor eram assim tão frágeis ou se talvez estivessem entrelaçados de tal forma que um único fio não conseguiria penetrá-los.

— VOCÊ ESTÁ PRONTA? — perguntou Jo, apertando a mão de Claire na entrada da casinha onde ela e Ethan viviam na cidade.

— Um minuto — murmurou ela, arrumando o cabelo no espelho da entrada. *Para onde vai o tempo*, sussurrou para si mesma ao examinar os estragos da meia-idade no seu reflexo. Seu tronco estava engrossando, as bochechas já não eram mais tão lisas, e os cabelos vermelhos, no passado sua glória, estavam quase todos grisalhos. Havia dias em que quase não se reconhecia. Virou-se para Jo, que lhe entregou um grosso maço de papel, e, juntas, tão

quietas quanto podiam, entraram na ponta dos pés no quarto de Jordy e o acordaram.

— O que é isso? — murmurou ele quando elas lhe deram os papéis. Alguns deles tão velhos que a tinta tinha praticamente sumido; outros estavam amassados e rasgados, e havia outros cuja letra Claire reconhecia muito bem, mesmo que não fossem totalmente autênticos e estivessem assinados com um pequeno coração. E, então, havia a carta redigida com sua própria letra.

— Feliz aniversário, Jordy — disse Claire, tirando os cabelos dos olhos dele, como costumava fazer quando era um menininho. — São para você. Quando era um bebê, eu e sua tia decidimos que hoje seria o dia ideal para você receber isto.

Ele se sentou na cama estreita que ainda dormia — a mesma em que Claire se deitava quando menina — e pegou o pacote das mãos dela. Jordy estava acostumado com coisas velhas — tudo na vida dele, dos móveis aos sapatos, era usado, desbotado e confortavelmente gasto —, mas aquele era um presente estranho, mesmo vindo de pessoas como Jo e Claire.

— O que é isto? — perguntou ele, desamarrando o laço que prendia tudo junto.

Claire parou.

— E a sua herança.

Jordy esfregou os olhos, e Claire podia imaginar o que ele estava pensando. Jo catava sal como meio de vida, e Claire o misturava e o assava. Até onde Jordy sabia, a única coisa que ela e Jo tinham para entregar eram bolinhos e conhecimento prático de como raspar a lama.

Claire pegou o maço das mãos dele e gentilmente tirou a primeira carta.

— Comece por esta — disse ela. Era um documento legal, a escritura da Casa Turner, que tinha ficado vazia desde a morte de Whit, assomando sobre a cidade como uma gárgula achatada.

Jordy passou os olhos nos jargões e devolveu a folha para Claire.

— Não entendo.

Claire levantou a cabeça para Jo e respirou fundo.

— E sua casa agora, Jordy. Whit Turner era seu pai. — Jordy olhou para elas, confuso. Um baú aberto estava no canto, pela metade, e uma mala pronta perto da porta. Dentro de poucas semanas ele iria embora, começaria seu primeiro ano na faculdade de Boston e uma nova vida. Claire apostava que ele não estava esperando começá-la agora, pois durante toda a sua vida elas sempre lhe disseram que não sabiam quem era seu pai, para melhor protegê-lo, e ele sempre acreditara nelas. Mas agora estava descobrindo que era filho de uma família tradicional e proeminente; no passado, a mais rica da cidade.

— O que devo fazer com uma casa? — perguntou ele por fim. — Especialmente uma como aquela?

— Nossa, concordo plenamente. — Claire dobrou a escritura e a enfiou no meio dos outros papéis. — Não é para agora, é para algum dia. Você saberá quando.

— Então por que me dar essa casa bem antes de eu partir? — perguntou ele. — Quem tem cuidado dela todo esse tempo? — Pelo tom de sua voz, ficou claro que ele estava ansioso para participar das festas e hinos da faculdade, e não consertar telhados e fazer tarefas domésticas.

Jo se inclinou para a frente e bateu de leve na perna dele com sua mão cheia de cicatrizes.

— Basta ler os papéis, Jordy, e você entenderá tudo. Há uma carta aí de Claire, um pedido de desculpas pelo que aconteceu na noite em que sua verdadeira mãe morreu. — Ela olhou para a mala perto da porta. — Claire ama você, Jordy. Tente não julgá-la de modo muito severo. Ela nunca quis lhe contar nada disso. Sei que está partindo o coração dela fazer isso, mas é a coisa certa. Ela o ama tanto a ponto de se arriscar a perdê-lo. Lembre-se disso. — E, fechando silenciosamente a porta, ela deixou Claire e Jordy sozinhos para chegarem a suas próprias conclusões.

CLAIRE SEMPRE se perguntava como deve ter sido para Jordy deixar de ser um menino com pai e mãe e passar a ser um órfão; deixar de ser pobre e passar a ser proprietário; de anônimo a herdeiro apenas com a leitura de um maço de cartas velhas. Ela se perguntava, também, o que ele achava da história que ela escrevera acerca da morte de sua mãe no incêndio do celeiro, mas ele nunca comentou nada, e ela nunca teve coragem de lhe perguntar nada sobre isso. Ethan tinha razão, decidiu. Algumas vezes, as coisas ficavam melhores quando intocadas.

Claire tinha aprendido que a única maneira de colocar um ponto final na história era mantê-la viva, e, ao transformar a Casa Turner em Associação do Marco Histórico, Jordy tirara algumas teias de aranha do lugar. A casa ainda erguia-se sobre Plover Hill, voltada para o vilarejo com suas fileiras de janelas ameaçadoras, mas agora todo mundo podia entrar. Qualquer um podia se enfiar nos cantos empoeirados e gritar para o alto das enormes chaminés, fazendo as paredes ecoarem. A insígnia dos Turner estava gravada em todas as superfícies expostas, agressiva como sempre, mas havia sido misturada com o nome dos Gilly e, talvez por isso, tenha ficado um pouco mais suave.

Assim como a casa, a vida de Jordy era muito bem dividida, mesmo sendo ao mesmo tempo uma miscelânea de elementos conflituosos. Ele fora embora para a faculdade, como planejado, mas Claire sabia que ele partira com uma alma diferente. Era como se ele tivesse engordado, e ela achava isso mesmo. Ele estudou História em vez de Economia, como havia planejado, casou-se cedo, teve uma filha e, de modo trágico, perdeu a esposa para o câncer, o que deixou Jordy sozinho aos 30 anos de idade, sofrendo e criando uma menina com a qual não tinha ideia do que fazer.

— Venha para casa — implorou-lhe Claire ao telefone, a linha estalando como fogo entre eles.

Fez-se um enorme silêncio e, então, Jordy perguntou:

— Por quanto tempo?

Pela primeira vez, Claire disse exatamente a coisa certa.

— Deixemos o sal decidir.

Começando com pacotes de cartas e recortes de jornais, Jordy foi capaz de organizar uma coleção de relíquias e artefatos desde o início de Prospect, como base da pesca da baleia até a atual encarnação da cidade como paraíso de veraneio para os abonados. A St. Agnes e a Fazenda Salt Creek não mudaram nada, mas, no final, Claire achou irônico que Whit tivesse seu desejo atendido de alguma forma. Prospect se tornara um Destino.

Agora, o andar térreo da Casa Turner era aberto ao público todos os dias da semana, exceto às segundas-feiras. Jordy e a filha, Rose, moravam no segundo andar. Não precisavam de muito — apenas de alguns cômodos — e, claro, passavam grande parte do tempo na Fazenda Salt Creek. No verão, Jordy dava aulas e cuidava dos tours, e, no inverno, era somente o pai de Rose. Certo dia, ele comentou que talvez até começasse a escrever um livro, e Claire se perguntou o que aconteceria se a história deles fosse um dia escrita, registrada em preto e branco.

— Basta esperar — dizia ela a Jordy toda vez que ele trazia o assunto à tona, pois, assim como o sal era algo em que ela sempre se embestia, mas que não possuía de fato, a história dos Gilly e dos Turner tampouco era realmente dela para que pudesse revelar. Chegaria o momento em que a salina seria de Rose e finalmente os fios do passado

— Turner e Gilly indistinguíveis — seriam entrelaçados numa única e linda trança, como a que caía sobre as costas de Rose.

Mas tudo isso pertencia ao futuro. Por ora, Claire estava contente de observar Rose através do prisma embaçado das janelas da Fazenda Salt Creek, seus braços se mexendo em sincronia com Jordy e Jo, enquanto aprendia a trabalhar com o ancinho, o cheiro maravilhoso de pão fresco subindo da cozinha. Se havia algo que ela sabia, pensou Claire, era o simples fato de que, embora nosso tempo na terra fosse curto, nossa vida era longa. Ela se infiltrava e se espalhava, se enchia de água e se alargava, movendo-se em direções inesperadas.

Claire ergueu o braço e tocou o medalhão no pescoço, o dedo grudado à pérola. Se ela tivesse de reparar seus pecados, pensou, que assim fosse, estava pronta; sentiu um frio no estômago, o gelo

se acumular em seu cabelo e o sal se espalhar, doloroso, sob a fina pele de seus pés — pois, assim como era no começo, ela suspeitava que deveria ser para sempre no fim.



# Agradecimentos

PRIMEIRO GOSTARIA DE AGRADECER a meu agente, Dan Lazar, da Writers House, por ter sido um defensor, amigo, e por ter permitido que eu expressasse o melhor de mim e de meu trabalho sempre.

Obrigada a Caryn Karmatz Rudy, por ter me guiado nos primeiros passos do caminho editorial e por sua duradoura amizade. E um enorme obrigada à editora Helen Atsma, a fada-avó dos editores, por ter me permitido atravessar a linha de chegada.

É necessário toda uma comunidade para publicar um livro, então, obrigada a todos da Grand Central Publishing: Jamie Raab, por ter conduzido todo o show; Deb Futter, pelo apoio; Carolyn Kurek, Maureen Sugden e Celia Johnson, por seu olhar perspicaz. E obrigada a Catherine Casalino, pela linda capa.

Acho que devo alguns drinques ao Council of Mental Health and Domestic Crises (Conselho de Saúde Mental e Crises Domésticas), também conhecido como Pam, Andrea, Laura e Lynn. Obrigada por sempre estarem do outro lado da linha com ouvidos atentos e corações abertos. E obrigada ao meu comitê de jantares, Jack e Nancy, por testar as receitas.

Obrigada à família Deb — Kris, Meredith, Eve e Katie —, por me manter animada e sempre responder de modo tão prestativo a todos os e-mails marcados com URGENTE. Obrigada a Joshilyn Jackson, por me dar conselhos sobre como falar em público e me mostrar os caminhos de um autor.

Tenho imensa gratidão por todos os vendedores independentes de livros da Bay Area em San Francisco, especialmente Elaine Petrocelli, da Book Passage, e Calvin Crosby, da Books Inc., pelo amor que têm por boas histórias e pelo cuidado e respeito para com os escritores e leitores.

Por fim, à minha família devo o maior agradecimento de todos. Sem minhas irmãs, Laia e Bella, eu não teria a inspiração para os relacionamentos deste livro, e sem a tribo Drever eu não teria um

grupo de torcida. Sem Ned, Willow, Raine e Auden, meu próprio clã, eu não teria absolutamente nada.